

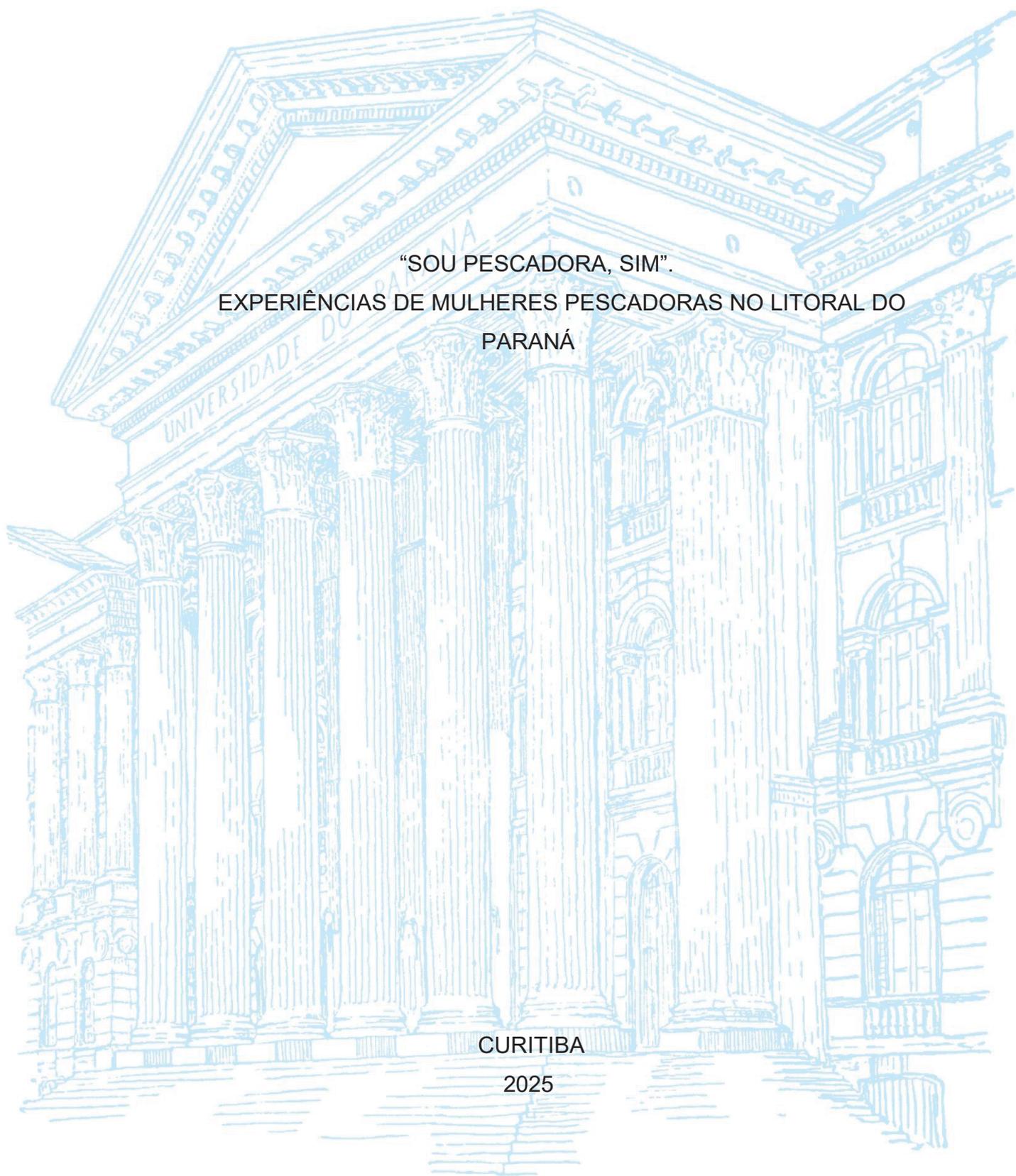
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

INDIAMARA HUMMLER ODA

“SOU PESCADORA, SIM”.
EXPERIÊNCIAS DE MULHERES PESCADORAS NO LITORAL DO
PARANÁ

CURITIBA

2025



INDIAMARA HUMMLER ODA

“SOU PESCADORA, SIM”.
EXPERIÊNCIAS DE MULHERES PESCADORAS NO LITORAL DO
PARANÁ

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, no Setor de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marlene Tamanini

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Oda, Indiamara Hummler

“Sou pescadora, sim”. Experiências de mulheres pescadoras no litoral do Paraná. / Indiamara Hummler Oda. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marlene Tamanini.

1. Mulheres pescadoras. 3. Pesca artesanal. 3. Feminismo.
I. Tamanini, Marlene, 1960-. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

Bibliotecário : Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **INDIAMARA HUMMLER ODA**, intitulada: **"SOU PESCADORA, SIM". EXPERIÊNCIAS DE MULHERES PESCADORAS NO LITORAL DO PARANÁ**, sob orientação da Profa. Dra. MARLENE TAMANINI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Abril de 2025.

Assinatura Eletrônica
26/04/2025 09:43:46.0

MARLENE TAMANINI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
26/04/2025 10:59:27.0

JULIAN SIMOES CRUZ DE OLIVEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
26/04/2025 13:42:43.0

SIOMARA APARECIDA MARQUES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL)

Assinatura Eletrônica
26/04/2025 13:20:17.0

LIZA BILHALVA MARTINS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS)

Assinatura Eletrônica
29/04/2025 13:49:33.0

HENRIQUE DA COSTA VALERIO QUAGLIATO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

DEDICATÓRIA

AO MEU PAI!
(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha imensa gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a concretização desta tese.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Marlene Tamanini por sua orientação criteriosa e incentivo constante. Aos professores do Programa de Pós Graduação em sociologia. Agradeço ao Katiano, secretário do Programa, sempre solícito.

Também sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, pela construção enriquecedora de saberes e aprendizados.

Aos meus colegas e minhas colegas de pesquisa, pelas discussões substanciais e pelo apoio mútuo.

Agradeço também à minha família, de uma forma muito especial ao meu marido por seu suporte incondicional. Aos meus amigos por acreditarem em mim.

E um agradecimento imensurável às mulheres pescadoras que gentilmente compartilharam suas histórias e experiências comigo. A generosidade e a coragem de vocês em abrir suas vidas e narrativas foram fundamentais para a realização deste trabalho. Sem o valioso tempo e as reflexões de cada uma de vocês, esta tese não teria sido possível.

Eu antes era uma mulher que sabia distinguir as coisas quando as via.

Mas agora cometi o erro grave de pensar.

Clarice Lispector

Prólogo

Nas águas que moldam histórias e sustentam vidas, há um eco que permanece: o da mulher que dedicou suas jornadas à pesca e à comunidade. Este trabalho carrega não apenas as narrativas vivas das pescadoras que compartilham suas experiências, mas também o legado daquela que, embora ausente fisicamente, continua a habitar as memórias e os significados desse lugar.

Essa mulher fora mais do que interlocutora; fora uma construtora de novos caminhos, desafiando os limites impostos e afirmando sua presença com força e coragem. A contribuição dela para esta tese vai além das palavras registradas — é uma celebração de sua vida, de suas entregas. Estou me referindo a Cida, que faleceu em agosto de dois mil e vinte e quatro.

Entre as redes e os facões, havia Cida — uma figura que desafiava as normas e os limites impostos pelo cotidiano da pesca. Única mulher na sala de limpeza e filetagem dos peixes, ocupava um espaço tradicionalmente reservado aos homens, que consideravam a função perigosa pelo uso de ferramentas afiadas. Cida, no entanto, com seus cabelos curtos e um “jeitão” que intrigava e admirava os pescadores, enfrentava as adversidades com coragem silenciosa e dedicação.

Sua presença ressoava como um símbolo de resistência e mudança, quebrando preconceitos e mostrando que a força não se define pelo gênero, mas pela determinação. Este trabalho carrega sua memória como um testemunho da luta por autonomia e reconhecimento, visibilizando o impacto de sua jornada não apenas no mundo da pesca, mas na redefinição de espaços para as mulheres. Cida permanece, nas linhas dessa tese, como um exemplo e inspiração. Que este trabalho honre não apenas suas histórias, mas também seus sonhos, suas lutas e suas conquistas, para que continue inspirando futuras gerações a navegar com dignidade, autonomia e respeito pelas águas da vida.

RESUMO

Esta tese é um estudo cuja temática foi motivada pelas falas de mulheres pescadoras da comunidade pesqueira artesanal, nas cidades de Matinhos e Guaratuba, no litoral do Paraná. As categorias de análise, experiência, cuidado e performance alicerçam o processo teórico e metodológico deste trabalho, fundamentando a pesquisa e a definição das relações que se buscou compreender. Quem são e como se narram essas mulheres pescadoras evidencia as narrativas voltadas às experiências no mundo da pesca. Seguiu-se a perspectiva analítica de gênero a partir de uma abordagem feminista. O objetivo geral foi compreender: a) como são os conteúdos por elas relatados no que tange a sua performance como mulher pescadora frente aos saberes e às necessidades cotidianas de sua vida quando inserida na pesca, na família, na relação com os homens pescadores, no cuidado, nos direitos e na relação com seu corpo e sua sexualidade; b) se elas buscam esses sentidos de autonomia em suas vidas, de nova imagem de si mesmas, de recursos para consumir coisas que precisam, ou o poder em casa de modo a produzir outros lugares do trabalho e do espaço social e cultural que as mulheres podem ocupar. Os objetivos específicos foram: a) compreender esta experiência narrada e situada a partir da pesca visibilizando significados por elas atribuídos ao seu lugar na pesca, suas motivações, seus sentimentos, as suas entregas; b) compreender também, na qualidade de pescadoras, o que elas fazem e como são suas relações com o cuidado em relação ao mar, aos peixes, aos barcos, as questões ambientais, ao sustento da vida e a sua dignidade; c) Analisar como percebem as questões da divisão do trabalho, os estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo e a sexualidade, os estigmas; como grupo e frente a comunidade local. O lugar dessa pesquisa me possibilitou conhecer a prática de mulheres na pesca embarcada e na sala de camarão. Nessas atividades pesqueiras elas sustentam a família; mantêm conflitos; superam dificuldades de relações de gênero, de tensões com a divisão de papéis e lutam frente aos estigmas. Nesse descortinar, essas mulheres pescadoras trouxeram sentidos de autonomia e transformação em suas vidas, envolvendo reflexões sobre novas formas de se enxergar, sobre o uso de recursos que lhes permitam conquistar seus objetivos e sobre como essas mudanças se tornaram impactantes tanto no espaço doméstico quanto nos lugares que ocupam nos contextos sociais e culturais. Da mesma forma a pesquisa evidenciou no desenvolver das suas narrativas, tudo aquilo que para elas não precisava ser mudado, mantendo a tradição nesse contexto cultural.

Palavras-chave: Mulheres; embarcadas; descascadeiras; pesca artesanal.

ABSTRACT

This thesis is a study whose theme was motivated by the speeches of women fishermen from the artisanal fishing community, in the cities of Matinhos and Guaratuba, on the coast of Paraná. The categories of analysis, experience, care and performance underpin the theoretical and methodological process of this work, grounding the research and the definition of the relationships that we sought to understand. Who these women fishermen are and how they narrate themselves highlights the narratives focused on experiences in the world of fishing. The analytical perspective of gender was followed from a feminist approach. The general objective was to understand: a) how the contents reported by them regarding their performance as women fishermen are in the face of the knowledge and daily needs of their lives when inserted in fishing, in the family, in the relationship with the men fishermen, in the care, in the rights and in the relationship with their body and their sexuality; b) whether they seek these senses of autonomy in their lives, of a new image of themselves, of resources to consume things they need, or of power at home in order to create other places of work and of social and cultural space that women can occupy. The specific objectives were: a) to understand this experience narrated and situated from the perspective of fishing, making visible the meanings they attribute to their place in fishing, their motivations, their feelings, their dedication; b) also to understand, as fisherwomen, what they do and what their relationships are like with regard to caring for the sea, the fish, the boats, environmental issues, the sustenance of life and their dignity; c) to analyze how they perceive the issues of division of labor, gender stereotypes, issues related to the body and sexuality, and stigmas; as a group and in relation to the local community. The location of this research allowed me to learn about the practices of women in boat fishing and in the shrimp farm. In these fishing activities, they support their families; they maintain conflicts; They overcome difficulties in gender relations, tensions with the division of roles and fight against stigmas. In this revelation, these fisherwomen brought a sense of autonomy and transformation to their lives, involving reflections on new ways of seeing themselves, on the use of resources that allow them to achieve their goals and on how these changes have had an impact both in the domestic space and in the places they occupy in social and cultural contexts. Likewise, the research highlighted in the development of their narratives everything that for them did not need to be changed, maintaining tradition in this cultural context.

Keywords: Women; on board; peelers; artisanal fishing.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Perfil das interlocutoras.....	48
TABELA 2 - Síntese dos repositórios consultados e trabalho encontrados	86
TABELA 3 - Principais demandas nos contextos das mobilizações realizadas pelas pescadoras.....	100

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Localização do País - Brasil.....	51
MAPA 2 - Localização do estado - Paraná	51
MAPA 3 - Localização do Mercado de Peixes/Matinhos.....	52
MAPA 4 - Localização de Cabaraquara/baía de Guaratuba.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I APRENDIZADO COLETIVO: CAMPO, CONTATOS, SENSAÇÕES	30
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
1.2 O CAMPO E A PESQUISA	38
1.3 DO ESPAÇO DAS PESCADORAS EMERGE O CAMPO DE PESQUISA	51
II ESTUDOS SOBRE GÊNERO E PESCA: PASSOS ENVOLTOS À RESSIGNIFICAÇÃO	79
2.1 A INVISIBILIDADE COMPARTILHADA NOS TRABALHOS ACADÊMICOS	80
2.2 INCÓGNITAS: DIREITOS POLÍTICO E SOCIAL EM CENÁRIOS DIFERENTES	89
III MEU LUGAR DE PESQUISADORA EXPRESSA-SE NOS ESTUDOS DE GÊNERO	104
3.1 PERSPECTIVAS DE GÊNERO ORIENTAM ESTE OLHAR	105
3.2 OS MOVIMENTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E EMPÍRICOS	107
3.3 O FEMINISMO E A DIFERENÇA DA DIFERENÇA.....	110
3.4 UM POUCO MAIS DAS NOÇÕES ANALÍTICAS DE EXPERIÊNCIA; CUIDADO E PERFORMANCE PARA PENSAR AS PESCADORAS	121
IV MOTIVAÇÕES, SENTIMENTOS E ENTREGAS	128
4.1 POR QUE SER PESCADORA? SER PESCADORA, OS POR QUÊS	130
4.2 MOTIVAÇÕES QUE SUBSTANCIAM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DESSAS PESCADORAS.....	137
4.3 EXPERIÊNCIAS E CONEXÃO: O OLHAR DELAS PARA COM ELAS	144
V AS EXPERIÊNCIAS DO CUIDADO A PARTIR DO LUGAR QUE ESSAS MULHERES PESCADORAS OCUPAM	153
5.1 CUIDADO COM/CUIDADO DE	153
5.2 O CUIDADO EM RELAÇÃO AO FUTURO: COMO SERÁ?	160
5.3 CUIDAR DO MAR! CUIDAR DO CAMARÃO! CUIDAR DO PEIXE!	165
VI AS RELAÇÕES COM AS HIERARQUIAS DE GÊNERO	173
6.1 HIERARQUIAS QUE SUSTENTAM OS DIFERENTES TIPOS DE TRABALHO.....	173
6.2 OLHAR DESSAS PESCADORAS PARA O PESCADOR: UM DIFERENCIAL NA DIVISÃO DO TRABALHO	182

6.3 GÊNERO E AS REPRESENTAÇÕES	189
6.4 AS VOZES FRENTE AOS ESTIGMAS	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	209
REFERÊNCIAS	214
APÊNDICE - ELABORAÇÃO DAS QUESTÕES QUE DIRECIONARAM AS ENTREVISTAS COM AS MULHERES PESCADORAS	226
ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO	230

INTRODUÇÃO

O presente estudo está voltado para análise e, conseqüentemente, para compreensão da experiência vivida e narrada do cotidiano da vida das mulheres pescadoras, interlocutoras deste trabalho. É relevante ressaltar que falar destas mulheres pescadoras envolve dois aspectos situacionais que compõem a cadeia produtiva da pesca. Isto significa dizer que esta pesquisa evidencia experiências de mulheres pescadoras que atuam, prioritariamente, na sala da limpa e do descasque de camarão e limpa e filete de peixes: as descascadeiras; e experiências de mulheres pescadoras que desenvolvem atividades no barco, na pesca de camarão: as embarcadas.

O trabalho de campo desta tese começou com doze mulheres. Dentre essas, nove trabalham na pesca no descasque e limpa do camarão; uma mulher exercia as suas funções na limpeza e filetagem dos peixes e duas são pescadoras embarcadas, ou seja, saem ao mar. As atividades que essas mulheres desempenham acontecem em um contexto cultural da pesca caiçara, tradicionalmente conhecida como artesanal¹. Estão localizadas em comunidades pesqueiras, nas regiões litorâneas do estado do Paraná, na cidade de Matinhos, onde atuam as descascadeiras, e em Guaratuba, onde trabalham as pescadoras embarcadas.

Explicando melhor, a pesca artesanal é uma atividade realizada por pessoas que vivem em comunidades e que realizam pesca em pequena escala, sem visão comercial e/ou de exportação de grandes proporções. Eles(as) pescam apenas para o consumo da própria família e para vendas locais. São estas comunidades pesqueiras de tradição caiçara.² Comunidades pesqueiras de tradição caiçara, de uma forma sucinta, refere-se aos nativos e às nativas das comunidades pesqueiras. Assim sendo, foi diante da construção sociocultural caiçara que define o lugar das mulheres na pesca, que me fiz debruçar para estudar as experiências das narrativas destas mulheres.

O meu interesse em aprofundar análises sobre o debruçar em pesquisas voltadas à pesca artesanal caiçara, teve início em um trabalho anterior realizado com

¹. BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-pesca-e-aquicultura>. Acesso em: 29 ago. 2024.

². Discutiremos sobre a origem da palavra caiçara mais à frente no texto.

pescadores homens e pescadoras mulheres artesanais (Oda, 2019), em que pude presenciar, por intermédio das falas dos pescadores homens, um certo descaso no que tange o reconhecimento das mulheres enquanto pescadoras. Refiro-me aqui à dissertação de mestrado, que cursei na Universidade Federal do Paraná – setor Litoral, na cidade de Matinhos, em 2019, na qual aprofundei os estudos a fim de compreender os saberes da cultura da pesca artesanal caiçara. Abro um parêntese para elucidar alguns pontos da referida dissertação que são fundamentais por estarem conectados à escolha da temática dessa tese; retomando, dessa forma, passos relevantes da relativa pesquisa.

Os primeiros contatos que tive com pescadores homens e pescadoras mulheres, ocorreram durante as aulas de campo, trabalhadas com os professores e professoras do Mestrado, em maio de 2018. Sendo o mestrado voltado às Ciências Ambientais, as aulas de campo refletiam o pertencimento à natureza. As comunidades caiçaras faziam parte dessa reflexão. Nesse sentido, o interesse em estudar comunidades pesqueiras de tradição caiçara ocorreu anteriormente, no desenvolver dos contextos teóricos a respeito deste tema, em sala de aula. Posteriormente, as aulas propiciaram um diálogo entre teoria e prática, uma vez que trabalhar campo e teoria é um referencial do Mestrado Profissional em Rede para Ensino das Ciências Ambientais. A vista disso, foi possível estender as teorias trabalhadas em sala para aulas de campo, as quais me levaram a conhecer diferentes comunidades pesqueiras caiçaras, quais sejam: de Tibicanga - PR; Barra do Ararapira – PR, Vila do Ararapira – PR; Vila de Superagui – PR; Ariri- SP. Além destas, em momentos diferentes, durante o mês de junho de 2018, estive a campo nas comunidades pesqueiras nas cidades de Guaratuba e Matinhos.

A cada ida a campo, foi realizado um roteiro de entrevistas. Nesses encontros, que aconteceram em sequências intercaladas, foram entrevistados doze pescadores homens. Os encontros foram gravados, seguidos de fotos que registraram esses momentos, então, documentados. Foi no desenvolver das entrevistas na comunidade pesqueira de Matinhos, que os pescadores homens enfatizaram, de modo recorrente, que para ser considerado um pescador é preciso ser embarcado. A pesca embarcada só pode ser realizada por homens: “A mulher até pode sair na embarcação, mas não vai. Pescadora mulher aqui em Matinhos mesmo não tem nenhuma. Se fala que vão pescar é mentira. Não tem, não tem mulher pescando

aqui” (pescador x)³. Segundo o que narram, a pesca embarcada não condiz com as mulheres: “Já tentaram, algumas já tento. Só que a friagem aqui no mar é tão grande, que até homem mesmo tem umas doença antiga por causa da friagem mesmo que pega. Então as mulheres ficaram doente mesmo por causa da friagem que pega”. Em suas falas, “além da friagem do mar” os pescadores relatam que a utilização da rede para que pesca possa acontecer, requer esforços necessários; esforços esses, que segundo eles, não são suportados pela estrutura da mulher. Ela não aguenta. Dito de outra forma, “elas têm pouca força física para certas atividades”.

Em “O Peso do Trabalho ‘Leve’ Feminino à Saúde” Marcondes; Rotenberg; Portela e Moreno (2003) enfatizam a necessidade de desconstruir estereótipos de gênero relacionados ao trabalho. O estudo mostra que tanto os trabalhos “pesados” quanto os “leves” têm repercussões na saúde de maneiras diferentes para homens e mulheres. O artigo sugere que é crucial considerar essas diferenças ao discutir políticas de saúde e trabalho, para promover uma maior igualdade de gênero no ambiente de trabalho. O estudo realizado por Paulilo (1987), investiga a divisão sexual do trabalho e como as tarefas atribuídas às mulheres são frequentemente consideradas “leves” em comparação às dos homens, mesmo quando exigem grande esforço físico e tempo. Paulilo destaca que essa percepção contribui para a desvalorização do trabalho feminino e perpetua desigualdades de gênero. São muitas as situações em que o trabalho realizado pelas mulheres pescadoras é subvalorizado e considerado menos importante do que o trabalho realizado pelos pescadores homens, mesmo quando as performances das pescadoras envolvem esforço físico e habilidades específicas. Conforme afirma uma das interlocutoras: “Porque não é tudo que aguenta fica que nem nós aqui[...]ah, vamo limpa camarão porque é fácil, se não tive prática não aguenta (pescadora Lina). A desvalorização que é frequentemente justificada por estereótipos de gênero, associa certas tarefas ao papel “natural” das mulheres. Esses estereótipos perpetuam a desigualdade de gênero no ambiente de trabalho, limitando as oportunidades de crescimento e reconhecimento profissional das mulheres pescadoras, como na fala já mencionada, do pescador x: “Se fala que vão pescar é mentira. Não tem, não tem mulher pescando aqui”.

³ O trabalho segue na escrita, respeitando o modo como as pescadoras e também os pescadores falam. Isso implica reproduzir “erros” na escrita, pois são “erros” de fala.

A relação com o mar e deste com o corpo da mulher é de adoecimento na visão dos homens. Claro que isto fala da coragem e da valentia deles também. Além disso, eles falam que elas mentem. Que na verdade não pescam. Mas justificam o fato de elas não estarem na pesca como consequência da relação com o mar, que é danoso para o corpo e sobretudo o corpo das mulheres: **“Elas são bem menos resistente que os homem”**. (grifo meu)⁴

Motta- Maués (1994), em uma pesquisa de campo efetuada em Itapuá, comunidade pesqueira, localizada no município de Vigia (Microrregião Homogênea do Salgado/Pará), discute a questão das relações de gênero a partir de uma perspectiva de análise de sistemas simbólicos e de classificação e do estudo do ritual. Em suas análises ela se volta à uma problemática de amplitude praticamente universal, ou seja, a questão da assimetria de poder entre os gêneros em um contexto cultural. Significa dizer que mesmo em contextos culturais diversificados ela se mantém.

A assimetria assume relações de hierarquia com sentidos de poder que se constroem de modos diversos e com articulação de representações, imagens e práticas marcadas por desigualdades generificadas, este fato também nos reporta ao texto bem conhecido de Scott (1995). A autora Scott afirma que gênero como elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos é uma primeira forma de significar as relações de poder.

Para o campo teórico Heilborn (1993), também nos apresenta que a teoria da hierarquia e seus corolários, tal como pode ser depreendida da obra de Louis Dumont, é um modelo de grande alcance heurístico e que pode sistematizar as razões pelas quais há uma constante estrutural de assimetria na montagem das relações entre os gêneros. Por outro lado, é também essa obra que traz subsídios, mediante a análise da categoria de indivíduo, ao porquê de a assimetria poder se apresentar como ilegítima e, às vezes, impronunciável; não legítima. Este último aspecto abre espaço para discussões teóricas a partir das quais a linearidade analógica entre sexo biológico e gênero como construção cultural nem sempre pode ser estabelecida.

⁴ Em alguns momentos da fala dos pescadores, parto da marcação em negrito para demonstrar a presença de assimetria de poderes culturalmente estabelecida entre os gêneros.

Nestes estudos primeiros, nos quais se mostra que o sexo feminino parece funcionar como um símbolo de algo que a cultura sempre desvaloriza, sugere-se como equação que a mulher parece estar mais próxima da natureza do que o homem. A mulher é identificada simbolicamente com a natureza, o homem com a cultura, portanto, a cultura domina a natureza. Ortner (1979) por exemplo, argumenta que já que se considera que a mulher está mais próxima da natureza – ela é mais ativa em seus processos especiais e ao mesmo tempo tem afinidade com a natureza, portanto é representada como pertencente a uma ordem inferior.

Contudo, não se pode esquecer que cada cultura reconhece e mantém uma distinção entre a atuação da natureza e a atuação da cultura. Também se apoia no fato de poder transcender a natureza, diversificando assim os conteúdos que se conectam nas hierarquias, ou até mesmo desvalorizando o dado biológico como fundador de uma desigualdade de gênero. Não é o caso de que os pescadores desvalorizem este dado biológico, ao contrário. Eles colocam o corpo feminino e suas funções em papéis sociais inferiores aos dos homens; aspecto que em geral é rompido pela performance no trabalho na pesca que as mulheres executam.

Motta- Maués (1994), chama-nos, assim, a atenção à intensa ritualização que se traduz em uma série enorme de desempenhos de que são objeto os processos fisiológicos femininos. Argumenta a autora que os processos mencionados são sempre passíveis de serem elaborados simbolicamente, sendo, além disso, percebidos como uma das diferenças básicas entre homens e mulheres. Nesse sentido aponta que a imposição de um status inferior à mulher releva, é justificada e se mantém graças a uma recorrência justamente às suas peculiaridades biológicas e à simbolização de que são objeto.

Ao considerar essa explicação, é possível dizer que estes movimentos se fazem presentes nos relatos dos pescadores homens aqui mencionados. Em outras palavras, colocar em questão a ritualização que conecta o mar, a friagem, a umidade à fragilidade do corpo da pescadora mulher, revela os desempenhos de que são objeto os processos fisiológicos da mulher. Conforme Rosaldo e Lamphere (1979), a observação por si só das diferenças físicas nos informam pouca coisa sobre o mundo social onde vivemos: “Os homens não são como os animais, pois tem a capacidade de interpretar e até alterar a sua constituição biológica, regular seu comportamento através da utilização de formas simbólicas, como a linguagem” (Rosaldo; Lamphere, 1979, p.21).

Esta percepção dos pescadores homens em relação à estrutura da mulher vem marcada por estereótipos de gênero: “Não é que o homem seja melhor, mas tem esses lado aí, que é a friagem do mar, é uma umidade muito grande. Daí as mulheres que tentaram pescar aqui não deu certo, ficaram muito doente” (pescador x). Essas colocações refletem a negação ou não aceitação de mulheres enquanto pescadoras embarcadas, pois embora os pescadores tragam para essa discussão a questão da friagem e da umidade do mar, o que sustenta as suas colocações são representações binárias as quais elucidam as atividades “destinadas” ao pescador homem e as tarefas *destinadas* à pescadora mulher:

Tem muita mentira desse tipo de coisa né [...] por isso que eu estou dizendo, a maioria das coisa é encenação, é um pouco mentira. As guria vão com o **pai** delas, **com irmão** pra fora, mas quem puxa a rede ali, pra puxar pra cima **é o homem**. Elas pegam na rede, tiram foto, filmam, o **pai** delas fingi que elas tão pegando a rede, ta puxando a rede, mas é tudo encenação, elas não pescam (pescador x).⁵ (grifo meu)

E quando, de alguma forma, conseguem “visualizá-las” como pescadoras, é sempre no sentido de diminuí-las, ou seja, de não as considerarem capazes de estar no mesmo, ou melhor dizendo, alcançar o patamar dos pescadores homens. Assim como acontece no estudo de Hèrétier (1999), no qual analisa como o sangue do guerreiro é sempre valorizado positivamente, enquanto o das mulheres negativamente. A autora mostra como a partir dos discursos simbólicos são construídos sobre um sistema de categorias binárias de pares dualistas um corpo sólido de pensamento mítico que opõe face a face séries como sol e lua, alto e baixo, direito e esquerdo, quente e frio, seco e úmido, masculino e feminino, superior e inferior. Mostra como as correlações de oposições binárias entre si não se enraízam numa realidade biológica, mas unicamente nos valores positivo e negativo. Tal como o mito, a sua função é justificar a ordem do mundo como ordem social.

⁵As falas dos pescadores homens apresentadas em determinados momentos no contexto dos escritos, são identificadas por letras a fim de não as confundir com as falas das pescadoras identificadas por nomes, porém fictícios. É, assim, uma escolha de visibilidade. Os nomes fictícios seguem a pedido das mulheres pescadoras que, devido alguns posicionamentos em suas falas, solicitaram-me para não serem identificadas. Esclareço, também, que as falas dos pescadores que estão neste trabalho fazem parte das entrevistas que foram realizadas durante a pesquisa de campo do doutorado. Ademais, posso atestar que as afirmações que se fazem presentes nas falas dos pescadores e que produziu o material para esta pesquisa de doutorado, seguem, para os pescadores homens, a mesma direção e os mesmos olhares da ênfase que estes atribuíram à figura do pescador homem durante as entrevistas realizadas para pesquisa de mestrado. Dito de outra maneira, muitas falas dos pescadores durante as entrevistas do Mestrado, foram reiteradas pelos pescadores homens nas entrevistas realizadas para esta pesquisa de doutorado.

Um dos pontos que centraliza o desmerecimento ao trabalho das pescadoras mulheres, é a forma como os pescadores homens “encaram” e “atribuem características” aos instrumentais que elas utilizam na pesca e para pesca de camarão:

Elas, as mulher sai pra arrasta camarão pra fora, **é uma pescaria, mas não é igual a nós que sai com rede e pega peixe mesmo.** Arrasta camarão, elas sai com tempo bom, **não é igual trabalha com rede, é uma outra situação. Não precisa medi força.** Pra arrasta camarão, como você trabalha com guincho, é só pra escolhe mais camarão. Mas **assim, claro que tem que ter meio conhecimento, mas não é uma pescaria tão difícil, sabe. É uma pescaria mais tranquila, a pesca que elas faz.** Já vi a filmagem delas trabalhando aí fora. **Mas é aquilo que falei pra você, tu vai exige dela pra puxar a rede alta aí fora.** Vai puxar duas braçada e vai dizer isso não. Vai arrebenta tudo as mãos (pescador y). (grifo meu)

A discussão que aqui se estabelece sobre as características que nutrem a diferenciação dos instrumentos por sexo, e a relação que existe entre a própria divisão do trabalho e a dominação masculina sobre as mulheres é analisada por Tabet (2014) que argumenta: “a divisão sexual do trabalho não é neutra, mas orientada e assimétrica, mesmo nas sociedades ditas ‘igualitárias’; que não se trata de uma relação de reciprocidade e complementaridade, mas de dominação[...]” (Tabet, 2014, p. 107). A autora coloca em xeque a noção de complementaridade, reciprocidade de tarefas e cooperação entre os sexos, nas sociedades de caça e coleta, e o sentido positivo de uma divisão equilibrada que é concedida a esses pilares de complementaridade, reciprocidade e cooperação. No caso desta pesquisa, uma vez entendidos como naturalidade, esses pilares baseiam-se nas limitações naturais *impostas* às mulheres: “Daí se adaptaram no que, em descascar camarão, fazer filé, essa coisa e tal. “Hoje tem mulher de pescador que remenda rede[...], mas aqui todo mundo se ajuda. O peixe vem do mar aqui, já tem a mulher fazendo filé lá, ou tá descascando camarão lá” (pescador x). Na realidade, o que o posicionamento dos pescadores homens traz em relação às atividades que comportam à estrutura física da mulher, é um olhar que as situa na condição de auxiliar do homem na atividade pesqueira. Se as mulheres que desempenham a pesca embarcada não são reconhecidas como pescadoras pelos pescadores homens, pelo menos no nível de pescador que eles atribuem aos homens, considerar as mulheres que limpam e descascam camarão como pescadoras não é nem cogitado por eles. E isto está explícito na fala “o peixe vem do mar”, **pescado pelo homem** e já tem **mulher para filetar e limpar camarão**”.

Os pescadores homens levantam outras questões que evidenciam, por exemplo, problemas de direito não reconhecidos por causa de representações compartilhadas sobre o trabalho entre homens e o INSS: “Até chegou uma mulher aqui pra se aposentar. Falou que pescou muitos anos com o pai dela, e tal. Daí o pessoal do INSS nem acreditou, mais porque sabia que era mentira da mulher”. Essas questões serão discutidas no desenvolver deste trabalho.

A contar das situações aqui descritas, as mulheres pescadoras nativas e integrantes desta comunidade pesqueira de Matinhos, contradizem essas afirmações quando dizem: “*Somos pescadoras sim*”. Essas falas ecoam de forma marcante durante as entrevistas com essa comunidade. Realço, nesse sentido, o fato da minha escolha ter sido motivada pelas falas das mulheres pescadoras, interlocutoras desta pesquisa e integrantes da comunidade de Matinhos. Um ponto importante, ou melhor, um outro ponto importante, é que a conversa com os pescadores dessa comunidade, levaram-me às pescadoras embarcadas⁶ da baía de Guaratuba, em Cabaraquara, pois quando eles me dizem que: “Elas pegam na rede, tiram foto, filmam, o pai delas fingi que elas tão pegando a rede, tá puxando a rede, mas é tudo encenação, elas não pescam (pescador x)”, estão se referindo às pescadoras de camarão de Cabaraquara, na baía de Guaratuba, conhecidas como “as Marias⁷”.

Nesse movimento situacional dessas mulheres no universo da pesca, considero a possibilidade de trilhar o pensamento no sentido de que: “[...]é fundamental entender o trabalho pesqueiro não apenas como a atividade de ir ao mar ou ao rio buscar o peixe, mas também o trabalho realizado em terra, do processamento do pescado à manutenção dos apetrechos pesqueiros” (Lopes; Freitas; Begossi, 2020, p. 4). Martins (2022), em sua tese intitulada “Lagoas de Mulheres: Pescadoras Embarcadas e Educação Ambiental no Sistema Lagunar-Costeiro do Sul do Rio Grande do Sul”, realizada no estuário da Lagoa dos Patos e na Lagoa Mirim, realiza um estudo com as pescadoras artesanais dessa região,

⁶ A referência embarcada é utilizada tanto pelas mulheres pescadoras quanto pelos homens pescadores para a pesca realizada através da retirada do peixe do mar por meio das embarcações, como os barcos.

⁷ As pescadoras embarcadas de Cabaraquara são conhecidas como as “Marias” porque as mães das duas pescadoras embarcadas dessa pesquisa, eram irmãs e ambas tinham Maria em seus nomes. Os pescadores da comunidade de Matinhos identificam de Marias, por tal, todas as mulheres que fazem parte da família de pescadores de Cabaraquara.

buscando compreender como essas mulheres aprendem e ensinam a ser engajadas em seus ambientes e diante dos conflitos socioambientais que as afetam. A pesquisa revela como a pesca artesanal é uma atividade não apenas masculina, destacando o trabalho e a resistência dessas mulheres.

Ao levar em conta a importância do contexto que se discute, sigo destacando alguns aspectos sobre a cultura de tradição da pesca artesanal caiçara para melhor entender a esfera social da pesca artesanal a que as mulheres pescadoras desta pesquisa “pertencem” e que envolvem a família, o trabalho, o lazer. Diegues (1983, 1988), Adams (2000), Cunha (1987, 2003), Silva e Aguiar (2011), demonstram, dentre outros trabalhos que refletem sobre o respectivo tema, que em diferentes comunidades pesqueiras no Brasil, a pesca artesanal tem especificidades que a caracterizam. Uma dessas características é ser um nativo e uma nativa caiçara. Caiçara é um termo que faz parte de um processo histórico, ou seja, caá-içara tem origem no vocábulo Tupi-Guarani (Sampaio, 1987), e era utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe. Na trajetória histórica passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar as canoas e os apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananéia (Fundação SOS Mata Atlântica, 1992)⁸; e posteriormente identificar os nativos e nativas das comunidades pesqueiras do litoral dos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro (Diegues, 1988). A formação dos povos caiçara acontece na colonização após a chegada dos portugueses ao Brasil, onde o litoral por um bom tempo foi quase a única área de povoamento (Mussolini, 1980).

Constituíram-se em um território rico em diversidades biológica e cultural, internalizando e exteriorizando esse modo de vida, que fora construída através dos saberes tradicionais em relação aos seres do mar e da mata herdados, principalmente, de seus antepassados indígenas (Cunha, 2003). Com linguajar característico e uma forma particular de ver o mundo, as comunidades caiçaras seguiam modos de vida de acordo com as variações regionais onde se estabeleciam (Diegues 1983). Nesse contexto cultural em relação às formas de lazer das gerações

⁸ A Fundação SOS MATA ATLÂNTICA é uma organização não governamental (ONG) brasileira que atua na defesa da Mata Atlântica. Disponível em: <https://www.sosma.org.br>. Acesso em: 14 de março 2024.

passadas, algumas permanecem como, por exemplo, a distração que se evidencia nas festas, nas procissões, nas danças típicas. Outros se fazem pouco presentes na atualidade, ou seja, os poucos jogos e os pasquins, espécie de literatura de cordel, que relata a vida nas comunidades onde a reciprocidade se fazia quotidiana. A religião católica foi e ainda é a base espiritual para as caiçaras, porém o casamento legal e religioso, na primeira metade do século XX, não era comum a toda a população, nesse sentido, prevalecia as uniões consensuais estáveis (Adams, 2000).

Com suas pequenas embarcações que possuem motores de pouca potência, quando não apenas com remos e velas, a pesca artesanal necessita de um grande empenho da força do corpo humano e um trabalho pouco mecanizado (Silva; Leitão, 2016):

Embora a indústria pesqueira tenha desenvolvido um rico arsenal tecnológico, subsiste e afirma-se a pesca artesanal distante dessas indústrias. Isso porque é atividade fonte geradora de renda de muitas famílias e possibilita o desenvolvimento econômico autônomo, distante de um mercado de trabalho formal. Além desse caráter imediato de fonte de recursos econômicos, não é possível deixar de lado outro motivo para a subsistência da pesca artesanal: a continuidade de uma atividade tradicional, responsável pela identidade de muitas comunidades litorâneas e ribeirinhas. É também a pesca artesanal, então, além de fonte de renda, uma maneira de manutenção de vínculos humanos e culturais (Silva; Leitão, 2016, p.139).

Assim, no tocante à forma de vida em relação à economia, as comunidades caiçaras concentraram-se em atividades de agricultura itinerante, da pesca artesanal, do extrativismo vegetal e do artesanato, além da disponibilização da mão de obra. Estas características marcam a identidade de muitas comunidades pesqueiras litorâneas e ribeirinhas. É, dessa forma, uma atividade de fonte geradora de renda para muitas famílias, mais de um milhão de pessoas conforme os dados do Ministério da Pesca e Aquicultura⁹, que reflete a realidade das comunidades pesqueiras no Brasil. Segundo Silva e Leitão (2012), existem equívocos a respeito da prática da pesca artesanal que acabam por desmerecê-la a ponto de que poucos estudos sejam realizados sobre a respectiva pesca no Brasil. Nesse sentido argumentam, substanciadas por teorias que seguem a mesma direção, que:

⁹ BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br>. Acesso em: 12 jun. 2024.

O primeiro deles é um equívoco quanto à relevância econômica da pesca artesanal. Além de seu produto ser voltado para a alimentação imediata da família do pescador, serve também como fonte importante de meios econômicos para toda a comunidade envolvida[...]outro nível de falsidade da conclusão sobre a inexpressividade da pesca artesanal verifica-se pela importância da continuidade de uma atividade tradicional, característica de certas comunidades que se identificam como pesqueiras. É a pesca artesanal, além de fonte de condições objetivas de subsistência, uma maneira de manutenção de vínculos humanos. É através do conhecimento tradicional da atividade, repassado geração a geração, que grupos familiares ganham identidade e afinidade – os/as pescadores/as. Portanto, a pesca artesanal oferece para as comunidades pesqueiras brasileiras mais que condições objetivas de vida. Dada pela interação do homem com o meio ambiente natural, surge também uma subjetividade, variável regionalmente (Pasquotto, 2005) (Silva; Leitão, 2012, p. 5).

As comunidades pesqueiras das cidades de Matinhos e da baía de Guaratuba, fontes da pesquisa de campo deste trabalho, “não fogem à regra”, ou seja, fazem parte desta realidade. E quando se retrata a atividade de fonte geradora de renda das famílias, esta retratação se refere a homens e mulheres que desenvolvem estas atividades enquanto constituintes dessas comunidades pesqueiras. Dito de outra maneira, a pesca é uma cadeia. Ela envolve uma cadeia produtiva, e, portanto, essas mulheres estão nessa atividade pesqueira. Ser pescador homem e ser pescadora mulher tem a ver com desenvolver atividades dentro dessa cadeia produtiva.

No entanto, como salientado, muitas vezes as mulheres pescadoras não são reconhecidas pela sociedade ou pelo poder público¹⁰. E a pesca artesanal é um exemplo em que as mulheres são permeadas pela invisibilidade e frequentemente relegadas à categoria de ajuda, colocando-as na condição de auxiliar do homem na atividade da pesca (Silvia e Aguiar, 2011; Goncalves; Medeiros e Pisani, 2019; Lopes, Freitas e Begossi, 2020). Os estudos deste contexto do mar e da pesca, quando enfocados em mulheres como o são os de Alencar, (1991); Motta-Maués (1999); Cardoso (2002); Gerber (2013); Lopes; Freitas e Begossi (2020), ressaltam

¹⁰ **Pescadoras buscam visibilidade e garantia de direitos** - A invisibilidade das pescadoras, infelizmente percorre o mesmo caminho das demais mulheres rurais, tidas em muitos espaços como simples “ajudantes”. No caso da pesca, essas “ajudantes” respondem por 90% do quantitativo de pessoas que trabalham com as atividades secundárias da pesca, de acordo com a FAO (Food and Agriculture Organization - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, em português). É uma agência especializada das Nações Unidas, que foi criada em 1945, que lidera esforços internacionais para erradicar a fome, melhorar a nutrição, e promover a segurança alimentar e o desenvolvimento agrícola sustentável em todo o mundo. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1237574/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

questões fundamentais como o fato de que há uma carência¹¹ para a análise das questões das relações de gênero, na produção acadêmica brasileira quando referida às comunidades pesqueiras e, em relação às atividades da mulher enquanto pescadora. Nesse universo pesqueiro, cuja predominância dessa atividade se faz presente na figura masculina, estes estudos refletem e nos fazem cientes dos momentos em que elas são sujeitas atuantes e contribuem, como tal, para mudanças, e em quais momentos elas se encontram condicionadas pela masculinidade desse universo da pesca e pelo processo histórico desta cultura de tradição (Motta-Maués, 1999).

No cenário dessa temática, diferentes abordagens partem da perspectiva da divisão sexual do trabalho, a exemplo de Woortmann (1992), ou dos aspectos que enfatizam espaços geográficos que supõem diferentes recursos, condições e tipos de pescarias realizadas pelas mulheres, conforme Mello (2012). Muitas vezes estas análises são marcadas com aspectos fixos e de oposição entre o masculino e o feminino, abordagens que têm extrema relevância para mostrar a desigualdade, mas que deixam de fora a agência das mulheres em suas práticas, mantendo as construções de imagens, de representações e de sentidos pousadas na linearidade entre a biologia intocável e a cultura como construção, conforme bem analisados por Nicholson (2000), ou mantêm as ideias sobre a universalidade da dominação sem serem colocadas as tensões e as relações que vão para além das estruturas que opõe e hierarquizam papéis sexuais fixos.

Esta tese, a diferença destes estudos, leva em conta um contexto específico do litoral do Paraná, e se foca na experiência, nos processos de gendrificação e na performance desenvolvida por estas mulheres para se constituírem como pescadoras e para ganhar o reconhecimento como tal. A performance das mulheres pescadoras envolve suas experiências em diferentes funções, como descascadeiras de camarão, fileteiras de peixes e também embarcadas. Essas performances confrontam os valores que substanciam a tradição da pesca artesanal caiçara, desafiando a norma de que somente homens são considerados pescadores

¹¹ Sendo essa uma discussão significativa para melhor entendimento do que se pretende nesta pesquisa, retomaremos esse tópico adiante.

embarcados. Nesse sentido, aproximam-se dos estudos de Butler (2019) sobre a performance de gênero, ao mesmo tempo que assumem características próprias do universo da pesca. Isto significa dizer que o conceito de performance, embora similar ao de Butler, apresenta peculiaridades que refletem a realidade específica dessas mulheres. Logo, essa performance, para o olhar desta pesquisa, parece engendrar experiências e estratégias de decolonialidade de sua vida em relação aos lugares tradicionais do trabalho de homens e mulheres na pesca e da forma como elas rearticulam sentidos, saberes e *actantes*, considerando a expressão de Latour (2000).

Em vista disso, a realização dessa pesquisa com as mulheres pescadoras implica em analisar a sua vinculação com a instituição de processos de gendrificação, com as possíveis barreiras e dificuldades, ou possibilidades advindas das relações de gênero, (divisão sexual do trabalho, estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo, à sexualidade). A compreensão desses expressivos, por intermédio de suas narrativas, conecta-se com a afirmação das mulheres, quando dizem “somos pescadoras sim”. É considerando a relevância dos percursos que as levam a essa afirmação, que se instaura a pergunta que esta tese se debruça a compreender, qual seja, Como isso acontece? Essa pergunta, que aparentemente pode parecer um tanto quanto simplista para uma pesquisa de doutorado, é, entretanto, substanciada pela complexidade que envolve as trajetórias das interlocutoras dessa pesquisa.

Para realçar o que está exposto, recorro às colocações de Scott (1995) quando argumenta ser fundamental, no desenvolvimento de estudos, de pesquisas analíticas, o debruçar da pesquisadora, do pesquisador para o entendimento de como as relações são construídas? Como são? Como elas funcionam ou como elas mudam? Que relações de poder elas engendram? Pensar, nesse sentido, conforme Thayer (2001) no tocante às possibilidades que envolvem a questão da visibilidade tanto no trabalho doméstico, *percebido como a ordem natural das coisas*, quanto no trabalho fora do mundo privado, *visto como domínio masculino*. Considerando nesse trajeto do universo da pesca o papel do gênero, que define as mulheres como auxiliares no trabalho da pesca, apesar da natureza indispensável de sua atividade na sobrevivência da família. Atribuímos a esse contexto de análises, o pensamento que “Devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram” (Scott, 1995, p. 86).

Posto isto, procurar saber como isso acontece se nutre das experiências dessas mulheres na pesca e se estende e se conecta às observações que faço a cada ida a campo. Nisso consiste poder considerar realizável a possibilidade hipotética de que os sentidos e as práticas por elas construídas e que as instituem como pescadoras, permitem repensar um caminho para as mulheres que esteja reconectando à construção de perspectivas de direito, de autonomia relativas à sua vida cotidiana. E também de um cuidado de si e dos outros no qual elas se instituem como mulheres pescadoras, com capacidade reconhecida por elas e pela comunidade local.

Essa possibilidade voltada às sujeitas pescadoras no universo da pesca, se estende para outro universo, seja este, o acadêmico. O que quero dizer, é que a partir dos conteúdos das suas narrativas, “agarro-me” à possibilidade de se repensar uma possível mudança crítica para os campos teóricos, apontando que é factível um processo de desconstrução e de ressignificação de discursos, de relações e de práticas cristalizadas, a partir das narrativas ouvidas e interpretadas. Nestes termos, este estudo focado na produção do conhecimento científico a partir das experiências vividas do cotidiano das vidas dessas mulheres pescadoras, repercute na conexão entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento cotidiano. Assim sendo, ultrapassar sem desconsiderar a observação dos contextos históricos, das circunstâncias históricas conforme estruturadas, para pensar como elas são narradas e mergulhar, por intermédio de análises, nos significados que estão presentes nas experiências das mulheres pescadoras, fundamenta uma contribuição para os estudos de gênero e a relevância acadêmica deste trabalho.

No seguimento do que se propõe, **o objetivo geral** é compreender a) como são os conteúdos por elas relatados no que tange a sua performance como mulher pescadora frente aos saberes e às necessidades cotidianas de sua vida quando inserida na pesca, na família, na relação com os homens pescadores, no cuidado, nos direitos e na relação com seu corpo e sua sexualidade; b) se elas buscam esses sentidos de autonomia em suas vidas, de nova imagem de si mesmas, de recursos para consumir coisas que precisam, ou o poder em casa de modo a produzir outros lugares do trabalho e do espaço social e cultural que as mulheres podem ocupar. Considerando aqui um olhar analítico com uma perspectiva decolonial para desenvolver uma leitura do que elas dizem. Ou seja, pensar decolonialidade no sentido de romper com o silêncio, preencher lacunas e reescrever

a história constituída por colonizações, ditaduras, confronto étnicos, exploração capitalista e relações hierárquicas/dicotômicas de gênero, conforme refletem Lugones (2014, 2020) e Santos (2014).

Os objetivos específicos interagem com o objetivo principal no sentido de a) compreender esta experiência narrada e situada a partir da pesca visibilizando significados por elas atribuídos ao seu lugar na pesca, suas motivações, seus sentimentos, as suas entregas; b) compreender também, na qualidade de pescadoras, o que elas fazem e como são suas relações com o cuidado em relação ao mar, aos peixes, aos barcos, as questões ambientais, ao sustento da vida e a sua dignidade; c) Analisar como percebem as questões da divisão do trabalho, os estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo e a sexualidade, os estigmas; como grupo e frente a comunidade local. À medida em que nos aproximamos do contexto desta pesquisa e de sua revisão de literatura fomos delineando as questões supracitadas para organizar o pensamento e para organizar a realidade e os conteúdos das experiências narradas, assim como nos orientam.

No delinear, esta tese está estruturada em seis capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a metodologia de pesquisa em suas acepções teóricas e práticas. Seguindo uma perspectiva analítica de gênero a partir de uma abordagem feminista, o desenvolvimento da pesquisa qualitativa incluiu a observação participante. Neste capítulo o próprio processo de construção da tese é apresentado, demarcando os movimentos de aproximação com o campo que envolve uma interrelação entre a pesquisadora e as pescadoras interlocutoras desta pesquisa, envolve as vozes das mulheres pescadoras e o espaço dessas mulheres na pesca.

O segundo capítulo, voltado à apresentação do tema, traz uma discussão sobre a mulher e a pesca para as pesquisas no mundo acadêmico, no sentido de compreender como “o poder do discurso das práticas sociais repercute no desenvolvimento dos contextos analíticos das dissertações e das teses, no cenário deste universo. Outro ponto relevante e reflexivo que faz parte da discussão deste capítulo, é a luta das mulheres pescadoras em busca de seus direitos políticos e sociais. O contexto desses escritos reverbera o confronto dessas mulheres à invisibilidade que as cerca enquanto profissionais da pesca.

No terceiro capítulo a discussão evidencia o lugar da pesquisadora conectado aos estudos de gênero. Aborda os caminhos teóricos que se fazem necessários à constituição desta tese. Tendo a construção de um caminho teórico e metodológico

alicerçado pelas categorias de análise, experiência, cuidado e performance, os escritos que aqui seguem, inseridos nos estudos de gênero, trazem para essa discussão aspectos que estes estudos analisam e com os quais essa tese dialoga.

Ao considerar o teor de tudo que foi exposto na construção da tese, a partir desse momento, os três capítulos que seguem, iniciam com as respostas aos objetivos específicos. Ressaltando, nas narrativas, as vozes das interlocutoras dessa pesquisa, nos movimentos da vida cotidiana na pesca, por elas experienciados. A vista disso, o quarto capítulo salienta experiências, cenários e performances visibilizando significados atribuídos ao seu lugar na pesca, substanciados pelas motivações e sentimentos. O quinto capítulo, traz toda uma contextualização das suas relações com o cuidado voltado ao mar e tudo que dele faz parte, avivando as questões ambientais. Trazendo à tona a maneira como essas mulheres contemplam a vida e a dignidade. O sexto capítulo reflete a relação dessas mulheres com questões da divisão do trabalho em um contexto que revela hierarquias de gênero. Nisso consiste o enfrentamento aos estereótipos de gênero, elucidando questões que elas vivenciam ligadas ao corpo, à sexualidade bem como a forma como lidam com os estigmas que se fazem presentes na trajetória das suas caminhadas.

I APRENDIZADO COLETIVO: CAMPO, CONTATOS, SENSAÇÕES

No propósito que se instaura entre a formulação das perguntas e a espera em encontrar as respostas, ou avivar caminhos que possam nos aproximar de respostas para solucionar dúvidas quanto aos significados, está a necessidade de escutar as experiências que as mulheres pescadoras têm para relatar. Pode-se dizer que a relação dialógica entre as pescadoras e a pesquisadora se consolida como um fator fundamental na construção dessa tese, entendendo que a pesquisa não se faz sobre, mas com os sujeitos-pessoas-agentes que constituem o estudo. Em outras palavras, abrir caminhos para entender as relações com os conteúdos das narrativas, as quais fornecem respostas para o que foi pensado como foco e como indagações e como objetivo geral e específicos. Entendo que as narrativas não são meras transmissões de informações, mas sim as fontes da construção do conhecimento que aqui se configura. Nesse sentido, considera-se a relevância dos argumentos de Ingold (2020, p. 17), quando ressalta que o processo que envolve aprendizado, conhecimento, educação não pode ser confundido com transmissão, que “a educação é em realidade sobre atentar para as coisas e para o mundo, e que as narrativas podem ser entendidas como práticas institucionais alternativas que “operam de maneira escolar”.

Dessa forma, esta tese, a diferença dos estudos do mar e da pesca já citados leva em conta um contexto específico do litoral do Paraná e se foca na experiência das mulheres como sujeitas/interlocutoras. Portanto, as mulheres não são apenas subalternizadas nos processos de gendrificação, conforme estruturados por enfoques teóricos que tem o grande mérito de mostrar as construções culturais das relações de gênero e de sua desigualdade na estruturação das relações entre sexo e gênero, como o é, com as teorias do patriarcado, mas que por vezes, perdem o lugar da narrativa e da experiência como um sentir e um fazer de si frente às exigências da vida cotidiana (Leite, Tamanini, 2022).

Este nosso lugar teórico feminista se define epistemicamente como parte das teorias situadas e, portanto, do ponto de vista (Harding, 1986), preocupadas com o empoderamento das mulheres. Esta perspectiva pensa o “lugar de fala”, as especificidades das condições sociais que constituem as relações de poder entre diferentes grupos; a variedade de métodos desconstrutivistas; a variedade de olhares teóricos e políticos; a arbitrariedade de olhares cujo foco se volta à

reflexividade à experiência (Furlin, 2014). Obviamente, esta posição não elimina as questões do mercado (Fraser, 2001), a estruturação dos estigmas e dos estereótipos na cidade, no mercado e nas relações sociais locais, mas além destes aspectos estruturais o que aqui apresentamos é como foi o caminho desta construção que é parte da construção dos caminhos desta tese, tomando a necessidade de pensar como as mulheres marcam seu lugar e se conectam com a pesca, com o local de trabalho, as redes, o peixe, os saberes, os significados. Para Scott (1990), incluir a experiência das mulheres na intenção de construir caminhos para uma nova história e dela dar conta, dependia da medida na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise.

Neste sentido o processo de construção deste trabalho foi sendo produzido e é descrito aqui, como o caminho que nós fomos percebendo à medida do fazer, sob o desafio da reflexão teórica e de sua apropriação, concomitante ao contato com o campo de pesquisa e às reflexões em sala de aula, frente aos processos de orientação da tese e de muitas idas e vindas com as definições dos focos do trabalho; sabendo que a cada mudança de foco no campo, a exigência teórica também pode mudar. Compreender como estes aspectos da agência das mulheres se implicam com o analisar, desafia a olhar sua vinculação com a instituição de processos de gendrificação na família, na cidade, no mercado e as suas pertencas culturais. Implica-se com o perceber as possíveis barreiras e as dificuldades, ou possibilidades advindas das relações de gênero e se conecta com a exigência de perceber como as mulheres pescadoras do litoral do Paraná se performatam na qualidade de pescadoras.

Percebemos, portanto, que era necessário escutar o que elas fazem e dizem de si e o que elas acionam para dar conta de construir o seu lugar (sala e espaço, camarão, sustento e cuidado, o valor do trabalho com o camarão que lhes dá autonomia, sustento, vida, dignidade, solidariedade em relação às demais mulheres). Em outras palavras, fazemos um exercício hermenêutico em que é preciso interpretar, em que é preciso entrar por dentro daquilo que se quer compreender (Minayo, 2002, p. 83). A autora nos situa neste aspecto quando ao dar ênfase ao pensamento de Gadamer (1999), expõe que a “compreensão é, em princípio, entendimento, e compreender significa uns se entenderem com os outros”. Isto significa ir para dentro de um estudo que se pretenda buscar e entender, por intermédio de análises, os significados que estão presentes nas experiências dos

atores/mulheres pescadoras. E isso só é possível quando há uma relação de empatia. Seguindo esses caminhos percebemos que é necessário captar a atenção dos sujeitos da pesquisa, e isso exige saber mais do que uma descrição, ou seja, é preciso estar na voz delas, buscar sentir o que elas fazem. Entendendo e colocando em prática uma pesquisa significativa que não parte de ideias *a priori*, o movimento desse processo exige que se conviva com elas, na entrega e na descoberta como aspecto do que é consistente à observação participante.

Esse conviver é envolvido por perguntas que propõe a compreensão dos significados que elas constroem e como dão sentido às suas ações. Ressalta-se aqui um ponto que tem um peso importante na construção dessa tese, voltado ao argumento que se faz presente na visão de Schultz, citado e enfatizado por Cicourel (1980, p.96), no tocante “a atenção que o cientista social deve prestar às estruturas de significados empregados pelos atores da cena que deseja observar, ao mesmo tempo que traduz tais estruturas para os construtos consistentes com os seus interesses teóricos”. Reiteramos o quão importante é a relação que a pesquisadora tem com as interlocutoras da pesquisa, retratando a empatia como a primeira entrada que a levou à conexão com as mulheres pescadoras, aproximando-se delas. É uma interação local, de quem compartilha culturalmente de aspectos dessa região paranaense e subjetiva, visto que as relações que se desenvolvem a partir dessa interação têm um peso maior em um contexto de aceitação pelos sujeitos agentes. Nisso consiste que “[...] Em parte o pesquisador de campo define o seu próprio papel, em parte o seu papel é definido pela situação e pela perspectiva dos nativos” (Cicourel, 1980, p. 89).

Considerado isso, esta tese que se insere nos estudos de gênero, dialoga com aspectos que estes estudos analisam. Busco, dessa forma, visibilizar a experiência das mulheres pescadoras e suas agências, minhas ações se voltam para elas e interação com elas, conectando-as às dimensões das suas experiências e das suas performances, retratando, nesse sentido, a posicionalidade desta pesquisadora, que aqui está sendo acionada por elas, mulheres pescadoras, e por meio de suas experiências. Ou seja, abrem-se caminhos para uma conexão que reportam a reciprocidade para o sentido do que se pode fazer um(a) pelo(a) outro(a), conforme explica Hita (2010, p.128): “Essas conexões emergem não de apelos universalistas ou essencialistas, mas da união de ambos, baseados na experiência comum e na necessidade: "a conexão última deve-se à necessidade que sentimos

entre ambos". Em outras palavras, deixar que as sujeitas da pesquisa, as mulheres pescadoras, conduzam o olhar analítico para o que elas próprias enunciam como relevante. Elas se fazem "senhoras" de sentidos e de práticas e engendram performances relativas ao seu trabalho, sua vida e sua família, ao pescado e ao mercado para se constituírem como pescadoras e para ganhar o reconhecimento como tal. Estão, portanto, dentro e fora de representações estereotipadas a respeito do masculino e do feminino como diria Lauretis (1984) e ou Spivak (2010), ao se perguntar se o subalterno pode falar.

Compreende-se que os conceitos experiência, cuidado e performance, que são explicitados neste estudo, são fundamentais para esta pesquisa no sentido em que se conectam com o objetivo deste trabalho. Isto significa compreender os conteúdos relatados pelas interlocutoras no que tange a sua performance como mulher pescadora frente aos saberes e às necessidades cotidianas de sua vida. Nisso consiste o envolvimento dessas mulheres inserido na pesca, na família, na relação com os homens pescadores, no cuidado, nos direitos e na relação com seu corpo e sua sexualidade. Assim sendo, seguimos destacando esses conceitos.

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entre os passos dados na trajetória dessa pesquisa, há uma conexão que envolve o pensamento das autoras e dos autores e as dimensões metodológicas. Em outras palavras, existe uma interrelação entre as referências aqui trabalhadas e o campo, os objetos e as interlocutoras desta pesquisa. Reitero que o que acontece a partir de então são laços que permitem a ligação dialógica entre a abordagem teórica e a abordagem do campo, e que possibilitam o entendimento de como conduzir a dimensão da diferença empiricamente. Considerando que o campo, é o espaço em que essas mulheres definem um lugar de constituição subjetiva e objetiva de crenças, valores e comportamentos voltados ao universo da pesca.

Bauer e Gaskell (2002) exprimem que da relação "sujeito/objeto que brota da comparação da perspectiva do autor e da perspectiva do observador, dentro de um contexto mais amplo, surge a pergunta: como os acontecimentos se relacionam às pessoas que os experienciam?" (Bauer e Gaskell, 2002, p. 20). Sendo assim, percebendo o lugar de fala das pescadoras e, partindo desse propósito, este estudo procura dar voz às mulheres. Digo: contemplar as suas falas! Não falar por elas! O

meu olhar de pesquisadora, é um olhar de observação, mas é também um olhar de “escuta” que em um movimento de sincronização sustenta as palavras que aqui escrevo. E como já mencionado, a todo momento eu me cobro no sentido de ter consciência no tocante à seriedade daquilo que estou escrevendo. Nisso consiste o cuidado no sentido de autorizar ou desautorizar o discurso de alguém, conforme nos alerta Linda Alcoff (1991-1992), acerca do problema de falar pelos outros, em questão nesta pesquisa, as narrativas das mulheres pescadoras. Concordo com seus alertas, analíticos e reflexivos, no sentido de que falar em nome dos outros (Alcoff, 1991-1992, p. 6) pode ser “arrogante, vaidoso, antiético e politicamente ilegítimo”, e, por essa razão, empenho-me para não cometer esse erro fazendo dessa pesquisa um estudo politicamente ilegítimo.

Mesmo porque, a intenção desta pesquisa não é falar em nome das mulheres pescadoras, silenciando-as de alguma forma. Mas sim, literalmente, abrir caminhos de possibilidades para que as suas **vozes sejam ouvidas**. Por esse motivo é que em vários momentos deste trabalho as suas falas ecoam, dando visibilidade, por intermédio das palavras, às suas narrativas. Esse pensamento é enfatizado na ressalva de:

[...]que tanto o estudo quanto a defesa dos oprimidos devem ser realizados principalmente pelos próprios oprimidos, e que devemos finalmente reconhecer que divergências sistemáticas na localização social entre os falantes e aqueles pelos quais se fala terão um efeito significativo no conteúdo do que é dito (Alcoff, 1991-1992, p. 7).

Ao conteúdo dessa discussão, existe um movimento e envolvimento de falar *por e sobre outro* e o *eu*, que não deve ser entendido e nem interpretado como se fosse uma escolha individual em relação às próprias práticas discursivas. Este é um problema social, em que as opções que estão disponíveis são socialmente construídas. A vista disso, não podemos considerar as práticas as quais nos envolvemos como resultado de escolhas individuais e autônomas (Alcoff, 1991-1992). As opções que estão disponíveis para as mulheres pescadoras em uma comunidade pesqueira, caiçara e de tradição, são as opções socialmente construídas. Isto dito, é fato que o *socialmente construído*, não são escolhas individuais e autônomas, mas, sim, substanciado por um sistema simbólico masculino que estabelece os “lugares” dessas mulheres, na comunidade pesqueira, dentro de uma perspectiva de sexo/gênero (Rubin, 1998). E nesse universo da pesca

elas lutam a fim de alcançar olhares, que não o delas, que “as enxerguem” enquanto pescadoras.

Diante disso, são as suas narrativas que trazem à tona como essas mulheres constroem as suas possibilidades de agência. Os escritos de Archer (2000) sobre a questão de agência, ressaltam que o problema central ao se teorizar sobre agência diz respeito a como conceituar o agente humano como alguém que é parcialmente formado por sua socialidade, mas que também tem a capacidade de transformar parcialmente sua sociedade. Seguindo uma perspectiva analítica de gênero a partir de uma abordagem feminista, debruçamo-nos metodologicamente ao desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa. Segundo Briceño-León (2003, p.157), “[...] Toda a ciência é qualitativa, no sentido que pretende estabelecer uma qualidade a um objeto de estudo ao reproduzi-lo ou reconstruí-lo, ao explicá-lo ou compreendê-lo”. Na investigação qualitativa o tempo é aberto e todo o tempo é tempo de coleta de informações (Briceño-León, 2003). Bauer e Gaskell (2002) explicam que tradicionalmente, a pesquisa qualitativa foi considerada apenas no estágio exploratório do processo de pesquisa, cuja finalidade era de explorar distinções qualitativas, com o objetivo de desenvolver mensurações, e também proporcionar uma certa sensibilidade com o campo, mas que formulações mais recentes atribuem à investigação qualitativa a análise dos dados levantados, a interpretação com observações para guiar a análise dos dados levantados, ou para fundamentar a interpretação com observações mais detalhadas. Chamam a atenção, voltada à credibilidade e autonomia da pesquisa qualitativa, à necessidade de procedimentos e padrões claros para identificar uma boa prática de uma prática ruim, seja através de exemplos seja através de critérios abstratos.

Desse modo, interagindo com os sujeitos que compõem o objeto investigado, aprofunda-se um estudo no que tange as significações, as motivações, as aspirações, as dinâmicas, as crenças e os valores das mulheres pescadoras. Ademais, os dados não falam sozinhos, requerem uma interpretação que alude a uma teoria, no caso desta tese, as teorias de gênero. Construimos, por intermédio das vias aqui propostas, os caminhos para a construção do tema, “*Sou pescadora, sim*”. “Estes caminhos de aproximação sempre são estradas por onde passam as linhas teóricas e as abordagens da realidade, seja pela experimentação, seja pela observação: são os métodos. Não é possível fazer ciência sem método” (Minayo, 2002, p.19).

Preciso enfatizar sobre a realização dos encontros sempre bem documentados em relação à coleta de dados. Melhor dizendo, os encontros, sem exceção, gravados com a autorização plena das pescadoras, e junto ao gravador a agenda como tópico guia para monitorar as perguntas elaboradas para aquele encontro, considerando sempre as flexibilidades, como nos sugere Bauer e Gaskell (2002):

Nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada [...] O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram. Assume-se que essas construções constituem a realidade essencial das pessoas, seu mundo vivencial. O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes e o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (BAUER; Gaskell, 2002, p.65).

O(a) pesquisador(a) no decorrer desse processo de experiências voltadas à pesquisa de campo, seja no exercício da escuta, da observação, da formulação de perguntas em relação ao estar em campo e ao escrever sobre ele, reflete sobre os impactos subjetivos que podem gerar, por vezes, dúvidas visto que o(a) pesquisador(a) enfrenta nesse processo o estranhamento, o qual é parte constituinte na construção do seu objeto de pesquisa. Esse processo de estranhamento afirma, no contexto das experiências que o(a) pesquisador(a) deve experimentar, outra condição de ser; o que significa não virar o outro, mas experimentar a sua lógica. Ademais da experiência que é trilhada na pesquisa de campo surgem desafios, dentre eles os que se elevam no desenvolver da pesquisa e da escrita. Dito de outra forma, os desafios na experiência da pesquisadora e, à vista disso, da escritora. Anzaldúa (2000), salienta que é preciso confrontar nossas próprias limitações. Respondendo aos porquês que estão inseridos nos questionamentos e expectativas que a levam a escrever, ressalta:

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre

ocê. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Assim, enquanto pesquisadora, dentre os diferentes movimentos que circundam o campo, não há como “fugir” dos desafios. Entretanto, é possível encará-los como obstáculos a serem sobrepujados. *Eis o meu propósito*. Seguindo nessa linha de pensamento, concordo com Bonetti e Fleischer (2006) quando expõem que o campo representa uma oportunidade em que vivenciar a experiência da pesquisa de campo, causa um impacto subjetivo. Esse impacto pode estar voltado à insegurança que substancia a forma como o(a) pesquisador(a) vai se “comportar” quando busca interagir com os sujeitos da pesquisa, pois essa interação envolve o compreender e o entender tanto os sujeitos quanto o universo de estudo em que se encontram, em questão, nesta tese, o universo da pesca.

Relevante é quando Minayo (2002, p. 83 - 84) ressalta o pensamento de Gadamer (1999) no que concerne a perspectiva hermenêutica compreender: “jamais é apenas um comportamento subjetivo frente ao objeto dado, esse movimento pertence ao ser daquilo que é compreendido”. Esse compreender também envolve um exercício de negação, nesse sentido:

[...] compreender não é contemplar, pois a auto - alienação na contemplação não aproxima o investigador da realidade histórica e, da mesma forma, acrescenta que compreender não é meramente captar a vontade ou os planos que as pessoas fazem, pois nem o sujeito se esgota na conjuntura em que vive, nem o que ele chegou a ser foi apenas fruto de sua vontade, inteligência e personalidade. (Gadamer, 1999, p. 287, apud Minayo, 2002, p. 84).

Essas constatações demonstram que a pesquisa de campo não é uma tarefa fácil, na qual os passos que nutrem a pesquisa acontecem de forma naturalmente tranquila. Há, no desencadear desse processo, as “saias justas” que paradoxalmente causam uma certa insegurança, mas também proporcionam o aprendizado, a sensibilização e a superação (Bonetti; Fleischer, 2006).

1.2 O CAMPO E A PESQUISA

Gostaria de elucidar, tendo em mente a importância desse aprendizado, alguns pontos que avivam os encontros e, por conseguinte, a interação com as mulheres pescadoras. Como já dito, o interesse que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa de doutorado começou com as falas das mulheres das comunidade pesqueira da cidade de Matinhos, que se reconheciam pescadoras. Este fato ocorreu durante as entrevistas que foram realizadas para o trabalho da dissertação de mestrado. Voltados para esta respectiva pesquisa da dissertação, foram dois meses, maio e junho de 2018, em que os finais de semana eram reservados para os encontros com os pescadores, e que a presença das mulheres pescadoras se fazia marcante. Ademais, considero relevante acrescentar que as aulas ministradas nos módulos do mestrado em relação à construção de saberes voltados aos contextos que refletem questões sobre a Educação nas Ciências Ambientais, às quais me levaram a conhecer as comunidades da pesca artesanal caiçara, dentre elas a de Matinhos, contribuíram e substanciam o trabalho de campo, para o doutorado. Acredito que todas essas partes foram expressivas para o todo. Ou seja, marcaram a minha entrada em campo.

Embora já tivesse tido essa proximidade com os pescadores homens das comunidades supracitadas, houve um processo de interação que intermediou a minha trajetória a campo antes dos primeiros encontros com as mulheres pescadoras. O que quero dizer é que houve algumas conversas que antecederam e que foram precisas para realização da pesquisa. Estas conversas ocorreram por contatos com uma amiga, professora, que é casada com um dos pescadores que faz parte da comunidade pesqueira da cidade de Matinhos, o pescador z. Este pescador, por sua vez, é primo do pescador que desempenha as funções de líder nesta comunidade, citado já nos escritos deste trabalho como o pescador x.

Assim, minha amiga, que identificarei como Gina, conversou com seu marido, o pescador z, e explicou sobre meu interesse em realizar uma pesquisa com as mulheres pescadoras da comunidade. Considero importante ressaltar que esta amiga professora, ministra aulas em uma escola municipal, na cidade de Matinhos, para alunos e alunas que são na sua maioria filhos e filhas de pescadores artesanais caiçara. Nesse trâmite, há todo um movimento de significados que envolve o mundo da pesca. Foi nesse movimento que se estabeleceu a conexão entre mim, minha

amiga professora, o pescador - marido dessa amiga e primo do líder da comunidade pesqueira. Um ponto importante que merece ser ressaltado, diz respeito ao posicionamento do pescador z em relação às mulheres da comunidade pesqueira, que no desempenho das suas funções - descascar camarão, filetar peixes dentre outras que exercem na pesca, como costurar as redes, por exemplo, são por este pescador consideradas como mulheres pescadoras. O pescador z foi o único, entre os demais pescadores homens, a reconhecer as mulheres como pescadoras.

A pretensão da minha pesquisa passou, então, por essa interação e foi assim repassada para o líder da comunidade, ou seja, o pescador x, que autorizou as entrevistas com as mulheres que trabalham no mercado de peixes. Foi necessário contactar com esse pescador x para pedir autorização para entrevistar as mulheres pescadoras, visto que é ele que administra o trabalho dessas mulheres na sala da limpa de camarões e na limpa dos peixes. Neste seguimento, antes de iniciar as entrevistas com as mulheres pescadoras, tive uma experiência de campo, no dia 8 de maio de 2021, com o pescador x, justamente para expor o meu interesse em desenvolver essa pesquisa com mulheres que se declaram pescadoras.

Nesse encontro com o pescador x, outros pescadores homens estavam presentes. Foi então que aproveitei para retomar algumas perguntas que já haviam sido feitas nas entrevistas quando estava desenvolvendo a dissertação de mestrado. Como, por exemplo: *Qual é o sentido, qual é a representação das mulheres na pesca?* A resposta para essa pergunta foi:

Tem duzentas e cinquenta pescadores que pescam mesmo. Os homem que pescam aqui. E daí tem mais o total, dá seiscentas pessoas que dependem direta e indiretamente da pesca, como as descascadeiras de camarão (pescador x).

O teor provocativo contido nesta resposta bem como em outras respostas dos pescadores homens que seguem essa direção, em confronto com a afirmativa das mulheres que reconhecem pescadoras, foram os movimentos que instigaram o meu reencontro nesse campo de pesquisa.

Dessa forma, no dia 15 de maio de 2021, foi realizada a primeira conversa exploratória, centrada para este estudo, com mulheres pescadoras da comunidade pesqueira – pesca artesanal, na cidade de Matinhos, no litoral do Paraná, que trabalham no Mercado de peixe da respectiva cidade. Das mulheres que integram a comunidade pesqueira da cidade de Matinhos e trabalham no mercado de peixe, dez mulheres desempenham funções da venda dos produtos nas bancas do mercado,

outras mulheres trabalham no descasque e limpa dos camarões, há uma variação no número de mulheres que trabalham no descasque de camarão e que será melhor explicado adiante, e uma mulher limpa e fileta os peixes. No primeiro contato houve uma interação breve com precisamente dez mulheres. Posso dizer que com as dez mulheres foi mais uma apresentação, enquanto pesquisadora, dando ênfase ao meu interesse em desenvolver uma pesquisa sobre mulheres na pesca. Entretanto, conversei, de forma mais prolongada e proveitosa em relação à pesquisa, apenas com cinco mulheres que trabalham na limpa do camarão. Devido a intensa correria rotineira que envolve a limpa e a venda dos peixes e do camarão, foram apenas essas cinco mulheres que, neste dia, conseguiram me conceder uma entrevista em grupo.

Na sequência do que está sendo exposto, o meu desejo era que esse encontro não fosse marcado por um distanciamento entre pesquisadora e as interlocutoras da pesquisa, visto que considero relevante uma aproximação natural ao objeto de estudo. Nas palavras de Briceño-León (2003, p.161): “não se pode elaborar muito a estratégia da investigação, pois esta perderia a flexibilidade e a abertura que são a sua força”. Dessa forma, a entrevista em grupo não ocorreu por meio de um questionário e sim por uma conversa informal, na qual as mulheres retrataram, um pouco, sobre as suas experiências na pesca. Refiro-me ao termo informal, por ter sido realmente uma conversa descontraída com as pescadoras. A minha intenção é que houvesse, nesse momento, um encontro que fosse substanciado pelo “*sentir-se à vontade*”. Tanto da minha parte para com as mulheres pescadoras quanto da parte das pescadoras para comigo. E posso dizer que o conhecimento desse encontro, que também se estendeu para os demais, foi gerado por intermédio de uma atenção (Ingold, 2020). O que quero ressaltar é que a atenção que fundamentou todos os encontros, aconteceu em movimentos que refletem o sentido do falar voltado às pescadoras e o sentido do ouvir voltado à pesquisadora.

À luz das explicações, durante os encontros, debruçei-me a vivenciar e compartilhar as experiências dessas mulheres pescadoras seguindo-as no trabalho que realizam e que contribui para manter as especificidades de uma comunidade pesqueira artesanal. Para ser mais exata nas referenciadas explicações, o primeiro contato, no dia 15 de maio de 2021, permitiu-me estar com elas das 8h00 às 16h00. Por intermédio desse encontro, às narrativas das mulheres, despertaram indagações e deram ênfase para o início da construção da respectiva tese. A conversa

oportunizou, sem dúvida, uma abertura que alicerçada pela flexibilidade, marcou o primeiro contato e a minha aproximação com as mulheres pescadoras.

Entretanto, observar, escutar e vislumbrar junto às pescadoras os passos desta pesquisa de campo, levou-me a considerar o que colocam Bauer e Gaskell (2002):

Uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muitos métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica. A investigação da ação empírica exige a) a observação sistemática dos acontecimentos; inferir os sentidos desses acontecimentos das auto-observações dos atores e dos espectadores exige b) técnicas de entrevista; e a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e espectadores exige c) uma análise sistemática. (Bauer; Gaskell, 2002, p.18-19).

Dado esses pontos, enquanto substanciais, o segundo encontro ocorreu no dia 27 de maio de 2023. Esse intervalo de dois anos entre a primeira saída para pesquisa de campo e outras ocorreu devido à dedicação ao término dos créditos exigidos pelo doutorado, além das leituras necessárias para a revisão de literatura. Enfim, o aprofundar-me nas responsabilidades que integram esse processo de aprendizagem. Além desse fator, outro motivo que contribuiu para o intervalo entre os encontros foi o Período de Defeso, no qual a atividade pesqueira do camarão é proibida para a preservação da espécie.

Após esse intervalo, com um referencial teórico voltado à investigação, retornei ao campo de pesquisa. Deixo claro, porém, que esse intervalo da investigação não significou ter-me distanciado por completo das mulheres pescadoras. Sempre que procurava saber notícias sobre as pescadoras no sentido de inteirar-me, havia uma forma de intermeio, por pessoas conhecidas que me mantinham a par das pescadoras e desse universo da pesca. Dentre elas, a amiga professora que é esposa de um pescador da comunidade de Matinhos, como já mencionei. Faço minhas as palavras que referencio a seguir: "Um objetivo importante do pesquisador qualitativo é que ele se torna capaz de ver "através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados" (Bryman, 1988, p. 61, apud Bauer; Gaskell, 2002, p.31).

Confesso que o segundo encontro com as pescadoras foi substanciado por emoções, senti saudade. E foi recíproco. Parecia que me aguardavam para falar, falar, falar... A experiência empírica envolve a entrega, o afeto como pontos fundamentais, assim como a tradução dessa experiência de campo em que consiste as análises após o contato com o outro. Significativa é, tal como afirma Bauer;

Gaskell (2001), a posição de Habermas (1987), ao salientar que não só para a ciência, mas para que qualquer prática social aconteça é imprescindível que haja compreensão intersubjetiva, e que seja confiável, na prática da linguagem comum. Bauer e Gaskell, usufruindo da citação Berger e Luckmann (1979) e Luckmann, (1995), refletem que:

O mundo, como o conhecemos e o experienciamos, isto é, o mundo representado e não o mundo em si mesmo, é constituído através de processos de comunicação. A pesquisa social, portanto, apoia-se em dados sociais – dados sobre o mundo social – são o resultado e são constituídos nos processos de comunicação[...] Tal tipo de enfoque defende que é necessária compreender as interpretações que os atores sociais possuem do mundo, pois são estes que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social. (BAUER; GASKELL, 2002, p.20 e 31).

Na sala da limpa do camarão, o segundo encontro foi realizado com cinco pescadoras e três adolescentes, netas e filhas das pescadoras que ali estavam, executando também a função de limpar camarão. Novos olhares, novas sujeitas, novas questões foram abordadas. Salientando que as perguntas foram pensadas a fim de que fossem bem elaboradas e adequadas para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa. Minayo salienta que:

Quando o pesquisador se move da teoria que fundamenta sua investigação para a seleção de métodos, ele passa a trabalhar na atividade de pesquisa propriamente dita, na qual será levado a delinear as técnicas e todos os outros instrumentos operacionais que possam contribuir para a construção e a validação do conhecimento. (MINAYO, 2002, p.22).

Ademais a autora acrescenta ser um erro comum tratar questões teórico-epistemológicas separadamente dos instrumentos operacionais necessários à realização da pesquisa.

Dando continuidade à pesquisa em grupo, no dia 6 de junho de 2023, ocorreu nosso terceiro encontro. Desta vez, estavam presentes seis pescadoras, mas não as netas e as filhas. Entre as seis mulheres que seriam entrevistadas, havia uma pescadora surda, o que fazia com que sua voz quase não fosse ouvida. Para facilitar a comunicação, tentei interagir posicionando-me de frente para ela, permitindo que fizesse a leitura dos meus lábios. Perguntei pouco, devido à dificuldade tanto minha quanto dela. Encontrei-me, aqui, em uma das situações de “saias justas” (Bonetti; Fleischer, 2006). Perguntas, somente com esta pescadora, foram objetivas, curtas como, por exemplo, se gostava do trabalho que fazia, se gostava de estar ali. As respostas, por sua vez, também eram afirmativas ou negativas. Um ponto interessante a esse respeito, é que as demais pescadoras buscavam ajudar-me na

comunicação e, nesse sentido, de uma forma ou de outra consegui interagir com essa pescadora.

Quero enfatizar que quando eu passo para o papel o que vivencio com as pescadoras no teor dessas entrevistas, posso dizer que cada encontro é único. Não me refiro com isso a que tudo seja inovador. As falas repetem alguns pontos que, para elas, são significativos. Sejam estes positivos, no sentido de conquistas ou negativos, voltados aos percalços nas suas “buscas” em relação ao reconhecimento. Para mim, as narrativas de suas experiências refletem-se em um aprendizado relevante, merecedor de reconhecimento a fazer parte de estudos do mundo acadêmico. Visto que este trabalho assume uma posição analítica uma vez que se volta a entender as dinâmicas e estratégias de afirmação, apropriação e conflito que substanciam as experiências dessas mulheres que se dizem pescadoras.

No dia 13 de junho de 2023, realizei uma entrevista com uma pescadora, mas em um local diferente da sala de camarão, no mercado de matinhos. Desta vez a entrevista seria direcionada a pescadoras embarcadas, moradoras na baía de Guaratuba, sentido Cabaraquara. Eu me desloquei, nesse dia, para encontrar uma das pescadoras embarcadas. As pescadoras embarcadas, são conhecidas pelos pescadores e pescadoras da comunidade de Matinhos, como “as Marias”. A razão dessa denominação é que as pescadoras que ali moram fazem parte de uma grande família de pescadores que praticamente foram os primeiros a popularizar Cabaraquara. Maria era o nome da mãe, já falecida, de uma das duas pescadoras que aceitaram ser entrevistadas. As duas pescadoras são primas, e vizinhas. Moram beirando a baía. Entretanto, por motivo das suas atividades na pesca, as entrevistas com elas aconteceram em dias diferentes. A entrevista com a primeira pescadora embarcada foi em sua casa, cujas perguntas direcionadas para esta entrevista individual, foram as mesmas que foram trabalhadas na entrevista em grupo com as pescadoras da sala de camarão. Posso dizer que foi para mim tão gratificante quanto os meus encontros com as pescadoras da sala de camarão. Pois cada pergunta representa, no decorrer das respostas, um aprendizado a mais.

No dia 23 de junho de 2023, ocorreu o quarto encontro. Novamente surpresas. Havia na sala de camarão, somente uma pescadora. Nesse período é a época da pesca da tainha e, por essa razão, a pesca do camarão não acontece como de costume. Digo, na mesma quantidade – é praticamente o início da proibição da pesca de camarão. Assim, o camarão que havia sido pescado, em sua pequena

quantidade, bastava uma pescadora para dar conta de limpá-lo. Mas as surpresas desta minha ida até Matinhos não ocorreram porque encontrei somente uma pescadora na sala da limpa de camarão. Mas porque conversei com a **única pescadora** que fica na sala da limpa de peixe, sendo este um lugar destinado para os **pescadores homens**. Essa pescadora, entretanto, aos olhos dos pescadores, não era uma mulher. Melhor dizendo, ela não trazia em seu “jeitão” e não correspondia à sua aparência física, as características que os pescadores atribuem para considerá-la, assim, uma mulher. Discutirei mais sobre essas” **características**” adiante (grifos meus). Retomando sobre o meu entusiasmo nesse encontro com as mulheres pescadoras, este se deu porque foi desta vez que Cida me concedeu a entrevista. Foi uma entrevista difícil de acontecer, desde o primeiro encontro. A dificuldade a que me refiro, é que sempre que tentava conversar com essa pescadora, ela dava um jeito de “fugir” da entrevista. As suas desculpas eram reduzidas à uma frase “Ih...venha outro dia, hoje estou muito ocupada”. Mas nesse dia, nesse encontro, ela concordou e permitiu que eu a entrevistasse. Quando terminei de entrevistá-la, retornei até a sala da limpa de camarão e lá estavam mais duas pescadoras além daquela que se encontrava, no início deste encontro, descascando camarão. E, dessa forma, foi possível realizar a entrevista com quatro pescadoras, três na sala do camarão e uma na sala da limpa de peixe.

Dia 04 de julho de 2023, entrei em contato com duas pescadoras, individualmente, pelo whatsapp. O contato pelo whatsapp foi em forma de vídeo, e ocorreu dessa maneira pelo fato da pesca de camarão ter diminuído, e por essa razão não estarem indo para o mercado de peixe. A duração das entrevistas foi de aproximadamente 30 minutos com cada pescadora. Na verdade elas falaram mais do que perguntei. Ou seja, deixei-as à vontade, sem muita interrupção. Acredito que por termos criado um certo vínculo, essa proximidade possibilitou que elas depositassem em mim uma certa confiança a ponto de não se sentirem mais inibidas para falar o que desejavam e que eu estivesse atenciosamente pronta para ouvir. E assim nessa conversa elas retomaram pontos importantes de como começaram na pesca; o tempo delas na pesca; sobre a aposentadoria e sobre os familiares que fazem parte da pesca. Gravei as conversas e as transcrevi.

Retornei, no dia 28 de julho de 2023, para entrevistar novamente a pescadora embarcada com quem tinha encontrado no dia 13 de junho de 2023. Dia este marcado por ela, pois devido aos seus compromissos com a pesca, foi nesse dia

que pode me receber em sua casa para a respectiva entrevista. Nessa entrevista, Nena me levou para conhecer todo o terreno que faz parte da sua casa. Mostrou-me parte do mangue, o local onde é feito a defumação do peixe. Aprendi sobre essa técnica. Levou-me, também, para conhecer mais canoas, que pertencem a ela e ao irmão e que estavam atracadas na areia, próxima ao mangue; mais redes, cestos, enfim, todo um arsenal que tem muito mais do que um sentido material. Representam evidências de uma dedicação à atividade pesqueira. Nesse sentido, tanto a demonstração dos materiais da pesca quanto as outras partes do terreno propiciaram que me contasse mais sobre as suas experiências. Permitiu-me, também, no decorrer da entrevista, por intermédio de uma autorização por escrito, que eu tirasse fotos, a meu pedido, pois além das conversas gravadas e anotações, as fotos marcam e concretizam os momentos em que me inclino às possibilidades de visibilizar às mulheres pescadoras.

Dia 01 de agosto de 2023, realizei a entrevista com a outra pescadora embarcada, prima e vizinha, como já mencionado, da primeira pescadora embarcada entrevistada. Como aconteceu com a primeira pescadora embarcada que entrevistei, em sua casa, este encontro ocorreu na casa desta segunda pescadora entrevistada. Muita emoção e ansiedade nessa entrevista. A impressão que passava é que o tempo era pouco para tudo que queria me contar sobre a pesca como significante na história da sua vida. Durante a entrevista, por duas vezes me levou até o mar, para mostrar o seu barco, o lugar onde pesca, as redes...e a conversa continuava sendo gravada. O trajeto era, sair pela porta da cozinha, caminhar uns 50 metros em uma ponte de madeira, descer quinze degraus de escada, feitos de madeira, e estamos na areia frente ao mar. Para tudo que me mostrava referente à pesca, ela dizia: “tudo isso é muito importante. Significa muito pra minha vida”. Tiramos algumas fotos, mas fiquei de voltar outro dia pois já estava se aproximando da hora do almoço, e a pescadora tinha os seus compromissos com os familiares. Encerramos, assim, a entrevista com o combinado de retornar.

Considero importante ressaltar, o que já havia mencionado, que a direção tomada para as perguntas com as pescadoras embarcadas, seguiu o mesmo roteiro que foi traçado para as entrevistas em grupo com as pescadoras de Matinhos. O que não significa dizer que as respostas tenham seguido, todas, o mesmo rumo. Já mencionei, mas reitero, que para cada entrevista, em cada encontro, um novo aprendizado. Em relação às respostas, há sem dúvida, pontos de convergência que

as aproximavam. Há, porém, momentos que são ímpares. Sempre com algum acréscimo singular. Pois esta pesquisa, se volta, para mulheres pescadoras, cada qual com experiências diferenciadas. Não posso, contudo, deixar de sublinhar um ponto que se fez presente e marcante entre as pescadoras, sejam as descascadeiras, seja a fileteira, sejam as embarcadas. É que conforme elas interagem com as perguntas e as respostas, estas se transformavam, e moldavam-se, em suas histórias de vida, distanciando-se, dessa forma, de **uma narrativa essencialista**.

Apresento agora, com os seus nomes fictícios, as pescadoras com as quais convivi durante os encontros. **Pescadora Lola**, viúva de pescador, é também mãe, avó e bisavó de pescadores e pescadoras; **pescadora Telma**, é filha, mulher, mãe de pescadores; **pescadora Sofia**, viúva do primeiro marido, um pescador e casada, pela segunda vez, também com um pescador, tem, do primeiro casamento, um filho na pesca; **pescadora Nunes** é filha de pescadores, é mãe e sogra de pescador e pescadora; **pescadora Lina** é filha de pescadora, e mãe de pescador; **pescadora Zaira** é filha de pescadores; **pescadora Silvia**, além da mãe pescadora, pai pescador, tem o marido, os irmãos, os tios, enfim a família toda é da pesca; **pescadora Fani** tem o marido e o filho pescadores; **pescadora Cida**, somente ela fazia parte da pesca; **pescadora Doroti**, viúva, somente ela trabalha na pesca; **pescadora Nena**, a mãe foi pescadora, o pai foi pescador, e o irmão é pescador; **pescadora Sara**, vem de uma de família de pescadores a partir dos avós maternos e paternos, tendo continuidade com a sua mãe, seu pai, marido e os dois filhos.

Esclareço que dentre essas doze pescadoras, pude seguir a pesquisa com dez pescadoras. As pescadoras Doroti e Fani, não quiseram dar continuidade às entrevistas. A pescadora Doroti, em conversa intermediada pela pescadora Nunes, apresentou uma certa insatisfação em continuar fazendo parte das entrevistas. Segui com uma certa insistência para que Doroti não desistisse. Perguntei, sempre intermediada pela pescadora Nunes, se poderíamos tentar por outros caminhos, que Doroti poderia sugerir, para que ela continuasse participando da pesquisa. Porém, não tive êxito. Respeitei a sua decisão. Em relação à pescadora Fani, estava presente na sala de camarão, em somente uma das minhas idas a campo. Entrei em contato com a respectiva pescadora para saber se poderia continuar com as entrevistas em outro local que fosse da sua preferência, como a sua residência, por exemplo. Mas a resposta de Fani foi negativa, e da mesma forma como agi com

Doroti, respeitei também o posicionamento de Fani. Segui, então, com a pesquisa entrevistando dez pescadoras.

A fim de propiciar uma maior proximidade entre os leitores e leitoras e as pescadoras, segue a tabela 1 com mais informações sobre elas. Neste quadro, Fani e Doroti estão ainda presentes.

TABELA 1 – Perfil das interlocutoras

Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Estado civil	Tempo de pesca	Aposentadas ou não pela pesca	Possui ou não Carteira de pescadora
Lola	70	Parda	Analfabeta	viúva	52 anos	Sim – mais de 10 anos pela pesca	Sim – pela colônia de pescadores há mais de 30 anos
Telma	67	Branca	Fundamental incompleto	Casada	60 anos	Sim – mas não pela pesca (autônoma)	Não
Sofia	49	Parda	Fundamental completo	Casada	10 anos	Não	Sim – pela associação de pescadora há 2 anos
Nunes	63	Branca	Fundamental completo	Casada	45 anos	Sim – pelo Estado	Não
Lina	55	Preta	Fundamental incompleto	Separada	48 anos	Não	Sim- pela colônia dos pescadores, há 13 anos
Zaira	45	Branca	Médio incompleto	Casada	10 anos	Não	Não
Silvia	49	Branca	Médio completo	Casada	40 anos	Não	Sim – pela colônia dos pescadores, há 20 anos
Fani	68	Parda	Fundamental incompleto	Casada	50 anos	Sim – mais de 10 anos pela pesca	Sim – pela colônia dos pescadores, há mais de 20 anos
Cida	65	Parda	Fundamental incompleto	Solteira	54 anos	Sim – mais de 10 anos, pela pesca	Sim – pela colônia, há mais de 30 anos
Doroti	66	Parda	Analfabeta	Viúva	10 anos	Pensionista do marido pescador	Não
Nena	54	Branca	Fundamental incompleto	Casada	44 anos	Não	Já teve, por mais de 20 anos. Hoje não tem mais
Sara	50	Branca	Fundamental	Casada	43 anos	Não	Não conseguiu fazer a carteira de pescadora

Há ainda algumas informações muito relevantes as quais fazem parte do contexto do campo e da pesquisa, e que ocorreram após a qualificação. Saliento que devido estar me dedicando à escrita da tese, não realizei mais encontros com as mulheres pescadoras durante o período que vai do mês de agosto de 2023 ao mês de setembro de 2024. Para ser mais exata, retornei a campo no dia 24 de outubro de 2024, quase um mês após a qualificação da tese, que ocorreu no dia 30 de setembro de 2024. O que não significa dizer que não estive em contato com as interlocutoras. Por vezes, conversei com as pescadoras. Essas conversas aconteceram ora por celular, ora trocando mensagens pelo Whatsapp. Mas neste último encontro, dia 24, que então estive com as descascadeiras de camarão, no mercado de peixes, em Matinhos, para abraçá-las, mostrar o rascunho do trabalho e agradecê-las por tudo, recebi uma notícia que me entristeceu profundamente. Perguntei onde estava a Cida, que ainda não havia visto, pois entre a sala de camarão e a sala da limpa dos peixes, há uma janelinha que dava para ver a Cida e, nos encontros passados, eu sempre a avistava nessa janelinha. Foi quando Lola, Nunes e Lina falaram, quase juntas: “ a Cida faleceu”. Na hora, o susto foi tão grande, mas tão grande, que eu emudeci. Literalmente, fiquei sem palavras.

Cida faleceu no dia 1 de agosto de 2024. Ela estava com câncer. Em nenhum momento quando a entrevistei, no dia 23 de junho de 2023, ela comentou sobre a doença. O que me disse é que havia sido internada por algum tempo, e que os pescadores e pescadoras fizeram “uma vaquinha” para ajudar nas despesas com os medicamentos. Entretanto, nesse período dos encontros com as pescadoras, Cida já estava bem doente. Tanto é, que depois de um ano da realização das entrevistas, Cida *nos deixou*. Perguntei à Lola, à Nunes e à Lina o porquê de não terem me avisado sobre o falecimento de Cida, quando conversamos pelo celular e, ou trocando mensagens pelo whatsapp, elas me responderam: “ A gente achava que você já sabia, Índia”. E no desenvolver das funções que Cida desempenhava, ou seja, limpar e filetar os peixes, hoje estão dois pescadores homens. Não me contive, no sentido de uma curiosidade provocativa, em querer saber desses pescadores se outra mulher pescadora assumiria as funções que Cida desempenhava, e a resposta foi: “ Não, agora não tem mais ninguém além de nós, porque **mulher** aqui é perigoso. O serviço de manejo com o facão”, é só pros pescador” (pescador x) (grifo meu). Considero oportuno trazer para esse momento a fala do pescador z que embora mantenha em muitos aspectos o olhar da tradição caiçara, foi o único, como mencionei, que

confrontou o posicionamento dos demais pescadores ao dizer que considera as mulheres que desempenham funções ligadas à pesca, como pescadoras. Sejam estas no descasque de camarão, no filetar dos peixes, enfim. E durante as entrevistas em que ele esteve presente, ou seja, no dia 8 de maio de 2021, este pescador se referiu-se a Cida da seguinte maneira:

Sim, ela é uma pescadora. Por mais que ela não seja embarcada, mas ela lutou a vida inteira no pescado, limpou e filetou peixe. Ela conhece todo tipo de peixe, ela limpa peixe como ninguém. Se me perguntarem se ela é uma pescadora, eu vou dizer na minha opinião que sim, ela é uma pescadora. Por mais que ela não foi puxar rede em alto mar, mas ficou a vida inteira ali na praia lidando com peixe.

O que posso dizer é que Cida marcou o mundo da pesca quando tornou realidade que uma mulher ocupasse um lugar e desempenhasse atividades que, de acordo com a tradição da pesca artesanal caiçara, é destinada aos pescadores homens¹².

Por isso e por tudo que realizou, *enquanto mulher entre as mulheres que se firmou e se reconheceu pescadora*, você deixa saudades! E de acordo com as suas palavras no decorrer das entrevistas: **“Mais eu não largo da pesca. Ah eu não largo. É daqui pro cemitério. É daqui pro cemitério”**.

Fotografia 1 – in memoriam



Fonte: a autora (2023)

¹² Mantive a temporalidade das falas de Cida e das entrevistas, no seu tempo. Assim, as falas de Cida, enquanto interlocutora desta pesquisa, seguem no contexto desse trabalho.

Em relação às pescadoras embarcadas, reencontrei-as no dia 20 de janeiro de 2025. Mas afirmo, da mesma forma que já o fiz, que não estive ausente nesse meio tempo, visto que conversávamos pelo whatsapp. Nesse encontro levei a tese para que elas visualizassem o trabalho escrito, as fotos e a repercussão foi uma das melhores possíveis. Primeiro conversei com Nena, que foi só carinho para comigo. Olhando os escritos da tese e as fotos, disse-me: “Índia, que maravilha. Você está mostrando o nosso trabalho. Você mora aqui oh, no meu coração”. Perguntei à Nena se Sara estava em casa, pois como revelado, Nena e Sara são primas e vizinhas. Nena confirmando que Sara estava em casa, já foi me abraçando e dizendo que me levaria até a casa de Sara. Na porta da casa de Sara, Nena já foi se despedindo, pois tinha que preparar o jantar, visto que já passavam das 19:00 horas. Devido a alguns compromissos, eu cheguei à casa de Nena às 18:00 horas. Mas já havia avisado, um dia antes por celular, que só poderia ir até a sua casa esse horário. Perguntei se não haveria problemas, ela me respondeu que estaria tranquilo tanto para ela quanto para Sara. E assim foi feito.

Quando cheguei na casa de Sara, a abracei, conversamos um pouco e eu lhe entreguei a tese. Eu havia impresso uma cópia da tese para Nena e para Sara, que ficou também muito empolgada quando pegou os escritos em suas mãos. Não sabia como agradecer. Desfolhando a tese e olhando as fotos, falou: “ Ah Índia, só você, só você”. Nesse dia, a neta de Sara, que tem 13 anos, estava na casa da avó. E teve curiosidade de ver o trabalho em que a vó Sara, com outras mulheres pescadoras, eram as interlocutoras. Atenciosa vendo o trabalho sobre as mulheres pescadoras, ela comentou: “ quando eu crescer quero ser bióloga, e também quero fazer um trabalho com a minha vó”. No desenvolver da conversa Sara entonou a voz e disse: “Índia, desse domingo não passa. Nós vamos sair de barco. Vou te levar pra ver o que faço com a tarrafa, com a vara de pescar, molinete, e você também vai pescar comigo”. A partir desse momento, eu é que demonstrei toda uma empolgação. Afinal, tudo teria a experiência da primeira vez. Ou seja, iria vê-la pescar, embarcada, e seria a minha primeira vez, literalmente, a minha primeira vez pescando como também saindo ao mar para pescar. Posso dizer, assim, que foi essa uma grande aventura de campo. Melhor dizendo, as grandes aventuras que o campo nos revela, como mencionam Bonetti e Fleischer (2006). Porém, novamente esta “saída para o mar” com Sara, não se realizou. Sara pediu mil desculpas, mas os compromissos com a pesca esportiva não lhe permitiram mostrar-me as suas habilidades enquanto

pescadora embarcada. Mas esse fato não me chateou. Pois entendi perfeitamente que Sara, enquanto pescadora, é muito compromissada. E mais uma vez agradei pela forma que demonstrou consideração por mim, visto que Sara sentiu a necessidade de me ligar, explicar o acontecido e pedir desculpas. Por estes gestos é que posso dizer que o contato entre pesquisadora e pescadoras se energizou, de forma positiva, transformando-se em laços de amizade.

1.3 DO ESPAÇO DAS PESCADORAS EMERGE O CAMPO DA PESQUISA

MAPA 1: País – Brasil



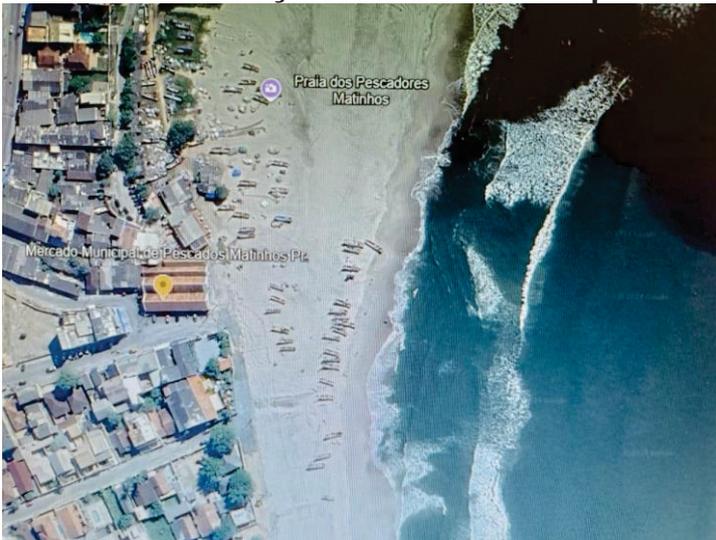
Fonte: Google Earth

MAPA 2: estado - Paraná



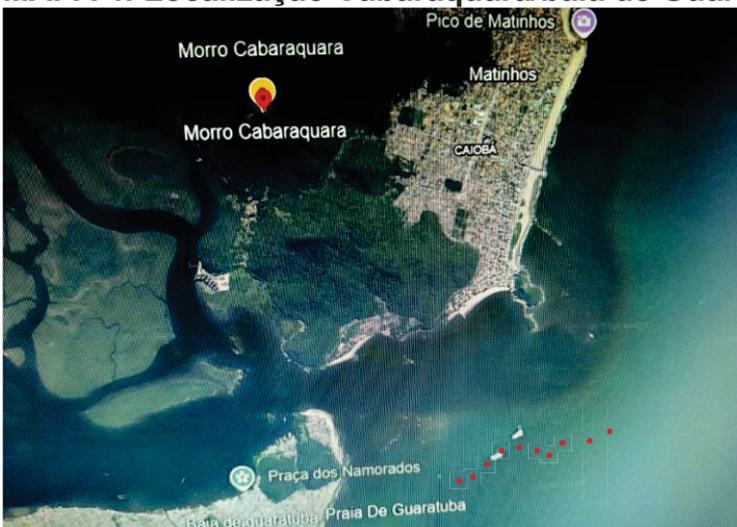
Fonte: Google Earth

MAPA 3: Localização do Mercado dos peixes/Matinhos



Fonte: Google Earth

MAPA 4: Localização Cabaraquara/baía de Guaratuba



Fonte: Google Earth

- Local onde ficam as casas das pescadoras embarcadas

As figuras 1 e 2, respectivamente, correspondem ao mapa do país, Brasil e ao mapa do estado do Paraná, em que as mulheres pescadoras vivem. As figuras 3 e 4, permitem proporcionar ao(a) leitor(a) uma visão geográfica do espaço onde as mulheres, interlocutoras desta pesquisa, reconhecem-se pescadoras. Assim, a figura 3 mostra onde fica situado o Mercado do Peixe, na praia conhecida como praia dos pescadores, na cidade de Matinhos, no litoral do Paraná. É neste espaço que ficam as salas onde as mulheres realizam as suas funções, melhor dizendo, descascam e limpam os camarões e os peixes para serem vendidos no respectivo Mercado de

peixe. A figura 4, que mostra a baía de Guaratuba, e o morro de Cabaraquara, no litoral do Paraná, é onde se localiza as casas em que residem as duas pescadoras embarcadas, sendo a baía de Guaratuba a parte do mar em que elas desenvolvem as suas atividades na pesca¹³:

Título 1 – Mercado de peixes na praia dos pescadores/ Morada das pescadoras embarcadas

Fotografia 2



Fotografia 3



Fotografia 4



Fotografia 5



Fotografia 6



Fotografia 7



Fonte: a autora (2023)

Essas fotos completam as imagens e revelam muito mais que os espaços geográficos. Elas trazem histórias de vida de mulheres pescadoras. Em vista disso, prossigo, elucidando por intermédio das entrevistas, o que elas contam sobre as

¹³Esclareço que todas as fotografias que integram esse trabalho tem a permissão das mulheres pescadoras por intermédio das suas assinaturas e RG. Embora não fosse do agrado de algumas pescadoras que os nomes verdadeiros aparecessem e, por tal, o trabalho traz os nomes fictícios, como já explicado; o mesmo não acontece com as fotografias, pois partiu das mulheres pescadoras o desejo de que o trabalho fosse registrado com suas fotografias.

experiências que substanciam essas histórias de vida. De início, como já mencionado nos escritos desta tese, explico que foram realizadas entrevistas com dez mulheres. Dessas dez mulheres, oito trabalham no Mercado de Peixe, na cidade de Matinhos. Sete delas se dedicam ao descascamento de camarão, enquanto uma é responsável pela limpeza e filetagem dos peixes. Tradicionalmente, limpar e filetar peixes é uma função associada aos pescadores homens, sendo realizada em um espaço considerado predominantemente masculino, conforme os valores defendidos pelos pescadores caiçaras da comunidade pesqueira artesanal de Matinhos. No entanto, nessa realidade, a atividade de limpar e cortar os peixes em filetes era desempenhada por uma mulher. Esse aspecto será analisado mais detalhadamente adiante. Quanto às duas mulheres pescadoras embarcadas que foram entrevistadas, ambas realizam atividades relacionadas à pesca do camarão e do peixe.

Vejo como substancial informar os motivos pelos quais este trabalho se consolidou com dez mulheres pescadoras, motivos estes que envolvem algumas situações. Ou seja, alguns acontecimentos que envolvem as descascadeiras de camarão. Estou me referindo à variação que ocorre em relação à frequência dessas mulheres na limpa de camarão, no Mercado de peixes. Com exceção de quatro mulheres, Lola, Sofia, Nunes que mantêm o descasque de camarão no cotidiano das suas atividades, e a Cida que limpava e filetava o peixe, não há uma frequência rotineira das outras mulheres que foram entrevistadas. Elas explicam que uma das situações que as impede de estarem todos os dias na sala da limpa dos camarões são os filhos, pois por vezes algumas dessas mulheres descascadeiras de camarão, não têm com quem deixá-los. Outras situações retratadas por elas, foram relacionadas às atividades de casa que, de acordo com suas narrativas, acaba sobrecarregando algumas mulheres e as impede de vir trabalhar na limpa de camarões todos os dias. Além desses motivos, há a questão dos meses em que a pesca do camarão é proibida. Durante um determinado período, a atividade pesqueira é proibida¹⁴ para preservação da espécie. Esse período é representado como Período

¹⁴Nesse período os pescadores e pescadoras artesanais recebem um benefício no valor de um salário-mínimo mensal, o seguro-desemprego conhecido como seguro defeso. É um direito dos pescadores profissionais artesanais, conforme prevê a Lei nº10.779/2003 e sua regulamentação por meio de Decreto nº 8.424/2015. O limite do período do seguro defeso é de cinco meses, de acordo com a reprodução de cada espécie. Quem define o limite do período do defeso é o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

de Defeso¹⁵ que favorece a sustentabilidade do estoque pesqueiro impedindo a pesca predatória em períodos de alta vulnerabilidade das espécies. Sendo assim, quando não há camarão, também não se encontra a descascadeira de camarão. O que elas me disseram é que têm dias que a sala está com seis mulheres trabalhando, outros dias com sete mulheres, com quatro, conforme a pesca do camarão e os obstáculos retratados por elas.

Há explicações para o fato de as quatro pescadoras supracitadas estarem todos os dias no Mercado de peixe e, em virtude disso, na sala de camarão e do filete dos peixes. Nunes tem uma filha que mantém uma banca de venda de peixes e camarão, não faltando, por essa razão, atividade na pesca para Nunes; Lola e Sofia que também tem parentes que trabalham nas bancas de vendas, o que de certa forma as beneficia em relação a não ficarem sem trabalho. A Cida, por sua vez, na limpa e filetagem dos peixes, estava diariamente sobrecarregada de trabalho. Deixo esclarecido, que essa situação no sentido da frequência das mulheres pescadoras não atrapalhou de forma alguma o andamento das entrevistas. Dado que a cada ida a campo, nos encontros haviam de cinco a seis pescadoras que estavam trabalhando no descasque e limpa do camarão. Dessa forma, as perguntas eram feitas e por elas respondidas, sem problema nenhum.

Sobre o desempenho dessas mulheres em relação às atividades da pesca, na comunidade da cidade de Matinhos, há um ponto o qual considero como *o divisor de águas* no que tange a separação de funções. Melhor dizendo, o espaço para a realização dessas funções que existem no Mercado do Peixe. Essa divisão de espaço está relacionada **“a quem pode o quê”**. Isto significa que restrições são estabelecidas, diante das quais se simboliza que o espaço das mulheres é separado do espaço dos homens. Ou seja, a sala da limpa de camarão, é um espaço só de mulheres, nas palavras dos pescadores “ali não é lugar de homem, ali não fica pescador” (pescador z). Há por sua vez uma sala onde os peixes são limpos e filetados, sendo esta sala “o espaço somente dos homens”: “O homem já fica do outro lado, limpando peixe que é uma coisa mais difícil de fazer né. Lidar com faca afiada, caixa pesada e tal”(pescador z):

¹⁵ Secretaria do Desenvolvimento Sustentável - Paraná. Disponível em: <https://www.sedest.pr.gov.br>. Acesso: 14 de jun. de 2024.

Título 2 – O espaço das mulheres é separado do espaço dos homens: um aspecto fisicamente cultural

Fotografia 8



Fotografia 9



Fonte: a autora (2023)

Na foto 8 aparece, ao fundo da sala de camarão, uma abertura na parede azulejada. É por meio dessa abertura que acontece a comunicação entre as respectivas salas. A parede faz divisão entre a sala de camarão e a sala da limpa e filetagem dos peixes. Na foto 9, Lola aparece mostrando a sua carteira de pescadora, diante da qual faz todo um referencial de representações em relação à importância que atribui ao fato de ser merecedora de possuir esta carteira devido ao seu desempenho no universo da pesca. E ao fundo, atrás da imagem da Lola, aparece a janelinha e a parede que divide as salas. Em outras palavras, o que quero dizer é que

mesmo Lola aparecendo na fotografia mostrando a sua carteira de pescadora, existe uma parede que simboliza o lugar que “pertence” às mulheres e o lugar que pertence aos homens, mas que as atividades eram desempenhadas por Cida, como reforça a foto 10:

Fotografia 10



Fonte: a autora (2023)

Segundo os pescadores, a sala da limpa do peixes é um espaço perigoso devido ao manejo com o facão muito afiado. Porém, foi permitido que uma pescadora, somente ela, ocupasse também esse espaço. O nome dessa pescadora, que aparece na foto 10, era a Cida. O nome Cida, foi acrescido pelos pescadores (homens) com o ditongo ão e, por tal, alternam, às vezes, a forma como a identificavam. Assim dizendo, ora era “a” Cidão, ora era “o” Cidão. A Cida, era uma mulher “diferente” aos olhos dos pescadores. A exemplo do que exponho, na fala de um deles:

A única que você vê no lugar junto com os homens, limpando peixe, é o Cidão que está lá, **nenhuma mulher fica ali daquele lado**. E sempre de cabelo curto e tal. Então, eu acredito eu que ela conquistou o espaço dela né, andando ali no meio, com esse jeitão. Ali é só homens, as mulheres só estão vendendo e limpando camarão. Mas igual a Cidão ali, metendo a mão na massa, e pegando peixe e limpando, acho que até hoje é só ela que faz esse serviço (pescador z).

Por cortar o cabelo sempre bem curto, ter “*esse jeitão*”, eles “a enxergavam” como um homem. A maneira como os pescadores se referiam à Cida, não era substanciada por

um “pânico moral” sobre a sexualidade. Ou seja, o “jeitão” de Cida não era um alvo de preocupação que causasse temores rígidos aos padrões de comportamento (Miskolci, 2007). No devaneio dos pescadores que enxergavam a Cida como Cidão, ela não representava uma ameaça limpando os peixes na sala cujo pertencimento é destinado para os pescadores homens. E os pescadores afirmavam isso: “Porque imagine uma mulher delicada no meio lá, não ia sobreviver né. Ela tinha que provar que ela era forte, entende”. E na concepção que Cida trazia, o olhar que os pescadores tinham para com ela, era um olhar que simbolizava o respeito: “Pra mim não, eles não fazem diferença. Eles, os pescador, tem respeito e as pescadora também. Pra mim eles tratam igual”. Quanto às pescadoras da sala de camarão, durante as conversas e entrevistas para este estudo, sempre se referiram a ela como Cida, nunca Cidão, muito menos “o Cidão”. Para elas “a Cida era gente boa”.

Posto isto, prosseguindo com a questão da divisão de espaços no mercado de peixes, a sala do camarão é um espaço feminino. Isto significa ser um espaço reconhecido pela comunidade como um espaço das mulheres, pois a limpa de camarão é uma função atribuída à mulher. Essa forma de conceber a sala da limpa de camarão, como “o lugar de mulher” é firmada tanto pelas pescadoras quanto pelos pescadores. O homem pescador “jamais” exerce a função de limpar camarão. **o homem pesca o camarão!**

As situações experienciadas que aqui se evidenciam e objetivam modos diferentes em relação às performances homens x mulheres, no desempenho das atividades pesqueiras e aos instrumentos respectivos a essas atividades, levaram-me a pensar no contexto que substancia a sociedade guaiáqui (Clastres, 1973). Gostaria de ater-me a alguns pontos que refletem uma analogia. Refiro-me aos rituais e simbologias na sociedade guaiáqui que envolvem o arco que é produzido pelos homens, os quais tornam-se proprietários do mesmo. Este arco, representa a arma única dos caçadores, um instrumento exclusivamente masculino. E o cesto, que é coisa das mulheres, é produzido também por elas, assim como a sua utilização. Nesse cenário: “os homens caçam, as mulheres carregam” (Clastres, 1973, p. 74).

A oposição que existe nesses dois estilos de existência se nutre por um sistema de proibições recíprocas, ou seja, é proibido às mulheres tocarem no arco dos caçadores, uma vez que o toque da mulher no arco o torna amaldiçoado, trazendo o azar que se perpetua: o pané. Sendo assim, os homens guaiáqui só existem como caçadores; e eles mantêm a certeza de sua maneira de ser, preservando o seu arco

do contato da mulher. “Se um indivíduo não consegue mais realizar-se como caçador, ele deixa ao mesmo tempo de ser um homem: passando do arco para o cesto metaforicamente ele se torna uma mulher” (Clastres, 1973, p.76).

Além de uma analogia no que tange a proximidade das oposições sociosexuais, arco/limpar e filetar peixe X cesto/descascar e limpar camarão, temos uma outra situação correlata que provoca uma reflexão em relação à Cida especificamente. Ou seja, de um guaiaki que vivia com e como as mulheres: Krembrégi. Este guaiaki, mantinha evidências que o colocavam no lugar de uma proprietária de cestos. Melhor dizendo, ele executava trabalhos femininos, tecia, fabricava colares, assemelhava-se às mulheres mantendo os seus cabelos mais longos que o dos outros homens. Enfim, Krembégi recusava o contato de um arco como um caçador, pois considerava que o seu lugar natural era o mundo das mulheres, adotando, em razão disso, atitudes e comportamentos próprios desse sexo. Essas atitudes, em relação à sua incapacidade como caçador e a sua homossexualidade, frente aos outros homens da sociedade guaiaki, não despertavam nenhuma atenção especial, não despertavam nenhum sentimento de desprezo. “Krembégi, ocupava aos olhos dos aché um lugar definido, embora paradoxal; e desprovido, em certo sentido, de toda ambiguidade, sua posição no grupo resultava normal, mesmo que essa nova norma fosse a das mulheres” (Clastres, 1973, p. 77)

Como dito, Cida era assim. Ocupava aos olhos dos pescadores um lugar definido, embora paradoxal: “Porque imagine uma mulher delicada no meio lá, não ia sobreviver né”. Uma mulher “*diferente*”, com o cabelo curto, com o jeitão que revelava como Cida se construía enquanto sujeita. De maneira única, levando em conta sua história de vida, suas relações e seu ambiente social. Dito de outra maneira, de uma forma em que ela se assumia “*Essa sou Eu*”, ganhando outros matizes e se aproximando de outras representações: “Eu gosto de limpar peixe, pesca em alto mar, eu gosto de fazer de tudo. Eu faço de tudo com a minha turma aí dos pescador. Não tem essa de gosta mais disso e daquilo. Eu gosto de tudo isso que eu faço” (pescadora Cida):

Título 3 – Conquistando o espaço sem representar uma ameaça aos padrões

Fotografia 11



Fotografia 12



Fotografia 13



Fonte: a autora (2023)

Voltando o olhar aos padrões que regem a divisão de espaços no mercado de peixes da comunidade pesqueira de Matinhos, a sala da limpa de camarão é um espaço para as mulheres, porque os homens não descascam e nem limpam o camarão, eles pescam o camarão. Descascar e limpar camarão é uma atividade exclusiva das mulheres, como já mencionado. Em relação ao local onde os camarões são colocados para serem limpos, existem dois balcões retangulares, um com tampo de alumínio, e o outro tem o tampo feito de cerâmica, como mostra a fotografia 8. Ambos servem de mesa para limpar os camarões que, depois de limpos, são despejados em tigelas, razoavelmente grandes. A sala é azulejada, com cerâmica da cor branca e o chão parte é revestido por cerâmica e parte é feito de cimento bruto. A fotografia 14 a seguir, retrata um pouco dessa realidade:

Título 4– Mulheres pescadoras desenvolvendo as suas funções de limpar e descascar camarão

Fotografia 14



Fonte: a autora (2023)

Prosseguindo com a descrição do Mercado de Peixes, enquanto campo desta pesquisa; como pode ser visto nas fotografias 15 e 16, há duas passagens: uma se conecta ao local onde os produtos são comercializados, a outra leva ao espaço onde as caixas de peixes e camarões chegam, trazidas pelos pescadores e são por eles descarregadas, para serem limpas:

Título 5 - A sala da limpa de camarão nos diferentes ângulos

Fotografia 15



Fotografia 16



Fonte: a autora (2023)

Gostaria de acrescentar uma frase que ouvi de Lola, durante as entrevistas: “sem a limpeza dos camarões e peixes, não há venda”. As fotos a seguir trazem um pouco do sentido significativo das palavras de Lola:

Título 6 – A complexidade que existe quando se pensa no conceito pesca

Fotografia 17



Fotografia 18



Fotografia 19



Fonte: a autora (2023)

Enquanto participantes da complexidade desse conceito, as mulheres ficam em volta desses balcões, limpando os camarões em pé, o tempo todo. É uma sala pequena, de pouco espaço, aproximadamente cinco metros de comprimento por três metros de largura, para cinco ou seis mulheres que ocupam esse espaço, todos os dias, limpando o camarão e o dividem com as caixas de camarão e com os seus

pertences – bolsas, sacolas, casacos. Assim dizendo, uma das reclamações das interlocutoras é o fato de não existir “espaço suficiente” para que elas possam colocar um micro-ondas para esquentar as marmitas e almoçar. E mesmo que houvesse lugar para colocar um micro-ondas na sala da limpa de camarão, a fiscalização da saúde não permite. O ideal e necessário, seria uma sala, à parte, onde elas pudessem fazer as suas refeições. Mas esta sala **não existe**. O que **existe** são as queixas das pescadoras por **não existir** esta sala. Dessa forma, as mulheres almoçam fora da sala de camarão. Literalmente fora. Sentadas em bancos, pedras, “olhando o mar”:

Título 7 – Fazendo as refeições em um canto qualquer do mercado de Peixes. Uma das realidades das mulheres pescadoras descascadeiras de camarão

Fotografia 20



Fotografia 21



Fonte: a autora (2023)

Quando chove, para almoçar, abrigam-se no lugar onde ficam os barcos para serem consertados. Descrevendo esse lugar, é um tipo de cobertura construída metade com tijolos e uma parte feita de madeira, e é coberta com telha e zinco. Quando não se abrigam nesse local dos barcos, almoçam em um restaurante que fica a beira mar, cujo proprietário é o filho da pescadora Cida, que fica na sala dos peixes, **local reservado para os homens (grifos meus):**

Título 8 – Outros locais onde as pescadoras fazem as refeições

Fotografia 22



Fotografia 23



Fonte: a autora (2023)

Uma outra queixa das descascadeiras de camarão, é a questão dos banheiros. Aliás, não há banheiro na sala da limpa de camarão e nem na sala da limpa dos peixes. Os banheiros, no total de dois, ficam nos arredores do mercado. Dessa forma é também preciso se deslocar da sala da limpa do camarão e da sala da limpa do peixe para atender a essas necessidades:

Título 9 – Os banheiros situados nas laterais do Mercado de peixes

Fotografia 24



Fonte: a autora (2023)

O espaço do mercado de peixes onde ficam os produtos para serem comercializados, tanto peixe quanto camarão, assim dizendo, são vendidos por homens e mulheres. Logo, é um espaço misto. Porém, o número de mulheres que

trabalham na venda é bem maior que o número de homens que ali trabalham. Este foi também um aspecto que me chamou à atenção. Perguntei a uma pescadora, o porquê dessa diferença entre a quantidade de homens e mulheres que trabalham na venda, visto que nas vezes que estive no mercado de peixes, mesmo antes dos encontros com as pescadoras, havia menos homens vendendo, já era uma constante. Dessa forma, tanto era meu interesse entender o motivo ou os motivos dessa diferença, como também para que eu pudesse ser mais precisa, no sentido de quantas mulheres e quantos homens trabalham na venda dos peixes e do camarão, no mercado para expor no trabalho; e ela me respondeu que na maioria das vezes são quinze mulheres e cinco, às vezes seis, homens. A explicação que recebi foi: “saindo onde vende os peixes ali, é só mulher que vende. O marido sai pescar, traz o peixe, limpa o peixe e elas vendem o peixe. Porque ali poucos homens estavam vendendo né”(pescadora Nunes):

Título 10 – Um pouco mais do interior do Mercado de peixes onde a venda dos produtos acontece

Fotografia 25



Fonte: a autora (2023)

Diante de suas rotinas na pesca, essas mulheres pescadoras descascadeiras trabalham o dia todo na sala de camarão, e uma única mulher, Cida, na sala da limpa dos peixes. Não existe um horário determinado, como elas relataram nas entrevistas. Por vezes das 7h00 às 17h00, das 7h00 às 18h00, das 7h00 às 19h00, a depender da quantidade de camarão e de peixe pescados para limparem.

Conhecer esse mundo da pesca das mulheres, levou-me às pescadoras embarcadas e aos seus espaços na pesca. Essas pescadoras, as quais, nesta

pesquisa, recebem o nome de Nena e de Sara, moram na baía de Guaratuba, sentido Cabaraquara. As fotos 26 e 27 marcam a representatividade delas enquanto pescadoras:

Título 11 – As pescadoras embarcadas

Fotografia 26



Fotografia 27



Fonte: a autora (2023)

Na rotina de suas atividades pesqueiras, sair às 5 da manhã e retornar no fim da tarde é o que caracteriza a pesca de vai e volta dessas mulheres. Além destes, há outros detalhes importantes que preciso apresentar sobre as vidas de Nena e Sara. Elas são parentes, são primas. O pai de Sara era irmão do pai de Nena. Aliás, os moradores de Cabaraquara, em sua maioria, têm laços de parentesco. São tios, tias, primos, primas, mãe, pai, filhos, filhas, irmãos, irmãs que se conectam nas redes de parentesco e da pesca. Os pais de Sara, ambos pescadores, vieram morar em Cabaraquara, depois que se casaram, mas a história das famílias, segundo o que Sara contou, data de mais de trezentos anos contado de geração a geração. Os familiares do lado da mãe vieram de Parati para a praia de Caieiras ao encontro do avô que já residia, há alguns anos, na respectiva praia, na vila de pescadores. Os familiares do lado do pai, também pescadores, moravam na baía de Guaratuba, em uma comunidade pesqueira:

Título 12- Cabaraquara: imagens que registram a história da família de pescadores (as) de Sara e Nena

Fotografia 28



Fotografia 29



Fotografia 30



Fonte: a autora (2023)

E foi no enredo dessa história que, nas palavras de Sara, Cabaraquara foi povoada pelos seus familiares: “Então meu pai conheceu a minha mãe e casaram, e todas as parentada, tudo que tem aqui, são tudo de herança do meu pai e da minha mãe”. Embora os desafios fossem muitos, conforme nos relata sobre o fato dos terrenos na época serem tomados pela mata e, conseqüentemente, o trabalho que tiveram para desmatar tudo, era um lugar ideal para a pesca. Nesse cenário de parentesco, além de primas, Nena e Sara são vizinhas e cada uma tem os seus compromissos com a pesca. Por essa razão, diante dos compromissos, entrevistei Nena em datas diferentes das entrevistas com Sara.

Dizer que as casas de Sara e de Nena têm vista para o mar, passa a ser até uma brincadeira. Posso dizer, literalmente, que as suas casas estão abeiradas ao mar. Nas palavras de Nena: “o mar está encostado no meu quintal, mais se preferir, o meu quintal está encostado no mar”. As fotos 31 a 33 trazem essa dimensão:

Título13- O quintal e o mar

Fotografia 31



Fotografia 32



Fotografia 33



Fonte: a autora (2023)

Nesse quintal existem duas casas: a de Nena e o marido e a da irmã de Nena e o marido. Além das duas casas no quintal, entre os marrecos, patos, cachorros, gatos, estão os barcos ancorados, três barcos. Há árvores na entrada da casa e nas laterais frente ao mar. Pode -se dizer que a casa de Nena é uma casa arborizada. As duas casas são mistas de madeira e alvenaria, mas vou me prender na descrição da

casa de Nena, visto que foi onde a entrevista ocorreu. Uma casa acolhedora, com uma varanda coberta:

Título 14 – Mais detalhes que refletem a casa da pescadora

Fotografia 34



Fotografia 35



Fonte: a autora (2023)

No decorrer desse encontro, já sentada na cozinha, Nena me serviu um café que havia recém feito, no bule com o coador de pano. Assim, demos início a primeira entrevista que seguiu por mais de duas horas, e, ressaltando, que foram estas horas substanciadas por um alto astral e boas energias. Nena vem de uma família de pescadores. A baía de Guaratuba é onde sempre pescou os camarões, ora com a mãe, ora com o pai, ora com os irmãos. No entanto, nada a impediu de pescar, também, sozinha, “*Ir mar a fora*”, como relata quando fala das suas pescarias. Por intermédio da entrevista, pude perceber que Nena é de uma simplicidade imensa. Creio que do tamanho da sua experiência com a pesca. Foi, no mínimo, prazeroso entrevistar, conversar e aprender com a Nena. Quando eu dizia que não sabia sobre algo que ela relatava sobre a pesca, ela ensinava...ensinava...ensinava, até perceber, pelo meu olhar, que alguma coisinha eu havia aprendido.

No segundo encontro com Nena, havíamos marcado para tirar fotos e, assim, o fizemos. As fotos a seguir mostram um pouco da habilidade de Nena, enquanto mulher pescadora. Lançando a tarrafa com precisão, demonstra como faz para capturar camarões e peixes. Nisso consiste, a força, a técnica e a experiência necessárias para dominar esse método de pesca artesanal e que Nena demonstra com “maestria”. Em outras palavras, a habilidade de Nena na pesca artesanal reflete não apenas a técnica adquirida ao longo do tempo, mas também a força e a experiência que tornam sua

prática eficiente e respeitável. A palavra "maestria" destaca bem sua destreza e conhecimento profundo sobre a pesca com tarrafa. E Nena faz questão de demonstrar suas habilidades na sequência das fotos 36 a 45. No final, na fotografia 45, exhibe um camarão que pegou ao jogar a tarrafa:

Título 15 – A pescadora embarcada em uma das suas atividades da pesca: jogar a tarrafa

Fotografia 36



Fotografia 37



Fotografia 38



Fotografia 39



Fotografia 40



Fotografia 41



Fotografia 42



Fotografia 43



Fotografia 44



Fotografia 45



Fonte: a autora (2023)

Mas além das fotos em relação à atividade de tarrafear, Nena me levou para conhecer a parte do mangue que fica no terreno da sua casa. Passamos por uma ponte de madeira, que separa a casa de Nena do mangue. Ela me disse que quando a maré está alta fica difícil passar pela ponte, pois alaga tudo, razão de algumas canoas estarem atracadas na areia do mangue, como demonstram as fotos 46 a 49:

Título 16 – A casa e o mangue

Fotografia 46



Fotografia 47



Fotografia 48



Fotografia 49



Fonte: a autora (2023)

Para chegarmos lá, seguimos em direção ao fundo do seu quintal, e fui conhecer o local onde os peixes são preparados para serem defumados. Lá Nena me

explicou todo o processo, como revelam as fotos 50 a 52, ou seja: a salga dos peixes, que aprendeu com sua mãe e que a mãe aprendeu com a sua avó. O abafar com as folhas de bananeira, a quantidade de lenha e o tipo de lenha que é feito o fogo, em um fogão de tijolos e pedra, onde a temperatura é controlada para que os peixes não assem ao invés de ficarem defumados, ou escalado, como Nena me ensinou: “Você pega ele, limpa e escala. O nome aqui é peixe escalado” [...] “É só pra ir secando devagarzinho e defumando né. Ele vai fica bem amarelinho”:

Título 17 – O preparo do peixe defumado

Fotografia 50



Fotografia 51



Fotografia 52



Fonte: a autora (2023)

Desse segundo encontro, o que posso dizer é que foi mais um aprendizado em relação às experiências das pescadoras, que me foi possível por intermédio dessa pesquisa e que repasso, **com muito gosto**, por meio desses escritos.

A entrevista com Sara não foi diferente em relação ao carisma e a forma acolhedora que fui recebida. Foi nesse ambiente que seguimos com a entrevista, tomando café em sua cozinha, olhando através das janelas para o mar que, praticamente, faz parte do seu quintal, como mostram as fotos 53 a 59:

Título 18 – Da janela da cozinha para o mar do mar para a janela da cozinha

Fotografia 53



Fotografia 54



Fotografia 55



Fotografia 56



Fonte: a autora (2023)

Fotografia 57



Fotografia58



Fotografia 59



Fonte: a autora (2023)

Aliás, em um dos dias que estive em Cabaraquara para dar um abraço em Nena e Sara, sem intenção de gravar entrevistas, como em outras vezes, quando retornava de outros compromissos alheios, vindo de Matinhos, sempre que podia, dava “um carinho” em Nena e Sara. Sendo assim, tendo como única razão a vontade que senti de abraçá-las, não demorei. Foi em torno de uns 30 minutos que estive com elas. Porém, neste dia, em frente à casa de Sara, a maré estava baixa, como pode ser constatada nas fotos 60 a 62, e tive a oportunidade de pisar na areia que é coberta pelo mar quando o nível está normal,:

Título 18 - Um aprendizado sobre o mar e a maré

Fotografia 60



Fotografia 61



Fotografia 62



Fonte: a autora (2023)

Em relação à maré e ao tempo, como reconhecer quando está favorável à pesca, são saberes que fazem parte das experiências de Sara. No tocante a essas experiências, Sara referencia muito a família. Tudo o que aprendeu com a mãe, que era pescadora, como tarrafejar, filetar, defumar os peixes; e o que aprendeu com o pai que a levou a conhecer o tempo, a maré e outros requisitos da natureza que são fundamentais “para uma boa pesca”, são trazidos para a nossa conversa por Sara que define todo o aprendizado como lembranças que são substanciadas de orgulho. Ou seja, a todo momento ouvia de Sara, “eu tenho orgulho do que aprendi com minha mãe, eu tenho orgulho do que aprendi com meu pai, [...]eu tenho orgulho da pesca, eu tenho orgulho de ser pescadora”. Esse sentimento de respeito e admiração que escutei por várias vezes durante a entrevista, se estende para as tias pescadoras de Sara. Uma das tias tem mais de oitenta anos, e ainda sai para pescar com o filho, de barco e vara de linha. Em um dos momentos me contando de suas experiências ela me disse: “Eu tiro o chapéu para minhas tias. Então, isso me dá mais inspiração para querer ir. Me dá uma motivação, eu fui pegando gosto pela coisa sabe. E hoje é a minha vida”.

Ressalto, que cada palavra aqui escrita tem um sentido, um significado, uma razão de ser. Bonetti e Fleischer (2006) quando expõem que o campo representa uma

oportunidade em que vivenciar a experiência da pesquisa de campo, causa um impacto subjetivo; reconheço que esse impacto, permeado por emoções e sensações, ajudou-me a “*crescer e pensar como gente de coração grande e mente aberta*”. Na relevância do que se apresenta, é por intermédio das narrativas de suas experiências, que as mulheres pescadoras vão tornando evidente o que fazem e dizem de si, e nesse movimento segue relatando o que elas acionam, ou seja, a sala da limpa de camarão; a pesca do camarão; o sustento e o cuidado; o valor do trabalho com o camarão que as remete a evidenciar o sustento, a dignidade, o espaço, à vida. Assim, essas mulheres vão dando visibilidade e consistência às suas performances de trabalho, conhecimento, tradição, técnica, conhecimento do mar e das condições que ele oferece, do preparo do peixe, do seu alimento e de sua subsistência. É um cuidado muito ampliado e com muitos actantes (Latour, 2013), pertencentes a relações complexas, como pescadoras que são, no contexto que as cerca e nas intersecções que fazem parte do que são e de como atuam. Elas agenciam a si mesmas, o mar, os instrumentos, o passado familiar e tudo o que se soma a forma de vida que elas tem. Trata-se de como elas articulam a vida, o falar a respeito dela e as suas práticas que estão circunscritas às relações sociais, posições de sujeito e subjetividades. É uma experiência que se vincula com relações sociais, de subjetividade, de lugar delas mesmas e de sentidos da tradição (Brah, 2006).

Quando Ingold (2012) debruça-se a escrever sobre os emaranhados criativos que se manifestam em um mundo de materiais evidenciando, por isso, possibilidades de trazer as coisas de volta à vida; ele desenvolve conceitos interessantes sobre os termos **objeto** e **coisa**. Nessa conceituação Ingold define o objeto como inerte, como pronto. O objeto é assim um fato consumado, substanciado por contrastes que o situam no mundo e ao mesmo tempo contra o mundo. Isto faz o objeto estar e ao mesmo tempo não ser, ou seja, estar contido em um processo e não fazer parte da sua produção. Define coisa, por sua vez, como interação, como movimento. A coisa é, dessa forma, o lugar onde vários “aconteceres” se entrelaçam, permitindo pensá-la como um caminho do fazer e do acontecer na teia da vida.

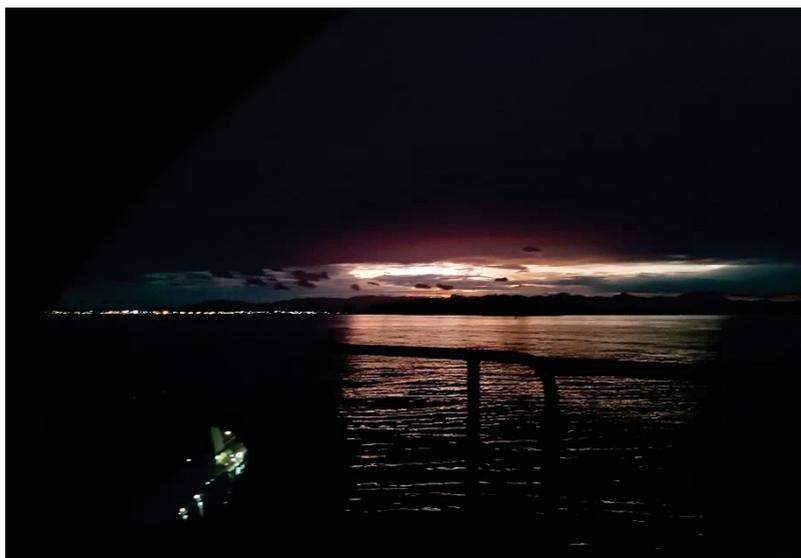
Faço notória a obviedade que não é a intenção considerar as mulheres pescadoras como coisas, mas transpor as análises de Ingold para a realidade das pescadoras dessa pesquisa no sentido de compreender que as experiências que essas mulheres narram, demonstram que embora vivam e convivam com atividades que são “naturalizadas” social e culturalmente como essencialmente masculinas, elas

não se conceituam como “*objetos*”, mas lutam estrategicamente como “*coisas*” para que não sejam como objetos conceituadas. A significância desse contexto, remete-me às vozes das mulheres quando dizem “somos pescadoras”. E o proceder desses momentos impulsiona a minha vivência enquanto pessoa e pesquisadora. Uma vez que na interrelação do ouvir e do observar das ações dessas interlocutoras, este estudo vai se construindo. Logo, na intensidade da concretude deste, todo e qualquer movimento que o substancie, passará a fazer parte da minha história como também passará a fazer parte da história dessas mulheres pescadoras.

Assim, não há um lugar definitivo no sentido subjetivo, no qual o poder, a dominação, a subordinação devam ser fixadas para sempre. Há solidariedade, parentesco, tradição que no cotidiano apresentam-se como suportes de princípios igualitários entre parentes e produzem condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade, ainda que não estejam garantidos os direitos deste trabalho. É uma micropolítica ainda não visibilizada e exercida de modo pouco consciente em relação às questões gerais e menos locais no sentido do empoderamento e dos direitos (Brah, 2006).

Título 20 – Retorno para casa depois de mais um encontro com as pescadoras

Fotografia 63



Fonte: a autora (2025)

Esse é o trajeto da balsa, saindo de Cabaraquara /baía de Guaratuba em sentido à praia de Guaratuba. Essa fotografia marca o dia em que estive com as pescadoras embarcadas, para agradecê-las por tudo. Já eram quase 20:00 horas, quando eu

estava retornando para casa. Olhando a paisagem, olhando para o mar, e pensando o quanto **esse mar** significa para as mulheres pescadoras, não resisti e tirei essa foto.

Com o olhar para essa trajetória, dialogo com Wright Mills (1972) quando afirma que a imaginação sociológica permite enxergar além de uma compreensão limitada do comportamento humano, despertando a consciência para a importância da conexão que existe entre indivíduo/sociedade, biografia/história. Diante dessa perspectiva, eis a necessidade de se conhecer o sentido social do indivíduo na sociedade, mas também o sentido subjetivo das experiências vinculadas a sua situacionalidade (Scott, 1999, Harding, 1986). De perceber que as mudanças que aconteceram e acontecem no mundo, sejam elas a nível social, econômico, político [...], de alguma forma nos afetam. Com o vigor desta lente, intenciono ressaltar no capítulo que segue a importância de uma reflexão sobre a necessidade de que pesquisadoras e pesquisadores se debrucem mais à construção de trabalhos acadêmicos no sentido de visibilizar as mulheres e a pesca em um contexto mais elucidativo, trazendo mais informações a respeito disso. Por considerar tão relevante quanto, os escritos se estendem também às lutas que mulheres, assim como as interlocutoras deste trabalho, travam com a sociedade em busca de direitos enquanto pescadoras. Nesse sentido, o próximo capítulo propõe uma discussão em relação a aspectos substanciais como, por exemplo, o silenciamento nas leis que provocam as mulheres pescadoras a se juntarem ao movimento por uma nova legislação. Usando a questão para pensar a situação das pescadoras em termos de direitos para perceber avanços e barreiras em termos de direitos.

II ESTUDOS SOBRE GÊNERO E PESCA: PASSOS ENVOLTOS À RESSIGNIFICAÇÃO

Em uma das vezes que estive com as mulheres pescadoras, no segundo encontro para ser mais precisa, elas me disseram: “Nós queremos que você venha sempre”; “Queremo mesmo. Nós precisamos dela aqui com a gente. Quem sabe nós não vamo ganha um reforço aqui” (pescadora Lola); “É um trabalho importante pra nós, da mulher pescadora” (pescadora Sofia). Considero relevante sublinhar que na construção desse trabalho enquanto uma mulher pesquisadora que tem como sujeitas da pesquisa mulheres pescadoras, traz à tona a evidência de que **MULHERES ESTUDAM MULHERES**. E alguns trabalhos evidenciados nos escritos que aqui seguem, apontam que as regiões do Brasil em que mais se produz estudos voltados a essa temática da mulher na pesca, são as regiões Norte e Sudeste. Uma pesquisadora notável e dedicada é Suelen Ribeiro Souza, que escreveu sobre as mulheres na pesca artesanal e as desigualdades de gênero nesse campo.¹⁶ Ela investiga como as mulheres participam da pesca artesanal, as dificuldades que enfrentam e como essas atividades são desvalorizadas e não reconhecidas legalmente. Jessica Evelyn Vasconcelos Alves é pesquisadora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), que trabalha na área de Gestão Ambiental Pública e Educação Ambiental, com foco em estudos de gênero na pesca artesanal¹⁷. Azula Marina Couto Marinho¹⁸, também da UENF, trabalha em estudos sobre as invisibilidades e desigualdades na atividade pesqueira, especialmente em regiões produtoras de petróleo. Essas pesquisadoras têm contribuído significativamente para a compreensão das desigualdades de gênero na pesca artesanal e para a promoção de políticas mais equitativas.

Diante do contexto que aqui se configura, substancial são as colocações de Bonetti e Fleischer (2006) que, ao refletirem sobre como as coisas do mundo têm na sua base um atributo relativo ao gênero, apontam como a ciência de uma forma geral é eminentemente masculina, e o peso disso na nossa formação no sentido “de como é experienciada e ressignificada por corpos de mulheres nos embates cotidianos da

¹⁶ www.mulheresnapesca.uenf.br

¹⁷ anepecp.org

¹⁸ www.redalyc.org

pesquisa empírica” (Bonetti; Fleischer, 2006, p. 15). Com um olhar voltado para essa realidade, confesso que o “peso” da expressão “*nóis precisamos dela aqui*” fez com que várias emoções tomassem conta do meu “EU” nas partes que me evidenciam como estudiosa, pesquisadora, pessoa, e mulher, dentre as mulheres. Senti a importância dessa pesquisa de campo, no que tange a interrelação que envolve a minha experiência, reitero, de pesquisadora mulher. Refiro-me ao ouvir e escutar as experiências narradas pelas mulheres pescadoras e poder compartilhá-las em um movimento que liga a pesquisa empírica ao universo acadêmico, como um leque de possibilidades que se abre tornando realizável, por intermédio das suas experiências, a visibilidade dessas Mulheres enquanto pescadoras.

Nesse sentido, prossigo redimensionando a discussão sobre a mulher e a pesca para as pesquisas no mundo acadêmico, no sentido de compreender como o poder do discurso das práticas sociais repercute no desenvolvimento dos contextos analíticos das dissertações e das teses, no cenário deste universo.

2.1 A INVISIBILIDADE COMPARTILHADA NOS TRABALHOS ACADÊMICOS

É fato que a carência de trabalhos acadêmicos sobre a mulher pescadora é uma preocupação presente em outras pesquisadoras, razão pela qual me debruço para uma interação dialógica com algumas destas mulheres. Beck (1991), por exemplo, salienta que são numerosos os trabalhos sobre a organização da pesca artesanal no que tange o trabalho do homem, porém quando se trata do lugar da mulher nas comunidades pesqueiras, as referências são reduzidas. A autora aponta que o fato de a pesca ser definida como uma atividade masculina contribui para a invisibilidade da mulher não só na pesca como também na comunidade pesqueira. Em suas pesquisas nas comunidades pesqueiras de Santa Catarina, Beck reflete sobre a oposição trabalho X não trabalho, nas quais o masculino é definido como o trabalho e o universo feminino como o não trabalho. Esta oposição vincula-se a expressão **quem deve e pode** e **quem não deve e não pode** executar determinada atividade em relação à pesca, correspondendo ao que estaria direcionado ao masculino e feminino respectivamente. Compreendendo que qualquer atividade que não seja a pesca embarcada, é inserida no que se representa como **não trabalho**.

A esta situação de oposição articula-se o seguinte movimento: a produção está para o masculino X o consumo que está para o feminino, no seguimento do mesmo

raciocínio a pesca está para o masculino X a renda, concebida como uma atividade circunscrita sexual e domesticamente, está para o feminino. Assim dizendo, um trabalho feminino se incorpora como **não trabalho** dentro do **grupo masculino pesca**. Como a renda é feita somente por mulheres, encontra-se em um patamar, digamos, de oposição à pescaria que é uma prática exclusiva do homem. Diante disso, nas palavras da autora: “Isso indica a afirmação de que os homens fazem o trabalho mais pesado, é corrente. Quando a mulher faz o trabalho pesado, isto é, do homem, ela não está trabalhando. Ela está ajudando [...]. E, quem ajuda não trabalha” (Beck, 1991, p. 17). Considerando essa colocação podemos deduzir que ao homem pescador **toda honra e toda gloria! (grifos meus)**.

Nesse seguimento de análise, Alencar (1993), em sua pesquisa etnográfica, dá ênfase a dois aspectos importantes em relação ao universo social da pesca. Considero esses aspectos cruciais para o ponto de compreensão voltado ao direcionamento tanto dos trabalhos acadêmicos em relação às temáticas sobre a pesca, quanto ao peso destes trabalhos para o universo acadêmico no tocante à visibilidade das mulheres pescadoras. Seguindo com as análises de Alencar sobre os referenciados aspectos importantes: o 1º reflete sobre a carência de estudos com foco na mulher nesse universo da pesca. E nesse sentido alerta que:

Em alguns casos, a análise que se sobressai obscurece a importância das atividades femininas, seja no mar ou na terra, pois não considera sua relação orgânica com a pesca. Assim, muito da “invisibilidade” da mulher em atividades de pesca decorre da ótica do pesquisador na construção etnográfica e interpretativa do seu objeto de estudo. Na construção certos aspectos da realidade são privilegiados, de acordo com o “recorte” realizado para alcançar os objetivos do estudo (Alencar, 1993, p. 66).

O 2º ponto da análise enfática de Alencar, refere-se à organização do espaço, no universo da pesca, que é marcado pela divisão distinta entre terra e mar. Em seus argumentos:

O mar aparece como um espaço principalmente ou exclusivamente masculino, onde ocorrem as atividades tidas como as mais significativas para a economia do grupo. Em terra, o elemento que se destaca é a mulher, atuando num espaço onde são realizadas as atividades consideradas de importância “menor” [...] (Alencar, 1993, p. 06).

O contexto dessas análises, recai no modelo bipolar de divisão sexual do trabalho recorrente nas sociedades pesqueiras, em que a ausência da mulher do espaço produtivo da pesca é um fato etnográfico. Nisso consiste, a autora nos informa, o posicionamento de alguns pesquisadores que tomaram a tradição pesqueira enquanto universo de pesquisa. Consequentemente, o “olhar acrítico”,

destes pesquisadores, ao respectivo modelo o torna reificado. Dessa forma, a ênfase que é dada pelo discurso intelectual antropológico ao trabalho na pesca transforma-se na ênfase ao masculino, obscurecendo e relegando a segundo plano as atividades femininas. A autora ressalta que nos últimos anos, trabalhos que se debruçam a estudar e sublinhar o papel da mulher e as relações de gênero nas comunidades pesqueiras, posicionam-se criticamente às pesquisas que, de alguma maneira, contribuem para manter a invisibilidade da mulher nas sociedades pesqueiras.

Para Woortmann (1992) os estudos relativos às comunidades pesqueiras, tendem a privilegiar o ponto de vista do homem, isto é, do pescador:

Não raro, o discurso do pesquisador repete o discurso público do grupo estudado, cuja identidade se constrói sobre uma atividade - a pesca - concebida como masculina, e deixa de lado o discurso privado" [...] "O próprio discurso acadêmico, pois, relega ao silêncio o ponto de vista feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo (Woortmann, 1992, p. 42).

Em relação aos espaços sociais nas sociedades pesqueiras no que tange aos domínios em que se estabelece o que é pertinente a cada gênero, Woortmann salienta:

A classificação do espaço natural é também uma classificação de espaços sociais e de domínios pertinentes a cada gênero. Num plano mais geral, dado pelo primeiro discurso oferecido ao observador, o espaço é classificado de maneira bipolar: o mar é percebido como domínio do homem, em oposição à terra, domínio da mulher. No entanto, essa classificação bipolar se relativiza e se decompõe em outras oposições de menor escala. o mar se subdivide em mar de fora, mar alto ou mar grosso; espaço do trabalho masculino por excelência, e em mar de dentro (entre a praia e os arrecifes), onde homens e mulheres exercem atividades produtivas (Woortmann, 1992).

Em seus estudos antropológicos sobre mulher e pesca no Brasil, realçando a pesca na região da Amazônia, Motta-Maués (1999) expõe um levantamento bibliográfico dos trabalhos acerca das mulheres na pesca nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX, abordando sobre a importância dessa temática. Como a autora mesmo enfatiza:

Sendo a pesca (na sua definição êmica), no país, atividade tradicionalmente exercida pelos homens e, mais do que isso, sempre pensada (pelos próprios membros das comunidades pesqueiras) como um domínio essencialmente masculino, pensava eu que o exame das orientações e dos enfoques das pesquisas sobre mulher e/ou relações de gênero, em comunidades pesqueiras, poderia ser, assim, altamente proveitoso, dado o contraponto entre um modelo social e ideologicamente atualizado e a crítica política e teórica ao mesmo, que poderia aparecer retratada nesses estudos" (Motta-Maués, 1999, p. 379).

Na continuidade de seus escritos ressalta a importância de se repensar sobre o dualismo masculino /feminino, argumentando que:

Desse modo, e tendo em conta a possibilidade de identificação, ao longo do tempo focalizado, de um diálogo que sinalizaria diferenças de percepção e interpretação a respeito da construção dos papéis sociais de gênero, cruzadas com as representações “nativas” sobre pesca e pescadores, seria possível também “ler”, nas críticas que aparecem mais recentemente às leituras ditas enviesadas ou equivocadas sobre o tema, a trajetória do próprio debate sobre mulher e gênero, que só um domínio tão enfaticamente visto como masculino, como a pesca, poderia proporcionar. E desse modo, achava (acho) eu, iluminar o próprio entendimento das comunidades que têm essa atividade como referência maior da vida social (Motta-Maués, 1999).

A autora desenvolve análise no sentido crítico em relação à invisibilidade da mulher enquanto participante da atividade pesqueira. Invisibilidade esta que atribui também de forma crítica, aos trabalhos acadêmicos em relação à temática da mulher pescadora. De acordo com as análises de Motta-Maués, há uma carência na questão das relações de gênero como tema de estudo na produção acadêmica brasileira no que tange as dissertações e teses desenvolvidas em comunidades pesqueiras em relação às atividades da mulher enquanto pescadora, cuja predominância dessa atividade se faz presente na figura masculina. Refletindo, dessa forma, a distinção hierárquica interna que sobrepõe os homens às mulheres.

Se levarmos em consideração que esses trabalhos datam a década de 1990, século XX, poderia até se cogitar a questão de que as coisas mudaram no decorrer desses 30 anos. Mas a realidade não é essa. Estudos nos anos de 2000 como o de Gerber (2013), compartilham as mesmas dificuldades e ausências. A respectiva autora desenvolve na tese de doutorado uma pesquisa sobre “Mulheres e o Mar”, com pescadoras embarcadas, no litoral de Santa Catarina, demonstrando que a realidade que aqui se expõe, se mantém. Nas palavras da Gerber:

Afirmar que estas mulheres atuam como embarcadas na pesca artesanal implica dizer que trabalham em embarcações pequenas, entre três e nove metros de comprimento, se deslocando ao mar e retornando à terra diariamente em períodos que oscilam de três a dezesseis horas, dependendo se trabalham com peixes, camarão, siri, berbigão. Diferenças que compõem os saberes-fazeres da denominada pesca artesanal em que as pescadoras se deparam com elementos agentes que interferem diretamente o cotidiano da pesca e a sua relação com o mar, fonte de renda, mas também de fuga e terapia. Por serem mulheres, estas pescadoras se deparam continuamente com o não reconhecimento delas por parte do Estado e de seus técnicos, assim como nas próprias pesquisas acadêmicas e na sociedade de forma ampla (Gerber, 2013, p. 15).

O fato de haver uma carência em relação à produção de estudos acadêmicos sobre a mulher na pesca, não significa dizer que pesquisadoras e pesquisadores não se debruçam no estudo e na compreensão dessa temática. A crítica de algumas autoras é referente à discrepância no que tange o interesse em visibilizar o trabalho,

as representações, o desempenho das mulheres no universo da pesca comparando aos estudos que dedicam interesse aos mesmos aspectos voltados ao homem pescador. Maneschy, Siqueira e Álvares (2012), por exemplo, argumentam que o número de estudos do setor pesqueiro sob uma perspectiva de gênero vem crescendo indicando que esses estudos são fundamentais para se entender como mulheres e homens participam da pesca e vivenciam os riscos ligados às recentes mudanças do setor.

Esses estudos, segundo que as autoras apontam, têm evidenciado múltiplas responsabilidades de mulheres em comunidades ou empreendimento pesqueiros, direta e indiretamente ligadas às lidas de pesca. No desenvolver de seus escritos levantam pontos importantes em relação às investigações, tais como: à dificuldade de as políticas setoriais incorporarem a dimensão de gênero e a questão do baixo interesse em evidenciar as atividades das mulheres na pesca, refletindo na falta de estatísticas em relação aos estudos voltados a essa temática. Nesse sentido, ressaltam sobre as características gerais das atividades de mulheres na pesca em diferentes contextos, considerando o significado de experiências de organização que as mulheres pescadoras vêm desenvolvendo. Com ênfase maior em dados no Brasil referentes à respectiva pesquisa, as autoras apresentam um mapeamento das organizações de mulheres na pesca, de abrangência nacional ou regional, trazendo à tona suas contribuições ao setor e reivindicações de direitos de cidadania para elas e as comunidades onde a maioria se insere.

Maneschy, Siqueira e Álvares (2012) reiteram a escassez de dados a respeito de estudos sobre mulheres pescadoras, argumentando sobre o livro *Tempos e memória: movimento feminista no Brasil*, que traz uma cronologia de eventos, legislações, normatizações e outros avanços do movimento, de 1822 a 2010. Não indica nenhum evento relativo às pescadoras, ainda que, por exemplo, localize a organização da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (**Redor**) em 1992, o I Encontro Nacional de Mulheres Negras em 1988, o I Congresso Nacional das Trabalhadoras Rurais no ano seguinte. A falta de dados é, ela mesma, indicadora da invisibilidade das pescadoras. Entretanto, embora a invisibilidade seja um fator marcante, as autoras não deixam de referenciar algumas mudanças que ocorrem em relação ao reconhecimento da importância dessa temática. A vista disso, fazem menção ao IV Simpósio Pernambucano sobre Mulher e Relações de Gênero, com a temática “A participação

da mulher na pesca artesanal”, realizado em setembro de 2010 que teve a **Redor** como uma das promotoras.

Em uma coletânea de vários textos que refletem a temática de “Mulheres na Atividade Pesqueira no Brasil”, as organizadoras Martínez e Hellebrandt (2019) tornam saliente a necessidade de romper, segundo as palavras das autoras, “com essa tradição”, que mantém a invisibilidade das mulheres na atividade pesqueira. Evidenciam, nesse sentido, que embora a presença das mulheres na pesca, no desempenho de atividades, tenha sido sempre uma realidade, as mulheres não são enxergadas pela sociedade; pela comunidade em que estão inseridas; pelo poder público e, às vezes, como colocam as autoras, há ausência de autorreconhecimento das próprias mulheres enquanto trabalhadoras da pesca. Consequentemente, a ausência de autorreconhecimento repercute na academia:

Os trabalhos executados por mulheres na pesca artesanal são permeados pela invisibilidade e são comumente relegados à categoria de ajuda. Pode-se somar a esses aspectos a escassa atenção dispendida a este grupo social pela própria academia, o que permite afirmar que também o primado da invisibilidade permeia o olhar hegemônico de pesquisadores e pesquisadoras quando os temas da pesca e do conhecimento sobre a pesca aparecem pautados (Martínez; Hellebrandt, 2019, p. 2).

Souza; Ribeiro e Martínez (2019) desenvolvem um trabalho importantíssimo no tocante a compreender como o tema “mulheres na atividade pesqueira” era abordado nas teses e dissertações defendidas no país no período de 2007 a 2017, e qual a frequência desses estudos. Em vista disso, as autoras dedicam-se a um balanço da produção em teses e dissertações as quais se debruçaram a pesquisar mulheres em comunidades pesqueiras no Brasil, no período de 2007 a 2017. Este trabalho, integrado à coletânea supracitada (apud Martínez; Hellebrandt, 2019) aponta dados fundamentais voltados, digamos, à “**desmotivação**” no que tange o “interesse” e a “dedicação de pesquisas acadêmicas à temática mulheres pescadoras, que aqui busco sublinhar. Assim, desencadeando um levantamento bibliográfico na busca de inferir como a referida temática vem sendo articulada e trabalhada no Brasil, as autoras intentam conhecer e tornar conhecidas as publicações relativas às mulheres na atividade pesqueira no país. A tabela que segue traz as informações constatadas, pelas autoras, da respectiva pesquisa:

TABELA 2 – Síntese dos repositórios consultados e trabalhos encontrados

Repositório e ferramenta de busca	Palavras-chave	Total de trabalhos Alcançados
Google acadêmico	“mulher na pesca” Mulher* AND “atividade pesqueira”	10 dissertações
Banco de dissertações e Teses da CAPES	“mulheres na pesca” “mulher na pesca” “pescadoras” / “pescadora”	26 dissertações 9 teses
Total de trabalhos analisados:		45

Fonte: Souza; Ribeiro; Martínez (2019, p. 23)

Assim, voltada à análise do contexto da tabela, elas explicam que as categorias utilizadas na busca objetivaram abarcar todas as produções sobre a temática mulheres na pesca. Salientam, entretanto, que com a utilização de outras palavras chaves, diferenciadas das que foram utilizadas pelas autoras, os resultados poderiam ser alterados, inclusive na quantidade deles. Não intenciono aprofundar-me em outros aspectos em relação a esta pesquisa; gostaria, porém, de acrescentar que questões de igual relevância são abordadas pelas autoras como, por exemplo, a porcentagem da produção de dissertações e teses por região do Brasil.

A valia dos estudos de Lopes; Freitas e Begossi (2020), é aqui também destacada, pois em seus trabalhos sobre a mulher e a pesca, elas refletem sobre o olhar das pesquisadoras sobre esta temática. No desenvolver dessa reflexão as autoras levantam indagações expressivas:

Por que então as mulheres ainda seguem sendo invisíveis na atividade? Por que esta invisibilidade se traduz inclusive na academia, onde ainda são proporcionalmente tão escassos os estudos sobre o papel feminino na pesca? A academia refletiria de fato uma menor relevância feminina na pesca? Ou a própria academia adota o mesmo olhar enviesado da sociedade, ignorando que quase sempre a pesca, especialmente a de pequena escala, só é possível devido também à participação das mulheres? São muitas perguntas que se desenham, muitas das quais ficarão sem uma discussão aprofundada aqui, no contexto brasileiro, por ausência de dados, mas que vêm sendo finalmente exploradas ao redor do mundo. No Brasil, os estudos de gênero na pesca ainda engatinham, mas apontam para uma realidade não tão dissonante dos demais países (Lopes; Freitas; Begossi, 2020, p.2).

As suas contribuições analíticas evidenciam pesquisas sobre artigos encontrados em relação à importância da mulher na pesca, cujo resultado apresenta

262 artigos publicados até o fim de março de 2020. Dentre estes artigos encontrados e citados por Lopes, Freitas; Begossi, (2020), o primeiro deles data de 1985, de Thompson (1985)¹⁹, que segundo elas, já traz muitas das questões que ainda hoje permeiam o tema, como a necessidade de ver a mulher como parte integrante da pesca e o reconhecimento de que o homem frequentemente depende dela para lidar com o peixe depois de capturado. Sendo assim, ela é só ajuda. Esta análise toma gênero na teoria dos papéis. No seguimento de seus escritos, as autoras nos dizem que:

Apesar de o interesse acadêmico ter se mantido relativamente incipiente desde meados da década de 1980, atualmente ele parece vir seguindo um crescimento exponencial. Somente entre 2018 e março de 2020, por exemplo, 77 artigos científicos foram publicados sobre o tema (Figura 1; Material suplementar), com destaque para o periódico *Maritime Studies*, que organizou alguns volumes especiais sobre o assunto e abarcou, neste período, 30% das publicações sobre a participação feminina na pesca. Os estudos ainda são poucos na América Latina e Caribe, embora haja evidências da atuação da mulher em várias etapas das atividades de pesca, seja na preparação de iscas (Uruguai), coleta e mariscagem (Brasil), limpeza, evisceração e processamento de pescado (El Salvador) ou no manejo e organização da pesca (vários países do Caribe) (DE OLIVEIRA LEIS et al., 2019). No Brasil especificamente, o primeiro estudo que encontramos em um periódico indexado data de 2007 (MAGALHÃES et al., 2007). Apesar de considerarmos que outras pesquisas devem estar disponíveis em capítulos de livros e na literatura cinza em períodos anteriores a este e que as palavras-chave utilizadas em nossa busca podem não ter sido exaustivas, parece-nos evidente que este ainda é um campo novo no país e que a participação feminina na pesca precisa ser melhor explorada nas pesquisas científicas.

As autoras também analisam como o surgimento destes estudos começa a trazer luz à ação feminina no universo pesqueiro e a apontar motivos pelos quais o papel da mulher vem sendo negligenciado nesse universo:

Dentre as principais razões que podem ser atribuídas a esta invisibilidade, muitas estão associadas a questões bioculturais. Mulheres tendem, por exemplo, a concentrar as atividades pesqueiras em ambientes próximos à sua área de residência, como zonas costeiras, estuários e mangues (ARCE-IBARRA; CHARLES, 2008). Tal proximidade normalmente se faz necessária por permitir que elas levem seus filhos consigo e/ou retornem rapidamente para casa a fim de cuidar deles e dos demais afazeres domésticos, responsabilidades atribuídas à mulher em muitas culturas (FRÖCKLIN et al., 2013; ROCHA; PINKERTON, 2015; WEERATUNGE; SNYDER; SZE, 2010). Além disso, esses ambientes são também considerados “mais seguros” que o alto-mar (ARCE-IBARRA; CHARLES, 2008) e frequentemente tidos como mais “adequados” à mulher. No entanto, isto não quer dizer que mulheres também não se arrisquem por águas mais profundas, enquanto homens ficam em casa (BRUMMETT et al., 2010). Tais papéis e a “coragem” atribuída a homens e mulheres variam de acordo com construções socioculturais e o que cada sociedade espera de cada gênero (Lopes; Freitas; Begossi, 2020, p.3).

¹⁹A referência citada pelas autoras é de THOMPSON, P. Women in the Fishing: The Roots of Power between the Sexes. *Comparative Studies in Society and History*, v. 27, n. 1, p. 3–32, jan. 1985.

A cada passo que se evidencia nessa pesquisa, percebe-se que essa discussão não vem de um contexto histórico do “vazio”. Ao debruçar o pensamento sobre as diferentes agências das mulheres na pesca, é possível compreender esse pensamento para outros patamares de escritos que discutem em estudos e revelam que a participação das mulheres na atividade pesqueira é milenar: “Quem pensa que a pesca é uma atividade masculina se engana muito. Na história da atividade, encontram-se muitas evidências de que desde o período colonial, e até nas populações ancestrais indígenas, as mulheres pescavam” (Entre Solos – semeando conexões – 07/11/2022)²⁰. Outros trabalhos, mais antigos, como de Margaret Willson (1953): “Seawomen of Iceland: Survival on the Edge” (“Mulheres do Mar da Islândia: Sobrevivência no Limite”)²¹ já ressaltavam esse fato.

Reforçando o que já foi dito, o olhar a essas evidências elevam o pensamento para as diferentes possibilidades em que as mulheres pescadoras agenciam as suas ações (Archer, 2000). De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO)²², 90% dos integrantes das plantas de processamentos de pescados são mulheres. Elas ocupam diferentes postos no setor pós-captura podendo ser: comerciantes e/ou atravessadoras; atuantes no beneficiamento do pescado; descascadeiras de camarões; na limpeza e filetagem de peixes e mariscos²³ (Gasalla, Fonseca, Martins, Rodrigues, 2019). Dados demonstram que só no Brasil, dos quase um milhão de pescadores artesanais, 45%

²⁰ O **Entre Solos: semeando conexões** é uma iniciativa da Plataforma pela Agricultura Sustentável que faz parte do Pacto Global da ONU no Brasil, da Organização das Nações Unidas (ONU). Esse espaço tem o objetivo de promover o diálogo sobre sustentabilidade no setor de alimentos e na agricultura. A ideia é aproximar as pessoas das realidades do campo e das cidades, dentro do contexto dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Disponível em: <https://www.entresolos.org.br/pescadoras-mantem-a-cultura-artesanal-e-mostram-sua-forca-na-atividade/>

²¹ “Seawomen of Iceland: Survival on the Edge” é um livro que oferece um vislumbre das vidas das vibrantes mulheres que enfrentaram o mar na Islândia por séculos desde 1700. Suas histórias incluem a emoção, acidentes, provações e tribulações da pesca, desde os tempos históricos de pequenos barcos a remo até as complexas e tecnologicamente avançadas pescarias de hoje. O livro é baseado em extensa pesquisa histórica e trabalho de campo, incluindo discussões formais e informais com centenas de mulheres do mar que pescaram desde a década de 1950 até os dias atuais. Essa narrativa etnográfica envolvente intrigará leitores gerais e acadêmicos interessados na cultura marítima, antropologia do trabalho, vida nórdica e estudos de gênero.

²² A **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura**, é uma das agências das Nações Unidas, a que lidera esforços para a erradicação da fome e combate à pobreza (FAO). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_Alimenta%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 07maio2024.

²³ **Mulheres Da Pesca Faces Femininas Na Economia Azul - University** Disponível em: http://labpesq.io.usp.br/images/publicacoes/livreto_mulheres_da_pescalow_ok.pdf

são mulheres, ocupando posições diversas, como pescadoras, fileteiras, descascadeiras e marisqueiras. Além de que, pelo menos 16% dos empregos associados à pesca extrativa são ocupados por mulheres no Brasil²⁴.

O diálogo que estabeleço com alguns dos trabalhos que referenciam uma maior produção no universo acadêmico para a temática sobre mulheres pescadoras, demonstra o quão importante é para mim essa pesquisa. Ademais, quando essa importância é marcante nas falas das mulheres sujeitas dessa pesquisa, como já mencionei, mas faço questão de repetir: “Nós queremos que você venha sempre”; “É um trabalho importante pra nós, da mulher pescadora”. No movimento dessas palavras das pescadoras, atento para o que Gerber (2013), nos diz que cada pesquisador e cada pesquisadora decide para onde volta o seu olhar.

2.2 INCÓGNITAS: DIREITOS POLÍTICOS E SOCIAIS EM DIFERENTES CENÁRIOS

Frente a situações circunstanciais que mantêm e movimentam a invisibilidade das mulheres na pesca em diferentes cenários, existem organizações brasileiras que se entrelaçam a confrontar essa invisibilidade, a exemplo: a Articulação Nacional das Pescadoras (ANP) e o Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP). Estas são organizações que encadeiam iniciativas no sentido de apoiar as lutas das pescadoras (Gasalla; Fonseca; Martins; Rodrigues, 2019). A referência a diferentes cenários abarca os problemas que as mulheres pescadoras enfrentam em relação à colônia dos pescadores; ao INSS; ao Ministério da Pesca e Aquicultura²⁵, que envolvem direitos tanto políticos quanto sociais no tocante à visibilidade das mulheres que fazem parte, enquanto integrantes no universo da pesca. Sejam elas embarcadas, descascadeiras de camarão, fileteiras, marisqueiras, entre outras funções que desempenham nesse universo.

²⁴ Mulheres na Atividade pesqueira no Brasil/FAO- Disponível em: <https://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/1201249/>

²⁵ O **Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA)** é um órgão da administração federal direta, criado em **2009**. Ele é responsável pela implantação de uma política nacional pesqueira e aquícola, transformando essa atividade econômica em uma fonte sustentável de trabalho, renda e riqueza (gov.br). BRASIL. Agência Brasileira de Cooperação. Instituição Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA). Disponível em: <http://www.abc.gov.br/zopacas/informacoes/Instituicao/MPA.aspx>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Duas perguntas reverberam a referência a estes cenários: Serão estes cenários também os pilares na busca dos direitos das pescadoras? Ou somente prevalecem os interesses que beneficiam direitos aos pescadores homens? Acredito ser interessante elucidar alguns pontos que possibilitem um melhor entendimento sobre o que se questiona. Para aclarar essas questões, começamos com um giro em torno das colônias de pescadores e pescadoras. Considerando, teoricamente, que a colônia dos pescadores enquanto um espaço de “acolhimento” repercute em uma ampla discussão sobre direitos e sobre deveres, dentre eles a inserção das mulheres enquanto pescadoras nas colônias, partimos desse cenário para o esclarecimento de aspectos relevantes e, sucessivamente, vamos estabelecendo uma análise dialógica com os demais cenários.

Informações expressivas à essa compreensão foram extraídas dos escritos de Moraes (2001) que argumenta que a fundação das colônias dos pescadores no Brasil, ocorreu no início do século XX, sob a tutela do Estado, levando os pescadores artesanais a estarem sob controle e dominação política dos órgãos governamentais desde então. De acordo com as explicações do autor, somente na Constituição Federal de 1988, as colônias dos pescadores, através do artigo 8º, foram equiparadas aos sindicatos de trabalhadores rurais, recebendo a configuração sindical, o que proporcionou aos pescadores artesanais a conquista de avanços em relação a direitos sociais e políticos. Esses referenciais no tocante ao trajeto histórico das colônias²⁶ no Brasil situam e refletem um arcabouço de mudanças significativas que envolvem a interrelação e a interação dos pescadores com as colônias, num período que segue de 1919, com a fundação das primeiras colônias de pescadores brasileiras, a 1998, quando o Ministério da Agricultura volta a incorporar os pescadores artesanais dentro de sua estrutura (Moraes, 2001).

Lopes; Freitas; Begossi (2020), contemplam a importância em visibilizar a atuação política, econômica e social das mulheres na pesca. A vista disso, refletem aspectos sobre a movimentação da pesca no Brasil Colonial a fim de abordar pontos

²⁶ As primeiras colônias de pescadores do Brasil foram fundadas a partir de 1919, e foi levado a cabo pela Marinha de Guerra; [...] O primeiro estatuto das colônias de pescadores data de 1º de janeiro de 1923, assinado sob a forma de aviso, proveniente da Marinha. As colônias eram definidas como agrupamento de pescadores ou agregados associativos. Para poder desenvolver a atividade pesqueira os pescadores eram obrigados a se matricular nas colônias. Em 1920 foi criada a Confederação dos Pescadores do Brasil.

impactantes sobre o processo que marca a trajetória de um contexto histórico de obstáculos percorridos pelas mulheres pescadoras, incluindo, como mencionado, a inserção à colônia de pescadores. Ademais, as autoras trazem para discussão, outras(os) mais pesquisadoras e pesquisadores conscientes das circunstanciais barreiras enfrentadas por mulheres enquanto sujeitas atuantes nas atividades pesqueiras:

A pesca no Brasil Colonial incluía três atividades: a primeira feita pelos escravos para seu próprio consumo, após o seu trabalho (forçado) regular; a segunda, feita pelos escravos que participavam do comércio de pescado através de seus senhores; e a terceira, feita pelos pescadores livres, a maioria indígena, que vendiam o peixe nos mercados (SILVA, 1988: 45)²⁷. O controle do Estado no Brasil, no século XIX, incluía inclusive o dízimo do pescado, cobrado pelas câmaras municipais. Além disso, os locais permitidos para a venda do pescado eram determinados pelas posturas municipais (SILVA, 1988: 117, 121). A primeira regulamentação de pescadores ocorreu em 1846, através das Capitânicas dos Portos nas províncias marítimas do Império (SILVA, 1988: 124). Este primeiro registro de pescadores nas Capitânicas dos Portos teve sentido militar e de controle marítimo (SILVA, 1988: 135), o que nos leva a destacar que, ao relacionar a pesca a uma atividade militar, a exclusão das mulheres já seria esperada. Em 1912, o governo criou as Colônias de Pescadores, que visavam garantir um grupo de reserva para a defesa do país (novamente uma oportunidade de militarização da pesca, em função dos conhecimentos marinhos úteis em caso de guerra) e para servir como centros educacionais de integração do pescador com o país (BRETON et al., 1996)²⁸. Entre 1932 e 1961, as colônias estiveram associadas ou ao Ministério da Marinha ou ao Ministério da Agricultura. No governo militar, elas eram comandadas por sargentos ou tenentes (BRETON et al., 1996), o que evidencia que as colônias nascem e se mantêm por longo prazo sem representatividade social. Apenas com a queda da ditadura no Brasil, em 1985, associações e colônias pesqueiras livres, espontâneas, e sem o “incentivo” militar começaram a ser formadas na costa brasileira. No Rio de Janeiro, há algumas que incluem mulheres em sua direção, como a Colônia de Pescadores de Copacabana (Z13) e a de Arraial do Cabo (Z5) (A.B., obs. pes.). No Rio Grande do Norte, ao menos oito colônias das 19 do Estado estavam sob controle feminino em 2020 (P.F.M.L., obs. pes.), algo que se repete em vários outros Estados brasileiros. De fato, a partir dos anos 1990 as mulheres passam a se mobilizar nacionalmente para influenciar ações do Estado que as contemplassem como pescadoras, incluindo o questionamento das dificuldades de acesso às políticas sociais e previdenciárias e ao poder político dentro do setor pesqueiro, como a possibilidade de liderarem organizações de pesca (colônias, sindicatos e associações) (ALENCAR; PALHETA; SOUSA, 2015)²⁹ (Lopes; Freitas; Begossi, 2020, p.6).

²⁷ SILVA, L. G. **Os pescadores na História do Brasil**: colônia e império. Recife: Comissão Pastoral dos Pescadores, 1988.

²⁸ BRETON, Y. et al. Fisheries management and the Colonias in Brazil: A case study of a top-down producers' organization. *Society & Natural Resources*, v. 9, n. 3, p. 307–315, 1996.

²⁹ ALENCAR, E. F.; PALHETA, S. P. SOUSA, I. S. Trabalho na pesca, ação política e identidade: as mulheres da Colônia de Pescadores Z-32 de Marã-Amazonas. In: SCHERER, E. F. (Ed.). *Aqui estamos: entre as águas dos mares, águas dos rios, nas terras de trabalho da pesca artesanal*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2015. p. 39–70.

Como explicado, ao relacionar a pesca a uma atividade militar a exclusão das mulheres já seria esperada. Conseqüentemente, as mulheres começaram a ser reconhecidas como pescadoras em colônias de pescadores no Brasil a partir de 1980, quando a Lei 6.807 foi promulgada, garantindo o direito ao registro de pesca para elas. Para ser mais precisa, no Brasil, o reconhecimento da categoria pescadora artesanal ocorreu em 1978, quando foi adquirido o direito de se associarem às organizações de classe (Leitão, 2015, Silva; Leitão, 2012). Algumas mulheres conseguiram, durante os anos de 1980, o reconhecimento jurídico como profissionais da pesca artesanal. Estas são, no mais das vezes, mulheres embarcadas, proprietárias de pequenas embarcações (Silva; Leitão, 2012):

Com a Lei n.º 6.807/1980, que criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM), e, portanto, com a admissão das mulheres na Marinha, analogicamente foram consideradas pescadoras artesanais as mulheres embarcadas ou proprietárias de embarcações. Assim, as Colônias de Pescadores receberam comunicado oficial das Capitânicas dos Portos de cada localidade para conceder o Registro de Pesca para as mulheres nessas condições. Por isso, algumas poucas mulheres das áreas pesqueiras conseguiram reconhecimento jurídico de sua profissão, gozando atualmente dos direitos previdenciários a que fazem jus (Silva; Leitão, 2012, p. 14-15).

Para citar outros estudos que se debruçam a compreender os caminhos que as mulheres pescadoras percorrem em busca de seus direitos frente às Colônias de pescadores, Goncalves; Medeiros e Pisani (2019), apresentam reflexões sobre as construções de gênero nas relações entre mulheres pescadoras da Colônia Z7³⁰, localizada na cidade de Tocantinópolis. Nesse trabalho, as autoras delimitam e problematizam as relações de gênero abordando questões como: espaço privado e público, dupla jornada de trabalho, profissão, filhos, representatividade e lugares de fala vivenciados pelas mulheres pescadoras da respectiva pesquisa objetivando mostrar os dilemas, as dificuldades e a relação que essas mulheres pescadoras têm com o Rio Tocantins e a profissão. Hulda Stadtler (2013), desenvolve a sua pesquisa nos limites de uma Unidade de Conservação localizada nas fronteiras do litoral entre

³⁰ Entre 1919 e 1923, o governo brasileiro organizou a Missão do Cruzador José Bonifácio, com o intuito de fazer o reconhecimento do litoral. Esta missão foi coordenada pelo comandante Frederico Villar, que se tornou criador das colônias de pescadores no Brasil. Ele dividiu o litoral e os rios em "Zonas de Pesca", por isso, as colônias são identificadas com um "Z". (Abreu, 2012)

A classificação Z seguida de numeração nas colônias de pescadores, geralmente indica um tipo específico de embarcação ou uma característica particular de métodos de pesca usados. Cada letra e número em tais sistemas de classificação servem para padronizar e organizar as práticas de pesca. Ou seja, na prática significa que essas embarcações seguem regulamentos e padrões específicos dentro dessa categoria (Façanha, C. L., & Da Silva, C. J., 2017).

a Paraíba e Pernambuco - RESEX Acaú-Goiana. As comunidades pesqueiras que estão dentro dessa unidade denominada RESEX Acaú-Goiana, são: Caaporã, Acaú, Tejucupapo, Povoação de São Lourenço (quilombo), Carne de Vaca, Ponta de Pedra e Baldo do Rio. Dentre as informações, a autora ressalta a existência de duas colônias de pescadores/as artesanais nessa área (Acaú/PB e Ponta de Pedra/PE) e pelo menos uma Associação (Carne de Vaca/PE). Centrada com a sua pesquisa em um território específico, a autora busca interagir, conhecer e contribuir com essas mulheres no sentido das suas ações políticas e do fortalecimento dessas ações em relação aos direitos que elas têm no tocante à profissão, à saúde e à raça. Stadtler argumenta que as pescadoras brasileiras têm em comum com outras trabalhadoras a histórica de luta pela sustentabilidade da pesca como economia familiar, direitos trabalhistas e previdenciários, e ainda a constante luta em combate à poluição e degradação ambiental.

Ao voltar o olhar às colônias que fazem parte deste trabalho, ou seja, as que estão estruturadas nas cidades de Guaratuba e de Matinhos, no estado do Paraná, trago algumas informações relevantes para discussão. A Colônia de pescadores Z7 em Guaratuba, foi fundada em 1975, e reúne mais de novecentos pescadores e pescadoras artesanais associados (Rampelotti, jblitoral, 2020)³¹. A Colônia de Pescadores Z4 em Matinhos, por sua vez, é uma das mais antigas do Paraná, tendo sido fundada em 1946, possuindo mais de duzentos e cinquenta pescadores e pescadoras artesanais associados (Souza; Nogueira; Gonçalves, 2018). Além da colônia dos pescadores e pescadoras, foi fundada em 11 de julho de 2019 em Guaratuba a Associação dos Pescadores e Armadores de Guaratuba e Região, para auxiliar e apoiar os pescadores e pescadoras tendo como objetivo oferecer suporte aos profissionais da pesca na área. A área de atendimento no litoral do Paraná se estende para Antonina; Morretes; Guaraqueçaba; Matinhos; Pontal do Paraná e Paranaguá (APAGRE, 2024)³².

Percebe-se que a inscrição nas colônias de pescadores é um passo importante para as mulheres serem reconhecidas como pescadoras. Essa inscrição permite que elas obtenham a carteira de pescador que é essencial para exercer a atividade de

³¹Disponível em: <https://jblitoral.com.br/>

³² Disponível em: <https://www.econodata.com.br/consulta-empresa/34329626000168-associacao-dos-pescadores-e-armadores-de-guaratuba-e-regiao>.

pesca profissional. Além do que, para o reconhecimento do benefício do Seguro-Desemprego do Pescador Artesanal (popularmente conhecido como seguro-defeso) é preciso que a mulher pescadora tenha a carteira de pescadora emitida pela colônia dos pescadores por intermédio da inscrição³³ (gov.br). Portanto, a inscrição nas colônias e a obtenção da carteira de pescador são passos fundamentais para garantir o reconhecimento e os direitos das mulheres no mundo da pesca.

Existe um entrelace na teia dos direitos tanto políticos quanto sociais no tocante à visibilidade das mulheres frente à colônia dos pescadores, ao INSS e ao Ministério da Pesca e Aquicultura. Passo a passo vamos elucidando pontos relevantes para a compreensão desse entrelace. Corroborando as informações sobre o cenário das mudanças que datam a década de 1990, em cujas significativas as pescadoras emergem a fim de buscar visibilidade; reiteramos os argumentos de Alencar; Palheta e Sousa (2012), quando sublinham sobre a mobilização das mulheres pescadoras que ocorreu, a nível nacional, a partir da respectiva década. As autoras ressaltam o fato desta mobilização ter tido como propósito influenciar as ações do Estado na elaboração de políticas públicas voltadas para o setor da pesca artesanal que incluíssem questões relacionadas às especificidades de gênero.

A composição das suas reivindicações estava pautada na **visibilidade de direitos**, pois questionavam e buscavam soluções para as dificuldades que encontravam para ter acesso às políticas sociais e previdenciárias que eram direcionadas à categoria dos pescadores e pescadoras artesanais, e a distribuição de poder político nas instituições que representavam a categoria, como as Colônias, Associações e Sindicatos. Teoricamente, as mulheres pescadoras tinham garantido, em lei, o direito de se associarem. Entretanto, se faziam presentes dificuldades para que questões de gênero pudessem ser incluídas nas pautas dessas instituições.

³³ 1. **Ser pescador artesanal:** O benefício é destinado a pescadores que dependem exclusivamente da pesca como sua principal fonte de renda; **Registro no Ministério da Pesca:** É necessário estar registrado no Ministério da Pesca como pescador há pelo menos 1 ano; **Contribuição previdenciária:** O pescador deve efetuar contribuições previdenciárias com base na venda dos produtos pescados ao longo do ano, durante os períodos não sujeitos ao defeso; 2. **Documentação comprobatória:** Além disso, é importante apresentar documentos como nota fiscal de venda realizada pelo pescador artesanal, declaração da colônia de pescadores registrada no SEAP ou IBAMA (deve ser homologada pelo INSS) e a caderneta de inscrição pessoal visada pela CPSC, pela Superintendência do Desenvolvimento da Pesca ou pelo DNOCS (também deve ser homologada pelo INSS).(gov.br) Disponível em: <https://www.gov.br/inss/pt-br/assuntos/seguro-defeso-entenda-o-beneficio-para-o-pescador-artesanal>.

Dentre elas a de ocupar cargos de direção mantendo, dessa forma, uma presença “discreta” nos respectivos cenários ligados à pesca.

Significativa é a discussão de Stadtler (2013) com as mulheres pescadoras nos propósitos do seu trabalho sobre o combate ao racismo institucionalizado e às discriminações nas instituições e serviços do SUS. Esclarece-nos a autora que esta interrelação - saúde e raça na sua pesquisa acontece pelo fato de o perfil das mulheres na pesca artesanal trazer o quesito cor e a etnia como elementos fundantes dessa população. A vista disso, orienta-nos que no ato de investigar a relação entre quesito cor e trabalho na dinâmica de saúde das pescadoras está a possibilidade de compreender como as mulheres podem contribuir de modo participativo, nas gestões públicas da saúde. No contexto do seu trabalho, Stadtler salienta que:

Pescadoras, como outras trabalhadoras, têm direitos garantidos quando os problemas de saúde surgem impedindo a atividade, contudo o reconhecimento desses direitos não tem sido fácil. No atual contexto dessa luta as pescadoras artesanais, através da Articulação Nacional, têm dedicado especial atenção às questões de saúde. Com o apoio do Ministério da Saúde, representantes de pescadoras de todo o país reuniram-se em Cabedelo - PB (jul./2012) estruturando uma agenda com conteúdo e ações para melhoria de suas condições de trabalho e saúde³⁴. A partir de pesquisa organizada para Ilha de Maré, na Bahia, por Dr. Paulo Penna, levantou-se 60 doenças ocupacionais que atingem as pescadoras, entre elas 22 tipos de LER. Problemas com posturas, apetrechos utilizados, acidentes, precária alimentação foram alguns dos problemas constatados. Infecções urinárias pela exposição a lama e poluição das águas em que passam horas e horas mergulhadas a cada pescaria levam a diversos problemas ginecológicos. Contudo, os peritos do INSS deliberadamente desconhecem ou não reconhecem essas doenças quando a perícia ocorre em relação a uma pescadora ou pescador (Stadtler, 2013, p.2-3).

Por essas situações supracitadas, dentre outras, que as mulheres pescadoras buscam mudanças. Elas afirmam a sua agência enquanto sujeitas social e política, e mobilizam-se. Na direção de reconhecimentos visando conquistar os espaços de representação política nas entidades dominadas pelos pescadores – homens, o que as leva, nesse contexto, a denunciar a sua invisibilidade na cadeia produtiva da pesca perante o poder público, e em outras esferas da vida social. A vista disso, estudos como o de Alencar; Palheta e Sousa (2012), que refletem contextos das experiências dessas mulheres da pesca, apontam-nos como elas se conduzem estrategicamente. Estão, assim, essas mulheres pescadoras apostas em um processo de empoderamento. Nesse seguimento analítico, Alencar; Palheta e Sousa, acentuam

³⁴ Encontro da Articulação Nacional das Pescadoras – Pescando com Saúde e Previdência.

também que a trajetória desse processo ocorreu com a articulação de uma ampla rede de apoio e de discussão política, que incluiu:

Parcerias com pesquisadores, organizações da sociedade civil nacional e internacionais, e instituições de representação dos pescadores. Dentre as principais estão o MONAPE (Movimento Nacional dos Pescadores) com forte atuação nos anos 1990; a CPP (Comissão Pastoral da Pesca) que mantém forte atuação junto à categoria dos pescadores e pescadoras artesanais; o ICSF (Coletivo Internacional de Apoio aos Trabalhadores da Pesca) com forte atuação em países em desenvolvimento (Alencar; Palheta; Sousa, 2012).

Toda essa articulação em busca de mudanças está inserida em processos anteriores de extensão nacional que marcam as lutas dessas mulheres pescadoras³⁵. A Constituição de 1988, por exemplo, ampliou esse direito ao garantir a inscrição das pescadoras no Registro Geral da Atividade Pesqueira. O Artigo 5º da Constituição Federal Brasileira de 1988, um dos pilares fundamentais do ordenamento jurídico brasileiro, estabelece os direitos e garantias fundamentais dos cidadãos, servindo como um alicerce para a proteção dos direitos individuais e coletivos no Brasil³⁶. Mas na trajetória desses “direitos individuais e coletivos” no Brasil, o trabalho das pescadoras é dificilmente reconhecido como profissional. De mais a mais, a legislação não tratou da própria condição de pescador artesanal até o ano de 2009. A pesca artesanal no Brasil foi provisoriamente definida em lei somente no ano de 2003 (e não antes desse ano). Antes disso, qualquer política para o setor pesqueiro voltava-se ao estímulo do desenvolvimento da pesca industrial. A definição de pesca artesanal em 2003 tinha por objetivo prever o benefício previdenciário de seguro-desemprego aos pescadores na época do defeso:

Em 2003, com a legislação previdenciária sobre economia familiar, muitas pescadoras conquistaram o Registro de Pesca. Foram reconhecidas como profissionais em virtude do exercício de atividades equiparadas à pesca, exclusivamente em regime de economia familiar. Portanto, sem assalariamento e dependendo do vínculo familiar com a pesca artesanal. O grande problema fático é que muitas das pescadoras trabalham não somente com suas famílias, mas em um regime comunitário de trabalho. Assim, quando necessitam a prestação de benefícios previdenciários, estes são negados, por não se amoldarem à prescrição normativa referente à pesca artesanal. Mais uma vez, as pescadoras não são reconhecidas por seu trabalho autônomo, mas pelo vínculo familiar com a pesca. Entenda-se aqui o vínculo dos homens da família com a pesca (Silvia; Leitão, 2012, p.15).

³⁵ Considerando a história da pesca artesanal no Brasil, a organização dos modos de produção, do trabalho e o estilo de vida dos pescadores voltados às determinações legais regionais, ver Diegues (1983); Silva (1993); Azevedo (2012).

³⁶ PARANÁ. Secretaria da Justiça, Família e Trabalho. Declaração Universal e Constituição de 1988. Disponível em: <https://www.justica.pr.gov.br/Pagina/Declaracao-Universal-e-Constituicao-de-1988>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Em 29 de junho de 2009, foi implantada pela Presidência da República, a Lei nº 11.959, também conhecida como a Lei da Pesca. Essa Lei, juntamente com o acesso ao Seguro-desemprego do pescador artesanal – SDPA³⁷, permitiu que novos atores passassem a integrar a agenda governamental, provocando modificações nas ações do Estado. A Lei da Pesca de 2009 redefiniu a pesca artesanal incluindo atividades de pré e pós-captura que eram predominantemente realizadas por mulheres. Isso garantiu a essas mulheres o acesso ao Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP)³⁸, permitindo que elas se inscrevessem e obtivessem reconhecimento legal para suas atividades (Brasil, 2009)³⁹.

Porém, com a regulamentação da atividade da pesca artesanal pela lei n. 11.959/2009, para que as mulheres pudessem figurar entre os profissionais da pesca e obterem o reconhecimento de sua condição profissional como pescadora, era preciso a condição profissional familiar (marido e pai). Isto significa que era preciso comprovar que pai ou esposo eram pescadores artesanais, senão não seria considerada pescadora (Silvia; Leitão, 2016):

O que acontece é que esse grupo de mulheres, ao invés de serem consideradas seguradas especiais para a previdência social, e gozarem dos benefícios dessa condição (como menor tempo para a aposentadoria, reconhecimento de doenças laborais, entre outros), deverão ser submetidas ao Regime Geral de Previdência Social. Isso, apesar de trabalharem efetivamente sob condições penosas e insalubres, típicas da pesca artesanal. A grande questão é que, em virtude da diferença de gêneros, a legislação previdenciária brasileira diferencia o reconhecimento de homens pescadores e mulheres pescadoras. Ao lado dessa distinção injustificada entre homens e mulheres, a falta de reconhecimento do trabalho das pescadoras as diferencia quanto ao acesso a direitos em relação às trabalhadoras urbanas. Um claro exemplo é a concessão de auxílio doença por parte da Previdência Social. Além disso, licença maternidade e seguro desemprego são direitos garantidos a todas as profissionais, mas que, pela condição auxiliar das pescadoras, não lhes é possível acessar (Silvia; Leitão, 2016, p. 141).

³⁷ SDPA, também conhecido como Seguro Defeso do Pescador Artesanal, é um benefício que o Governo Federal concede aos pescadores e pescadoras artesanais, como profissionais da pesca, durante o período em que ocorre a paralisação da pesca visando a preservação de algumas espécies consideradas como vulneráveis, cuja lista varia de região para região, no período reprodutivo. O tempo pode variar de três a quatro meses, e o valor a receber por cada pescador/a corresponde a um salário-mínimo por mês durante todo o período de suspensão da pesca. Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br>

³⁸ Para saber quem é pescador ou pescadora profissional artesanal, o Ministério da Pesca e Aquicultura criou o Registro Geral da Pesca (RGP) - Registro Geral da Pesca – RGP – Pesca Profissional Artesanal <https://guiadapesca.com.br/registro-geral-da-pesca-rgp-pesca-profissional-artesanal/>

³⁹ BRASIL, 2009. Presidência da República. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei no 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei no 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 29 de junho de 2009. Seção 1, p. 1.

O Decreto nº 8.425 de 31 de março de 2015, regulamentou o parágrafo único do artigo 24 e o artigo 25 da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, para dispor sobre os critérios para inscrição no registro geral da atividade pesqueira e para a concessão de autorização, permissão ou licença para o exercício da atividade pesqueira. No Parágrafo 2º consta que a atividade pesqueira no Brasil só poderia ser exercida por pessoa física, jurídica e embarcação de pesca inscrita no RGP detendo autorização, permissão ou licença para o exercício da atividade pesqueira. Seguido do Parágrafo 3, Art. 2º que determina que são categorias de inscrição no RGP:

I - pescador e pescadora profissional artesanal - pessoa física, brasileira ou estrangeira, residente no País, que exerce a pesca com fins comerciais de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada ou utilizar embarcação de pesca com arqueação bruta menor ou igual a vinte [...] IV- embarcação de pesca - aquela pertencente a pessoa física ou jurídica, brasileira ou estrangeira, que opera, com exclusividade, em uma ou mais das seguintes atividades: a) pesca; b) aquicultura; c) conservação do pescado; d) processamento do pescado; e) transporte do pescado; e f) pesquisa de recursos pesqueiros (Brasil, 2015).

Como regulamenta assim o Decreto nº 8.425 de 2015, o RGP não ficava restrito somente à pesca embarcada, pois a outras atividades pesqueiras também era permitido a inscrição no RGP.

Já o Decreto de 2017⁴⁰ trouxe uma mudança específica na lei que regulamenta o Registro Geral da Atividade Pesqueira, concedendo direitos exclusivamente à atividade de tirar o peixe da água. Isso significa que para se inscrever no RGP, as mulheres agora precisavam estar envolvidas diretamente na captura do peixe, em vez de outras atividades relacionadas à pesca. A vista disso, as mulheres que desempenhavam atividades como confeccionar redes, capturar mariscos, moluscos, peixes, processando e beneficiando produtos à base de pescado e realizando a comercialização foram excluídas, deixando de ter amparo legal, ou seja, desenvolvendo essas atividades essenciais, não puderam mais fazer inscrição no RGP. Essas mudanças significativas entre o Decreto de 2017 e o cenário atual afetaram negativamente as mulheres que desempenham funções, como já explicado,

⁴⁰ BRASIL, 2017. Presidência da República. Decreto nº 8.967, de 23 de janeiro de 2017. Altera o Decreto nº 8.425, de 31 de março de 2015, que dispõe sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira, e o Decreto nº 8.424, de 31 de março de 2015, que dispõe sobre a concessão do benefício de seguro-desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional artesanal que exerce sua atividade exclusiva e ininterruptamente. Diário Oficial da União, Brasília, 24 de janeiro de 2017. Seção 1, p. 2

em outras etapas da cadeia produtiva do pescado, além de “tirar o peixe da água. Seguindo, dessa forma, a luta por visibilidade e garantia de direitos como pescadoras, buscando reconhecimento e valorização de seu trabalho.

Em 1º de janeiro de 2023, o Decreto nº 11.352 não especifica que a mulher pescadora, a partir dessa Lei, precisa ser filha ou esposa de pescador para ser considerada como tal. No entanto, é importante observar que a legislação pode variar em diferentes contextos e estados. Na decorrência dos movimentos voltados à valorização e reconhecimento dos seus direitos, ações das mulheres pescadoras foram substanciais nessa luta e acabaram por influenciar algumas medidas que a partir deste decreto foram colocadas em prática. As informações referentes aos acontecimentos foram registradas e publicadas pela Oceana-Brasil-organização (2023)⁴¹:

- a) Entre agosto e outubro de 2022, mulheres pescadoras participaram, junto a lideranças da pesca artesanal, em um debate sugerindo mudanças e aperfeiçoamentos na legislação pesqueira do país, a Lei nº 11.959 – publicada em 2009, por ela apresentar, segundo as reclamações, uma série de falhas e lacunas, que demandam uma revisão ampla e profunda.
- b) Em outro momento, a publicação na Oceana-Brasil, foi referente ao encontro das pescadoras, em Brasília, que aconteceu em janeiro de 2023: “Mulheres se mobilizam pelo direito de existir como pescadoras artesanais”. Segundo as notificações de Ribeiro/Oceana, esse encontro resultou na Carta de Brasília – uma minuta que propõe atualizar a Lei da Pesca – que foi protocolada no dia 30 de janeiro, nas presidências da República, da Câmara dos Deputados e do Senado (Silva, Liza Bilhalva Martins da; Bozzetto, Miriam 2023).

Um aspecto relevante que está no cerne das mobilizações realizadas pelas pescadoras, abarca uma sistematização das principais demandas específicas, voltadas ao Legislativo e Executivo que, segundo as informações da Oceana – Brasil, são:

⁴¹ A Oceana foi criada em 2001 por um grupo de fundações líderes em conservação – Pew Charitable Trusts, Oak Foundation, Marisla Foundation (anteriormente Homeland Foundation), e Rockefeller Brothers Fund. e é a maior organização internacional focada exclusivamente na conservação dos oceanos. A Oceana dedica-se a promover a gestão pesqueira com base na ciência e a restaurar os oceanos do mundo. A Oceana tem escritórios na América do Norte, América Central, América do Sul, Europa e Ásia. Email: brazil@oceana.org

TABELA 3 – Principais demandas nos contextos das mobilizações realizadas pelas pescadoras

1. Respeito à identidade de pescadora;
2. Fim da violência institucional causada pela falta de preparo e treinamento dos profissionais do governo que atendem as pescadoras e marisqueiras;
3. Garantia do direito a mais espaços de comercialização dos produtos;
4. Criação de programas de atenção especializada à saúde das mulheres pescadoras e marisqueiras, inclusive para saúde emocional, com profissionais de saúde treinados e qualificados para atender as comunidades pesqueiras e que se estendam a toda a cadeia produtiva de pesca;
5. Criação de programas de incentivo à agregação de valor aos produtos;
6. Desburocratização dos registros de Pescadora e Marisqueira (emissão de RGP);
7. Reconhecimento pelo INSS, das doenças ocupacionais das mulheres na pesca e mariscagem;
8. Criação de programas de incentivo à independência financeira;
9. Criação de programas de formação e capacitação para novas lideranças femininas na pesca e para seus/suas filhos/filhas;
10. Garantia de participação e direitos nos espaços de tomada de decisão, como conselhos, comitês, grupos de trabalho, dentre outros;
11. Reconhecimento à cultura e aos saberes tradicionais – inclusive para fins de pesquisa e demais ações das universidades e dos governos;
12. Fim das ameaças contra mulheres nos territórios de pesca e maretórios ⁴² ;
13. Fortalecimento dos coletivos de mulheres que vivem em comunidades tradicionais pesqueiras;
14. Garantia de cotas nos cursos universitários para mulheres da pesca;
15. Ampliação do seguro defeso para mulheres marisqueiras;
16. Visibilidade e reconhecimento para as mulheres das águas e dos mangues;
17. Fim do racismo e do machismo;
18. Direito à aposentadoria, auxílio-doença, licença-maternidade e todos os demais direitos, sem precisar de documentação complementar dos homens (maridos, filhos, irmãos);
19. Criação de um banco de dados único das pescadoras, para que seu histórico de pescadora/marisqueira/trabalhadora da pesca seja reconhecido, sem necessidade de comprovações complementares;
20. Garantia de proteção e reconhecimento dos territórios e maretórios.

(Fonte - Silva, Liza Bilhalva Martins da; Bozzetto, Miriam, 2023).

Todos os referenciais das demandas são expressivos em relação às mulheres pescadoras. Chamam-me a atenção os itens 12 e 17, por exemplo, que além do alerta à violência moral representam, na mesma intensidade, o peso da violência física. Considera-se a relevância dessas demandas para as mulheres pescadoras frente à esfera local bem como a extensão desses pontos a um cenário mais amplo, no sentido de se compreender movimentos que ocorrem e fazem parte dos processos de ressignificação de si para elas próprias como sujeitas e em grupo.

⁴² Maretório é uma junção de marés com território, muito utilizada pela população costeira do Brasil para se referir aos territórios influenciados pela maré.

Esses fatos importantes, marcaram a 1ª Semana Nacional da Pesca⁴³, em 01 de agosto de 2023, como parte da programação realizada pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, Secretaria da Pesca Artesanal e Foro Nacional da Pesca Artesanal. Destaca-se que esta foi a primeira reunião do Fórum Nacional da Pesca Artesanal, tratando-se de um espaço de participação social, em que os pescadores indígenas, mulheres negras, representantes das comunidades caiçaras – pescadores e pescadoras, das marisqueiras, dos jangadeiros, dos vazanteiros⁴⁴, dos ribeirinhos, dos extrativistas tiveram voz e influenciaram as políticas públicas voltadas a eles. Dito de outra maneira, o Programa Povos da Pesca Artesanal, instituído pelo Decreto nº 11.626 de 2 de agosto de 2023, visando promover a pesca artesanal e trazendo mais detalhes sobre a inclusão das mulheres na atividade pesqueira⁴⁵.

Trazer esse detalhamento sobre a inclusão das mulheres na pesca no contexto das políticas públicas, nos faz refletir que no compasso das suas lutas elas vão conquistando a visibilidade de ser reconhecida enquanto pescadora e dos seus direitos por serem pescadoras. Neste seguimento, no dia 04 de agosto de 2023, segundo dados do Ministério da Pesca e Aquicultura - o GT⁴⁶ de mulheres encerrou a 1ª Semana Nacional da Pesca Artesanal. Segundo as informações do GT de mulheres, foi a primeira vez na história, que o governo dedicou um evento e elaborou políticas públicas exclusivamente para os indígenas e quilombolas, mulheres negras, comunidades caiçaras – pescadores e pescadoras marisqueiras, jangadeiros,

⁴³ O MPA (Ministério da Pesca e Aquicultura), realizou a **1ª Semana Nacional da Pesca Artesanal**, um evento exclusivamente para pescadoras e pescadores artesanais. A solenidade de abertura aconteceu no auditório Jonas Pinheiro, na Esplanada dos Ministérios, e a programação abordou temas de interesse desses profissionais até 4 de agosto. Durante o evento, cerca de 200 representantes de comunidades pesqueiras de todo o Brasil, além de instituições públicas e da sociedade civil, se reuniram para discutir questões relevantes para o setor.

Essa iniciativa demonstra o compromisso do MPA com o desenvolvimento sustentável e o reconhecimento do papel fundamental das mulheres na pesca e aquicultura. A criação do Prêmio Mulheres das Águas e outras ações específicas para fortalecer o protagonismo feminino são passos importantes para promover a igualdade e a inclusão nesse setor (gov.br.) BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Aberta a 1ª Semana Nacional da Pesca Artesanal. Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br/assuntos/noticias/aberta-a-1a-semana-nacional-da-pesca-artesanal>. Acesso em: 25 jan. 2025.

⁴⁴ São chamados assim porque praticam uma agricultura que está associada aos ciclos dos rios.

⁴⁵ BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 11.626, de 24 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11626.htm. Acesso em: 25 jan. 2025.

⁴⁶ O “GT de mulheres” se refere a um **Grupo de Trabalho** composto por mulheres pescadoras artesanais.

vazanteiros, ribeirinhos, extrativistas (BRASIL, Ministério da Pesca e Aquicultura, 2023).

Reitero que as informações e explicações explicitadas, ressaltam e denotam os caminhos que as mulheres pescadoras percorrem e a forma como elas se deparam com dificuldades de reconhecimento pelos órgãos oficiais como pescadoras que fazem da pesca a sua vida. Aliás, a repercussão dessas contribuições analíticas reverbera a maneira como as pescadoras artesanais têm desenvolvido suas atividades produtivas e reprodutivas em precárias condições, pois encontram dificuldade para utilizar seus locais de trabalho (praias, estuários, e mangues, lagos, açudes e rios), e para ter acesso às colônias e associações. Interagindo dialogicamente com essas contribuições, no trâmite que decorrem os escritos dessa discussão, foi citado as mobilizações realizadas pelas pescadoras, bem como, apresentado um quadro que reflete as demandas requisitadas pelas pescadoras ao poder Executivo e Legislativo. No enquadramento das vinte demandas apresentadas no respectivo quadro, três, dentre elas, ressaltam com maior proximidade aos questionamentos e reclamações das mulheres pescadoras desta pesquisa em relação às colônias, quais sejam: 13. “Fortalecimento dos coletivos de mulheres que vivem em comunidades tradicionais pesqueiras; 16. Visibilidade e reconhecimento para as mulheres das águas e dos mangues; 19. Criação de um banco de dados único das pescadoras, para que seu histórico de pescadora/marisqueira/trabalhadora da pesca seja reconhecido, sem necessidade de comprovações complementares” (Silva, Liza Bilhalva Martins da; Bozzetto, Miriam 2023).

A complexidade dessas demandas se estende a vários pontos que estão sendo trabalhados no decorrer desta tese em relação às experiências das mulheres pescadoras, cujas narrativas evidenciam a forma como o universo da pesca assume aspectos tradicionalmente associados ao gênero masculino: “As pessoas reconhecem a mulher como a esposa do pescador. A função deles é ser pescador, a nossa é ser esposa de pescador” (pescadora Zaira). A participação política das mulheres pescadoras em Congressos da pesca, como ocorreu com a pescadora Lina “Eu tive num Congresso em São Luiz do Maranhão, eu passei por Brasília[...]Eu aprendi muito lá”, reivindicando direitos nas respectivas colônias de pescadores(as) a que pertencem, as faz olhar para além dos ambientes pessoais despertando a consciência para a importância da conexão que existe entre indivíduo/sociedade, biografia/história conforme os argumentos de Mills (1972), já referenciados nesses escritos.

As mobilizações das mulheres pescadoras e o cruzamento que acontece entre essas mulheres e a sociedade, as suas biografias e a história, apontam a articulação existente entre a estrutura social e a vida privada. Dito de outra maneira, ressaltam os momentos em que elas se projetam e estendem o espaço público local para outros lugares. Autoras como Lopes; Freitas e Begossi (2020) corroboram estes processos trazendo esses movimentos à tona, a fim de ilustrar a luta das mulheres pescadoras em um contexto de empoderamento:

Nas últimas décadas, as pescadoras brasileiras conseguiram melhorias: muitas, por exemplo, gerenciam diferentes associações de pescadores em todo o país, incluindo algumas historicamente dominadas por homens, como as colônias de pesca, conforme nos informam à medida que o reconhecimento feminino progride lentamente, em alguns casos as mulheres começam a ter seu trabalho valorizado economicamente para além das esferas de processamento e venda de peixes (Lopes; Freitas; Begossi, 2020, p.1).

Todo o movimento que elas fazem em busca de visibilidade e reconhecimento dos direitos, reflete a interrelação e interdependência de um pelo outro. E essas mulheres não estão só. Nas mobilizações elas se encontram, e se fortalecem. E compreendem que nesses encontros elas entrelaçam um movimento para além da esfera local, além do espaço privado. Na leitura dessas ações, arrisco-me a considerar que o sentimento que substancia o que elas expressam, traz a mensagem: ***É preciso que me Enxerguem, enquanto Pescadora para poder Reivindicar o que eu Preciso para poder Existir, enquanto Pescadora (grifo meu).***

No próximo capítulo, desenvolvo um diálogo com as teorias que fundamentam os estudos de gênero, campo no qual me insiro como pesquisadora e que se conecta diretamente com a realidade das mulheres pescadoras.

III MEU LUGAR DE PESQUISADORA EXPRESSA-SE NOS ESTUDOS DE GÊNERO

É expressivo elucidar que o posicionamento a que me disponho voltado às teorias feministas e de gênero, e no qual esta tese se insere, passa pela compreensão de quão significativo é o processo que envolve os movimentos de análises das respectivas teorias. A exemplo de estudos como o de Bonetti e Fleischer (2006) e Furlin (2014) que avivam a importância das teorias feministas e das mulheres pesquisadoras no contexto das respectivas pesquisas, sigo o mesmo caminho considerando como relevante à inserção do tema e meu lugar de autoria como pesquisadora dos estudos de gênero. Lugar este que é considerado importante nas teorias feministas e necessário para uma metodologia que se dedica ao lugar como ponto de vista (Longino, 1990; Fox-Keller, 1985; Harding, 1993).

Diante do que manifesto, posso dizer que as minhas experiências individuais se entrelaçam com movimentos sociais e culturais mais amplos em um longo processo que se iniciou durante a graduação, em 1992, na Universidade Estadual de Londrina, no curso de Ciências Sociais, onde o meu interesse pelos estudos de gênero foi tomando uma proporção que até então desconhecia. Refiro-me ao descortinar de uma realidade em que pude desenvolver e compreender o feminino e o masculino como frutos de construções socioculturais e que as desigualdades de gênero foram construídas por uma determinada leitura cultural da diferença biológica, como foi a construção do século XIX (Laqueur, 1994) e sua desnaturalização posterior pelos estudos de gênero. A leitura que apresentava linearidade entre a genitália e a feminilidade e a essencialização do feminino era redutora, já que o conceito de diferença, se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados (Brah, 2006; Lorde, 2019; Quagliato e Tamanini, 2022).

O movimento desse pensamento, o interesse pelo tema experiência e performance das mulheres pescadoras em perspectiva analítica de gênero está intrinsecamente ligado à minha trajetória universitária e, também, de vida. Isto posto, este trabalho no intuito de compreender quem são essas mulheres pescadoras no contexto das suas experiências que envolvem atos performáticos envoltos por uma cultura de tradição caiçara da pesca, busca alicerces reflexivos no pensamento de Butler (2019), quando ressalta que:

Os gêneros são instituídos pela estilização do corpo e, por isso, precisam ser entendidos como o processo ordinário pelo qual gestos corporais, movimentos e ações de vários tipos formam a ilusão de um Eu atribuído de gênero imemorial. Essa formulação retira a produção do gênero de um modelo essencial de identidade e a coloca em relação à uma temporalidade social. Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa ilusão de essência não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. Se a base da identidade de gênero é a contínua repetição estilizada de certos atos, e não uma identidade aparentemente harmoniosa, as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado (Butler, 2019, p. 214).

Desse modo, os estudos de gênero tornaram-se marcantes, passando a ocupar um lugar de significância em minha experiência enquanto pessoa e pesquisadora.

3.1 PERSPECTIVAS DE GÊNERO QUE ORIENTAM ESTE OLHAR

As narrativas das mulheres pescadoras, permitem construir a percepção de quais caminhos teóricos se fazem necessários na constituição desta tese. As categorias de análise, experiência e performance alicerçam o processo de construção de um caminho teórico e metodológico como formador da pesquisa e da definição das relações. Nesse sentido, inserida nos estudos de gênero, esta tese dialoga com aspectos que estes estudos analisam e que foram fundamentais, como da universalização pela essencialização do masculino e do feminino a partir da linearidade estabelecida entre genitália e feminilidade e masculinidade, que já foi desnaturalizado em textos da área dos estudos de gênero.

Os estudos de gênero durante os anos 70 e 80, conforme desenvolvidos pelas autoras como Ortner (1979) mantiveram em grande medida a separação entre natureza e cultura, no modo como ela havia escrito seus argumentos. Posteriormente a própria Ortner (1996), e outras como em Nicholson (...) e Piscitelli (1997) oferecem importante reflexão a respeito dos conceitos de sexo e gênero e de como as construções acadêmicas a respeito deles guardam ambivalências.

No clássico texto de Rubin (1998), a autora faz fundamental reflexão a respeito do sistema sexo-gênero mostrando como a sexualidade não está relacionada com a genitalidade anatômica. Ao inaugurar a definição do sistema sexo-gênero, categoria lançada por ela em 1975, ela define a sexualidade “como um conjunto de acordos sobre os quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais são satisfeitas” (Rubin,

1998, p. 17). Responde à subordinação, mostrando a necessidade de desvelar a parte da vida social que é o lócus da opressão das mulheres.

Posteriormente, em entrevista à Butler (2003), Rubin aborda sobre as restrições à sexualidade serem mais persistentes do que aquilo que podemos mudar através da transformação das relações sociais e de parentesco. O faz, levantando o questionamento de que talvez exista algo intratável, talvez exista algo mais persistente? Indaga e comenta, nesse sentido, sobre o que seria intratável e persistente no teor dessa discussão que desencadeia as restrições à sexualidade “[...] seria algo na própria natureza da estrutura do cérebro e na forma como cria a linguagem?” [...] “Isso de alguma maneira torna necessária a existência de um masculino e um feminino?” (Rubin, 2003, p.165).

Ademais, ressalta a autora que é intrinsecamente problemático quando se considera que a linguagem ou a capacidade de adquiri-la requeira uma diferença sexual enquanto diferença principal. Ao fato de os valores sexuais terem um imenso peso simbólico entrelaça-se a ideia de que o sexo é uma força natural que existe anteriormente à vida social e que molda as instituições, com o essencialismo sexual que é incorporado no saber popular das sociedades ocidentais. O resultado desse processo é a visão do sexo como eternamente imutável, a-social e trans-histórico. Em direção contrária a esse processo, Rubin afirma que a sexualidade tem sua política interna, desigualdades e modos de opressão, que consiste nas formas institucionais concretas da sexualidade asseguram que o sexo é sempre político, seja pertencente a um determinado tempo e lugar (Rubin, 2003).

Estes estudos dentre diversos outros, marcaram importantes e fundamentais argumentos e análises e, a partir deles abriu-se caminho para a revisão da própria teoria feminista de gênero trazendo preocupações focadas na experiência, na narrativa e com preocupações marcadas pela diferença dentro da diferença. Neste contexto as teorias construtivistas da diferença, a partir das análises que também assumem as teorias do ponto de vista, trouxeram discussões fundamentais a respeito dos tipos de construcionismos no contexto das teorias feministas da ciência, relativas ao androcentrismo, patriarcado, sexismo e ideologias de gênero como o faz Longino (2008), ou no campo da sexualidade como o faz Fausto-Sterling (2002). Harding (1986), como outras autoras tiveram como proposta a ruptura em relação às teorias existentes. A teoria feminista “desnaturalizou” todo o âmbito da experiência social das mulheres, que durante muito tempo, não se configurou como objeto de interesse

acadêmico. A proposta continha aspectos da desnaturalização da ciência, dos seus conceitos e sua reconstrução era e segue sendo, a de multiplicar os sujeitos que interagem entre si dentro da academia, da ciência, na sociedade, e de trazer outros elementos para além da razão iluminista, do positivismo científico ou de abordagens novas e recentes, mas que seguem negando-se a incorporar a perspectiva de gênero, fazendo apenas concessões aqui e ali. Estas autoras, inserem-se em amplos movimentos originados tanto nas ciências sociais (como as transformações ontológicas e corporais), quanto nas correntes feministas que têm levado pesquisadoras e educadoras a refletir sobre as condições de opressão e as desigualdades enfrentadas pelas mulheres globalmente.

3.2 OS MOVIMENTOS TEÓRICOS, METODOLÓGICOS E EMPÍRICOS

Ressalto que este é um estudo refletido a partir das necessidades da tese voltada à experiência das mulheres e de suas vozes enquanto eixo articulador e, nesse sentido, realizado em cima de conceitos inseridos nos estudos de gênero que nutrem as exigências que aqui emergiram. Refiro-me a um campo de estudos que visa resgatar a participação feminina ao longo do tempo, no sentido de modificar a lógica da história como algo predominante masculino. Não me coloco, neste trabalho, a aprofundar os movimentos que perpassam esses estudos, contudo, tenho consciência da significância das análises que iniciam essa trajetória de estudos em meados do século XIX e, em constantes desdobramentos continuam, na atualidade, a trilhar caminhos que se debruçam a alcançar objetivos em relação ao empoderamento das mulheres. À vista disso, trago para esta discussão teorias do feminismo que são, para mim, como um eixo que alicerça o meu pensamento ao mesmo tempo que aflora a reflexividade crítico-analítica. Sigo, desse modo, com as teorias que referencio. Julgo, ser considerável o pensamento de Duarte (2019), ao argumentar o quão é fundamental compreender o feminismo em um sentido mais amplo, no tocante à toda ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, exigindo a ampliação de seus direitos civis e políticos, por iniciativa individual ou de grupo. Valorizar, nesse sentido, os momentos iniciais dessa luta, contra os preconceitos mais primários e arraigados e, dessa forma, “considerar aquelas mulheres que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas”. Essa trajetória contínua em busca de direitos e visibilidade,

marcada por constantes lutas que se teorizam, reveste-se e nutre-se de causas sociais, culturais, políticas que consolidam as principais problemáticas que marcam a epistemologia e a produção do conhecimento feminista no que tange a opressão feminina (Duarte, 2019, p. 27).

Tanto os temas da sexualidade quanto os estudos da mulher ganharam visibilidade através de um longo processo teórico de construção da noção de gênero e das interpelações heteronormativas e interseccionais, trazendo notória complexidade e protagonismo para o pensamento feminista norte-americano e europeu nos anos 1970-1980. Nas fases iniciais desses movimentos, o empenho de pensadoras feministas emblemáticas, marcaram fervorosamente a sua participação, dentre elas: Simone de Beauvoir (1949 - O segundo sexo), Betty Friedan (1963 - A mística feminina), Kate Millet (1970 – A política sexual). Não menos importante foram os caminhos feministas no Brasil. Reconhecendo o expressivo valor das teorias feministas substanciadas por lutas que marcam a história e que nos remetem, por exemplo, a Nísia Floresta Brasileira Augusta, citada nos escritos de Duarte, cujo “livro intitulado Direitos das mulheres e injustiça dos homens escrito em 1832, o primeiro no Brasil, que ao buscar a igualdade intelectual feminina, trava uma luta voltada ao direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito” (Duarte, 2019, p.28).

Em um contexto de várias trajetórias, a formação do ativismo feminista nos anos 1960-70 em que a organização do movimento, bem como sua progressiva visibilidade, ao lado da emergência de um pensamento feminista, constituiu-se em pleno regime de exceção política quando as mulheres militantes manifestaram-se numa frente ampla de oposição ao regime. Ou seja, a teoria feminista nasce da militância e concretiza-se, no decorrer desse percurso, com a entrada das feministas no mundo acadêmico. A exemplo de autoras como Heleieth Saffioti, Eva Blay, Carmem Barroso e Neuma Aguiar cujos trabalhos foram, e ainda são, referências em centros acadêmicos de excelência (Buarque de Hollanda, 2019).

As análises que despontam com o feminismo nas décadas de 1980 e 1990, se estendem a desafiar ou evitar aquilo que vê como definições essencialistas da feminilidade. Como argumentam Costa, Barroso, Sarti (1985, p. 6) “[...] são críticas que apontam aspectos da produção anterior e de suas explicações naturalizantes sobre as desigualdades entre os sexos, e que se inserem em uma perspectiva de mudança *do status quo*, pelo menos do status quo científico”, e que somam

positivamente ao dinamismo deste movimento. Dessa forma, novos olhares “emergem” e constituem-se como núcleo central daquilo que pode ser considerado como o novo recorte temático. Estes estudos dentre diversos outros, marcaram importantes e fundamentais argumentos e análises e, a partir deles abriu-se caminho para a revisão da própria teoria feminista de gênero trazendo preocupações focadas na experiência, na narrativa e com preocupações marcadas pela diferença dentro da diferença. A exemplo de Donna Haraway (1994) que, ao publicar o ensaio “Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, promove um salto radical nos debates feministas. O manifesto dispõe da figura do ciborgue que, entre o animal e a máquina, confronta as políticas de identidade em curso no ativismo feminista. Em vista disso, em uma posição decisiva contra qualquer essencialismo, o manifesto apresenta uma criatura pós-gênero que apaga todos os marcadores binários das definições identitárias, liberando espaço para novas formas híbridas de sexualidade.

No delinear dessa discussão, Scott (1990, p. 86), expõe que não é necessário abandonar o estudo do passado, mas mudar alguns hábitos de trabalho. Ou seja, “examinar atentamente nossos métodos de análise, deixar clara nossas hipóteses de trabalho, e explicar como a mudança ocorre”. Não nos debruçarmos a buscar origens únicas, e, sim “pensar em processos como estando tão interconectados que não podem ser separados”. Reitero, o que já foi mencionado nessa pesquisa, que devemos nos perguntar mais seguidamente como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram. Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular os sentidos de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança.

Diante desse contexto, Harding (1993) torna saliente que os desafios que se apresentam e que envolvem o dinamismo no processo de construção das teorias feministas, devem voltar-se à transformação tanto dos sujeitos enquanto agentes quanto das relações sociais. Diante disso, é preciso considerar que as mudanças, as quais exprimem instabilidades, devem ser usadas como recurso de pensamento e prática. Em suas palavras: [...] “as categorias analíticas feministas devem ser instáveis - teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais” (Harding, 1993, p.11). Assim, no patamar de discursos diversificados que se constituem na atualidade, manifesta-se a

variedade de feminismos que refletem a heterogeneidade interna que, ao contrário de fragmentarem e enfraquecerem a importância política do feminismo, trazem à tona a necessidade de construção de articulações entre as diversificadas posições de sujeito, como argumenta Costa (2002). Essas articulações abrem possibilidades de espaços de agenciamento e resistência para o sujeito e estão ligadas à força política do feminismo no tocante a “construir positivamente para os seus sujeitos com base na materialidade das experiências que as mulheres têm do social”, bem como “submeter essas experiências ao escrutínio teórico-crítico” (Costa, 2002, p.62).

3.3 O FEMINISMO E A DIFERENÇA DENTRO DA DIFERENÇA

Pensar a diferença dentro da diferença é transpassar a essencialidade de um sujeito único mulher com uma identidade fixa; é despontar as falas de mulheres e os diferentes lugares de fala, nas diferentes posições de sujeito. Em outras palavras, é entender que ao falar de “**mulheres**” aviva-se o lugar da multiplicidade e emerge possibilidades, por intermédio de olhares teóricos e políticos, para que mulheres tenham vozes e tenham visibilidade. Significa, também, questionar as hierarquias e as exclusões que se estabelecem entre as próprias mulheres conforme privilégios e desvantagens sociais. Longos caminhos foram percorridos por mulheres feministas para que o pensamento exposto se tornasse uma realidade realizável. Dito de outra maneira, um olhar **para mulheres diferentes, para experiências diferentes em diferentes contextos históricos e culturais (grifo meu)**.

Na complexidade dessa discussão, Scott (1990), ao perceber a extensão necessária em relação a análises desse contexto, propõe um olhar mais amplo para além do caminho de uma “história das mulheres”. Ela está conversando com a passagem entre estudos históricos de mulheres e muitas mudanças epistêmicas e desafios de mudanças no campo. Expõe, por exemplo, a questão de como os estudos de gênero são mais palatáveis na academia do que estudos feministas. Em vista disso, o conceito de gênero enquanto categoria de análises, não desmerecendo o que havia sido produzido até o momento no que se refere ao conceito de “Mulheres”, foi se moldando historicamente em caminhos traçados por diferentes trajetórias de estudos e de pesquisas, revelando a necessidade de buscar entendimento sem aprisionar e fixar sentidos e significados. Ou seja, refutando um determinismo biológico até então apregoado como estrutura fundante da desigualdade entre os termos como sexo ou

diferença sexual entre o masculino e o feminino, o Gênero surgiu enquanto categoria de análise.

Nessa trajetória, de forma significativa (Scott, 1990, p. 73 - 74), “gênero” era um termo proposto por aquelas que sustentavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares, pois não seriam somente novos temas a serem abordados, mas um reexame crítico das premissas e dos critérios do trabalho científicos existentes”. Porém, incluir a experiência das mulheres na intenção de construir caminhos para uma nova história e dela dar conta, depende da medida na qual o gênero é pensado e desenvolvido enquanto uma categoria de análise, ou seja, “Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico”? Repensar, nesse sentido, as análises no tocante aos limites de abordagens ecoa como ponto fundamental:

Os usos descritivos do termo gênero, por exemplo, possibilitaram um novo domínio de pesquisa histórica desencadeando novos temas de objetos de estudo, como mulheres, crianças, famílias, ideologia de gênero [...] “Ainda que, nessa utilização, o termo “gênero” sublinhe o fato de que as relações entre os sexos são sociais, ele nada diz sobre as razões pelas quais essas relações são construídas como são, não diz como elas funcionam ou como elas mudam. No seu uso descritivo, o termo “gênero” é, então, um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres. (Scott, 1990, p.76).

Atenho-me, de forma sucinta, porém consciente da importância, a alguns aspectos analisados pela autora, os quais: a) às teóricas do patriarcado, que ao manter a base em uma variável única da diferença física assumem um caráter universal e imutável do corpo humano fora da construção social ou cultural, conseqüentemente desembocam na a-historicidade do gênero, ou seja (Scott, 1990, p.78) “a história torna-se um epifenômeno, fornecendo variações intermináveis ‘para o’ mesmo tema imutável de uma desigualdade de gênero vista como fixa”; b) às feministas marxistas, o fato da auto-exigência de uma explicação material para o gênero, acarreta na limitação ou no atraso do desenvolvimento de novas linhas de análise. Nas palavras de Scott: “[...] no interior do marxismo, o conceito de gênero foi, por muito tempo, tratado como um sub-produto de estruturas econômicas cambiantes; o gênero não tinha aí um status analítico independente e próprio” (Scott, 1990, p. 80).

A estas questões, a autora atribui colocações relevantes que nos apresenta e nos faz pensar e, ou repensar sobre **as diferenças dentro das diferenças**. Pois, na contraposição da categoria homem/mulher como uma oposição binária - fixa - universal e que se autorreproduz sempre da mesma maneira, realça a importância de

compreendermos que [...] “devemos nos tornar mais auto-conscientes da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar. Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à auto-crítica” (Scott, 1990, p. 83 - 84). Em face do exposto, eclode a necessidade de “examinar atentamente nossos métodos de análise, clarificar nossas hipóteses de trabalho, e explicar a mudança e como ela ocorre”. Dessa forma, ela nos diz que:

O termo "gênero" faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. É, na minha opinião, significativo que o uso da palavra "gênero" tenha emergido num momento de grande efervescência epistemológica que toma a forma, em certos casos, da mudança de um paradigma científico para um paradigma literário, entre os/as cientistas sociais [...] esta mudança toma a forma de debates teóricos entre aqueles/as que afirmam a transparência dos fatos e aqueles/as que enfatizam a idéia de que toda realidade é interpretada ou construída, entre os/as que defendem e os/as que põem em questão a idéia de que o homem é o dono racional de seu próprio destino. No espaço aberto por este debate, posicionadas ao lado da crítica da ciência desenvolvida pelas humanidades e da crítica do empirismo e do humanismo desenvolvido pelos/as pós-estruturalistas, as feministas não somente começaram a encontrar uma voz teórica própria; elas também encontraram aliados/as acadêmicos/as e políticos/as. É dentro desse espaço que nós devemos articular o gênero como uma categoria analítica. (Scott, 1990, p.85).

Diante das explicações que nos proporcionam tirar a venda dos olhos e dar amplitude ao olhar para que seja possível reverter, deslocar e desconstruir a construção hierárquica, binária e fixa, em suas consequências para a desigualdade, em vez de aceitá-la como real ou como fazendo parte da natureza das coisas; aviva-se novos caminhos para teorizar as práticas e para desenvolver o gênero como uma categoria analítica.

Nessa linha de pensamento, Lauretis (1994) reflete sobre a limitação do conceito de gênero como diferença sexual, fixando diferenças entre a mulher e o homem, entre o masculino e o feminino, nas análises feministas e teorias culturais dos anos 60 e 70. Em vista disso, as limitações que se instauram no conceito de gênero como diferença sexual “aprisionam” o pensamento crítico feminista ao confinamento da universalização do sexo que define o que é ser um homem e, opostamente, o que é ser mulher. Essa universalização, que estabelece as diferenças da mulher em relação ao homem, materializa representações que se tornam obstáculos e dificultam ou, por vezes, tornam impossível articular diferenças entre mulheres e mulher e sua complexidade relacional, contextual e histórica.

O questionamento de Lauretis às limitações que derivam do fato de conceber o gênero como diferença sexual é de grande valia, ela amplia essa dimensão quando aponta e alerta que de alguma forma essas limitações tentam modelar o potencial epistemológico radical do pensamento feminista que emerge nos anos 80, aos termos do patriarcado ocidental. A autora relaciona o potencial epistemológico radical do pensamento feminista “à possibilidade, que já se faz presente nos escritos feministas dos anos 80”, [...] “de conceber o sujeito engendrado não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido” (Lauretis, 1994, p. 207-208).

É relevante a compreensão do que ela expõe como a “tecnologia do gênero”, ampliando olhares com outras lentes, e tomando como base a visão de Foucault que vê a sexualidade como uma tecnologia sexual, a autora vai além ao transpor esse pensamento para o gênero como produto e processo de tecnologias sociais. Nesse sentido, enquanto produto e processo, a construção do gênero é representação e autorrepresentação, que se constroem e são construídas historicamente no decorrer e por diferentes tecnologias sociais e lugares ocupados pelas mulheres nas representações. Assim, de acordo com que a autora nos diz, gênero representa não um indivíduo, mas uma relação social que se concretiza por meio de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas e práticas da vida cotidiana. Dito de outra forma, ocorre na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais, nas famílias nucleares extensas ou monoparentais.

Entretanto, a construção de gênero também acontece em cenários onde a obviedade referente à esta construção não tem o mesmo peso, ou seja, na academia, na comunidade intelectual, nas teorias radicais e no feminismo e nos lugares que as mulheres ocupam como entrelugares. Eis, então, o paradoxo construção/desconstrução. Quando posicionamentos discursivos, feministas ou não, encaram o gênero real, não pelo seu efeito da representação - que aqui passa a ser visto como uma representação ideológica falsa - mas pelo seu excesso, que representa e apresenta o que está e permanece fora do discurso; possibilitam e dinamizam a construção do gênero por meio de sua desconstrução. Quando se reconhece outros lugares da experiência, diferentes dos que aparecem como estruturados e representados na qualidade fixa aparece sua desconstrução. Nas palavras da autora:

[...] gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição conceitual e rígida (estrutural), dos dois sexos biológicos. Esta estrutura conceitual é que cientistas sociais feministas denominaram de sistema “sexo – gênero”. (Lauretis, 1994, p. 211).

Por intermédio de um diálogo que estabelece com Althusser em relação aos seus escritos sobre ideologia, Lauretis busca descortinar aspectos que demonstram a conexão existente entre ideologia e gênero, principalmente sobre o funcionamento subjetivo da ideologia visto que precisa de um sujeito, um indivíduo ou uma pessoa concreta sobre o(a) qual agir. Assim, parafraseando Althusser (1971, apud Lauretis, 1994, p. 213), quando afirma que “toda ideologia tem a função (que a define) de constituir indivíduos concretos **em sujeitos**”, ressalta, considerando a mudança no contexto da afirmação, que “o gênero tem a função (que o define) de constituir indivíduos concretos **em homens e mulheres**. Para ela, é “exatamente nessa mudança que a relação entre gênero e ideologia pode ser vista, também como um efeito da ideologia de gênero”. Diante do olhar que revela o gênero como a configuração variável de posicionalidades sexuais- discursivas, aponta que a desconstrução da representação do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da autorrepresentação; aspecto que implica em subjetivação. Abre deste modo espaço para o lugar da mulher que pode estar fora e dentro de uma representação. Nesse sentido, nos fala que:

O gênero [...] (eminente susceptível ao alcance da ideologia e também da desconstrução) é um conjunto de relações sociais que se mantém por meio da existência social, então o gênero é efetivamente uma instância primária de ideologia, e obviamente não apenas para as mulheres. Além disso, trata-se de uma instância primária de ideologia, independentemente do fato de que certos indivíduos se vejam fundamentalmente definidos (e oprimidos) pelo gênero, como as feministas culturais brancas, ou por relações de raça e classe, como é o caso das mulheres negras (Lauretis, 1994, p. 217).

Expandir o nosso olhar para outras formas de refletir sobre gênero, em um campo de análises voltadas à diferença dentro do feminismo, traz para essa discussão o pensamento de Brah (2006), que ao sublinhar sobre o enfoque das questões de diferença em muitas discussões dentro dos feminismos contemporâneos, atenta para que percebamos os modos diversos de pensar na produção da diferença e da desigualdade em experiências cotidianas. Nisso consiste a necessidade de compreender violências voltadas a elementos que se constituem como marcadores sociais da diferença. Em outras palavras, evidenciar o gênero, a raça e a classe como marcadores sociais da diferença, vistos de maneiras interseccionadas. Dessa forma,

reporta-nos por intermédio de indagações, a explorar caminhos que reflitam respostas aos questionamentos. Quais sejam (Brah, 2006, p. 331): “O que torna possível que essa categoria atue dessa maneira? Qual é a natureza das diferenças sociais e culturais, e o que lhes dá força? Como, então, a diferença “racial” se liga a diferenças e antagonismos organizados em torno a outros marcadores como “gênero” e “classe?”.

A centralidade dessas análises dinamiza a compreensão para a forma como a raça é arraigada em diferentes situações que envolvem o essencialismo estabelecendo a fixidez e naturalizando, conseqüentemente, a oposição. Diante desses condicionantes não há como evitar o perigo do reducionismo. A exemplo do exposto os feminismos negros e brancos, que para Brah, deveriam ser vistos “como campos historicamente contingentes de contestação dentro de práticas discursivas e materiais” (Brah, 2006, p. 331). É neste sentido que o olhar de suas reflexões vai desencadear pontos que interconectam o racismo, a classe, o gênero, a sexualidade ou qualquer outro marcador de diferença com lentes que consigam perceber os diferentes racismos entre si. Emerge também a importância de analisar a problemática da subjetividade e identidade para compreender a dinâmica de poder da diferenciação social.

Em vista disso, pensar na diferença dentro do feminismo é trazer para esse pensamento significados, limites e fronteiras. Melhor dizendo, é tratar de problemas que afetam as mulheres, como, também, sublinhar o fato de que os problemas que afetam as mulheres não podem ser analisados isoladamente do contexto de desigualdade nacional e internacional. Isso posto, Brah examina como o feminismo abordou as questões de diferença e diversidade dentro de sua teoria e prática, e como o gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo a localização das mulheres dentro de relações globais de poder. Assim, expõe que:

Nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder. Nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais não existimos simplesmente como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas” ou “mulheres imigrantes”. Cada descrição está referida a uma condição social específica (Brah, 2006, p.341).

No delinear da expansão de olhares em relação aos desafios feministas, Harding (1993) argumenta sobre a dificuldade no tocante aos conceitos que se façam definitivos. Ela refere-se às disputas e aos desafios que se colocam a partir das

críticas à ciência e à epistemologia e se tornam insolúveis considerando o esqueleto teórico em que são colocadas. Em suas palavras:

Embora tais críticas tenham começado por indagações politicamente controvertidas, mas teoricamente inócuas, acerca da discriminação contra as mulheres na estrutura social da ciência, dos usos indevidos da tecnologia e do preconceito androcêntrico nas ciências sociais e na biologia, elas logo se avolumaram em interpelações das premissas mais fundamentais do pensamento ocidental moderno (Harding, 1993, p. 12).

A preocupação de Harding, como as demais teóricas supracitadas, está de alguma forma relacionada às mulheres e as múltiplas experiências que movimentam significados relevantes. Em seus escritos, analisa a construção de teorias feministas e as epistemologias que alicerçam as construções, repercutindo sobre os caminhos que tiveram que percorrer e que ainda percorrem a fim de sobrepujar obstáculos e “ganharem vida” na esfera intelectual. Salienta que conquistar visibilidade enquanto intelectual no que tange as atividades e relações sociais no universo “estritamente masculino”, exigiu das mulheres, que buscavam espaço com as teorias feministas, estender e reinterpretar categorias de diversos discursos teóricos.

Contudo, o respectivo passo para a “conquista” de tornar visível a vida das mulheres intelectuais e a visão feminista, deparou-se com limites, pois, como cita a autora (Harding, 1993) “[...] a teoria política liberal e sua epistemologia empirista, o marxismo, a teoria crítica, a psicanálise, o funcionalismo, o estruturalismo, o desconstrutivismo, a hermenêutica e outros modelos teóricos aos quais recorreremos, ao mesmo tempo se aplicam e não se aplicam às mulheres e às relações de gênero”. O resultado dessa extensão e reinterpretação das mulheres feministas, foi um distanciamento das intenções originais das teorias formuladas por teóricos não feministas. Visto que “[...] nem as atividades das mulheres nem as relações de gênero (dentro dos gêneros e entre os gêneros) podem ser simplesmente acrescentadas aos discursos sem distorcê-los e sem deturpar nossos próprios temas” (Harding, 1993, p. 7).

Questões importantes sobre a repercussão das extensões e reinterpretações distorcidas na análise das vidas de mulheres e homens devem ser pensadas, a exemplo da permanência de um diálogo com patriarcas, comprometendo, por esse desvio, o diálogo com outras mulheres. Dito de outra maneira, a reinterpretação dessas análises volta-se para o modelo de homem branco, heterossexual, burguês e ocidental que terá como “plateia” dessa releitura as mulheres que são “dignas de pertencerem” a essa origem social. A consequência recai na formulação de teorias

que sigam uma versão única e verdadeira da história da experiência humana, ou seja, “[...] o feminismo se arrisca a reproduzir, na teoria e na prática política, a tendência das explicações patriarcais para policiar o pensamento, presumindo que somente os problemas de algumas mulheres são problemas humanos, e que apenas são racionais as soluções desses problemas” (Harding, 1993, p. 8).

Admite-se então, nesse cenário, a importância do feminismo em trazer à tona a não existência de um homem essencial e universal, o que desemboca também no fato de que as mulheres não são e não estão ocultas, *elas existem*. Existem e vivem em constante emaranhado na trajetória complexa e histórica de classe, raça e cultura. É preciso atentar-se a essas experiências em suas diversidades e movimentos de transformação. Nisso consiste os desafios que se apresentam na construção das teorias, principalmente, das feministas. Para ela (Harding, 1993, p. 9), “Cada desafio relaciona-se com o uso ativo da teoria para nossa própria transformação e a das relações sociais, na medida em que nós, como agentes, e nossas teorias, como concepções de reconstrução social, estamos em transformação”. Nessa esfera, alertas ecoam para as posturas que devem ser tomadas frente às necessidades políticas e intelectuais que orientam o dia a dia dos pensamentos e práticas sociais. Emergem, assim, algumas indagações (Harding, 1993, p. 10): “Onde iremos encontrar conceitos e categorias analíticas livres das deficiências patriarcais? Quais serão os termos apropriados para dar conta do que fica ausente, invisível, emudecido, que não somente reproduz, como uma imagem de espelho, as categorias e projetos que mistificam e distorcem os discursos dominantes?”

Não existem respostas prontas para as questões levantadas assim como não existe uma teoria perfeita, é o que nos diz Harding quando ressalta que a vida social é o nosso objeto de estudo, e é o lugar onde as categorias analíticas são formadas estando, constantemente, em transformação. Dessa maneira, considerando a instabilidade das categorias analíticas feministas argumenta que:

Não passa de delírio imaginar que o feminismo chegue a uma teoria perfeita, a um paradigma de “ciência normal” com pressupostos conceituais e metodológicos aceitos por todas as correntes [...] Precisamos aprender a ver nossos projetos teóricos como acordos claros que se repetem entre os compassos das teorias patriarcais, e não como releituras dos temas de quaisquer delas – marxismo, psicanálise, empirismo, hermenêutica, desconstrutivismo, para citar apenas algumas das teorias – capazes de expressar perfeitamente o que achamos que queremos dizer no momento. O problema é que não sabemos e não deveríamos saber exatamente o que queremos dizer a respeito de uma série de opções conceituais que nos são oferecidas: exceto que as próprias opções criam dilemas insolúveis para o feminismo (Harding, 1993, p. 6).

O argumento que sustenta o limiar desse pensamento é que “devemos resistir à tentação de desconsiderar os problemas que cada corrente formula e de escolher uma em detrimento da outra” (Harding, 1993, p. 20). Em suas colocações reflexivas, Haraway (1994) expressa a necessidade de as mulheres apreenderem e se apropriarem da linguagem da tecnociência de modo a contestar dualismos clássicos e alterar as relações de classe, raça e gênero. Em uma tentativa de superação das dominações e da construção de um mundo a favor das diversidades, nos apresenta o ciborgue (Haraway, 1994, p. 243-244) – “criatura formada por fusões entre máquina e organismo, mistura de realidade social e ficção, cujos significados de realidade social apreendem as relações sociais vividas; a construção política mais importante e uma ficção capaz de mudar o mundo”. No fluir dessa apresentação, tão intrigante quanto a “figura” do ciborgue, são dois aspectos que fundamentam e tornam-se reluzentes no teor da sua reflexão, ou seja, ela sugere usufruir da blasfêmia e da ironia, pois, respectivamente, por meio daquela estabelecesse a exigência em se levar as coisas a sério, e por intermédio desta, encontram-se as contradições que não se resolvem, que são amplas, que se debruçam a manter juntas coisas incompatíveis, porque todas são necessárias e verdadeiras.

A vista disso, frente às tradições da ciência e da política ocidentais em guerra nas fronteiras dos territórios da produção, da reprodução e da imaginação, o ciborgue seria uma metáfora de uma nova política em um mundo marcado de forma crescente pelo binômio ciência e tecnologia, onde as fronteiras entre humano e animal, organismo e máquina, e entre físico e não físico mostram-se fluidas. O ciborgue é, assim, (Haraway, 1994, p. 244) “uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica”. Haraway torna saliente que o ciborgue não tem compromisso com a bissexualidade, nem tão pouco com a simbiose pré-edípica, é uma criatura de um mundo pós-gênero; não mais estruturado pela polaridade do público e do privado, onde natureza e cultura são reestruturadas, pois uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra. Dando ênfase a ironia, como já supracitado, expõe:

[...] o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma “narrativa de origem”, no sentido ocidental, o que constitui uma ironia “final”, uma vez que o ciborgue é também o telos apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência – um homem no espaço (Haraway, 1994, p. 245).

A construção reflexiva e crítica ao analisar as relações dicotômicas entre natureza e tecnologia, e o lugar da mulher no interior desse cenário, frente à consciência de que após uma longa caminhada no tocante a reconhecer que o gênero, a classe e a raça são constituídas social e historicamente com base da crença do essencialismo; seriam desfeitos pela tecnologia. Dualismos que por muito tempo nortearam o pensamento ocidental e serviram à dominação das mulheres - mente/corpo, natureza/cultura, macho/fêmea e organismo/máquina seriam então desfeitas, abrindo espaço para conceitos flexíveis e sujeitos a reformulações, gerando opções às concepções tradicionais. Assim nos fala:

Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação – “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (Haraway, 1994, p. 250).

Atenta aos referenciais trazidos para a discussão desse trabalho, a noção de experiência para as feministas da diferença é uma forma de valorizar os saberes e as vivências das mulheres que são marginalizadas ou silenciadas pelas estruturas de poder dominantes. Quando Donna Haraway (1994) escreve o Manifesto Ciborgue, em 1985, produz um texto onde propõe uma postura feminista apta para refletir sobre a influência da ciência e da tecnologia do final do século XX sobre as relações sociais. No seguimento das suas ideias “manifesta” que:

Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. Ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica (Haraway, 1994, p. 244).

Arrisco-me a pensar na possibilidade de uma interação entre o exposto por Haraway (1994), em relação ao sentido da experiência no tocante ao mundo científico, ao que salienta Harding (1993) sobre experienciar outros mundos além do científico:

[...] além da visão de mundo da ciência enquanto uma teoria totalizante que engloba tudo o que pode ser explicado ou interpretado pelos pressupostos da ciência moderna; há outro mundo: o das emoções, sentimentos, valores políticos, do inconsciente individual e coletivo, dos eventos sociais e históricos explorados nos romances, no teatro, na poesia, na música e na arte em geral, e o mundo no qual passamos a maior parte de nossas horas de

sonho e vigília sob a constante ameaça de reorganização pela racionalidade científica (Harding, 1993, p.12).

Harding realça a pretensão das teóricas feministas em revelar as relações entre esses dois mundos, como cada um modela e informa o outro. Acredito que é este o caminho que esta tese apresenta quando dialoga com as teorias e com as experiências das mulheres pescadoras, evidenciando a relação entre o mundo científico acadêmico e o mundo da pesca, enquanto campo de pesquisa deste trabalho, que no desenrolar do que se apresenta vai demonstrando como um modela e informa o outro. É, dessa forma, impactante o que Scott (1999) sublinha quando nos direciona ao entendimento do quão relevante é a busca de conhecimentos por intermédio de estudos que considerem, no desenvolver de contextos, as mudanças. Ademais, a experiência não é uma realidade objetiva e pré-discursiva, como também, não é a origem da explicação, mas sim o que se quer explicar. É preciso conhecer os processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Nesse sentido, não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência.

No decorrer das análises discutidas, diante das quais ascendem as diferenças dentro da diferença, evidenciam-se ideologias “fantasiosas”, binárias, heterossexuais, brancas, com instrumentais que impõem a masculinidade e, dessa forma, nutrem e mantêm vivas realidades construídas social e culturalmente. Como diz Lauretis:

Eis aqui, em grande evidência, o problema no conceito de diferença(s) sexual(ais), com sua força conservadora limitando e trabalhando contra o esforço de repensar suas próprias representações. Acredito que, para pensar o gênero (homens e mulheres) de outra forma e para (re)construí-lo em termos outros que aqueles ditados pelo contrato patriarcal, precisamos nos afastar do referencial androcêntrico, em que o gênero e a sexualidade são (re)produzidos pelo discurso da sexualidade masculina (Lauretis, 1994, p.227).

Concordo com Anzaldúa, e estendo para toda plenitude que substancia os escritos dos feminismos, quando afirma reflexivamente sobre a forma como a proteção e a ajuda para sobrevivência se potencializam por intermédio da escrita enquanto ferramenta. O pensamento crítico instrumentaliza as palavras nutrindo-as de força para romper com estereótipos que, em diferentes roupagens experienciais de opressão, invisibiliza mulheres (Anzaldúa, 2000).

Posto isto, gostaria de expressar-me e sublinhar essa expressão por intermédio da escrita, atentando para o fato de que **quando** realidades que se fazem verdades são por mulheres descortinadas; **quando**, por meio de outras lentes, torna-

se possível distanciar o nosso olhar das limitações ofuscadas que direcionavam/direcionam a forma como essas realidades “deveriam/devem ser vistas”, em contextos sociais e culturais; **quando** mulheres, frente a essas diversidades, são conscientes de que elas têm o seu lugar de fala; sejam elas brancas, negras, ativistas, sensíveis, lésbicas, mães, esposas, feministas...enfim, são **mulheres** que “simplesmente” **se constroem**, e “grandemente” **são (grifos meu)**.

3.4 UM POUCO MAIS DAS NOÇÕES ANALÍTICAS DE EXPERIÊNCIA; CUIDADO E PERFORMANCE PARA PENSAR AS PESCADORAS

As noções analíticas de experiência que se fazem presentes nos estudos de Harding, (1993); de Lauretis, (1984) e de Scott (1999), dentre outros, proporcionam olhar para as experiências dessas mulheres pescadoras a partir de suas narrativas a fim de compreender como se constituem e como se narram permitindo acessar, por intermédio de suas vozes, os significados por elas postos em circulação. Além disso, consideramos que só faz sentido perguntar pela experiência de si dessas mulheres como sujeitos ou como agentes, acionando suas vozes para que elas próprias se enunciem. Scott (1999) reverbera que as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar têm uma história, esse raciocínio evidencia-se quando nas palavras das mulheres pescadoras “Eu tenho a carteira de pescadora, tenho tudo[...] É que geralmente aparece só o homem né”, podemos perceber, por intermédio do que elas narram, que a posição que ocupam refletem as condições que possibilitam ou dificultam que estas experiências se produzam.

Atentando para relevância desse contexto, é que o sentido de experiência que acionamos neste trabalho estabelece tanto como um recurso metodológico de aproximação ao campo, quanto o fundamento teórico analítico diante do qual debruçamo-nos a apreender processos históricos que através do vivido e narrado posicionam as interlocutoras – mulheres pescadoras e suas experiências. Assim, as abordagens reflexivas que aqui referenciamos são relevantes para o contexto de análises desta pesquisa. A exemplo deste referencial, aspectos que fazem parte daquilo que intencionamos, melhor dizendo, analisar no contexto das experiências das pescadoras como percebem as questões dos estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo e a sexualidade e que os estudos analíticos de Lauretis (1984) ao

conceito de experiência relacionando-o diretamente aos temas da subjetividade, sexualidade, corpo e da atividade política feminista, nos ajudam a compreender.

A vista disso, o que a autora expõe em relação ao conceito de experiência é substancial, uma vez que se debruça ao processo de construção contínua da subjetividade como compromisso pessoal e subjetivo nas atividades, discursos e instituições que dão importância e sentido do valor, do significado e do afeto que pode estar envolvido nestas atividades que as mulheres desenvolvem. Em um processo que se faz inatingível ou diariamente novo. Em conformidade com esse pensamento, buscamos compreender os significados por elas atribuídos ao seu lugar na pesca, suas motivações, seus sentimentos, as suas entregas.

A partir destas colocações, despertamos a atenção à necessidade de uma discussão crítica sobre o conhecimento internalizado que cria o sujeito como feminino a partir da repetição secular e cotidiana de ações, impressões e significados constituindo as relações aceitas como certas ou necessárias.

No desenvolver dialógico que se articula e que segue entre as teorias e as experiências narradas que as interlocutoras dessa pesquisa apresentam, vão se descortinando realidades que demonstram que essas pescadoras não se manifestam e não se observam como uma mulher universal, mas cada qual se evidencia na sua diversidade. Ressaltando, dessa forma, que muitas são as formas de ser em diferentes momentos de suas experiências.

As relações de cuidado de si e dos outros estão entrelaçadas no contexto desses diferentes momentos de suas experiências. O que exponho e que gostaria de tornar evidente, é a complexidade deste cuidado na vida dessas pescadoras. No universo da pesca em que essas mulheres fazem parte enquanto sujeitas atuantes, há uma diversidade de elementos que constituem uma rede de interrelação. Nessa rede, respeitar com reciprocidade torna-se a peça principal do eixo que mantém conectados os elementos a esse universo e o universo a esses elementos. Aos meus olhos, essa teia da vida pode ser entendida da seguinte maneira: *do mar vem o camarão, vem o peixe, que são pescados com a canoa pela pescadora/embarcada, que leva esse camarão e esse peixe para que sejam limpos pelas pescadoras/descascadeiras/fileteiras a fim de que possam ser vendidos, mantendo, assim, o movimento da interrelação (grifo meu)*. Nesse movimento, todo e qualquer elemento tem uma representação importante e única.

Penso, neste momento, ser interessante o que Latour (2013), propõe quando traz à tona o questionamento e a recusa às fronteiras e às dicotomias entre humanos e não-humanos salientando que essa separação acaba gerando, em relação ao conhecimento, uma não humanidade da natureza como também uma desnaturalização do social. Ou seja, um obstáculo para entender o mundo das interações que está estritamente ligado à compreensão da Teoria do Ator-Rede. Podemos estender as colocações analíticas ao pensamento de Haraway (2016), ao explicar o devir-com como uma forma de existência que envolve a interconexão e a coexistência com muitos outros seres, não apenas humanos é devir com muitos. Ela propõe que reconhecer essas relações de companheirismo é essencial para entender as condições básicas da nossa existência cotidiana.

Na extensão dessa análise, o que emerge ao explicar a categoria cuidado em relação às experiências das mulheres pescadoras, é que o cuidado tem um peso relevante tanto quando assume uma postura do **“cuidado com”**, quanto se firma como **“cuidado de”** (Tronto, 1997). A complexidade que integra as relações de cuidado imersas nas experiências das mulheres pescadoras, evidencia-se nas formas que fluem visibilizando algum tipo de responsabilidade, de compromisso, de afeto que se expressam em diferentes momentos, nos quais as mulheres pescadoras se debruçam na mesma proporção. Inspira-me também a reflexão sobre o cuidado voltada ao posicionamento analítico de Gilligan (1982), confrontando perspectivas androcêntricas e sexistas focadas no desenvolvimento moral psicossocial de meninos e meninas, homens e mulheres. Sob um olhar desafiador a essas perspectivas, realizadas em contextos competitivos, ela nos explica como essa tendência para assumir o masculino como modelo de comportamento moral foi se consolidando nesses estudos enquanto norma, por meio de uma escala que se fez geral na construção das pesquisas. Nessa linha de pensamento, o desejo das mulheres em manter essas relações com os outros provém de valores que se assumem para elas como uma representação de força que elas ora subjetivam e ora rompem. O que lembra o estar dentro e o estar fora da representação de Lauretis (1984).

Todo esse processo exige das mulheres uma entrega “consistente”, uma vez que o cuidado de si se estende a responsabilidades voltadas a cuidar do outro. Considerando essas análises, nos debruçamos a compreender como as mulheres pescadoras vivem o cuidado, no tocante aos processos de gendrificação voltados ao masculino e ao feminino. Pois nas suas narrativas relatam sobre os percalços que

enfrentam no sentido de um “reconhecimento valorativo” aos cuidados de si e dos outros. Mesmo porque em outros momentos, que refletem outras experiências de pesquisa⁴⁷ (Oda, 2019), pude presenciar como as mulheres pescadoras, tradicionalmente, são narradas pelos pescadores como constituídas por experiências subalternizadas evidenciando, dessa forma, estereótipos de gênero.

É expressivo reforçar o que já apontamos no decorrer destes escritos, que quando elas falam das trajetórias das suas experiências de pescadoras, elas não se afirmam com um teor essencialista, o que nos obriga a olhá-las por outra perspectiva. Dito de uma outra maneira, cada uma dessas mulheres tem a sua história, e para cada história referenciamos respeito e o direito à visibilidade. Nesses caminhos de respeito e visibilidade, o que buscamos é desconstruir qualquer oposição binária, como salienta Scott (1995): “revertendo e deslocando sua construção hierárquica, em vez de aceitá-la como real ou auto-evidente ou como fazendo parte da natureza das coisas” (Scott, 1995, p. 84). Butler (2019) faz-nos compreender, por meio de suas análises reflexivas, que um gênero é tenuamente constituído em uma determinada temporalidade social, por meio de uma repetição estilizada de certos atos, que são instituídos pela estilização do corpo, ou seja, gestos corporais, movimentos e ações. Trazendo os argumentos de Butler para o campo dessa pesquisa, ou seja, o universo da pesca, nesse cenário de repetições estilizadas de gestos corporais, movimentos e ações, coexistem duas realidades, uma que insiste que “pescadora mulher, aqui em Matinhos mesmo não tem nenhuma. Se fala que vão pescar é mentira”, e outras que confrontam essas repetições, ressaltando que “eu sei limpar peixe, eu sei limpar camarão. Eu só não me embarquei porque na época não entrava mulheres né, senão eu tinha me embarcado” (pescadora Sofia).

É possível entender analiticamente essas falas seguindo as explicações de Butler (2003), sobre discursos sustentados por uma ordem compulsória e, inserido nesse contexto, cabe ao conceito de gênero a legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento exposto principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social. Nesse cenário, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução e coloca as mulheres em lugares de subordinação. No âmbito desses

⁴⁷ Refiro-me à minha pesquisa da Dissertação de Mestrado, sobre a temática da Cultura caiçara na qual os pescadores eram os sujeitos da pesquisa.

limites coercitivos, o corpo aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais e, com a mesma intensidade, as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade.

Pois bem, diante dessas explicações é preciso destacar que o lugar de posicionamento que as mulheres pescadoras assumem no espaço da pesca, não é de enfrentamento ao pescador homem. E isso pode ser constatado, nos vários momentos em que **visibilizam** os pescadores ao narrarem as suas experiências: “Eu falo orgulhosamente, eu sou mãe de pescador, mulher de pescador e eu sou pescadora” (pescadora Lola), estas mulheres ocupam vários lugares no processo de gendrificação. Assim sendo, também não são e ou estão “cegas” frente a não reciprocidade dessa “valorização”: “Mas é assim, essa sala do camarão é esquecida, é só nós, aqui nós somos assim, esquecida, ninguém dá valor pra mulher” (pescadora Lola). Essas dentre outras falas retratam a sustentação da ordem compulsória que mantém viva a oposição binária - macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, como salienta Butler (2003) e que inviabiliza direitos.

Por razão disso, nas performances que as expressam como pescadoras, elas buscam o direito de serem “enxergadas” como mulheres que são atuantes nesse mundo da pesca. Por quê? “Porque isso faz parte da gente” (pescadora Lola). **O fazer parte da gente** é abrangente pois se estende para outros gestos corporais, movimentos e ações que as representam como pescadoras. Assim dizendo: “para ganhar o meu dinheirinho aqui, a pesca é uma fonte de renda” (pescadora Nunes); “isso aqui é tudo pra mim. Isso aqui é minha vida” (pescadora Sofia); “É daqui que eu tiro alimento das criança” (pescadora Lina); “já me aposentei, mas continuo aqui, na pesca, com o camarão” (pescadora Fani); “Eu me considero uma pescadora” (pescadora Nunes). O que alicerça cada frase são os momentos significativos de suas experiências, as quais as narrativas demonstram que não são substanciadas por “essências”, mas por agências.

Sabemos que as mulheres pescadoras dessa pesquisa interagem com o mundo da pesca do qual fazem parte. Sabemos da mesma forma que elas têm consciência dos papéis que esse mundo pesqueiro as obriga a desempenhar. Partindo do pressuposto que as mulheres pescadoras escrevem o seu próprio roteiro no movimento de suas ações, sublinha-se que, a vista disso, o comportamento implica a consciência do estar fazendo e a intencionalidade (Archer, 2000). Há sempre uma

intenção nas ações. Dessa intenção em relação às mulheres pescadoras emerge o confronto no tocante a serem sempre reconhecidas como o mesmo agente ao longo do tempo: “não tem mulher pescando aqui. Já tentaram, algumas já tento, mas não conseguem”, porque o que elas buscam escrevendo o seu próprio roteiro, “a gente queria ser mais vista sabia” (pescadora Lola). Isso posto, considera-se outras propriedades e poderes emergentes que tornam os agentes reconhecíveis como sujeitos que respondem diferentemente ao mundo, e que agem no mesmo buscando mudá-lo. Levando em conta que: “É a pessoa que coloca sua alma nas coisas e que age da maneira como age ao desempenhar o papel precisamente porque ela é a pessoa particular que se tornou” (Archer, 2000, p. 72).

Na intenção de suas ações, as pescadoras frente aos processos de gendrificação suscitam por mudanças. Conforme Butler:

Se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa ilusão de essência não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. Se a base da identidade de gênero é a contínua repetição estilizada de certos atos, e não uma identidade aparentemente harmoniosa, as possibilidades de transformação dos gêneros estão na relação arbitrária desses atos, na possibilidade de um padrão diferente de repetição, na quebra ou subversão da repetição do estilo mobilizado (Butler, 2019, p.284).

De acordo com o exposto, embora o que é entendido como identidade de gênero seja uma performance que se apoia em sanções sociais e tabus, essa condição de performance guarda a possibilidade de contestar seu status reificado. Trazendo esse contexto reflexivo para as falas das pescadoras o que temos é: “Nóis mulheres somos tão pequenininha perto deles, que eles esquecem da gente, nós queremos que isso mude” (pescadora Lola).

Assim, ao focarmos em categorias que envolvem experiências, cuidados e performances, direcionamo-nos às interlocutoras desta pesquisa. Essas experiências, cuidado e performances revelam-se, por intermédio das narrativas, nos vínculos que elas estabelecem com a família, com os pescadores, com o trabalho na comunidade pesqueira, com as pessoas externas à comunidade, e também na interação que acontece entre as próprias mulheres pescadoras.

Ao considerar o teor de tudo que foi até aqui exposto, a partir desse momento, nos três capítulos que seguem, iniciamos com a análise dos conteúdos necessários para atender aos objetivos específicos: a) compreender esta experiência narrada e situada a partir da pesca visibilizando significados por elas atribuídos ao seu lugar na

pesca, suas motivações, seus sentimentos, as suas entregas; b) compreender também, na qualidade de pescadoras, o que elas fazem e como são suas relações com o cuidado em relação ao mar, aos peixes, aos barcos, as questões ambientais, ao sustento da vida e sua dignidade; c) Analisar como percebem as questões da divisão do trabalho, os estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo e a sexualidade, os estigmas; como grupo e frente a comunidade local. O trabalho passa a analisar o conteúdo das narrativas dessas mulheres pescadoras em uma conexão do olhar acadêmico da pesquisadora com o campo. Em outras palavras, uma análise do material do campo em sua relação com as categorias necessárias para dar conta dos supracitados objetivos.

Nessa trajetória da pesquisa, ressaltamos nas narrativas os momentos de resistências, de mudanças, mas também de concordância e aceitação, que causam sentimentos e emoções; nos cenários em que as interlocutoras dessa pesquisa constroem as suas afirmativas de apropriação e de conflito e estratégias políticas, dando lugar a diferentes modos que respondem e correspondem às suas necessidades e aos seus desejos.

Seguimos assim com as leituras das narrativas não no papel de julgá-las, mas na importância de saber escrevê-las e representá-las em seus trabalhos de pescadoras como sujeitas das suas histórias na pesca.

IV MOTIVAÇÕES, SENTIMENTOS E ENTREGAS

Neste capítulo, ressaltamos o primeiro objetivo específico a que esta pesquisa se dedicou, ou seja, compreender esta experiência narrada e situada a partir da pesca, visibilizando significados pelas mulheres pescadoras atribuídos ao seu lugar na pesca, suas motivações, seus sentimentos. Para melhor apresentar esses aspectos, o capítulo se subdivide em tópicos, os quais: 4.1 - Por que ser pescadora? Ser pescadoras, os porquês? 4.2 - Motivações que se refletem na construção da identidade dessas pescadoras; 4.3 - Experiências e conexão: o olhar delas para com elas.

Seguimos, então, mediante as suas falas, procurando esmiuçar e reverberar cada ponto dos relatos das suas experiências, ressaltando que são estes relatos que substanciam o objetivo à nossa compreensão analítica dos caminhos por elas traçados na construção do seu lugar na pesca. Levamos em conta, reiteramos, as suas motivações, os seus sentimentos, as suas entregas. Dessa forma, nos tópicos que seguem, as narrativas visibilizam respostas às questões que refletem relações de reconhecimento a marcadores dimensionais contribuindo à construção do lugar que ocupam na pesca. Considerando o que aqui se pretende, percebemos o que elas fazem e dizem de si e o que elas acionam para dar conta de construir o seu lugar na pesca:

Pra mim não tem hora, vamo, vamo pesca[...]eu faço pesca esportiva⁴⁸, eu piloto barco pra pesca. Então, a gente faz a pescaria! Leva mulheres, casais, homem[...], mas eu sei tarrafejar, eu sei camboa⁴⁹, eu sei lanceá, eu sei tudo. Tira marisco, tira ostra, pega caranguejo, eu sei tudo (pescadora Sara).

A narrativa acima, por consequência, fala de um conhecimento tácito acumulado, reiterado e a partir do qual Sara se auto-relata com orgulho do que ela sabe fazer. É claramente a reivindicação para si de uma forte importância na qual na qualidade de ser pescadora, nesta situacionalidade, atendendo a necessidade de reconhecimento do que vem deste lugar e do lugar da voz desta e de outras

⁴⁸ A pesca esportiva consiste em levar os pescadores aos pontos de pesca mais promissores, ou aos locais onde se pratica determinado tipo de pesca, ou onde se sabe que um cardume está se alimentando. Disponível em: <https://pescariasa.com.br/>

⁴⁹ A Camboa é uma arte de pesca fixa, de grande porte, edificada artesanalmente por estaqueamento para sustentação de esteiras feitas com taliscas de cana brava ou telas sintéticas, e tem como finalidade capturar peixes por meio de armadilhamento no seu interior. Disponível em: <https://bing.com/search?q=pr%c3%a1tica+da+camboa>

pescadoras. Aspecto bem lembrado por Longino (2008), Harding (1983). Há também o reconhecimento do lugar que as fez na tradição da pesca:

A gente nasceu nisso aqui, a gente vive nisso aqui. Já é de nascença. Eu me reconheço como pescadora. Eu sou camarãoeira, pescadora embarcada eu não sou porque eu nunca fui pra fora. Nunca fui pro mar (pescadora Silvia).

Da maneira que relatam como atribuem significados às suas atividades, podemos dizer que o que elas falam e o que fazem não está contido em um contexto normativo que define a categoria de mulher (Butler, 2003), mas de valorização de si mesmas. Quando uma delas diz: “Eu vim pra cá com oito anos, já estou com sessenta e três, sempre no camarão... [silêncio]...Então, você veja, faz quarenta e cinco anos que eu faço parte da pesca, pescadora mesmo né (pescadora Nunes); ela demonstra firmeza nas suas palavras no sentido de saber o que está fazendo e saber o que diz sobre o que faz. A exemplo de outras falas que reforçam esse aspecto, mas também reforçam a liberdade e a emoção de ter seu olhar ampliado a medida em que vão para o mar. É como olhar o mundo do lado de lá; do mar para terra, mas sobretudo ter a partir do mar a autonomia para entrar nas águas e viver a emoção de estar nelas:

Tipo assim, você me contrata lá e diz, “Nena vamo faze uma pescaria amanhã”. Daí eu já vou te fala, se você vai pensando em pega peixe, então você pega o teu dinheiro vai lá na peixaria e já compra o peixe lá. Porque sai mais barato. Porque a emoção é você saí. É você saí, ir lá, pro mar. Daí se você pega um peixe, é bom né. Você traze pra come[...]. Mas a emoção tá em você ir pro mar. Eu acho que esse aí é um orgulho pra qualquer pescador né (pescadora Nena).

Dessa forma, quando as falas ressaltam que “nasceram nisso e vivem nisso aqui”; que não há hora para pescar; que a emoção não está no pegar o peixe, mas sair e ir lá para o mar, elas revelam o que elas sentem em ser pescadora. Elas trazem nas suas falas as suas entregas a esse universo da pesca. As suas palavras nos dizem que ser pescadora não se resume em pegar o peixe, pois o peixe você pode “comprar” na peixaria. É muito mais! Pois “a emoção tá em você ir pro mar”. Nas performances e nos seus discursos elas demonstram uma interação que dialoga com **o que é e como é ser uma mulher descascadeira de camarão; uma mulher fileteira de peixes; uma mulher embarcada (grifo meu):** “Então, assim, a minha vida é pela pesca e eu vivo pra pesca. Então não tenho do que me envergonha não” (pescadora Lina). No movimento das suas ações, elas buscam compreender os elementos que substanciam o que pretendem construir.

Ao agenciar vínculos em um contexto cultural da pesca artesanal caiçara da qual fazem parte enquanto raiz ou estão inseridas – algumas pescadoras nasceram

na comunidade pesqueira e outras se casaram com os pescadores caiçaras, elas nos fazem enxergar “que os problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los” (Butler, 2003, p. 7). Nesse contexto cultural, em suas falas, nos revelam as situações que experienciaram enfrentando barreiras, traçando caminhos frente às dificuldades e, no decorrer dessas trilhas, nos apresentam olhares de possibilidades.

4.1 POR QUE SER PESCADORA?

SER PESCADORAS, OS PORQUÊS?

Nessa direção, as narrativas das mulheres pescadoras trouxeram significados voltados à compreensão de como e porque elas se constroem nesse universo. Significados estes que inseridos como peças fundamentais nas experiências relatadas das mulheres sujeitas dessa pesquisa, abriram possibilidades analíticas partindo da leitura que fazemos das pescadoras. No contexto dessas possibilidades, elas revelaram que não seguem uma única direção. Nas suas narrativas ressaltaram que não há um motivo único, mas sim motivos que as fizeram participantes desse universo da pesca e, nos movimentos dessa participação, a dedicação de ser pescadora. Dentre as motivações, a família é um elemento recorrente de diferentes maneiras nas falas das mulheres e, nesse sentido, tem um peso fundamental em relação ao **aprender a ser pescadora, construindo-se enquanto tal**. Essa importância também se faz presente na construção do homem enquanto pescador⁵⁰. Há de se considerar, entretanto, os diferenciais no sentido de quem as ensina. Assim, o primeiro aspecto que queremos ressaltar são as suas relações com o cenário familiar.

Um das peculiaridades que envolve todo o contexto familiar das pescadoras caiçaras, conforme nos explica Romani (2011), é que essas comunidades que reclamam para si o nome de “caiçaras” mantêm costumes produtivos, artísticos e alimentares próprios, manifestando relação de grande interdependência e vínculo com os espaços habitados. A pesquisa de Silva (2022) investiga as experiências das pescadoras artesanais embarcadas na Lagoa Mirim e no estuário da Lagoa dos Patos, focando em temas como educação, saberes tradicionais e conflitos socioambientais.

⁵⁰ Ressalto aqui essa colocação para não dar a ideia de que é mais natural para os homens serem pescadores.

O trabalho destaca a invisibilidade e as desigualdades enfrentadas por essas mulheres, além de explorar como a educação ambiental pode ser uma ferramenta para a transformação social e a valorização dos saberes dessas trabalhadoras. Em suas narrativas as mulheres pescadoras dessa pesquisa retratam tais características. De cada pescadora emergem diferentes histórias em que descrevem as trajetórias por elas experienciadas e a relevância que atribuem ao cenário familiar: “A vó pescava. Até os oitenta anos ela ainda pescou. E naquele tempo, a minha vó saía com a minha tia[...]a gente não tinha barco a motor, a gente saía só no remo, era a canoa de um pau só remando” (pescadora Nena). No contexto dessas trajetórias as pescadoras nos dizem como as mulheres - mães, tias, foram atuantes no processo da construção das suas histórias:

Daí nós começamo assim. Minha mãe ía e levava eu pro mar e eu fui pegando o gosto de pesca. Ai que gostoso[...] A minha mãe quando começo, a mãe da Nena, a tia Maria, elas iam assim.... Antigamente elas iam com a canoa a remo, de um pau só⁵¹, a remo. Elas iam muito longe. Elas saíam daqui de madrugada pra volta quase a noite a remo. Com camarão, com balaio de camarão, a canoa cheia de água, e vinham a remo, já penso (pescadora Sara).

Mas eu trabalho na pesca, eu aprendi eu tinha seis anos de idade. De cinco, de seis pra sete anos eu já limpava camarão pra compra meu próprio pão, meu chineque. Naquela época era chineque. Daí a gente viu as mulher trabalhando, minha mãe botou uma caixa no chão e disse” se você quer”? A gente morava na beira da praia mesmo com os pescador. E daí eu me criei praticamente trabalhando no camarão, no peixe. Hoje eu sei limpar peixe, eu sei limpar camarão (pescadora Lina).

Algumas mulheres aprenderam como demonstram as falas acima com a mãe, com as tias, mas também referenciam o pai, avô, tio, no processo do aprendizado da pesca: “Eu me reconheço como pescadora. Sou filha de pescador, neta de pescador,

⁵¹ A canoa caiçara é feita em um tronco de árvore escavado. Em tempos bem mais antigos, o miolo da árvore escolhida era queimado lentamente até que se conseguisse o formato aproximado desejado. A limpeza do tronco, retirada das partes queimadas, era feita com enxó. Também podia ser entalhado com o machado, mas com cuidado pois, uma fenda mal feita estragava o tronco de forma irremediável. Mais recentemente, em tempos de serra elétrica, o tronco é aberto, cerrado, escavado com outros instrumentos. Mas é sempre a enxó que dá o acabamento final. Antigamente o caiçara escolhia a árvore que ia talhar dentre aquelas que já estavam prestes a findar sua vida, ou mesmo escolhia os troncos já caídos. Nas serras litorâneas onde abundam os guaperuvús e as figueiras, eram essas as preferidas, e ainda o são. As canoas eram talhadas no próprio lugar de queda da árvore e depois, empurradas sobre troncos roliços, até a beira d’água. Hoje em dia é proibido derrubar árvores para fazer canoas, também é proibido usar os troncos caídos. Para fazer uma canoa o entalhador deve obter uma autorização especial dos órgãos de fiscalização ambiental. (**Canoa caiçara: arte antiga, herança indígena que povoa nosso litoral**) – GREENME. Arte e Cultura. GreenMe, 2025. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/viver/arte-e-cultura/61114>. Acesso em: 09 mar. 2025.

mulher de pescador. A família inteira é pescador, os irmão tudo” (pescadora Silvia); “A minha mãe era pescadora. A minha mãe saía, tipo assim, ela saía com meu pai pesca e a gente ficava. Daí quando a gente cresceu, era a gente que saía com o pai e ela ficava” (pescadora Nena); “Meu pai já era pescador. Eu vendi aqui camarão pra ele, quando ele trazia do mar, não tinha esse mercado, desde dos dez anos, eu limpava e ajudava, vendia pra ele” (pescadora Nunes). O despertar de sentimentos e motivações nessa trajetória relacional com a família que elas nos contam e que as levaram a “**pegar gosto pela coisa**”, traz consigo toda uma dinâmica em um processo de construção que tornou possível a essas mulheres afirmarem-se pescadoras. Esse processo de construção na pesca, para muitas começou na infância, com seis, com sete, com doze anos conforme os seus relatos: “Nois era do tempo da canoa que, que era puxada na estiva. Eu com seis, sete anos eu já ajudava a puxar estiva debaixo da canoa, já ajudava a puxar canoa, ajudava a puxar o peixe, o camarão” (pescadora Lina). Nessa trilha que vai da infância à fase adulta, elas contam como essas relações funcionam, como mantêm ainda costumes na forma de pescar que vieram de outras gerações, dos seus pais, dos seus avós, por exemplo: “Então tudo eu aprendi com ele, com meu pai, ele aprendeu com o pai dele e eu aprendi com ele. Então pra mim, isso é um orgulho” (pescadora Sara). Conforme expõe Saraceno (1989):

É crucial ver a família como um sujeito coletivo, com seus processos internos de mediação e diferenciação e seu potencial assimétrico para poder e acesso a recursos. Os recursos disponíveis determinam se uma estratégia é possível, na medida em que eles fornecem ou permitem comportamentos alternativos. Recursos não são apenas aqueles corporificados nos assim chamados recursos materiais, isto é, renda, serviços, bens de consumo, redes de relações. São, por natureza, também culturais e simbólicos (Saraceno, 1989, p. 33).

As interlocutoras dessa pesquisa vão pouco a pouco nos esclarecendo que as famílias caiçaras, das quais fazem parte, valorizam a vida em comunidade onde todos se ajudam e compartilham recursos: “Ela alí é mulher de pescador, a outra é neta de pescador, ela é filha de pescador, a outra também é filha de pescador. Então, a gente aqui, é uma comunidade, isso aqui é muito bom. Pra quem entende, isso aqui é muito bom pra nós” (pescadora Lola). Trazendo para essa discussão o olhar analítico de Mauss (2003) quando nos fala sobre observar a presença constante de um sistema de reciprocidades de caráter interpessoal. Este sistema, que se expande ou se retrai a partir de uma tríplice obrigação coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais, é conhecido como dom ou dádiva. Ele sugere que a

dádiva envolve três obrigações fundamentais: dar, receber e retribuir. Essa troca simbólica estabelece uma rede de solidariedade e cooperação social, essencial para a coesão das sociedades. Acosta (2016), argumenta que os bens materiais não são os únicos determinantes da compreensão do Bem-Viver⁵². Há outros valores em jogo: o conhecimento, o reconhecimento social e cultural, os códigos de condutas éticas e inclusive espirituais na relação com a sociedade e a natureza, os valores humanos, a visão do futuro, entre outros. Estes aspectos formam o capital cultural destas comunidades.

Em suas falas, elas nos deixam cientes do conhecimento que possuem sobre a natureza e das técnicas tradicionais que utilizam para a pesca. A vista disso, as famílias trazem toda uma construção de conhecimento em relação à natureza. De acordo com Branco (2005), o caiçara, sempre está de olho na maré e na lua. Os sinais da lua são definitivos para o entendimento do tempo e do amanhã. Para a pesca também são importantes a posição e formato das nuvens que mostram de onde o vento sopra, falando do mar, se está bom ou não para sair ao largo, se há perigo para voltar: Meu pai dizia assim: “rabo de galo no céu, não é pra boa coisa.” Rabo de galo é quando tem aquelas flecha no céu, quando as nuvens faz parece que passou uma caneta riscando. Então, quando acontece isso é tempo ruim, pode ser que a trovoada que o vento vire em sueste em sul (pescadora Sara).

Um porém que é importante no contexto dessa discussão, é quando Branco (2005), ao ressaltar e refletir sobre a construção do conhecimento caiçara, resalta que o caiçara, ou seja, **o pescador homem**, está sempre de olho na maré e na lua. É essa lógica que liga o universo da pesca estritamente ao masculino e que algumas autoras como Beck (1991); Alencar (1993); Maneschy, Siqueira e Alvarez (2012); Martinez e Hellebrandt (2019); Lopes, Freitas e Begossi (2020), por exemplo, argumentam criticamente em relação à forma como o papel da mulher enquanto pescadora vem sendo negligenciado nesse universo. Haja vista, a fala da pescadora Sara, que se apresenta como um confronto à fixidez dessa lógica. O pai ensinou que

⁵² "O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos" é um livro escrito por Alberto Acosta. Ele propõe uma ruptura civilizatória baseada no conceito de *sumak kawsay*, de origem kichwa, que significa "bem viver" ou "vida boa". Acosta discute a necessidade de construir sociedades verdadeiramente solidárias e sustentáveis, rompendo com os paradigmas do desenvolvimento tradicional e promovendo a comunhão entre humanidade e natureza.

“rabo de galo no céu, não é pra boa coisa;” é sinal de tempo ruim, e Sara põe em prática enquanto embarcada o que aprendeu nessa construção do conhecimento através da tradição que passou, no caso de Sara, de pai pescador para FILHA *pescadora*.

Retornando ao vínculo familiar dessas mulheres, este se estende àquelas que, por sua vez, conheceram, ingressaram e se tornaram pescadoras quando se casaram: “Sou pescadora. Faz cinquenta anos que eu trabalho aqui. Já pesquei com o meu marido. Pescar é muito bom, eu saía com o meu marido” (pescadora Lola); “Tanto eu quanto meu marido, nós vivemos da pesca. Ele é pescador, eu sou pescadora” (pescadora Sofia); “Não sou profissional no assunto de remenda rede, mas to aprendendo com o meu marido. Ele tem umas rede em casa, então ta me ensinando. Aí eu dou umas costurada” (pescadora Zaira).

Havia entre as mulheres apenas uma pescadora que não teve como base esses referenciais familiares. Estamos falando da Cida, cujo aprender a ser pescadora foi para ela “a escola da sua vida”. Cida falava da pesca com muito fervor, pois ela foi o “carro chefe” da sua família, e fez da pesca a sua motivação e razão para viver. Cida é um exemplo que se distancia da “naturalização” da família como grupo conjugal e, conseqüentemente, com o papel da mulher no processo reprodutivo, como forma básica e elementar de família (Durham, 1983). Ela nos contou em vários momentos das suas narrativas como foi a sua luta trabalhando na pesca para “criar os seus irmãos”. Pois quando a mãe de Cida faleceu os seus irmãos ainda eram crianças. Cida narrou que fez tudo que era possível para manter essa família, e o fez como pescadora. A pesca para ela foi só gratidão:

Com tudo que eu vivi, eu sou uma pescadora. Eu vim pra cá, eu tinha sete anos. Eu tenho sessenta e cinco hoje. E eu sempre trabalhei aqui limpando peixe. Toda vida [...]tudo o que eu tenho. Tudo o que eu tenho é da pesca” (pescadora Cida).

As interlocutoras também destacam os hábitos na pesca que foram mudando com o passar do tempo, explicando em que sentido mudaram: “Antigamente não existia carretinha pra puxa a canoa, o carrinho. Eu que fazia o acervo pra todas as canoa, pra todas as canoa, eu que fazia. Meu Deus do céu” (pescadora Lola); “Antigamente não tinha esses trator, a gente puxava estiva. Vinha de madrugada pra ajuda a turma pra pôr a canoa pra fora (mar). Não tinha nada que tem hoje. Só Deus mesmo pra ter misericórdia da gente” (pescadora Cida). As experiências como a de Lola e a de Cida, refletem as mudanças que ocorreram em relação a alguns pontos

da pesca artesanal. As suas falas relatam sobre as canoas grandes, pesadas que ficavam guardadas, geralmente em taperas de palha, e eram arrastadas para o mar em cima de espeques roliços⁵³. Esses espeques foram substituídos pelas carretas de pneus que os pescadores levam até às primeiras ondas para transportar os barcos da água ao seco (Branco, 2005). “Naquele tempo nós não pescava de barco, não era barco, era canoa de um pau só, aquelas canoa grande de um pau só “(pescadora Nena). A canoa de um pau só, tem uma importante trajetória no contexto da pesca caiçara:

A história do litoral sul, lembrada memória a memória, conta da vida dos pescadores caiçaras durante o século XX. Datas anteriores já não constam tão claramente das lembranças daqueles que ainda cá estão. Sabem eles, no entanto, que antes do motor entrar na história, lá por 1930, as canoas de um pau só navegavam à força de remo ou correnteza, o caiçara se equilibrando na popa, com a água lambendo aborda baixa da embarcação. Em todas as épocas essas foram as embarcações preferidas de todos os caiçaras pescadores, tanto por sua mobilidade como pela resistência e durabilidade (Branco, 2005, p. 72).

Os movimentos de aprendizagem na pesca e para a pesca que são aqui evidenciados, demonstram além da interação relacional que acontece entre essas mulheres pescadoras e a família articulando relações de consanguinidade e descendência - pai, mãe, tios, tias, avós, e irmãos , como ocorre no caso da Cida; de afinidades - no sentido que se estabelece com os maridos (Durham, 1983); esses movimentos também apontam que no desenvolver desse aprendizado elas são agentes sociais que se entregam nesse universo da pesca de forma estruturada, e substanciada por emoções e sentimentos, para atingir os seus objetivos. Como Rosaldo e Lamphere (1979), argumentam:

Embora a estrutura formal da autoridade da sociedade possa declarar que a mulher é impotente e irrelevante, uma observação cuidadosa das estratégias e motivos da mulher, das espécies de escolhas feita por ela, das relações que ela estabelece e dos objetivos que alcança, indica que, mesmo em situações patentes de desigualdade do papel sexual, ela possui muito mais poder do que os teóricos convencionais admitem[...] As estratégias femininas podem parecer divergentes e destruidoras, porém são componentes importantes no processo legítimo através do qual a vida social prossegue (Rosaldo; Lamphere, 1979, p.27).

Ao dar um passo além da proposta em que iniciamos sobre o cenário da família, no que concerne à leitura das suas narrativas, podemos seguir adiante com um olhar reflexivo de análise pensando sobre como as falas vão nos demonstrando todo um

⁵³ Peça de madeira com que se escora algo.

sentido de desconstrução da imagem desqualificada de “mulher pescadora” do sistema simbólico masculino, e vão narrando a produção de uma imagem positiva e legítima de sujeitas do saber nesse universo pesqueiro. Melhor dizendo, elas produzem um deslocamento subjetivo: “É uma profissão que eu sou apaixonada e eu não tinha nada pra ser pescadora, porque eu nasci numa cidade no Norte né. Mas eu me criei desde pequenininha, desde nenezinho em Guaratuba” (pescadora Lina). Levando em conta como significativas são as agências dessas mulheres pescadoras, não posso deixar de ressaltar a concordância no tocante ao pensamento de Rosaldo e Lamphere (1979), quando elucubram a importância e a legitimidade das ações das mulheres dentro de contextos sociais em que a supremacia masculina predomina, como acontece no mundo da pesca. A vista disso as autoras nos dizem que:

Do ponto de vista das normas dominantes, tais procedimentos podem parecer idiossincráticos, destruidores, não importantes ou indesejáveis, mas cientistas sociais ignorando-os, poderão esperar apresentar apenas uma explicação parcial da estrutura e dos processos das diferentes formas da vida social ((Rosaldo; Lamphere, 1979, p.27).

Na leitura que fazemos das suas falas, podemos entender essa desconstrução do sistema simbólico masculino em Braidotti (2000), no sentido de que as ações dessas mulheres, as distancia de serem somente produto simbólico e abstrato do olhar masculino. Enquanto sujeitas de ação, de escolhas, de produção real, evidenciam a autoafirmação e a positivação do signo Mulher:

Índia, pra você ter ideia aqui oh, olha, nossa, mulher pescadora tem. Tem minha mãe, tem eu. Tem no Parati, tem a minha prima, tem a tia Tereza, que é irmã do meu falecido pai. Ela também. Ela andava sozinha no mar[...]ela tava com sessenta e poucos anos, hoje ela ta com oitenta e poucos anos[...]. Agora a tia Rosa mora aqui. Ela pescava também. Agora o filho dela leva ela pra pesca de linha. Ela tem quase oitenta anos também, minha tia. Meu primo pega ela e leva ela pra pesca. Ela não para. Ela pegava a tarrafinha dela, pegava lambari e ia pesca robalo lá no posto, e pegava robalo grande (pescadora Sara).

Expressivo são, dessa forma, os discursos em que as narrativas das mulheres pescadoras apresentam os porquês de como essas relações foram sendo construídas, por intermédio das quais “*se construíram pescadoras*”. Melhor dizendo, as ações moldam a compreensão que elas têm do mundo da pesca e, conseqüentemente, a própria identidade de pescadora dessas mulheres. Frente ao que elas narram, está o fato dessas ações serem fundamentalmente contribuintes para a construção dessa identidade. Trazendo, nesse sentido, para discussão a fala de Lauretis (1994), que já nos foi reflexiva no decorrer dos escritos:

Eis aqui, em grande evidência, o problema no conceito de diferença(s) sexual(ais), com sua força conservadora limitando e trabalhando contra o esforço de repensar suas próprias representações. Acredito que, para pensar o gênero (homens e mulheres) de outra forma e para (re)construí-lo em termos outros que aqueles ditados pelo contrato patriarcal, precisamos nos afastar do referencial androcêntrico, em que o gênero e a sexualidade são (re)produzidos pelo discurso da sexualidade masculina (Lauretis, 1994, p.227).

Considerar os lugares da participação atuante de mulheres nesse processo da pesca, é descortinar e desnaturalizar as colocações que fazem parte do pensamento dos pescadores homens que definem que “A guerra e a política são, em todos os lugares, atividades essencialmente masculinas, das quais as mulheres, quando participam, o fazem de modo secundário, complementar ou substantivo” (Durham, 1983, p. 16).

Partindo de referenciais que substanciam a construção da identidade da mulher pescadora, prosseguimos com o próximo passo que interage e se entrelaça ao objetivo específico aqui proposto de visibilizar os significados atribuídos pelas mulheres pescadoras ao seu lugar na pesca envoltos por suas motivações e seus sentimentos.

4.2 MOTIVAÇÕES QUE SUBSTANCIAM A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DESSAS PESCADORAS.

No cerne das relações dos “porquês de ser pescadora” é que se movimenta a construção da identidade dessas mulheres enquanto mulheres pescadoras. Em diferentes momentos das suas falas em que elas demonstram esse sentimento de pertencimento à pesca, nutrido de valores e emoções que marcam a identidade de pescadoras dessas mulheres, é a importância de ser uma caiçara. E nessa importância se instaura um leque de motivações.

Isto significa que ser caiçara para elas, que *nasceram na pesca*⁵⁴, reflete o respeito ao legado dos saberes que foram transmitidos pelos pescadores e pescadoras mais velhos(as) às gerações das quais elas fazem parte. Diegues (1983) salienta que vivendo no interstício da Mata Atlântica e do mar, estuários, restingas e

⁵⁴ E mesmo aquelas que não nasceram nesse universo da pesca, mas reconhecem-se como tal, ou seja, caiçara, conforme já mencionado.

lagunas, reproduzindo seus modos de vida através de seus recursos naturais, os caiçaras constituíram-se em um território rico em diversidades biológica e cultural:

É coisa de caiçara né... A minha mãe aprendeu com os avós, depois ela aprendeu e nós aprendemo com ela e tamo indo né. Isso aí é coisa de índio né, do tempo deles né. Os indígena fazem assim também. Ele vão pro mato caçar, eles têm direito de caçar a caça deles pra comer, daí eles defumam e faz assim, defumadinho. Aqui, todo mundo sabe faze o peixe defumado (pescadora Nena).

Tem muita coisa que a gente aprendeu com a mãe, com a vó. O peixe seco, que é o peixe defumado, esse daí é o peixe caiçara. Ele é muito conhecido aqui na nossa região né. Porque queira ou não queira eu sou caiçara, eu sou caiçara, com maior orgulho. Porque o sustento que a gente tira daqui é da pesca. (pescadora Sara).

A forma como internalizam e exteriorizam esse modo de vida, é construída através dos saberes tradicionais no tocante aos seres do mar e da mata herdados, principalmente, de seus antepassados indígenas. Assumindo, desse modo, uma dimensão imensurável de pertencimento à natureza que transcende a noção de território enquanto meio físico explorado, é um lugar onde a interação das relações sociais com a natureza, dão um significado especial à existência (Diegues, *ibid.*). Nas falas elas revelam esse sentir-se caiçara, esse pertencimento: “Eu sou nascida aqui. Eu cresci aqui, uma caiçara mesmo. Meu vô, meu tio, era pescador. É tudo em família. Sou casada com um pescador[...]minha vida é a vida da pesca” (pescadora Telma); “Caiçara para mim é a pessoa que nasceu aqui. Que nasceu e sempre entendeu da pesca. Eu vim pra cá em mil novecentos e setenta, mas eu me considero um caiçara” (pescadora Lola). O trabalho de Diegues (1983, 1988) sobre as populações caiçaras é relevante para entender a história e a cultura dessas comunidades tradicionais. Para o autor, muitas vezes as populações caiçaras são analisadas sob uma perspectiva ecológica romântica, vinculando-os ao mito do “bom selvagem”, essa visão para ele reduz a expressão da riqueza cultural dessas populações.

Entretanto, substancial também é atentar ao fato que conviver com e nesse modo de vida construído através dos saberes tradicionais não significa atribuir a essas mulheres noções fixas de identidade e lugar. Uma vez que a partir da leitura que fazemos dos relatos e dos movimentos inseridos nesses relatos que dão sentido às experiências dessas mulheres, percebemos que elas reescrevem a sua história com autonomia feminina, rompendo com o silêncio constituído por relações hierárquicas/dicotômicas de gênero. Trago para essa discussão, na intenção de dar ênfase às narrativas das pescadoras no tocante à questão de reescrever a história

com autonomia feminina, a fala **gritante** de Harding (1993, p.22), quando nos diz que: “Além do mais, nós, mulheres, também reivindicamos uma identidade que fomos ensinadas a desprezar; no mundo inteiro insistimos na importância de nossa experiência social, como mulheres, e não apenas como membros de classe, raça ou grupos culturais de gênero invisível”. Harding analisa a forma como a experiência das mulheres intelectuais feministas foi obscurecida nas teorias tradicionais e, por conseguinte, a difícil trajetória à visibilidade que se configurou por meio das releituras, substanciadas pela criatividade, que as feministas fizeram de conceitos e categorias do marxismo ou da psicanálise, ou na subversão de tendências fundamentais do marxismo e do freudismo. Em suas palavras:

Certamente, não foram propriamente as experiências das mulheres que fundamentaram qualquer das teorias a que recorremos. Não foram essas experiências que geraram os problemas que as teorias procuram resolver, nem serviram elas de base para testar a adequação dessas teorias. Quando começamos a pesquisar as experiências femininas em lugar das masculinas, logo nos deparamos com fenômenos – tais como a relação emocional com o trabalho ou os aspectos “relacionais” positivos da estrutura da personalidade, cuja visibilidade fica obscurecida nas categorias e conceitos teóricos tradicionais (Harding, 1993, p. 8).

Falar desses movimentos contrários às normas de gênero, significa, então, dizer que a construção de identidade dessas pescadoras não está fundamentada em subjetividades fixas. Dito de outra forma, a leitura das falas dessas mulheres pescadoras possibilita uma abordagem analítica que valoriza a diversidade, a mobilidade e a fluidez, desafiando noções fixas de identidade e lugar. Pode-se dizer que aqui existe uma criatividade ligada à valorização das diferenças e desvios (Braidotti, 2000).

Por intermédio de suas narrativas, as mulheres pescadoras dessa pesquisa, transparecerem as intenções de encontrar uma forma de subjetividade a partir da qual o sujeito feminino possa se desenvolver (Braidotti, 2000). Como já dito no início desses escritos, são muitas histórias para contar; e elas contam. De forma firme e cuidadosa nos detalhes, as mulheres pescadoras relatam as emoções, os sentimentos das suas experiências. Sejam eles bons ou ruins, elas contam.

Em cada narrativa, há particularidades que refletem subjetividades, que refletem identidades, retomando o que ressalta Brah (2006) “a subjetividade – o lugar do processo de dar sentido a nossas relações no mundo – é a modalidade na qual o sujeito em processo ganha significado ou é experimentada como identidade” (Brah, 2006, p. 371). Por assim dizer, a fala da pescadora Nena nos faz perceber o quanto

esse lugar que elas ocupam no processo que vai da pesca a ser pescadora, dá sentido às suas relações no mundo:

Eu me lembro até hoje, eu tinha dez anos, nós tava lá em alto mar com o pai pescando, lá fora, arrastando camarão né. Aí, daqui a pouco, nós arrastava e eu ficava limpando camarão, no fundo do barco né. Aí juntava água também no fundo da canoa né. Naquele tempo nós não pescava de barco, não era barco, era canoa de um pau só, aquelas canoa grande de um pau só[...] daí a gente tava lá fora pescando, eu tinha dez anos, eu me lembro até hoje. Daí, daqui a pouco eu tava escolhendo camarão, daí eu vi assim, eu tinha dez anos, eu era menina, era criança ainda, aí eu vi que tava, assim que tinha um, tipo assim, um sangue escorrendo na minha perna. Eu era criança, eu achava que eu tinha me machucado, ou o peixe tinha furado, o bagre, porque eu levei tantas esporada de bagre, e mordida de siri quando era criança né. Aí eu não ligava, eu jogava água e ficava né. Aí meu pai olhou assim né, olhou e falou vamo embora, vamo embora. Daí ele trouxe eu pra casa né, daí eu fiquei mocinha pescando com ele lá em alto mar. Menstruei lá na canoa (pescadora Nena).

Na continuidade do seu relato sobre o fato de ter menstruado pela primeira vez na canoa, Nena nos diz que ao retornar para casa com o pai, a mãe já havia reservado alguns paninhos costurados, em forma de forrinhos, exatamente para quando esse dia chegasse: “Aí foi engraçado que quando eu cheguei em casa né, a minha mãe já tinha os paninho. Naquele tempo não tinha absorvente, era forrinho. Aí ela disse: “agora você já é uma mocinha, tem que se cuida, né. Agora você tem que vê que todo mês você vai menstrua”. Aqui temos um referencial do olhar que se faz presente nas reflexões sobre sexualidade e corpo de Lauretis (1994), que aborda o conceito de experiência como algo fundamental, destacando o processo contínuo de construção da subjetividade. Retomando o que a autora salienta, essa construção é um compromisso pessoal e subjetivo que ocorre nas atividades, discursos e instituições que atribuem importância e sentido ao valor, ao significado e aos afetos envolvidos nas atividades desenvolvidas pelas mulheres: “Ela costuro, já tinha costurado os forrinho acho que já tava até adivinhando né”.

Outro ponto importante é que Nena além de atribuir ao fato dela ter “ficado mocinha”, ali, no barco, uma pesca abundante de camarão: “Então aí tá, eu só sei que nesse dia menina nós pegamo tanto camarão, tanto camarão, tanto camarão”, ela acrescenta a esse dia na pesca um acontecimento inusitado:

Nossa, eu me lembro até hoje, que aquele dia o pai pego um cação, que eu acho que dava uns vinte quilo, o cação. Enorme, enorme, enorme. Nunca vi daquele tamanho assim. Porque nós nunca pegamo cação né (pescadora Nena).

Estes aspectos favorecem a pesca e também as prendem nela, por afetos. Diante desses e de outros relatos que elas narram nos escritos desta tese, revelam-

se acontecimentos que substanciam o contexto dessas histórias e permitem perceber que foram circunstanciais para o processo de construção da identidade dessas pescadoras. Dialogando com Scott (1999), quando nos diz que não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência, fazemos a leitura da subjetividade dessas pescadoras através das suas experiências. Por isso, percebemos que as narrativas das mulheres pescadoras revelam a relação das experiências com a construção contínua da subjetividade que se assume como compromisso pessoal e subjetivo nas atividades desenvolvidas as quais refletem valores, significados e afetos.

A exemplo dessa fala, bem como das demais interlocutoras desta pesquisa, que relatam suas experiências de infância, adolescência e juventude, vai se tornando evidente, por meio de seus relatos, que o sentido das relações que estabelecem no mundo traz movimentos de vida que sobrepõem as noções tradicionais de identidade e subjetividade — diferentes daquelas que aparecem estruturadas e representadas em uma qualidade fixa, conforme proposto por Braidotti (2000). Por meio de suas histórias, compreendemos que a construção da identidade de pescadora dessas mulheres está profundamente contextualizada em uma interação entre emoção e razão.

Essas mulheres ressaltam a consciência que têm das relações com as quais se conectam ao mundo da pesca quando afirmam, por exemplo: “Eu limpo camarão. Essa é a minha profissão. Uma boa profissão.” (pescadora Nunes); “Isso aqui é a minha vida. Se eu ficar sem isso eu morro, pode me mata” (pescadora Lola); “Só saio da pesca pro cemitério, é daqui pro cemitério” (pescadora Cida). Elas manifestam apreço no desempenho das funções que realizam, expressando no delinear das suas ações que estas não representam e nem são representadas por um contexto tradicional.

Eu pegava com a minha tarrafa, pegava minhas isca manjuva aqui, eu fundeava o barco aqui no meio e pegava pescadinha⁵⁵, pegava um monte de pescadinha. E quando eu não tava pescando, eu tava limpando peixe pro pessoal do late. Porque o antigo late era aqui né. A turma do late chegava lá com os peixe, chegava lá e falava: baxinha, venha. Eu já ia com a faquinha na mão pra limpa peixe pra eles. Ganhava meu dinheirinho, ajudava a minha mãe, e era assim, eu sempre pegando peixe. Pegando peixe, limpando peixe.

Depois eu comecei a tarrafejar, andar de barco mesmo, aí ninguém me segurava mais (pescadora Sara).

Esse agir molda a compreensão que elas têm do mundo da pesca e, por sua vez, em um movimento de interação, essa compreensão molda o agir. Conseqüentemente, a própria identidade de pescadora dessas mulheres. Frente ao que elas narram, está o fato dessas ações serem relevantemente contribuintes para continuidade dessa identidade. Desse modo, as interlocutoras dessa pesquisa dão sentido e elucidam significados ao entendimento analítico tanto em relação ao porquê ser pescadora, quanto aos porquês que corroboram o porquê. Essa compreensão que desponta da leitura das narrativas das experiências, reflete-se nas ações que foram ressaltadas pelas pescadoras e que, de alguma forma, “abrem portas”, tornando possível enxergar mulheres num espaço simbólico da pesca proibido para elas:[...] “as mulheres não são e não estão ocultas, elas existem. Existem e vivem em constante emaranhados na trajetória complexa e histórica de classe, raça e cultura (Harding, 1993).

Ademais, relevante é salientar, que a leitura em relação às trajetórias dessas pescadoras por caminhos que se desviam das noções tradicionais, e que foram por elas experienciados, não apontam somente certezas otimistas em relação ao lugar reservado às mulheres no cenário social. Mesmo porque nas experiências narradas, as mulheres pescadoras trazem situações de confronto em que elas vivenciam, em diferentes momentos, esse lugar reservado às mulheres sob uma condição imposta social e culturalmente: “[...]Elas são bem menos resistente que os homem [...] Daí as mulheres que tentaram pescar aqui não deu certo[...]Por isso que eu estou dizendo, a maioria das coisa é encenação, é um pouco mentira” (pescador x).

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer nas ações dessas pescadoras, as diversas formas de expressão de gênero e sexualidade que vão além das normas tradicionais. Ademais as experiências das pescadoras também demonstram diversificadas posições em que elas evidenciam à construção de articulações que abrem possibilidades de agenciamento e resistência para o sujeito. A vista disso, elas revelam um sentir e um fazer de si frente às exigências da vida cotidiana (Leite, Tamanini, 2022), manifestando indícios de como essas experiências com toda bagagem de sentimentos, emoções, corroboram e nutrem as subjetividades na construção das identidades de pescadora. Porquanto, o que as narrativas dessas pescadoras expressam, esse envolvimento que não representa noções fixas de

identidade e de lugar, projeta-nos para um olhar interpretativo de que não existe fim para esse processo, pois, tal como afirma Lauretis (1984) em suas análises sobre experiências e relações de gênero, este é diariamente novo.

E quando perguntado a elas se fariam outra coisa no lugar de pescar; descascar camarão; limpar peixes, a resposta direcionou-se para a afirmação de que jamais conseguiriam distanciar-se da pesca. Algumas relatam que até tentaram outras profissões, mas retornaram à pesca, outras nem tentaram, como explicaram: “Trabalhei já em outros serviço, rodei, rodei, mas voltei pro camarão porque é o que eu mais gosto de fazer. Eu faço com amor” (pescadora Lina). “Já trabalhei com o caminhão do triturado, trabalhei na rua, já trabalhei de tudo aqui. Eu tenho orgulho de fala que eu trabalho com o camarão e minha vida é a vida da pesca” (pescadora Telma). O que elas narram, expõe a maneira como firmam a identidade de pescadoras. Retomando as contribuições de Harding (1983), afirmo que as mulheres insistem na importância das suas experiências nesse contexto social e cultural como mulheres pescadoras e não apenas como membros de classe, raça ou grupos culturais de gênero invisível. O posicionamento em que elas se colocam na construção dessa identidade de pescadora, atenta para a necessidade de uma discussão crítica, que aqui se desenvolve, sobre o conhecimento internalizado que cria o sujeito como feminino a partir da repetição secular e cotidiana de ações, impressões e significados constituindo relações aceitas como certas ou necessárias (Lauretis, 1984).

Atribuídos, assim, aos porquês de ser pescadora, essas mulheres evidenciam sentidos e os significados contidos nesses sentidos, que revelam por intermédio desses movimentos o quão importante são as experiências que as “faz pescadoras”. Dito de outra maneira, os motivos são muitos e são intersubjetivos porque compartilhados entre essas mulheres. Mas não só na cabeça. Eles são vividos na carne, no dia a dia. Elas se entendem, **elas são Nós**: “Eu conheço todas as mulher da pesca desde nascença, principalmente aquela ali, a Lola, que foi minha babá (pescadora Silvia). E depois que Silvia cresceu, como dito, casou-se com o filho de Lola, estabelecendo um vínculo que vai da babá à sogra de Silvia. Realmente, elas são nós!!!

Elas revelam-se como agentes ativos, suficientemente conscientes de si mesmas, que reconhecem, enquanto pescadoras, as necessidades de estabelecer relações com o ambiente natural, prático e social (Archer, 2000), nesse mundo da pesca. Desempenhando as suas atividades e escrevendo os seus próprios roteiros

para dar conta do que acreditam como pescadoras. Uma dentre as frases que manifesta a consciência que têm dessa importância voltada para elas, foi quando a pescadora Sara disse: “O que nós sabemos Índia não tem nos livros [...] é você ter também o conhecimento da baía, da maré, de tudo. E esse conhecimento faz parte de nós”.

4.3 EXPERIÊNCIAS E CONEXÃO: O OLHAR DELAS PARA COM ELAS

Tudo que tem união faz união. E aqui nós somos unidas. Aqui nos fala, ri, briga, faz as pazes. Então, nós somo unida, somos desunida. Um dia nos tamo de bem, outro nós tamo de mal, e assim vai. (pescadora Sofia)

Nas suas falas elas evidenciam os seus sentimentos, as suas emoções no que tange as dinâmicas e as estratégias que se fazem presentes no processo de construção e de valorização das suas atividades pesqueiras. Reconhecendo que essas emoções e sentimentos integram juntamente a compreensão do objetivo a que esse capítulo se propõe, trazemos, por intermédio das falas e da leitura que fazemos dessas narrativas, o olhar que elas têm para com elas remetendo-nos aos significados que elas constroem nessa relação em busca da visibilidade enquanto mulheres pescadoras. Entendemos como Brah (2006), que “o signo “mulher” tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero: “Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes “feminilidades” onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares [...]” (Brah, 2006, p.341).

Um dos pontos mais marcantes durante as entrevistas em grupo com as pescadoras, descascadeiras de camarão, foi o elo que existe entre as mulheres e que visibiliza significados e sentimentos no contexto das suas experiências no trabalho na pesca. Uma conexão nutrida pela reciprocidade, ou seja, o que uma pode fazer pela outra baseadas na experiência comum e na necessidade (Hita, 2010). Desses laços de amizade “brota” uma força que as une e as fortalece na função de descascadeiras de camarão, no trabalho na pesca: “Com certeza é bom trabalha em grupo. Todas que trabalham aqui se não gostassem do que fazem não iam trabalhar, porque não é fácil. É bem difícil” (pescadora Sofia).

Não obstante, entre as pescadoras descascadeiras, a questão das desavenças foi um ponto também importante narrado por elas quando contam as suas experiências na sala da limpa de camarão. Elas relatam que são unidas, mas apontam que as desavenças e as discordâncias fazem parte da mesma experiência de união. A exemplo dessas desavenças, a narrativa da pescadora Sofia abaixo, ao apontar um certo descontentamento sobre a forma como, às vezes, a pescadora Lola se direciona as demais: “Às vezes a Lola desmerece essas coisa, porque não se aposento pela pesca. Que nem ela fala que eu caí de paraquedas aqui porque faz pouco tempo que eu trabalho aqui. Então...só que a gente respeita porque é uma senhora de idade né. Ela fala cada bobage pra gente aí. Mas é o jeito dela, a gente sabe” (pescadora Sofia).

Uma das razões que reflete o “desmerece essas coisa” que a pescadora Sofia se refere é o fato de a pescadora Lola “não ver com bons olhos” as mulheres que fazem parte da sala de camarão e, no entanto, não se aposentaram pela pesca, mas sim por outras atividades como é o caso da pescadora Nunes. A pescadora Nunes é filha de pescador, mas aposentou-se pela prefeitura. Nunes trabalhava em um colégio no período noturno, porém sempre limpando camarão durante o dia. Limpava camarão para o pai desde os dez anos e cresceu vendendo o camarão que o pai pescava. Além disso, Nunes tem uma filha que também trabalha no mercado de peixe e vive da pesca. Diante dessas conexões entre Nunes – família – pesca, na concepção da pescadora Lola quem faz parte do universo da pesca, seja com a família de pescadores ou com o marido pescador, tem que trabalhar e se aposentar assumindo funções desse universo, ainda mais fazendo parte de uma comunidade pesqueira. A insatisfação de Lola a esse respeito, tornou-se perceptível nas suas narrativas quando em uma das entrevistas se referiu a pescadora Nunes:

A Nunes é filha de pescador, tem irmão pescador, tem a filha que vende no mercado, ela é aposentada, mas não pela colônia⁵⁶. A Nunes ela ta aí só ajudando a filha que tem a banca de camarão e a Nunes limpa pra ela, limpa pra outros também, mas limpa mais pra filha. Ela é aposentada pelo Estado, pela escola, mas não é professora, é serviço geral. Então, é diferente. E nós não. Nós tamo firme aqui nessa nossa sala de camarão. Tanto que eu me aposentei pela pesca (pescadora Lola).

⁵⁶ As colônias de pescadores e pescadoras são instituições sem fins lucrativos que prestam serviços de natureza jurídica e contábil gratuita a seus associados. BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Disponível em: <https://www.gov.br/mpa/pt-br>. Acesso em: 9 mar. 2025.

Podemos pensar na agência de Lola, conforme o pensamento de Archer (2000) no que tange às relações concebidas como constitutivas de quem somos no sentido de estarem voltadas a tudo com que mais nos importamos e nos torna seres morais. Lola expressa esse sentimento como uma forma de valorizar a identidade de pescadora descascadeira de camarão. De acordo com os argumentos de Scott (1990), as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, têm uma história.

Que os conflitos existem, é fato narrado por elas. Mas enfatizam nas falas, que as desavenças não são tão profundas, significativamente, a ponto de abalar a harmonia do trabalho em grupo no descasque e limpa do camarão. A pescadora Lola já está nesse universo da pesca há mais de cinquenta anos, conforme relatou nas entrevistas. Além da experiência em limpar camarão, tem experiência para lidar com as desavenças que surgem com as mulheres que com Lola trabalham na sala da limpa de camarão:

Não é pra se dar bem? A gente tem uma picuinha às vezes. Tem. Aonde que não tem? Aí você para[...]você pensa[...]e sabe que não é certo. Aí você volta atrás, mas não conta pra ninguém, mas volta, senão vão tira um sarro de você. [...] E trabalhar em grupo, eu vou te dizer uma coisa, sabe aquele ditado, eu vou te falar de um ditado para você ficar pensando: não precisa você ser minha amiga, deixa eu ser tua amiga, pronto. E é assim que tem que ser. Não precisa você ser minha amiga, deixa eu ser tua amiga (pescadora Lola).

No tocante às pescadoras embarcadas, elas trazem algumas características que relatam e enfatizam os significados de ser uma pescadora que vai ao mar. Dessa forma, durante o tempo das entrevistas, não houve nenhum momento em que elas tivessem narrado sobre o ocorrido de desavenças entre elas. Ao invés de desavenças elas enfatizavam a relevância de trabalharem na pesca e para a pesca em família. Vale lembrar que pertencer à família de pescadores, de acordo com os relatos das embarcadas, significa que não existe um diferencial diante do qual o pescador homem não reconheça ou inferiorize a pescadora mulher. Segundo as suas falas isso as faz mais unidas enquanto pescadoras, existindo um elo entre elas. Esse elo nutre-se pelo referencial do parentesco com mulheres que foram pioneiras e protagonistas na pesca, enquanto pescadoras embarcadas nas comunidades de Caieiras, Parati, Cabaraquara, como relatado pelas interlocutoras. Esse vínculo que alicerça o ser pescadora traz à tona o *sangue de mulheres pescadoras de outras gerações, que corre em suas veias*: “Eu me sinto orgulhosa de ser uma pescadora sabia. Me sinto

muito orgulhosa. Assim, tipo assim, das coisas que eu sei, que eu conheço, que eu sei e aprendi com a minha mãe, com as tias e com o meu pai né” (pescadora Nena).

Entretanto, quando nos referimos ao elo existente entre as pescadoras embarcadas e as pescadoras descascadeiras de camarão, este elo apresenta um diferencial em relação à forma como as embarcadas “enxergam” as descascadeiras de camarão e a maneira como as descascadeiras de camarão percebem as embarcadas. O olhar que parte das mulheres descascadeiras para as mulheres embarcadas traz um sentido de satisfação em saber que existem mulheres que se destacam na área da pesca: “Eu não sei se você já viu também aquelas gurias lá na baía, as Maria? Como trabalham. Elas são pescadoras, são foda. Trabalham pra caralho na área da pesca” (pescadora Lola). As representações na fala da Lola quando me pergunta se já havia visto as gurias da baía de Guaratuba que “são foda”, e logo em seguida complementa que são pescadoras, essas representações evidenciam a importância da existência dessas mulheres pescadoras embarcadas e o trabalho que desenvolvem na pesca. Lola as valoriza por fazerem parte da pesca e se entregarem para pesca. Por essa razão me pergunta se já havia “visto as gurias”, e se acaso não, a sua fala foi enfática no sentido de que eu fosse contactar com essas pescadoras, pois para Lola eram mulheres relevantes para e na pesca. A vista disso, o significado evidenciado na expressão “como trabalham e trabalham pra caralho” é de muita entrega à uma atividade pesqueira que “pertence” social e culturalmente ao homem. Mas a apreciação **são mulheres pescadoras “que trabalham pra caralho”**., diga-se de passagem, tem a mesma intensidade em outras falas das descascadeiras de camarão.

Em relação ao elo por parte das pescadoras embarcadas às pescadoras descascadeiras, as narrativas apontam que a forma como as pescadoras embarcadas enxergam as pescadoras descascadeiras não é substanciada com o mesmo enaltecimento. Ou seja, não acontece com a mesma entrega que as pescadoras descascadeiras destinam às pescadoras embarcadas. Conforme Maneschy, Siqueira e Álvares (2012) ressaltam, há várias diferenças no processo de organização das mulheres e em suas demandas, uma vez que existem diferentes contextos e, conseqüentemente, diferentes exercícios de poder e de atribuição de prestígio. Logo, pensar relações de gênero implica pensar as relações nas quais se incluem formas plurais com sentidos plurais, ambigüidades e contradições. Embora Nena, uma das pescadoras embarcadas, tenha me dito que considerava as mulheres descascadeiras

como pescadoras, em algumas de suas falas foi possível perceber que essa consideração era muito vaga:

É, tem vários tipos de pescador. Tem as marisqueira, que descasca os mariscos, né. Tem umas que vão pro mangue e tiram os marisco, descascam e vendem. Tem as descascadeiras de camarão, que também são um tipo de pescadora, também, porque tão trabalhando com a pesca né. Elas não tão, tipo assim, diretamente lá no mar pescando, mas elas participam né, porque tipo os marido pescam e elas descascam o camarão, tem umas né. Eu falo assim Índia, porque não existe só o pescador que vai pro mar, tipo assim vai lá pro mar pesca o peixe. Tem outro tipo de pescador também né. Tem o tipo de pescador que leva o pessoal pra pesca. Igual, eu tenho um primo meu que ele vive só da pesca, só que ele não pesca com rede.

Reverberando as análises para outra fala de Nena, em que consiste uma vaga consideração às descascadeiras de camarão enquanto pescadoras, ou a inexistência da mesma, visto que “as descascadeiras **participam** da pesca já que os seus maridos pescam e elas limpam camarão”; em outro momento em que Nena se refere a essas mulheres, ela interage a sua resposta com o olhar dos pescadores em relação ao considerá-las pescadoras por intermédio das suas funções, ou seja, limpar camarão. Dessa forma, deixa transparecer o seu posicionamento em relação às descascadeiras:

Desde os dez anos que eu pesco, eu to com cinquenta e quatro, quarenta e quatro anos pescando. Eu acho que pras descascadeiras de camarão, os pescadores falam que elas dizem que são pescadora, mas nunca embarcaram numa canoa. Eu acho que eles pensam isso né: Ah você diz que é pescadora, mas descasca camarão, nunca embarcou, não sabe pegar num remo nem numa tarrafa pra joga, eu acho que é isso que eles falam das mulheres né. Mas elas são pescadoras, não deixam de ser pescadoras, só que elas não são embarcadas. Tipo assim, não tem a prática de entrar dentro de um barco, de jogar uma tarrafa, de jogar uma rede né. Mas elas são pescadoras.

Para falar da forma como os pescadores “enxergam” as mulheres descascadeiras de camarão, primeiro Nena enfatiza o tempo que ela tem de pescadora embarcada, depois dá ênfase em todas as atividades que refletem a pesca embarcada, e no final faz uso de quatro palavras e diz: “Mas elas são pescadoras”. Diante da forma como Nena se expressa em relação às pescadoras descascadeiras de camarão, a impressão que nos causa é de uma aceitação superficial, ou talvez apenas uma tentativa em manifestar que aceita as mulheres descascadeiras no grupo das pescadoras. A forma como expõe essa aceitação, deixa uma brecha de dúvidas de que exista, nesse sentido, uma repetição intragênero dos estereótipos masculinos. Seguindo nessa direção em relação às mulheres descascadeiras enquanto

pescadoras, a posição de Sara, a outra pescadora embarcada, teve um maior peso de negatividade. Melhor dizendo, Sara não as considera pescadoras:

Pois é, há muitos anos atrás eles começaram a selecionar as marisqueiras, descascadeiras de camarão e fazer a carteira de pesca, de pescadora e na realidade aí, tem bastante. Mas elas têm uma função diferente. Eu digo assim oh, que nem eu tava falando, pescadora pra mim é a pessoa que pega tarrafa, tarrafeia, entra no barco e não tem medo de sair. Agora tem pessoas aqui que tem, que diz que é pescadora, mas não sabe pega num remo, não sabe nem entra na canoa. Pra mim não é pescadora. Pescadora é acorda cedo, embarca no barco e ir pro mar e lá e pegar a ventania que nós pegamo, pega temporal lá. Agora fica descascando camarão lá no seco, pra mim não é pescadora.

Quando Sara estava se posicionando em relação a considerar ou não as mulheres descascadeiras pescadoras, seu marido estava ao lado. E tudo que Sara dizia sobre as descascadeiras ele a apoiava e até reforçava com outras palavras o peso da recusa. Temos aqui uma situação em que não considerar as mulheres descascadeiras de camarão como pescadoras não é representada somente por uma visão masculina (Martínez e Hellebrandt, 2019). Essa visão está presente e se consolida também na forma como as duas pescadoras embarcadas classificam as funções na pesca, com os respectivos actantes (Latour, 2013). Assim dizendo, de um lado “Mar, barco, tarrafa, remo, canoa, ventania” e do outro lado “Terra, ‘seco’, sala, camarão”. Seguindo o pensamento de Tabet (2014) em relação ao domínio de tecnologias: “O ser humano não é mais definido e limitado apenas pelas possibilidades do corpo físico: os instrumentos tornam-se um prolongamento deste e ampliam a sua capacidade de domínio e intervenção na natureza” (Tabet, 2014, p.110). Se de um lado a “verdade” julga que ser pescadora “é acorda cedo, embarca no barco e ir pro mar e lá e pegar a ventania”; do outro lado a “verdade” em ser vista e reconhecida como pescadora se apresenta dessa maneira:

Eu sou nascida aqui, caíçara mesmo. Eu tenho orgulho de fala que eu trabalho com o camarão. Eu tenho sessenta e sete anos, e minha vida é a vida da pesca. Porque nós também estamos trabalhando com a pesca. Não é só quem vai lá na água que é pescador, é o geral. Trabalha com o pescado aqui né, é pescador também. Então somos pescadora (pescadora Telma).

A classificação das pescadoras embarcadas pode nos direcionar a pensá-la como lados extremos, no sentido de terra x mar. Retomo a discussão de Woortmann (1992), sobre espaço, identidade e gênero, porém com algumas modificações para trazê-la para essa discussão entre pescadoras embarcadas e pescadoras descascadeiras de camarão e fileteira de peixe. Woortmann quando analisa as comunidades pesqueiras, argumenta que a classificação desse espaço natural é

também uma classificação de espaços sociais e de domínios pertinentes a cada gênero. Expõe assim a classificação de maneira bipolar, ou seja, mar e terra, onde o mar está para o pescador homem e seu domínio, assim como a terra está para a pescadora mulher, em sua subordinação. Atribui, ainda, que essa classificação se relativiza decompondo-se em mar de fora, que tem maior valor social, pois é na atividade da pesca realizada no mar de fora que o pescador homem **constrói a sua identidade, marcando a característica do seu gênero (grifo meu)**. O mar de dentro (entre a praia e os arrecifes), onde homens e mulheres exercem atividades produtivas, e a terra que subdividida tradicionalmente entre o espaço da agricultura e a praia, tem no primeiro espaço o pertencimento deste concebido como essencialmente feminino, e o segundo como um espaço intermediário, onde, tal como no mar de dentro, trabalham tanto homens quanto mulheres. A terra, nesse contexto é onde as mulheres constroem a sua identidade, sendo a praia o domínio secundário no que se refere à sua identidade, ainda que também um espaço de trabalho (Woortmann, 1992).

Trazendo a discussão para a realidade deste trabalho, as interlocutoras dessa pesquisa que realizam atividades embarcadas deixam evidente em suas narrativas a divisão de espaço entre terra X mar. Ao mencionar que para ser “Pescadora” é preciso “acorda cedo, embarca no barco e ir pro mar, sendo que as mulheres que exercem as suas funções em terra/praias, como “marisqueiras, descascadeiras de camarão, “elas têm uma função diferente”, fazem parte da “terra”, do “seco”, como colocado pela pescadora Sara, revelam a divisão que aqui se expõe. Mas as descascadeiras, fileteira, descrevem a terra, a praia, o mar de dentro, onde exercem as suas atividades produtivas do pescado, o lugar em que derivam o seu reconhecimento social, todavia, não como um domínio secundário, mas como o lugar onde constroem a sua identidade de pescadora: “Não é só quem vai lá na água que é pescador, é o geral. Trabalha com o pescado aqui né, é pescador também. Então somos pescadora (pescadora Telma); “Porque eu acho que trabalhou com pescado, trabalhou com peixe, com camarão já é um pescador. Nós também né. Não somos embarcadas, mas somos pescadoras” (pescadora Sofia).

Se nos escritos de Woortmann (1992), ela ressalta sobre a classificação do espaço refletindo sobre a separação entre os gêneros, procurando privilegiar o ponto de vista feminino para mostrar como o tempo e o espaço são construídos pelas mulheres; neste trabalho, a forma como as mulheres pescadoras se relacionam entre elas, como elas se (re)constróem na classificação do espaço, depende do contexto

em que se produz o discurso. Dito de outra maneira, de um lado o discurso das pescadoras embarcadas, e, do outro lado, o discurso das pescadoras descascadeiras de camarão e fileteiras de peixe. Nesse sentido, as narrativas demonstram que o vínculo entre as pescadoras não se faz convergente. Embora defendam a mesma causa no tocante aos pescadores, isto é, “admitirem como verdadeiro” o fato de serem pescadoras; as verdades que estruturam *o ser pescadora das embarcadas* conflituam-se com as verdades que estruturam *o ser pescadora das descascadeiras e fileteiras*. Foucault nos diz que as práticas sociais podem formar domínios de saber que fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas e novas formas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento, os quais têm uma história. E complementa que a própria verdade tem uma história (Foucault, 2002, p. 8).

Levando em conta que a pesca no desenvolver das suas práticas sociais, seguindo um contexto histórico, “elegeu” a figura masculina como “superiormente dominante”, buscamos nesse movimento compreender como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram (Scott, 1995). Podemos estender essas discussões para o pensamento de Rubin (1998), onde sistemas de categorias e estatutos formam a base das hierarquias sociais. Ou seja, um sistema de significação com modos de hierarquização e organização social atravessados, produzidos e produtores de distinções de gênero.

O que nos levou a uma análise interpretativa no que tange a história das verdades (Foucault, 2002) tanto das pescadoras embarcadas quanto das pescadoras descascadeiras. Na história das pescadoras embarcadas existe a figura masculina do pescador homem, porém existe também a figura feminina da pescadora mulher. O aprendizado das mulheres pescadoras embarcadas dessa pesquisa tem, então, o pescador homem e a pescadora mulher realizando as mesmas atividades no mar, digo, embarcando e pescando. Nessa história, é conceituado como pescador o homem que vai para o mar. Da mesma forma, pensar em mulher pescadora só pode ser possível quando esta mulher estiver conectada ao mar, cuja função, nesses termos, é a pesca. Não existe no contexto dessa história que direciona a narrativa de experiência das pescadoras embarcadas, outra forma de ser pescadora. Assim, as pescadoras embarcadas nos apresentam a sua história, ou seja, a narrativa do vivido que se vincula a tradição das famílias; ao que elas constroem desde a infância; ao lugar que ocupam no mar; à casa; o peixe. Enfim, ilustram a complexidade das práticas pesqueiras e revelam a importância de valorizar e documentar essas práticas.

O sentido e os significados da história das pescadoras descascadeiras não seguem essa mesma direção. Na história das descascadeiras há, como já dissemos, uma divisão de funções nas quais mulheres descascam camarão e homens pescam. Ou seja, a única figura que aparece desenvolvendo a atividade da pesca embarcada é masculina, o homem. As mulheres quando se aproximam do mar junto aos homens, é para exercer a função de gajeiro⁵⁷. Digo, elas carregam os cestos e, dessa forma, acompanham os homens pescando, acompanham os homens tarrafeando. Ademais, tarrafeiar também é uma atividade masculina, como a pescadora Lola enfatiza: “A tarrafa você abre ela com o dente, segura e abre com o dente [...] A não, tá louca, tarrafeiar é pra homem mesmo, não tem jeito”.

Mas, ainda que as descascadeiras de camarão não saiam *para o mar*, nas suas experiências em que evidenciam proximidade *com o mar*, as mulheres expressam que costuram redes, que limpam e filetam peixes, que descascam e limpam camarão. Sem contar que em alguns relatos elas nos dizem que já fizeram de tudo um pouco, a exemplo de Lola e Cida que puxaram canoas - estiva como chamam na pesca: “Antigamente não tinha esses trator, a gente puxava estiva. Vinha de madrugada pra ajuda a turma pra pôr a canoa pra fora – pro mar” (pescadora Cida). Essas atividades são fundamentais para a estrutura do universo da pesca, como evidenciado em suas narrativas. A vista disso, essas mulheres descascadeiras ressaltam que o que fazem são saberes que devem ser valorizados, e o valor que se faz presente nesses saberes é o mesmo valor que as faz reconhecerem-se pescadoras: “A gente necessita do dinheiro e outra porque a gente faz porque gosta. Porque limpa de um em um, não é fácil, não é todo mundo que encara” (pescadora Nunes). Essa é a história da verdade das pescadoras descascadeiras de camarão: “É quando eu digo né...pescador tem uma história, uma história longa. Diz que tudo que ele conta é mentira, mas não é não” (pescadora Lola). E assim, prosseguimos no capítulo que segue, com as suas histórias experienciadas nas relações com o cuidado.

⁵⁷ Gajeiro é o marinheiro encarregado de vigiar as embarcações ou a Terra no cesto da gávea, que são mastros dos navios à vela. Mas as pescadoras descascadeiras consideram-se gajeiros quando acompanham os pescadores que vão tarrafeiar, carregando os cestos dos peixes.

V. AS EXPERIÊNCIAS DO CUIDADO A PARTIR DO LUGAR QUE AS MULHERES PESCADORAS OCUPAM

Trazer respostas ao segundo objetivo específico deste trabalho no tocante a compreender na qualidade de pescadoras, o que elas fazem e como são suas relações com o cuidado, é o proposto para este capítulo. Esse cuidado abrange a relação dessas pescadoras com o mar, com os peixes, com os barcos, e se estende às questões ambientais, ao sustento da vida e a sua dignidade. Ao relatar as suas experiências, elas vão demonstrando que agenciam o cuidado voltado a tudo com que elas se importam. Assim, no compasso das respostas que vão, paulatinamente, se construindo por intermédio das suas falas, vamos perceber que no delinear das suas experiências elas visibilizam uma interação público/privado, pois essas mulheres ao mesmo que são pescadoras, são mães, são avós, são esposas e são responsáveis pela subsistência e o “*trabalho do lar*”. Nesse sentido, pontos relevantes evidenciam o cuidar na vida dessas mulheres. A compreensão desses pontos atenta à interação dos movimentos que estão imbricados nos caminhos que envolvem questões que foram por elas narradas. Ressaltando, então, as respectivas questões, este capítulo se subdivide em: 5.1 – Cuidado *com*/Cuidado *de*; 5.2 – O cuidado em relação ao futuro como será? 5.3 - Cuidar do mar! Cuidar do camarão! Cuidar do peixe!

5.1 CUIDADO COM/ CUIDADO DE

Quando a mãe saía pro mar, eu é que era responsável pela casa. Com dez ano de idade eu já era dona de casa, cuidava de irmão, trocava roupa, fazia comida e tudo, fazia de tudo, já era uma dona de casa. Com quinze anos eu já sabia fazer tudo dentro de uma casa, e pesca também (pescadora Nena).

As realidades experienciadas por essas mulheres pescadoras, demonstram que elas trazem na bagagem das suas experiências a interação entre o **cuidado com** em determinadas situações e o **cuidado de** diante do qual se debruçam também. Considero que o posicionamento analítico de Tronto (1997), a respeito dessa discussão, é expressivo:

Cuidado com" refere-se a objetos menos concretos; caracteriza-se por uma forma mais geral de compromisso. "Cuidar de" implica um objeto específico, particular, que é o centro dos cuidados. As fronteiras entre essas duas formas de cuidar não são tão nítidas como essas afirmações fazem subentender. Todavia, a distinção é útil para revelar algo sobre a maneira como pensamos sobre cuidados em nossa sociedade, porque se ajusta à forma como ela define os cuidados de acordo com o gênero. "Cuidar de" envolve responder

às necessidades particulares, concretas, físicas, espirituais, intelectuais, psíquicas e emocionais dos outros. (Tronto, 1997, p. 188).

Na sequência, as falas das pescadoras Zaira e Lola, evidenciam o que Tronto (1997) expõe em suas análises:

[...] Eu sei que tem dias que eles (pescadores) acordam três horas da manhã voltam só dez horas da noite. Mas nós chegamos daqui do camarão, tem casa, tem filho, tem comida, tem tudo. É por isso que tem que ter valor (pescadora Zaira).

Ah eu vou te conta, é uma briga, uma briga. Lá em casa é uma briga. Daqui a pouco a minha neta vem com a bisneta pra cá né. Daí elas almoçaram, tudo bonitinho. Mas se chego agora de tarde daqui do limpa o camarão, a pia ta virada de loça, o fogão tá sujo e queimado ainda por causa da gordura. Eu tenho ódio, eu tenhooo ódio de fogão queimado, assim quando queima o cachimbo, porque depois ele não sai, pra tira daí é ruim. Daí eu tenho que chega do camarão, vo bate ropa, lava loça ponha a água no fogo, faze um café, vo limpa meu fogão, pra depois toma um banho e descansa. Depois. E daí já vai lá pelas oito hora da noite (pescadora Lola).

À face do exposto, nas falas elas enfatizam que mantêm o mesmo foco e o mesmo olhar de responsabilidade para todas as situações, sejam elas para o cuidado com e, ou para o cuidado de. Para aprofundar a leitura da narrativa das pescadoras, sigo com outro aspecto importante que se faz presente no pensamento de Tronto (1997, p.191-197), ou seja, o fato de se compreender pontos relevantes no tocante às dimensões morais de cuidar dos outros, que é o tipo de cuidado mais intimamente associado às mulheres em nossa sociedade. A autora nos diz que para que se possa compreender esses pontos é preciso estar atenta à interação dos movimentos que estão imbricados nos caminhos que envolvem as questões de caráter moral. Dessa forma salienta que essa interação de movimentos reflete “[...] a capacidade de atenção indispensável para perceber as necessidades do outro enquanto se cuida dele”. Pois bem, retomo as falas de Zaira e de Lola quando dizem que além de ter o trabalho com o camarão e o respectivo cuidado com esse trabalho, as mulheres que estão nesta “labuta”, quando “encerram” o expediente com o descasque do camarão, tem também o compromisso com casa, melhor dizendo, tem que cuidar da casa; tem que cuidar da comida; tem que cuidar do fogão; tem que cuidar da louça; tem que cuidar dos filhos; netas bisnetas; enfim, tem que cuidar “de tudo”.

Nisso consiste o fato de que o cuidar *com* e o cuidar *de*, *que* são os cuidados que substanciam as ações que as mulheres pescadoras relatam em suas narrativas, têm todo um aparato que envolve a relação do prestar atenção às necessidades reais do outro. De compreender o que o outro realmente necessita. Diante do que se discute, sublinha-se a relevância dos argumentos de Tronto, no sentido de que é

preciso considerar como as obrigações de cuidar dos outros têm significado moral na sociedade como um todo. Sempre alerta para a compreensão que uma análise feminista será diferente de uma análise simplesmente feminina sobre a questão, pois são nos olhares feministas que as categorias morais ganham significado num contexto mais amplo. As análises femininas, por sua vez, caracterizam-se por aceitar que o roteiro tradicional está mais ou menos correto. Nesse sentido, ao contestar a forma como a tradição delega os cuidados de homens e mulheres, é que diante das responsabilidades complexas que substanciam a categoria cuidado, vivenciamos ainda uma realidade que divide, socialmente, o que é cabível ao homem e o que é cabível à mulher. Assim dizendo, os homens têm **cuidado com** (preocupam-se com) e as mulheres **cuidam de**:

Assim, por definição, o roteiro tradicional do cuidar torna a decretar a divisão do mundo masculino e feminino como sendo respectivamente público e privado. Suscitar a questão sobre se "cuidar de" é inevitavelmente particularista demais significa voltar à questão de como a atividade de cuidar é diferenciada de acordo com o gênero em nossa sociedade e a uma reflexão sobre a diferença entre as abordagens feministas e feminina do cuidar e dos cuidados [...] Em contraste, uma abordagem feminista do cuidar necessita começar por ampliar a compreensão do que significa cuidar de outros, tanto em termos de questões morais, como em termos da necessidade de reestruturar instituições políticas e sociais mais amplas, se o cuidar de outros constituir uma parte mais central das vidas de todos os dias de todo mundo na sociedade (Tronto, 1997, p. 199 – 200).

Além das narrativas acima das pescadoras Nena, Zaira e Lola, outras falas evidenciam diferentes circunstâncias que refletem a realidade experienciada por essas mulheres na interação cuidado com/ cuidado de:

Eu fui mãe com dezesseis anos. Larguei os estudo. Estudei até um pouco do primeiro ano do segundo grau. Fui cuida da minha filha. Eu fui mãe solteira. Achei que a furrupa foi melhor do que estuda..., Mas graças a Deus, criei meus filhos, praticamente sozinha porque depois que eu conheci ele, o meu primeiro marido pescador. Então eu tinha esses dois, a filha e o filho que trabalha aqui na pesca e mora com a gente. Agora com esse outro marido (pescador), nós temo uma filhinha de quatro anos. Mas sempre trabalhei e criei meus filho. O primeiro serviço meu, registrado, foi com a pesca (pescadora Sofia).

Sofia retrata as circunstâncias e as necessidades de mulheres solo que trabalham para sustentar filhos, sustentar irmãos e outros membros que fazem parte da família. Há de considerar que essas falas trazem *o cuidado* vinculado ao sustento através do trabalho na pesca. Dito de outra maneira, é o olhar para o que acontece em casa e perceber que o que acontece em casa é quase uma extensão à sala de camarão, à sala do peixe. É um olhar do privado pelo doméstico. Nos escritos de Okin

(2008), a dicotomia entre o público e o privado é analisada sob a perspectiva de gênero. Ela argumenta que os domínios da vida doméstica e não-doméstica não podem ser separados. Com um olhar feminista enfático, Okin contesta a ideia de que questões públicas e privadas são facilmente distinguíveis, como sugere a tradição liberal. Ela destaca as ambiguidades nas discussões sobre o público e o privado, refletindo sobre a política na família, a importância da justiça na vida pessoal e as desigualdades de gênero resultantes de práticas patriarcais. Essas desigualdades afastam as mulheres da esfera pública, tornando-as dependentes dos homens e subordinadas à família. Para Okin, o conceito de "doméstico" deve substituir a separação entre público e privado, uma vez que a tradição liberal ignora a importância do doméstico. Seguindo com um olhar feminista, em sentido contrário a essas práticas e teorias patriarcais, Okin salienta que:

As teóricas feministas, focando o gênero e argumentando que poder e práticas políticas e econômicas são estreitamente relacionados às estruturas e práticas da esfera doméstica, expuseram o quanto a dicotomia entre público e doméstico, também reificada e exagerada pela teoria liberal, serve igualmente a funções ideológicas. O slogan feminista correspondente é, obviamente, "o pessoal é político" [...] "O pessoal é político" está na raiz das críticas feministas à convencional dicotomia liberal público/doméstico. (Okin, 2008, p. 312).

Para autora, compreender que o pessoal é político não significa interpretar essa afirmação como uma identificação simples e total entre as duas esferas. Como uma separação. Trata-se de dar voz aos conteúdos do privado como doméstico para que apareçam práticas e representações vinculadas a um espaço que ninguém de fato olha. Nas suas palavras, ela expõe que:

O que, então, outras feministas, assim como as mais radicais, querem dizer com "o pessoal é político"? Nós queremos dizer, primeiramente, que o que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica de poder, que tem tipicamente sido vista como a face distintiva do político. E nós também queremos dizer que nem o domínio da vida doméstica, pessoal, nem aquele da vida não-doméstica, econômica e política, podem ser interpretados isolados um do outro (Okin, 2008, p. 314).

Na direção desse pensamento, é factível fazer a leitura das narrativas das pescadoras, não interpretando de forma isolada a vida doméstica, pessoal da vida não-doméstica, na sala da limpa de camarão, na sala da limpa de peixe, em cenários que entrelaçam o *cuidado de* e o *cuidado com*. Aliás, esse é o cotidiano que todas as mulheres pescadoras trouxeram para as entrevistas, ou seja, um distanciamento da separação binária casa/fora de casa: "Eu vim pra cá, eu tinha sete anos, eu tenho sessenta e cinco hoje. Eu vim pra cá pra atender meus irmãos, cuida dos meus irmãos."

Eu sou a mais velha, e tratei dos meus irmão. Aqui eu criei meus irmão, criei tudo, minha casa, tudo” (pescadora Cida). Contrapõe-se assim à ruptura, “em alguns aspectos quase sagrada”, dos domínios público e privado nas sociedades ocidentais (Machado, 1983, p. 353).

A vista disso, é possível pensar na trajetória em que essas mulheres expõem a forma como interrelacionam trabalho público e trabalho privado, referenciando a figura do ciborgue conforme Donna Haraway, uma criatura pós-gênero que apaga todos os marcadores binários das definições identitárias (Haraway, 1994). Mesmo as pescadoras que podem contar com os seus companheiros, elas ressaltam que a ação é realizada de maneira conjunta – homem e mulher; companheiro e companheira; marido e esposa, para suprir as necessidades da casa.

Nas entrevistas, cada uma delas externalizava sentimentos, percepções ligadas a experiências do cuidado demonstrando o quanto essas experiências, e o cuidado que as substancia, são relevantes. Diante do que por elas é narrado, consideramos que a categoria cuidado se assume como substancial pois se firma tanto na postura do “cuidado com, quanto na postura do “cuidado de” (Tronto, 1997):

Portanto que, não como camarão, mas gosto do meu peixe, criei meus filho com pirão de água, tão aí, não morreram. Que aquele tempo não tinha cesta, nem bolsa família, não tinha nada, era o pirão de água. Nós coava a farinha assim oh e fazia o pirãozinho [...] É bom. É bom pros meus neto, pros meus filho, pros meus bisneto, que vão aprendendo. Pra elas que tem os filho, que são jovem ainda né. O camarão é muito importante. Eu estava dizendo pra elas, isto aqui é um meio de vida da gente, é o meio de renda, é o meio do sustento. Porque por mais que seja difícil, sempre tem. Sempre elas ganham 50, 60, 80, 100. Estão tirando daqui o sustento pra família. Então isso aqui é muito importante pra gente, eu amo isso aqui, eu adoro. Seu fica sem isso aqui, eu morro, pode me enterra. Porque a gente não ta aqui pra brinca. Eu não to aqui pra brinca (pescadora Lola).

Lola e Sofia evidenciam, assim como Cida também evidenciava, exatamente o *cuidado com* e o *cuidado de* na sua interação. Assim o que lemos não é o cuidado estritamente voltado à família, ao ambiente doméstico em uma definição especificamente do cuidado de. A responsabilidade de cuidar dessas mulheres pescadoras se estende para o cuidado com, nesse sentido, para além das noções de cuidado alicerçadas pela diferenciação tradicional dos gêneros (Tronto, 2007). Isso é perceptível quando Lola expõe firmemente que: “O camarão é muito importante” [...] “isto aqui é um meio de vida da gente, é o meio de renda, é o meio do sustento[...]Então a pesca é uma fonte de renda. Pelo menos aqui pra mulherada”. Essas expressões caracterizam as preocupações que a diferenciação tradicional de

gênero imputa para o homem e, por conseguinte distantes das atribuições sociais do cuidado para as mulheres. Melhor dizendo, ser mulher equivale a ser cuidadora dos filhos, do marido, da casa... enfim: “Cuidar dos outros é um elemento central da identidade feminina. As mulheres cuidam, já foi dito muitas vezes, mesmo às custas delas mesmas, da sua própria saúde e bem-estar” (Salís, 2009, p.20).

Entretanto, as ações de cuidado que as mulheres pescadoras agenciam em suas experiências trazem à tona que é possível interrelacionar *cuidado com* e *cuidado de*:

O meu neto tem uma banca no mercado de peixe, e ele sempre fala pros outros, essa aqui é minha vó, ela limpa camarão, faz um monte de coisa. O camarão é uma coisa muito boa. Uma profissão muito boa. Eu construí muita coisa com o camarão, casa, reformas grandes, tudo com o dinheirinho daqui. Ajuda a pagar as contas e o alimento também. Ajuda a cuida da família né, dos filhos, de tudo. Eu ganho bem aqui, graças a Deus (pescadora Nunes).

Ou seja, *preocupação* e responsabilidade voltadas ao ***cuidado com*** a carreira, cuidado ***com*** o dinheiro, ***cuidado com*** o sustento da família caminham juntas no contexto das suas falas com o ***cuidado da*** família, cuidado ***do*** ambiente doméstico. O aspecto moral que se instaura no ***cuidado com*** está voltado à natureza no objeto do cuidado que pode ser exemplificado quando Lola diz: “Porque a gente não ta aqui pra brinca. Eu não to aqui pra brinca”. ***No cuidado de*** o aspecto moral se estabelece a responsabilidade de cuidar de alguém, o que se faz evidente, como já mencionado, tanto nessas como nas demais falas das mulheres pescadoras:

Eu pesquei até uns dezessete anos né, depois eu casei. Com dezoito anos eu casei, mas continuei pescando. Eu tenho três filhos, nenhum dos três é pescador. Tenho dois homens e uma mulher. Um filho meu é design interiores; o outro é ciências contábeis e a minha filha é administração, tudo formado. Tudo com o dinheiro da pesca e do meu marido, nós dois juntos (pescadora Nena)

Eu conheci o Ismael com 13 anos, casei e fui mãe. Com 14 pra 15 anos eu fui mãe, mas não desisti do mar. Eu ia pro mar de manhã, de tarde, de noite, de madrugada, não desisti, não vicia, né. Era a minha vida ali (pescadora Sara).

Meu mesmo é onze filho, mas agora eu to com dois neto que eu crio. Mas não tem nenhum filho na pesca. Eles foram embora pra Santa Catarina, porque no inverno aqui é muito difícil né. Daí eles foram trabalha pra lá, conseguiram um serviço pra lá. Só ficou eu e os neto. Mas eu consegui, eu consegui, graças a Deus, e foi com o camarão (pescadora Telma).

É porque a maioria, nós criamos nossos filhos, foi aqui. É verdade criei os meus filhos... o berço dos meus filhos era a caixa desse aí oh. Botava dentro ali oh, com um pé dava de mama com o outro sacudia e com o outro limpava camarão. Foi bem assim. Então não tenho do que me envergonha não. Sustentei muito os meus filhos limpando camarão e peixe. Muito, muito, muito mesmo (pescadora Lina).

Contraditoriamente, à forma como a sociedade define conceitos do cuidado de acordo com o gênero, as mulheres pescadoras através de pequenos rompimentos das suas práticas cotidianas, evidenciam novas ações. Essas ações demonstram possibilidades de conciliar as diferenças em relação às orientações morais estabelecidas pela sociedade. Digo, por meio da complementariedade ***cuidado com/cuidado de***. Tomando como referência as análises de Gilligan (1982) sobre o desenvolvimento moral de seres humanos, surge a possibilidade de se pensar em *UMA* teoria moral. Contrapondo-se a essas perspectivas de desenvolvimento moral em que o masculino se consolida como modelo e norma, a autora ressalta que quando se começa o estudo pelas mulheres extraindo conceitos teóricos de desenvolvimento a partir das observações de suas vidas, o que procede é o esboço de uma concepção moral diferente, abrindo possibilidades para uma definição e um esclarecimento diferente de desenvolvimento. De acordo com as suas palavras:

Nessa concepção, o problema moral surge de responsabilidades conflitantes e não de direitos em disputa, e exige para sua solução um modo de pensar que é contextual e narrativo em vez de formal e abstrato. Essa concepção de moralidade como envolvida com atividade de cuidado centra o desenvolvimento moral em torno da compreensão da responsabilidade e dos relacionamentos, assim como a concepção de moralidade como equidade vincula o desenvolvimento moral à compreensão de direitos e regras (Gilligan, 1982, p. 29).

Nesse sentido, considerando a maneira como as mulheres pescadoras expõem e colocam em prática as suas potencialidades no tocante ao cuidado sem fazer distinção de gênero, elas despontam algumas vias que possam oportunizar a superação da perspectiva dualista entre o masculino e feminino. Essas vias que refletem mudanças em relação aos contextos de cuidado trazem à tona a necessidade de desnaturalizações conceituais, conforme nos explica Tamanini (2018):

Trata-se de dizer quanta força reflexiva e articulação heurística as diferentes compreensões de cuidado possuem, para transformar os conteúdos normativos que o envolvem em diferentes contextos e para considerar a diversidade de experiências empíricas, em seus âmbitos social, cultural, político, pessoal e simbólico. As normatividades e os grandes princípios abstratos que por vezes marcam este campo, quando fixados em pressupostos universais, não tomam em conta o lugar dos sujeitos e sequer consideram que são muitas as interfaces da experiência na relação em questão. Ao ignorar as interdependências que são complexas, múltiplas e sujeitas a diferentes desafios, aplica-se com frequência um modelo de decisão casuístico, que, baseado em grandes princípios, não dialoga com a particularidade e a exigência real da situação” (Tamanini, 2018, p.31-32).

Mediante ao conteúdo que as falas das interlocutoras dessa pesquisa evidenciam, entendemos que esses conteúdos nos levam a pensar e *repensar* sobre

as diferentes e complexas interfaces do cuidado. Considerando, portanto, a relevância de um posicionamento analítico frente aos fatos e às circunstâncias, aos sistemas de valores, aos afetos e às necessidades de alternativas no tocante aos problemas trazidos em questão pelas mulheres pescadoras.

5.2 O CUIDADO EM RELAÇÃO AO FUTURO: COMO SERÁ?

Ao lado da importância imediata do trabalho realizado pelas pescadoras não se pode ignorar que em suas narrativas sobressaem elementos sobre o fato de serem a base do sustento cultural da atividade pesqueira. Não só porque ensinam aos seus descendentes a pesca, preservando formas de trabalho tradicional, mas também porque lutam pela própria perpetuação da comunidade: “Eu acompanhei cada cerâmica que pois aqui. Porque nós tínhamo uma salinha velha aqui. E todo dia eu tava aqui com os pedreiro. Olhando coloca as cerâmica, medir, coloca as torneira. Por quê? Porque isso faz parte da gente” (pescadora Lola).

Muito forte é também a narrativa que estas mulheres produzem de si mesmas, o cuidado com as filhas, netas, bisnetas têm particularidades reiterativas focadas nas atividades que essas pescadoras realizam, ou seja, no processo de descascar camarão e pescar. É possível observar que as falas possuem um certo tom de preocupação quando se referem às particularidades desse cuidado. De forma mais clara, esse tom de preocupação refere-se ao cuidado que elas estendem às gerações futuras no sentido de dar continuidade a função de descascadeiras de camarão e pescadoras. Por exemplo, quando afirmam não ser fácil ter a “prática” que elas têm para limpar o camarão, e limpar camarão exige das mulheres horas em pé: “Nós somo guerreira de ficar o dia inteiro aqui, de pé. Nós somos guerreiras” (pescadora Silvia); a ênfase a essa prática se projeta para o medo de que no futuro não exista mais a função de descascadeiras de camarão no trabalho da pesca: “Esse grupo que está aí, que estão aprendendo, são as nova descascadeira do futuro. O grupo que ta se formando é pouco” (pescadora Lina). Acrescentam aos seus medos a insegurança pelos percalços que são partes constituintes no trabalho e do trabalho dessas mulheres pescadoras.

Dessa forma, apontam e apresentam receios no sentido de que na passagem das futuras gerações de meninas e adolescentes de hoje para mulheres do amanhã, não haja perseverança para superar os obstáculos que as mulheres descascadeiras

de camarão enfrentam no contexto desse universo pesqueiro e, conseqüentemente, não conseguem “segurar as pontas” em relação a essas dificuldades: “Mas daqui uns cinco, dez ano, se bobiá, essa profissão não vai ter mulher pra descasca. Porque não é tudo que aguenta fica que nem nós aqui. Eu to falando das menina nova de hoje” (pescadora Lina); “As menina nova não aguenta, trabalha tudo sentada, não aguenta” (pescadora Lola). Perguntado para as pescadoras embarcadas sobre a continuidade dos filhos na pesca, as respostas foram as seguintes:

Tenho quatro. Todos pra lá dos seus vinte anos. Temos três menino, o Diogo, o Diego e o Thiago e a Luana. O Diogo é marinheiro e ele gosta de pescar. Ele trabalha no late e gosta de pescar. Aí tem o Diego que também gosta de pescar, mas ele não está mais aqui, está em Tijucas do Sul, cuidando de uma chácara que ele gosta de animais também né. Daí tem o meu filho Thiago que trabalha no late também, mas que ele gosta de pescar assim, de linha, e tem a minha filha que não gosta de pesca. Ela gosta de come peixinho ali, mas não gosta de pesca. Quando ela vai pesca fica toda alvoroçada no barco (pescadora Sara).

Eu tenho três filhos, nenhum dos três é pescador. Tenho dois homens e uma mulher. Um filho meu é design interiores; o outro é ciências contábeis e a minha filha é administração, tudo formado. Tudo com o dinheiro da pesca e do meu marido, nós dois juntos. Os três são formados (pescadora Nena).

Sara refere-se ao filho Thiago, o único que pratica a pesca enquanto atividade. É a pesca esportiva com linha e com anzol. Nesse tipo de pesca, o pescador ou a pescadora levam turistas para pescar e assumem as funções de piloto e de guia de pesca, auxiliando os turistas quando necessário. Entretanto, os demais filhos embora gostem de pescar, não seguem essa trajetória. A filha, de 26 anos, por sua vez, além de não gostar de pescar, rompe com a continuidade de gerações de mulheres pescadoras da família de Sara. E Nena vivencia a mesma situação com a filha, com o diferencial de que nenhum dos filhos dedicou-se à pesca. Na fala de Nena ainda ecoa uma esperança quando relata as suas experiências com as netas: “Comprei varas de pescar para as netas, pois elas vão pescar com a avó. Elas sim, gostam de pescar. Uma tem treze e a outra tem cinco. As duas pescam, vão comigo pesca. Esses dias a gente foi e pegou pescada”⁵⁸.

Embora não tenham falado sobre o rompimento das filhas no seguimento das gerações de mulheres pescadoras, elas demonstram de outras formas, a exemplo da fala de Nena, a necessidade de firmar um comprometimento entre a pesca e as

⁵⁸ A pescada é um **peixe migratório**, que viaja longas distâncias em busca de alimento e reprodução. Existem diferentes espécies de pescada, como a pescada-amarela, a pescada-bandeira e a pescada-galega. <https://pescariasa.com.br/curiosidades/dicionario-do-pescador>.

gerações futuras. Esse mesmo desejo se faz presente nas narrativas das descascadeiras: “A minha bebê tem quatro anos e ela me fala que quando crescer eu vou limpar camarão com a mãe. A única, porque os outros...um trabalha na banca, mas a Leticia, hum... eu trouxe uma vez pra limpa camarão comigo ela disse que não queria nunca mais vê camarão. Ela tem dezoito anos” (pescadora Sofia). É importante para as mulheres pescadoras, passar para as filhas, netas, bisnetas, os saberes que elas detêm para pescar, descascar e limpar camarão e, por conseguinte a prática necessária para esse desempenho, afinal como ressalta Deleuze (1972): “Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro” (Deleuze, 1972, apud Foucault, 1979, p. 41), e o que as falas das pescadoras revelam: “Agora trabalho aqui faz anos. Dez anos. Eu tenho quarenta e nove anos. No começo, eu limpava um quilo, dois, três, eu ganhava quinze, vinte real, quando eu entrei pra trabalha aqui. E assim eu fui. Hoje em dia, eu limpo dez, quinze, vinte quilo. (pescadora Sofia).

Há no contexto dessas narrativas um cuidado que é exercido pelas mulheres pescadoras no tocante ao desempenho das suas atividades na pesca, mas há também a espera de que esse cuidado exercido possa produzir um comprometimento em relação à tomada de decisões das próximas gerações, para dar continuidade às atividades de mulheres pescadoras sejam elas embarcadas, descascadeiras, fileteiras. A partir dessa espera levantam-se as necessidades de quem cuida. Essas necessidades, que se estabelecem nessas relações entre as mulheres mães, avós e suas filhas e filhos e suas netas e netos, são, por sua vez, moldadas por fatores sociais da cultura caiçara. A vista disso, as condições em que esse cuidado é exercido ou recebido, nas experiências relacionais dessas mulheres pescadoras, é que nos chama a atenção no sentido de como elas lidam com essas relações frente a constituição dos papéis de gênero, substanciada por modos padronizados. Nesse cenário em que essas mulheres narram essas experiências por meio da reprodução e cuidado, elas buscam um olhar para as suas agências desvinculando-as da supremacia de valores masculinos. Dito de outra maneira, de uma reprodução que não seja sustentada pela valorização das atividades que são desenvolvidas pelo pescador homem, já que a relevância está voltada para os saberes que elas detêm para pescar, descascar e limpar camarão.

Em consonância com o pensamento de Chodorow (1978) em sua teoria da reprodução da maternação, que no ímpeto de desnaturalizar o lugar socialmente

ocupado pela mulher bem como o lugar socialmente ocupado pelo homem ajuda-nos, além de outros aspectos, a repensá-los; se os elementos da organização de gênero são transmitidos pelos cuidados com as crianças, há de se considerar que as crianças são maternadas pelas mulheres. A vista disso, a base relacional desse processo é a mãe. Transmitidos pelos **cuidados com** as crianças, os elementos da estrutura social, são adquiridos segundo aspectos familiares que irão influenciar a vida afetiva e relacional no decorrer das suas existências. Como a maioria das entrevistadas são mulheres pescadoras/mães, e, portanto, são elas as responsáveis pelos primeiros ensinamentos às filhas e aos filhos, é nesse momento que podem ocorrer as mudanças, pois o que será transmitido para as crianças são os valores e os significados relevantes para as mulheres pescadoras/mães. Podemos, dessa forma, estender o olhar ao conceito de maternação segundo Chodorow (1978), diante do qual se considera ser *a mãe* a base relacional no processo de reprodução.

Esta é uma explicação pertinente para refletir sobre as mudanças que ocorrem a partir do momento em que as mulheres pescadoras descascadeiras e embarcadas, transmitem para as filhas, as netas o que é substancial para elas no que tange a continuidade das suas atividades na pesca. Assim, embricado às reflexões analíticas, esse contexto além explicitar experiências relacionais entre as mulheres mãe, avó pescadoras com as futuras gerações, traz pontos importantes para refletir sobre a ressignificação das mulheres como pessoa e como grupo e a importância desse ressignificar para as futuras gerações. Desse modo, é fundamental pensar sobre o tema cuidado como expõe Tamanini (2018), que “Contemporaneamente, o tema exige reposicionar os conceitos, repensar suas normatividades e recolocar velhas e novas questões à sua reconfiguração, a fim de reconstruí-lo como política social, com abertura para inúmeros contextos de especificidades onde o mesmo é exercido ou demandado” (Tamanini, 2018, p.33).

É fundamental reiterar que o sentido de ressignificar reflete-se sobre a valorização que elas atribuem às suas atividades como descascadeiras de camarão e embarcadas: “Pra mim significa muito trabalha com o camarão. Muito, muito. Descascar camarão, isso aqui faz parte da minha vida” (pescadora Lola). “Isso aqui é minha vida[...] só saio daqui para o cemitério” (pescadora Cida). “É muito bom ser mulher pescadora” (pescadora Nena).

Assim, perceber e afirmar-se como uma mulher pescadora embarcada; uma mulher pescadora que descasca e limpa o camarão; uma mulher pescadora que limpa

e fileta o peixe, só é possível a partir do momento em que elas conseguem mudar em si, e consecutivamente no grupo, aspectos das representações de um sistema valorativo da superioridade masculina que rejeita o mundo das mulheres. Estamos falando de uma produção de si. Em outras palavras, de uma produção de valores e significados que partem de um “roteiro escrito por elas” denotando, nesse sentido, um distanciamento das relações de gênero e das gendrificações tradicionais, em um movimento que desnaturaliza a superioridade masculina no processo de reprodução. Em conformidade com Butler (2019), é precisamente no caráter performativo da identidade de gênero que reside a possibilidade de questionar sua condição reificada.

Observar os fatos apresentados, leva-nos a perceber que as mulheres buscam, em suas falas, mudanças que reconheçam e valorizem que atividades como embarcar, descascar camarão e limpar peixe são, de fato, trabalhos de pescadoras. Elas desejam que esse reconhecimento perdure ao longo das gerações futuras. No entanto, elas narram que os filhos e filhas têm acesso a novas oportunidades e diferentes intermediários que facilitam suas vidas. Eles e elas têm a chance de estudar e buscar carreiras em áreas distintas da pesca, muitas vezes se afastando das práticas tradicionais que suas mães valorizaram e preservaram. Essa situação não representa necessariamente um conflito geracional, mas sim uma ruptura na continuidade das tradições pesqueiras promovendo novas perspectivas e eliminando visões de rejeição. Essa ruptura, como revelam em suas falas, causa sentimento de perda ou desconexão para as pescadoras que veem suas tradições não sendo transmitidas para a próxima geração. Mas essas mulheres, por outro lado, continuam a desempenhar seu papel na pesca e enfrentam desafios específicos relacionados à manutenção dessas práticas. Como a pescadora Sara assim nos diz:

India e se você quise, o dia que você quise, eu vou ligar pra você, é que a maré ta baixa, ta seca agora, mas deixa a maré encher, vir meia maré, eu vou ligar pra você e vamos sair de barco e eu vou tarrafeiar e levar o cambao⁵⁹ e também pra mostrar como camboava, como é que fazia né. Daí você vai fica uma horinha aqui pra você faze o teu trabalho e mostra como a pescadora faz. Porque não acreditam, tem que mostrar.

A fala da pescadora Sara pode ser relacionada à necessidade de "mostrar" que as práticas de pesca se alinham com a ideia de que a presença visível é essencial para o reconhecimento e a legitimidade. Além disso, a construção contínua da

⁵⁹ Tipos de redes de pesca.

subjetividade, conforme discutido por Lauretis (1994), é evidente na dedicação da pescadora em preservar e transmitir seu conhecimento.

5.3 CUIDAR DO MAR!

CUIDAR DO CAMARÃO!

CUIDAR DO PEIXE!

Os princípios relevantes que estabelecem significados e sentido do cuidado para as pescadoras, são substanciados pelo reconhecimento de uma conexão com o outro. Interessante é saber quem é esse outro? É uma forma ímpar de reconhecimento do outro, pois é construído por meio de uma rede complexa de actantes. Na medida em que narram o que experienciam, seguem evidenciando uma simetria em que humanos e não humanos são tratados de maneira igual como proposto por Latour (2013). No seguimento desse pensamento, como o ator atua depende de como ele é conectado com muitos. É nesse sentido que Latour trabalha com a ideia de actantes e muitas intermediações, sendo que para ele somos actantes sempre e híbridos sempre. Para essas mulheres pescadoras todos os elementos que fazem parte dessa rede simbolizam uma representatividade relevante nas suas experiências. Esses elementos que constituem o universo da pesca em que elas fazem parte, estão entrelaçados. Não há, para elas, a possibilidade de separá-los. As suas agências estão imbricadas a esse entrelace entre humanos, objetos e o mundo natural:

A temporada é uma coisa que eles não deviam fazer. Jogam tudo na areia, e jogam no mar. E isso aí...isso aí vai destruindo as coisas, vai destruindo os peixe, o mar... eles não tenham o cuidado. E daí vai se acabando. De pouco em pouco vai se acabando. Você não vê o camarão. Quando dá, dá. Quando não, pode se mata de arrasta a rede que não adianta. Pode ficar o dia inteiro, a noite inteira, que não adianta. Você veja, antes onde arrastava vinha cem quilos hoje não vem vinte quilo. Então, é assim. E diz que vai e chega lá e fala eu tenho essa sorte de chegar lá e pega. Não. É muito difícil (pescadora Cida).

A vista disso, os fatores que conduzem ao cuidado, se estendem para o mar e tudo o que faz parte desse mar. Percebemos, então, que os significados que nutrem as narrativas dessas experiências em relação à extensão do cuidado, revelam muito mais do que pensar no mar somente pelo fato da subsistência. Melhor dizendo, é um movimento que envolve o cuidar e o valorar e, ou o valorar e o cuidar do pescar; do peixe; do camarão e de outras atividades que as mulheres realizam no contexto da pesca. Interessante trazer para este contexto o pensamento de Haraway (2016) ao argumentar que no Antropoceno, todas as esferas da vida, sejam elas domésticas,

públicas ou naturais, estão interconectadas. Através da sua ideia de "tentacular thinking," que se refere a uma forma de pensamento que reconhece e valoriza as interconexões e relações complexas entre diferentes seres e sistemas, ela nos convida a pensar em redes de relações complexas que envolvem humanos, não-humanos e a natureza, rompendo com dicotomias tradicionais e reforçando a interdependência entre todos os seres e ambientes. É nesse sentido que as pescadoras intuitivamente sabem que têm outras instâncias que precisam ser envolvidas. Elas sabem que o mar, os peixes são companheiros de vida na terra:

Ah, você tem que ter. Cuidado com o mar, com as canoa, com os peixe, com tudo né. Você tem que ter. Quando você vai leva o pessoal pra pesca, fala pra não joga sujeira na água, sempre leva uma sacolinha. Porque aqui tem tartaruga, tem boto, tem gaivota né. Tanto que tem o dia do meio ambiente do mar, e os pessoal fazem tudo. Pegam os barco, as balsa, vão lá catam sujeira, tudo, entram no mangue pra tirar. Porque sabia India que a nossa baía é a mais limpa de todo o lugar. A nossa baía de Guaratuba é mais limpa que de Paranaguá, que a baía de Santos. Santos se você for lá, meu Deus. E os botos? Tem. Até ontem eu vi dois boto. Apareceu. Fazia tempo que eu não via. Estava lá pra cima (pescadora Sara).

Portanto, o que narram conduzem a significados que refletem as necessidades de *“precisar do mar, precisar estar no mar e precisar estar com o mar”*:

Ah, o sentimento que eu tenho, é que o mar, os peixe pra mim...eu não fico sem o mar, e sem os peixe. Bom eu não fico sem o mar. Porque eu morei três anos, amiga, lá em Mato- Grosso. Meu marido foi trabalha prá lá e minhas criança eram pequena, eu ficava quase doente. Porque eu não via o mar. Eu ficava que nem um peixe fora da água, porque a gente que é nascido aqui, na frente do mar, que vê o mar todo dia né, acorda e vê o mar na frente...você fica doente. Eu fiquei doente lá. Fiquei três anos lá, fiquei doente, porque não via o mar. Eu dava graça quando chegava as férias escolar das criança que eu vinha pra cá. Daí eu ficava aqui em dezembro e voltava só depois do carnaval pra lá daí. Mas depois disso, nunca mais eu corri trecho com ele, nunca mais, porque eu não acostumei. Eu falei pra ele(marido), vai tu corre que eu vou fica aqui no meu lugar. Aqui eu to no meu paraíso. Se eu quiser um marisco, eu vou lá no mangue e tiro, se eu quiser uma ostra, eu vou lá e tiro, se eu quiser um peixe, eu vou lá e pesco e trago pra dentro de casa pra mim come, não preciso fica nesse lugar que tu fica não. Você vive a tua vida lá, você vai lá e faz o teu trabalho que eu fico aqui fazendo o meu, que eu gosto (pescadora Nena).

A fala de Nena ilustra a profunda conexão emocional e identitária com o mar, destacando a importância das práticas pesqueiras tradicionais em sua vida. Sua escolha de permanecer em Guaratuba reflete sua autonomia e resistência às mudanças que poderiam comprometer sua identidade. Em outras palavras, a fala de Nena revela uma forte identidade ligada ao mar e à pesca, que define sua sensação de pertencimento. Diegues (2000) argumenta que a conservação da natureza deve levar em conta as práticas e saberes das populações voltadas à pesca artesanal caiçara, que possuem uma relação íntima e sustentável com o meio ambiente. Em

trabalhos sobre as comunidades pesqueiras no Brasil, Diegues destaca a importância da pesca artesanal para a sustentabilidade e a preservação da biodiversidade marinha. Seus estudos enfatizam a necessidade de políticas públicas que reconheçam e valorizem o papel dessas comunidades na conservação dos recursos naturais. É com esse olhar e dessa maneira que estas mulheres pescadoras “lapidam” o cuidado com o mar no sentido de preservá-lo dos perigos externos:

Igual o dia de hoje (estava chovendo e fazia muito frio), nós tava lá no mar pescando. Dando lança pra pega corvina, bagre, esses peixes que tinha na época né. Na época tinha muito peixe aqui na baía. Agora, agora ta mais devagar né. É porque tá muito explorado nossa baía aqui de Guaratuba, bem explorado. É porque tem muita gente pescando, muita gente, eles não tão respeitando mais. Não, não são os barcos grandes. Não é barco grande, é barco pequeno. Canoa tipo batera, é batera. Aí eles soltam aquele lança⁶⁰ no canal, que falam de caceio⁶¹, aí quando não pega espanta os peixe né[...]O pescador, é... tudo bem...Eu dependo da pesca, mas eu tenho que ter a minha consciência, entendeu. O pescador também tem que ter a consciência dele que ele não pode ficar, tipo assim, explorando, explorando, explorando. Daqui a pouco não vai ter pra ele, nem pros filho dele, nem pros neto dele, não vai ter. Todo mundo precisa ganhar o seu pão, lógico precisa né. Mas tem que ter a consciência de não ter a predação né (pescadora Nena).

Nena expõe a relação entre humanos e o meio ambiente com um olhar que envolve pesca artesanal, o manejo sustentável dos recursos naturais e a importância do conhecimento que se faz marcante em sua narrativa:

Caceio é uma rede bem alta né, que vai no canal pega o fundo e fica boiada, daí você solta a rede e a malha⁶² vai levando, e o peixe que ta ali vai levando, vai levando tudo. Pega tudo. Só que assim, se a rede for de malha 10, vai vir, vai pega só os peixes que é de malha 10, o que é de malha 11, vai pegar só os peixes que é da malha 11. Então só pega os peixe que é da malha, o que não é da malha vai sair. Mas as tartaruga pega tudo, tudo, tudo. Morre tudo. Igual aqui na baía de Guaratuba, antigamente, uns vinte anos atrás, nessa época, agora da tainha aqui, era cardumes e cardumes de boto. Agora você não vê, é raro você vê um boto aqui na baía de Guaratuba, é raro. Por causa que é muita rede, muita rede no canal né[...]A gente que nasceu aqui no mar, que tem amor as coisa aqui né, igual essa baía aqui nossa é rica, é rica.

Em seu livro “Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza”, Diegues (2000) discute a importância de integrar o conhecimento tradicional das comunidades locais nas políticas de conservação ambiental, como já citado. Ele destaca que essas comunidades têm uma relação íntima e sustentável com o meio ambiente, e que suas práticas podem contribuir significativamente para a conservação da biodiversidade. Ao valorizar o conhecimento e as práticas das comunidades

⁶⁰ Lança é o ato de lançar a rede de pesca ao mar.

⁶¹ Conjunto das redes que, amarradas entre si, os barcos de pesca atiram em alto mar.

⁶² Malha é o principal componente da rede.

tradicionais, Diegues oferece uma visão inovadora para a proteção ambiental nos países tropicais. A pescadora traz essa preocupação em sua fala:

Só o que falta, amiga, aqui é consciência dos nossos governantes daqui, de, de tipo assim, sei lá. Eu acho assim, que eles deviam proibir umas coisa, entendeu. Eu não to falando coisa, porque daqui a pouco não vai ter peixe nem pra eles dá pros filho deles, pros neto deles. Daqui a pouco os neto deles não vão ter mais os peixe aqui dentro da baía. Porque tá muito explorado, tem que ter um controle. Não tá tendo controle, não tá tendo controle aqui na baía, sabia. Eles vão, eles matam. Tipo, igual, robalo você tem que pega na medida. Eu vou pescar, eu levo o pessoal pra pesca, tipo igual eu levo você pesca, daí você chega lá você pega um robalinho, desse tamainho, de dez centímetros e diz vamo leva. Não, eu digo pode solta. Porque se você por dentro do barco, eu vo leva vocês lá pro porto de volta. Não vai leva. Vai leva da medida, que é trinta e sete centímetro, trinta e sete, trinta e oito. Tem que leva da medida. Senão daqui a pouco eu levo você lá, você vai traze trinta, quarenta, daí vai a outra também e leva trinta, quarenta fora da medida, daqui a pouco não vai ter. Eles acham que tá brotando peixe da onde? Do mangue? Acaba, tudo acaba. Igual aqui, na época da baía tinha muita miraguaia, você sabe o que é miraguaia? Miraguaia é um peixe que dá até quarenta quilos no máximo. Na época você pegava a rede, você jogava a rede, vinha embolada na rede, quando você pescava o bagre lá, que é malha onze, vinha enrolada na rede de tanto que tinha. Cação, cação que falam, o tubarão, não é o grande, mas era cação de dez, quinze quilos, tinha, tinha de muito, de muito, que vinha enrolado na rede. Hoje não tem mais esses peixe. Corvina, dava muito aqui na baía, na pesca da corvina. Hoje é raro você pega uma corvina, hoje no anzol, é raro você pega a corvina. Esse miraguaia então, nem se fala né. O boto mesmo sumiu da baía, não tem mais. É tudo o quê? Muita pesca predatória (pescadora Nena).

As expressões: “Vai acabar”, “Está acabando”, “Não vai ter mais” centralizam a consciência ambiental nessa relação entre as mulheres pescadoras, o mundo natural da pesca e o cuidado. Na narrativa acima de Nena, ela ressalta que é preciso ser consciente de que a exploração da pesca sem limites, ou seja, a pesca predatória, terá como consequência o “não ter”. De acordo com os argumentos Stadtler (2013), há uma constante luta em combate à poluição e degradação ambiental que, por vezes, é causada por pesca predatória e projetos mal elaborados de aquicultura que regidos pela lógica do capital, tomam o mercado como mediador e a natureza por mercadoria. As narrativas apontam nesse seguimento a forma como se sentem vivenciando essas situações, e esse sentir-se substancia o cuidado nessa relação. Dito de outra maneira, nas entrevistas quando falavam sobre a exploração no mar, as atitudes predatórias, o descaso dos turistas quando veem à praia na temporada, o sentimento que deixavam transparecer era o de irritação. As pescadoras ficavam, realmente, bravas. Junto com o sentimento de irritação, expunham a contrariedade frente a essas situações. Nas narrativas elas manifestaram, dessa forma, uma inter-relação de emoções contrárias. Digo, as suas falas carregadas de afeto, eram também carregadas de irritação e, ao

mesmo tempo que demonstravam dedicação, demonstravam uma carga de preocupação.

Assim sendo, ao nos debruçarmos para compreender o sentido dessa interrelação de emoções em suas experiências com o mar, em um movimento de reciprocidade para com tudo o que ele tem para ofertar para essas mulheres, consideramos oportuno o argumento de Solís (2009):

El cuidado es una actividad compleja que siempre ha estado, a pesar de su aparente invisibilidad, en el centro de nuestra existencia. No es, como quieren algunos, «lo que sobra», conceptualizado como dependencia cotidiana, sino «lo que, sino «lo que hay», nuestra vida de todos los días, que es una vida atravesada por la autonomía y la dependencia o, por los vínculos de apoyo y atención en nuestros quehaceres. Cuando contemplamos el cuidado desde una perspectiva más amplia, no deja de sorprendernos todo lo que conlleva (Solís, 2009, p. 18).

Tratar do cuidado em relação a questões que envolvem o tempo presente ameaçando o tempo futuro, como é a situação dos tipos de peixes como a corvina, o cação e a ausência do boto, enfim, essas questões refletem o cuidado e o sentido moral desse cuidado. Estendendo essa discussão para o pensamento de Steil e Carvalho (2014) quando refletem que:

A imaginação ecológica atravessa a vida social como uma potência criativa, redefinindo a paisagem que habitamos e as nossas relações com os outros organismos e objetos que formam o mesmo mundo no qual existimos. Ao mesmo tempo, transforma práticas ambientais cotidianas de preservação do ambiente, aprendidas às vezes recentemente, em predisposições que se impõem aos indivíduos e aos grupos sociais como um habitus. Este horizonte imaginativo não se esgota, no entanto, na criação e na reprodução constante de modos de ser e de viver, mas também incide sobre as formas pelas quais pensamos e conhecemos o mundo (Steil; Carvalho, 2014, p. 163).

Neste estudo extraímos conceitos teóricos de desenvolvimento partindo de observações das vidas das mulheres pescadoras e considerando a relevância dessas observações. A vista disso, retomando o pensamento reflexivo de Gilligan (1982), o que procede é o esboço de uma concepção moral diferente das perspectivas de desenvolvimento moral em que o masculino se consolida como modelo e norma. Esses caminhos de análise abrem possibilidades para uma definição e um esclarecimento diferente de desenvolvimento moral:

Aqui também tem a questão dos barco grande de empresário e de outros aí. E agora melhorou a fiscalização com esses barcos grande. Porque assim, nós aqui, temo a cota certinha pra pega. Então assim, pego a cota não sai mais, e os barco grande não fazia isso. Agora melhorou a fiscalização. Está bem rigorosa. Sabe India, pra nós aqui, os pescador aqui da baía, o que estraga mais peixe é o arrastão lá fora. Por que você viu como vem os peixe? Aquele monte de peixinho pequenininho tudo na rede. Igual agora na pesca da tainha. Quando tá com o barco lotado, que a fiscalização pode pega, muitos pescam a tainha tira a ova e joga o peixe fora, muita coisa errada.

Porque que não doa o peixe então né. Muita coisa, muita coisa. A gente vê o lado errado das coisa. A gente tem que cuida Índia (pescadora Sara)

As pescadoras mulheres, em contrapartida, constroem “as suas realidades” no tocante ao “mesmo mar”. Tem um duplo processo, portanto são representadas e praticadas:

Então, não tem assim... as coisa que você fala, ah, porque não tem camarão, ah, porque a maré tá ruim, ai, porque não sei o que...Então, a gente fala assim, ah eu não posso ir pro mar porque eu tenho medo do mar. Não tem que ter medo do mar, você tem que pega, você tem que...como é que se diz, você tem que respeita! Respeitar o mar, com tudo o que ele é. E olha Índia, eu faço parte, eu sou parte desse mar (pescadora Sara).

Se de um lado, existe um marco de oposições advindas da supremacia masculina sustentando a visão e o discurso dos pescadores que distanciam a mulher de ocupar um lugar que é, “culturalmente, destinado ao homem”; do outro lado, as mulheres pescadoras na relação do cuidado com o mar, trazem e demonstram suas emoções, seus sentimentos e suas responsabilidades de uma forma visceral: “eu faço parte, eu sou parte desse mar”.

Em nenhum momento das suas falas, contudo, as mulheres deixam transparecer um sentido de apropriação desse mar. Nem tão pouco apresentam um olhar de competitividade entre elas e os pescadores para com mar. Talvez a leitura de suas ações em relação aos movimentos que se voltam aos cuidados com o mar, revelem sinais de um poder simbólico no sentido em que Bourdieu analiticamente expõe: “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 7-8). Em outros termos, para elas o cuidado em relação ao mar, aos peixes, aos barcos, representa a importância que atribuem às questões ambientais, pois são conscientes, e essa consciência é perceptível por meio das suas falas, em que o cuidado com as questões ambientais está entrelaçado ao sustento da vida e a sua dignidade.

Esse valor à questão ambiental é enfatizado por Stein e Carvalho (2014) que defendem uma abordagem que integra diferentes saberes, tanto científicos quanto locais, reconhecendo o valor do conhecimento que promove a sustentabilidade e o respeito pela diversidade biológica e cultural. Da mesma forma Tsing (2019) utiliza a etnografia multiespécie para mostrar como as vidas humanas e não-humanas estão interligadas. Ao estudar as interações entre espécies, ela desafia a separação entre humanos e natureza, comum nas ciências sociais tradicionais.

No contexto dessas relações, as mulheres pescadoras ressaltam o quanto substancial é: “Respeitar o mar, com tudo o que ele é [...] eu faço parte, eu sou parte desse mar (pescadora Sara). Uma vez que é esse entrelaçar que possibilita o movimento da interrelação, como já explicitado, do mar vem o camarão, vem o peixe, que são pescados pela pescadora/embarcada, que leva esse camarão e esse peixe para que sejam limpos pelas pescadoras/fileteiras. E, desse modo, elas acionam elementos de um saber vinculado à noção de experiência das mulheres pescadoras com este cuidar. O cuidar em relação ao mar, aos peixes, aos barcos, as questões ambientais, ao sustento da vida e sua dignidade.

O lumiar dessa conversa leva-nos a outro ponto voltado às relações de cuidado, quando ao descreverem sobre si mesmas e contarem as suas vidas, as mulheres pescadoras relatam o cuidado de si. Dito de outra maneira, do modo como elas ouvem a si mesmas quando contam sobre as histórias de suas vidas. À vista disso, como entender o significativo que substancia as falas quando nos dizem que: “desde os doze anos que eu me entendo por gente né, eu já saía pesca com meu pai né. A gente ia barra a fora, arrasta camarão lá em alto mar” (pescadora Nena). Para além desta, as outras mulheres desta pesquisa, quando narram a importância de tudo que aprenderam fazendo parte de uma família de pescadores, digo, mãe pescadora e pai pescador, ou somente mãe pescadora, ou somente pai pescador, ou mesmo marido pescador, enfim, essa importância que se evidencia por intermédio do aprendizado, revela o mundo que elas veem e no qual atuam. Em outras palavras, como se constituem em sujeitas. O cerne das suas falas reporta-nos ao fundamental entendimento de que as representações só podem ser estendidas ao sujeito mulher a partir do momento em que o reconhecimento do ser sujeito parte das qualificações que refletem diferentes ser sujeito mulher em situações distintas (Butler, 2003). Como nos fala Hita (1998, p.110) “Não existe uma única definição do ser mulher”.

Logo, a narrativa das suas experiências, a forma como expressam essas experiências e o cuidar de si mergulhado nessas experiências, exprimem como elas se percebem e se constroem na qualidade de mulheres pescadoras. A linguagem que utilizam e as conexões que fazem, torna saliente a forma como elas se constituem. O que expresso aqui, e que está contido nas falas das mulheres quando narram as suas experiências, é que esse lugar que elas ocupam e experimentam na pesca se constrói a partir de suas realidades positivadas. Assim sendo, para elas, as motivações referentes à vida familiar da pesca não as reduz a um lugar social e

peçoal subjetivado como de menor valor a ponto de não deixar espaço para que elas existam como pessoas, em seus corpos, em sua sexualidade, vida e trabalho. Em outras palavras, o aprendizado das atividades da pesca que leva essas mulheres para a pesca, é para elas um orgulho e não um cenário competitivo, um jogo de disputas. A vida das mulheres pescadoras assim, marcada pelo ritmo das marés e pelas estações de pesca. O mar oferece uma variedade de recursos que sustentam suas famílias e comunidades. Desde o descasque de camarão até a pesca com tarrafa e camboa, essas mulheres desenvolveram habilidades e conhecimentos passados de geração em geração. Para elas, a pesca não é apenas uma atividade econômica, mas representa a vida. Partindo desse olhar, seguimos adiante aprofundando a análise das hierarquias de gênero e suas complexidades no capítulo que segue.

VI - AS RELAÇÕES DAS PESCADORAS COM AS HIERARQUIAS DE GÊNERO

Nesse capítulo o debruçar se faz em torno das reflexões exigidas para dar conta do terceiro objetivo específico deste trabalho, ou seja, analisar como percebem as questões voltada à divisão do trabalho como grupo e frente a comunidade local e se elas produzem sentidos de colonizados e emancipatórios, questões no tocante aos estereótipos de gênero, questões ligadas ao corpo e a sexualidade, aos estigmas. As respostas que seguem nesse capítulo referenciam situações diversas de confrontos a elementos cruciais, em relação aos aspectos supracitados, que elas trazem em suas narrativas para legitimar as suas ações como pescadoras. De acordo com isso, os tópicos a seguir são distribuídos em: 6.1 - Hierarquias de gênero que sustentam os diferentes tipos de trabalho; 6.2 - O olhar dessas pescadoras para o pescador: um diferencial na divisão do trabalho; 6.3 - Gênero e as representações; 6.4 - As vozes frente aos estigmas.

6.1 HIERARQUIAS QUE SUSTENTAM OS DIFERENTES TIPOS DE TRABALHO

Eu não tenho carteira de pescadora, mas a pesca pra mim, é o ganha pão nosso. A gente não sabe explica direito né. Mas pra mim, é o meu ganha pão. É daqui que eu tiro alimento das criança. Eu gosto muito daqui[...] Nós também estamos trabalhando com a pesca. Não é só quem vai lá na água que é pescador, é o geral. Trabalha com o pescado aqui né, é pescador também. Então somos pescadora (pescadora Telma).

Existem situações conflituosas cotidianas em relação à supremacia masculina no patamar de homem provedor, e que faz marcante o conflito quando elas precisam “gritar” que suas atividades fazem parte deste mundo da pesca, e são fundamentais à subsistência da família. Iniciando, nesse sentido, com o olhar para as agências das mulheres pescadoras na divisão sexual do trabalho, e entendendo que esta divisão está inserida em um contexto de pesca substanciada pela tradição cultural caiçara com toda a sua diversidade, atentamos para o pensamento argumentativo de Durham (1983), que ressalta:

O que a análise da diversidade cultural demonstra é a necessidade de dissolver a definição das relações entre homens e mulheres em termos de dicotomia dominação-subordinação e começar a pensar numa complexa combinação de área de influência ou autonomia, de graus diversos de imposição e aceitação de autoridade real ou simplesmente formal (Durham, 1983, p. 19).

Frente a esse pensamento trazemos uma fala da pescadora Zaira:

Pra mim chateia a diferença entre o pescador e a pescadora. Porque não é certo você não valoriza a mulher pescadora como valoriza o pescador também. Porque por mais que eles acordem de madrugada e vão pro mar, a gente também, a gente também. Olha a Lola aí, quantas vezes acordo de madrugada para ir pra alto mar, ajuda o marido dela, no frio e tudo. Mar agitado, mar calmo. Então eu digo assim, o que eles fazem a gente também faz. Claro que não é com a mesma força deles, mas a gente não fica nada pra traz não. Então era mais justo a gente também ter o reconhecimento da profissão. Não querendo se iguala né, porque a força deles é bem diferente, então o sofrimento deles é bem maior, mas que a gente tenha um pouquinho mais de reconhecimento né. Nós também somos pescadoras parrudas.

As mulheres não vacilam quando defendem o direito de serem também reconhecidas como pescadoras em relação às atividades que elas desempenham:

Antigamente não existia carretinha⁶³ pra puxa a canoa, o carrinho...eu que fazia o acervo pra todas as canoas, pra todas as canoas, eu que fazia. Meu Deus do céu. Olha ganhei algum dinheiro heim. Eu já me virei de tudo na área de pesca. Eu já fiz de tudo um pouco (pescadora Lola).

Sabemos que para as mulheres pescadoras não basta serem vistas exercendo funções caracterizadas como um complemento da atividade principal, ou seja, o pescar em alto mar. Podemos entender que essa divisão de tarefas é em grande parte arbitrária, produzindo concepções completamente diversas sobre o papel e a posição das mulheres nessa sociedade (Durham, 1983).

No seguimento desse raciocínio, essas mulheres não querem fazer parte de uma divisão de tarefas que estabelece que somente as atividades que são cabíveis aos pescadores homens são concebidas como relevantes. Dito de outra maneira, ser pescador em alto mar é fundamentalmente a atividade sublime, por intermédio de um olhar substanciado pela tradição, enquanto as mulheres exercem atividades “auxiliando” os homens. Essa discussão é marcada por pesquisadoras que refletem sobre a importância do trabalho das mulheres pescadoras (Alencar, 1991; Maria Cristina Maneschky, 1992; Motta-Maués, 1994; Denise Cardoso, 2000; Maria Luiza Miranda Álvares, 2001; Silva, 2023).

Maneschky, Siqueira e Álvares (2012), argumentam sobre as reivindicações das mulheres em relação ao reconhecimento das suas funções na pesca artesanal no sentido de que as atividades produtivas no setor pesqueiro não se mantêm por si só. Elas decorrem de um conjunto de funções e de relações que envolvem homens e mulheres, tarefas associadas a saberes diversificados, a sociabilidades e a espaços interacionais. É exatamente o que a pescadora Lola nos diz: “Eu já pesquei em alto

⁶³ Carretinha é a carreta fabricada para carregar carga.

mar também, eu agora estou no camarão, eu já fiz de tudo um pouco que o pescador já fez. Só não remendo rede, mas o resto. Então pra mim não é assim”. Nas suas trajetórias expressam as suas experiências em suas diversidades e movimentos de transformação e entrelaçadas a vários aconteceres (Ingold, 2012), as interlocutoras relatam, dessa forma, o desenvolver das suas atividades atribuídas da importância que estas representam para elas:

Já saí pro mar várias vezes, várias vezes. Sempre com os meus pescador aqui. Com a minha turma. Eu gosto de limpar peixe, pesca em alto mar, eu gosto de fazer de tudo. Eu faço de tudo com a minha turma aí. Não tem essa de gosta mais disso e daquilo. Eu gosto de tudo isso que eu faço (pescadora Cida).

As falas das pescadoras exaltam sentimentos de pertencimento como grupo que são, ou como elas se consideram nesse universo da pesca. E esse pertencimento se estende aos conhecimentos comuns que compartilham, como a fala da pescadora Cida ressaltava: “Eu faço de tudo com a minha turma aí”. Entretanto, é notório que socialmente esses valores não possuem dimensões equivalentes, por mais evidentes que sejam: “Ishi, eu limpo mais de cem peixe por dia, bem mais com certeza” (pescadora Cida). O pilar que sustenta a divisão sexual do trabalho no universo da pesca, estabelece que as funções principais estão majoritariamente voltadas ao masculino. Isto significa que para as mulheres o desempenho de atividades na beira da praia, como confecção e consertos de apetrechos de pesca, secagem e salga do pescado bem como as atividades de âmbito doméstico, já os homens são responsáveis pelas atividades no mar (Alencar, 1993 e Mello, 1993).

Em outras palavras, considera-se pescadOr aquele que é embarcado, ou seja, vai para o mar pescar. O destaque em relação ao artigo “o”, é para enfatizar que o pensamento que circula no trabalho da pesca traz uma significância que se estende para além do embarcar, visto que na pesca também encontramos *mulheres pescadoras embarcadas*. Porém, não basta ser embarcado ou embarcada no exercício da pesca; é fundamental que esta atividade seja realizada por um homem. Não é simplesmente uma prioridade para o sexo masculino, mas uma anulação do sexo feminino para o exercício desta atividade na pesca (Woortmann, 1992). Nesse sentido, é permitido às mulheres fazer algumas coisas e não fazer outras dentro do ciclo da pesca tornando-as inteligíveis, legíveis enquanto mulheres que descascam e limpam camarão. Já outras localizações dificultam a sua representação enquanto

pescadoras. É dessa forma que a cultura caiçara enxerga homens e mulheres na pesca.

Percebemos nesse cenário o imenso peso dos valores sexuais. Percebemos também o sexo considerado uma força natural com toda a sua política interna, desigualdades e modos de opressão, como nos informa Rubin (2003). É neste cenário da pesca, com o peso simbólico dos valores sexuais predominantemente masculinos, o local onde as mulheres pescadoras expressam as suas experiências; mas com consciência de que precisam construir seus próprios caminhos e suas estratégias nessa relação de gênero e de dinâmicas da norma masculina (Furlin, 2014).

Nessa trajetória, em que elas acreditam na verdade de que o sujeito feminino tem direito a um lugar na pesca enquanto pescadora, o elo entre essas mulheres pescadoras torna-se fundamental. Pois, se de um lado existe a importância que elas conferem às suas atividades de descascadeiras, reconhecendo-se como pescadoras, do outro lado estão as fronteiras que evidenciam como elas são socialmente lidas. Assim sendo, os efeitos que elas buscam obter são efeitos que só podem resultar por intermédio dessas suas mudanças. A vista disso, entende-se que as ações das mulheres pescadoras não limitam os seus discursos nem as suas práticas. Elas expõem os elementos que substanciam as coisas que acreditam e dizem e, por conseguinte, colocam em prática suas estratégias sejam elas individuais ou em conjunto:

Então, a gente aqui, é uma comunidade, isso aqui é muito bom. Pra quem entende, isso aqui é muito bom pra nós. Agora quem não dá valor diz, camarão não, eu vou trabalhar de varrer rua, não entende e não sabe o que quer [...] Então isso aqui é muito importante pra gente, eu amo isso aqui, eu adoro. Seu fica sem isso aqui, eu morro, pode me enterra (pescadora Lola).

Analisar o contexto desse elo implica olhar as suas agências enquanto sujeitas das dinâmicas e das estratégias de afirmação que se configuram em situações tanto de conflitos quanto de apropriação contidas em suas experiências em que consiste a divisão sexual do trabalho. As falas surgem e conduzem ao entendimento de como entre elas se estabelece o discurso em compartilhar das dinâmicas e estratégias frente essas situações: “É muito bom trabalha juntas com as mulheres. A união faz a força. Juntas pra combate a desvalorização” (pescadora Nunes). A maneira como as mulheres se expressam lembram o dito de Deleuze (1972) quando expõe sobre a possibilidade de estarmos vivendo de maneira nova as relações teoria-prática: “A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um

revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro (Deleuze, 1972, apud Foucault, 1979, p. 41). Trazendo-a para esta discussão, porém com algumas adaptações, podemos refletir sobre a *entrega* das mulheres pescadoras na trajetória para construir seus próprios caminhos e suas estratégias nessa relação de gênero.

Dado que a teoria é um revezamento de uma prática a outra e, por sua vez a prática é revezamento de uma teoria a outra (Deleuze, 1972), as mulheres pescadoras trazem nas falas um outro tipo de discurso/teoria quando dizem somos pescadoras/prática. Em seus discursos elas evidenciam que o *muro da tradição* que se levanta no contexto da divisão sexual do trabalho, não as prende a fenômenos sucessivos e idênticos que limitam a diferença a ponto de reduzi-la (Foucault, 1986). Mesmo porque, podemos perceber que o que elas narram quando afirmam que são pescadoras toma distância da permanência que caracteriza os fenômenos sucessivos e idênticos em um contexto de tradição. Tanto o é que nas narrativas substanciadas pelos seus saberes:

Mas, tipo assim, quando a gente ia pesca né, na época da tainha, me lembro até hoje, na época da tainha né, aquele tempo era pesca artesanal, até hoje a gente ainda faz pesca artesanal, não é industrial é artesanal. Dá o lanço com a canoa remando né, os remador vão na canoa remando e vai soltando a rede né. É a canoa de um pau só também, de um pau só, que não tem motor, é no remo. Aí vai um remando atrás, um no meio e outro na frente e o outro fica ali sentado, jogando o cabo da rede né. Porque a gente faz tipo saco né. Tipo, costurava na máquina, tipo saco enchia de areia, pra pode pesa a rede pra pode puxa pra terra, pra não a rede, tipo coxa né. Coxa o cabo é encolhendo a rede né. Daí fazia aquele saco pra pode puxa a rede pra terra pra pode faze o arrasto da tainha (pescadora Nena).

As mulheres vão, paulatinamente, deixando-nos cientes dos conhecimentos que elas têm sobre a pesca, elucidando, dessa forma, um distanciamento das imposições na divisão sexual do trabalho que estabelecem o que as mulheres podem e o que não podem realizar: “Eu gostava. Eu gosto de tarrafejar. Meu senhor. Eu me reconheço como pescadora. Eu sou camarãoeira” (pescadora Silvia). São formas diferentes de saber e fazer os distintos saberes fazeres:

Eu já me virei, tudo na área de pesca eu já. Vendi espinhal, que era uma rede dentro de um balaio, um balaio, cheio de anzol dentro. Eles jogavam, pegavam os peixe, daí traziam tudo dentro de um plástico assim. A gente estendia e de tarde recolhia pra eles levarem (pescadora Lola).

É preciso considerar que a divisão sexual do trabalho nunca se restringe a aspectos gerais, mas tende a abranger grande número de outras atividades: “Era com

o espinhel pra pega camarão, naquele tempo não tinha rede. Aí eu limpava peixe, ajudava, limpava camarão, meu forte mesmo é o camarão, é limpa camarão” (pescadora Nunes); concordamos com a forma como Lopes; Freitas; Begossi, (2020), salientam sobre o fato de que embora a pesca seja uma atividade dura e muito pouco reconhecida, especialmente a de pequena escala, este quadro é incompleto:

Há mais a ser dito por trás do pouco reconhecimento socioeconômico do pescador e da glorificação dos riscos da atividade[...] Há de ser contado que a pesca não é praticada só por homens, que o peixe não é comercializado só por homens, que toda a sua cadeia produtiva não é formada só por homens, que a segurança alimentar das comunidades pesqueiras não é garantida só pelos homens. Ou melhor, há de ser contado que as mulheres também pescam, as mulheres também vendem o peixe, por vezes até mais que os homens, as mulheres fazem parte de toda a cadeia produtiva da pesca, da rede ao prato e, não raro, as mulheres garantem a segurança alimentar da família por meio da pesca até mais que os homens (Lopes; Freitas; Begossi, 2020, p.2).

Essas mulheres vivem e trabalham direta e cotidianamente na pesca artesanal, sendo muitas as formas possíveis: “A partir do que o olho vê; do que o ouvido escuta, da mão que puxa e, portanto, do corpo que sente” (Gerber, 2013, p.32). Elas demonstram que não há um único jeito de ser pescadora. E isso é muito forte frente uma divisão sexual do trabalho que as enxerga não como pescadoras mulheres, mas como auxiliares dos pescadores homens: “O peixe vem do mar aqui, já tem a mulher fazendo filé lá, ou tá descascando camarão” (pescador x). As interlocutoras dessa pesquisa, por intermédio das suas experiências e, neste trabalho, por elas relatado, evidenciam um distanciamento desses limites que a cultura local e de gênero, impõem às suas atividades na divisão do trabalho na pesca. Limites, estes, que são impostos pelo que se pensa ser da “natureza da mulher”, pois o trabalho “muito pesado”, “a mulher não aguenta”. A afirmação do papel e do espaço da mulher tradicionalmente apontado é a terra e a casa. Sua atividade na pesca é considerada auxiliar. Ou seja, “segundo o imaginário construído, as mulheres não se envolvem na atividade de coleta do pescado. Isso porque a pesca acarreta o risco e o perigo do mar. E, com essa atitude “protetiva”, o lugar da mulher foi constituído” (Silva; Leitão, 2012, p.14). Rubin (2003) nos estudos de gênero e sexualidade, nos oferece uma compreensão profunda das hierarquias sociais através de seu conceito de sistema sexo-gênero. Argumenta a autora que a sociedade não apenas reconhece a diferença biológica entre os sexos, mas também a transforma em uma construção cultural cheia de normas, expectativas e restrições.

Mas as falas das mulheres revelam: “A gente saía daqui as vezes cinco horas da manhã pra chega lá, pra vende o camarão lá que a gente vendia né, nós saía e chegava lá oito horas da manhã que era no ponto né, era duas horas, três hora remando” (pescadora Nena). Nesse sentido, nosso olhar se estende para o fato que:

Na verdade, nada na natureza explica a divisão sexual das tarefas, nem tampouco instituições como a conjugalidade, o casamento ou a descendência por via paterna. Todos são impostos às mulheres por meio da coerção e, portanto, são, todos eles, fatos culturais que devem ser explicados e não servir de explicação (Meillassoux, 1975, p. 41 apud Tabet, 2014, p. 102).

Esse caráter natural da divisão do trabalho é também contraposto na visão analítico de Tabet (2014):

[...]a divisão do trabalho não é neutra, mas orientada e assimétrica, mesmo nas sociedades ditas “igualitárias”; que não se trata de uma relação de reciprocidade e complementaridade, mas de dominação; que esta dominação se concretiza por meio de elementos objetivos claros e definidos, que é possível apontar constantes gerais e materiais, pode-se dizer, da divisão das tarefas, nas quais as relações de classe entre os dois sexos se exprimem antes mesmo do que nas definições ideológicas que acompanham as próprias tarefas (tais como a valorização das tarefas masculinas etc.); que, ao contrário, este caráter de dominação está na própria instituição da divisão do trabalho, por seus elementos de obrigação e de interdição correlatos à relação entre divisão do trabalho e obrigação da família e à criação de uma identidade masculina ou feminina sociológica, uma “gender identity” para seres biologicamente machos ou fêmeas (Mathieu, 1973; Rubin, 1975); enfim, que em tal quadro é necessário analisar a divisão sexual do trabalho como relação política entre os sexos (Tabet, 2014, p. 107-108).

No tocante à precisão de inverter a relação estabelecida entre a divisão sexual do trabalho e os instrumentos, sigo com o pensamento de Tabet (2014), para adentrar em um ponto significativo da discussão relativo às atividades desempenhadas pelas mulheres pescadoras dessa pesquisa e os respectivos instrumentos utilizados por elas na/para pesca. O barco é um instrumento que simboliza o poder masculino na divisão sexual do trabalho. Mesmo quando as pescadoras são embarcadas como Nena e Sara, os pescadores, de alguma forma, tentam afastá-las da supremacia masculina que o barco representa no contexto da divisão sexual do trabalho:

[...]Elas pescam na baterinha, na baía[...], mas são descascadeira também né. E elas pescam na baía né. Não tem um dia que eu não saia molhado daqui. Agora lá não. Lá tu embarca de bote dentro da canoa e vai. Não se molha nada” (pescador x).

Tabet aponta que as mulheres fazem determinados trabalhos e são excluídas de outros em função dos instrumentos utilizados nestas atividades. Conforme nos explica:

É nas formas de controle masculino dos instrumentos de produção – controle que tem como corolário o subequipamento das mulheres – que devemos buscar os fatores objetivos, as constantes da divisão sexual do trabalho. Este

controle aparece, portanto, como um dos elementos da relação de classe entre mulheres e homens (Tabet, *ibidem*, p.112)

A exclusão e controle dos instrumentos é explícita nas narrativas dos pecadores, como já demonstrado em alguns momentos deste trabalho. Além do barco como exemplo de instrumento central do poder masculino na pesca, o facão, utilizado para cortar, limpar e filetar os peixes é um outro elemento marcador das atividades que são realizadas somente pelos homens: “O homem não fica ali, limpando e descascando camarão. O homem já fica do outro lado, limpando peixe que é uma coisa mais difícil de fazer né. Lidar com faca afiada, caixa pesada e tal. A única que você vê no lugar junto com os homens é o Cidão que está lá, nenhuma mulher fica ali daquele lado” (pescador z). Como relatado pelo pescador, com exceção da pescadora Cida, ou, “o *Cidão*” que com o seu “jeitão”, manuseia o facão, nenhuma mulher desempenha essa função:

Quando eu tinha oito anos ela lidava com peixe. Chegava à canoa ela pegava a caixa de peixe, já levava lá pra dentro limpava os peixes, colocava pra vende. Igual você viu ela fazendo hoje ali. Limpando os peixe, tirando das caixa. Imagine, naquela época não tinha mulher fazendo esse tipo de coisa. Era só ela. Não era serviço de mulher pegar a caixa de peixe, limpar o peixe e tal. Há mais de trinta anos. Hoje você vai lá, mas você não vê nenhuma mulher limpando peixe, na hora que você entrou ali, está cheio de mulher, mas você não vê nenhuma mulher limpando peixe, era só ela. Ali é só homens, as mulheres só estão vendendo e limpando camarão. Mas igual a Cidão, ali, metendo a mão na massa, e pegando peixe e limpando, acho que até hoje é só ela que faz esse serviço (pescador z).

A despeito do posicionamento do pescador z, concordo com Gerber (2013, p. 34), quando ressalta sobre a urgência de rever o conceito que preconiza que pesca é retirar o peixe do mar e “quem a faz, por definição, nos dicionários de Língua Portuguesa, um ser masculino singular: pescador. A pesca é, envolve e implica muito mais do que isso”. Para as descascadeiras de camarão, no período em que a pesca do camarão é proibida – seguro defeso, há uma variação ainda maior das atividades que elas desenvolvem:

Agora o camarão tá proibido (mês de junho - seguro defeso), e tem a tainha. Tem que espera acaba essa tainha aí, daí vem a cavala, daí tem camarão. Tá difícil, tá difícil. É por isso que eu to no meu cambio aí. Agora nois só vive de cambio. Ontem eu vim e fiz, anteontem também e hoje pra ver o que eu posso fazer. Semana que vem eu recebo, mas não posso parar, tenho que fazer cambio. O dinheiro não tá dando. Menina, pai do céu. Pelo menos pra mim, a minha despesa é grande. É muito grande guria. Deus o livre (pescadora Lola).

Não somente Lola, mas Nunes e Sofia, também fazem câmbio - é como elas denominam outros tipos de trabalho que realizam no período do seguro defeso, como,

por exemplo, vender mercadorias advindas da pesca nas bancas do Mercado de peixes.

Todas as atividades feitas por elas, constituem etapas centrais para compor o trabalho na/da pesca. Por meio das narrativas dos seus trabalhos na/da pesca, apontam que não existe um jeito único de ser pescadora “Eu já pesquei em alto mar também, eu agora estou no camarão, eu já fiz de tudo um pouco que o pescador já fez” (pescadora Lola). E na diversidade dos desempenhos dessas mulheres pescadoras, elas distanciam-se do lugar restrito e redutor na divisão sexual do trabalho que as enxerga “somente” como auxiliar do pescador. Nas suas falas elas revelam a presença e a centralidade das mulheres no cotidiano da pesca:

Tanto é que a minha vida ta aqui oh. Eu não fui trabalha fora porque a minha vida ta aqui, na pesca. E eu não sei ser mandada. Se for trabalho hoje, fora daqui não vai dá certo, porque eu não sei ser mandada. Se eu quero fazer uma coisa e me mandam fazer outra, então já vai da briga, então, a minha vida é aqui. Eu sou pescadora (pescadora Sara).

Dentre as entregas dessas mulheres ao universo da pesca, a interrelação entre o trabalho e o sustento da família é mais um ponto presente nas experiências relatadas. Em um sentido mais aclarado, essas mulheres vivem da pesca artesanal; elas subsistem com essas atividades voltadas à pesca artesanal, como elas expressam: “Eu acho que se acaba isso aqui, muita gente vai ficar desempregado, porque isso aqui é o ganha pão de muita gente; (pescadora Sofia); “É o nosso ganha pão”. A gente assim, bem dizer, digamos assim, que nós tiramos o nosso sustento do mar, do mar” (pescadora Sara). Logo essa luta assume uma grande proporção, pois afeta o econômico, que afeta a subsistência da família, o que as faz envolver-se em “aconteceres que se entrelaçam na teia da vida” (Ingold, 2012):

[...] Então eu não sei, pra mim eu não tenho o que reclamar, só tenho que agradecer a Deus por me dar vida, saúde e poder ganhar o meu dinheirinho aqui[...] Então a pesca é uma fonte de renda. Pelo menos aqui pra mulherada (pescadora Lola).

Quando retratam sobre a importância das suas atividades rotineiras e cotidianas, fazem questão de ressaltar que foi com o camarão ou com o peixe, na pesca ou no descasque, que conseguiram sustentar os filhos, as filhas, os irmãos, construir a casa, entre outros aspectos consideráveis como foi possível constatar na fala da pescadora Cida:

É muito importante pra mim a pesca. Aqui o que eu ganhei, o que eu construí, casa, tudo o que eu tenho dentro, foi tudo com a pescaria. Meus irmãos eu criei tudinho aqui. Do tempo ruim, limpando peixe de sol a sol, foi tudo por aqui (pescadora Cida).

São benefícios às suas vidas que elas revelam terem conquistado por intermédio dessas atividades pesqueiras. Enfim, o ser pescadora foi a base e o pilar econômico para tudo: “Sim eu construí. Minha casa, meu ganho é todo através daqui. Alimentação, tudo que eu tenho dentro de casa, que eu compro é com a renda do camarão e da pesca” (pescadora Zaira); Eu construí muita coisa com o camarão, casa, reformas grandes, tudo com o dinheirinho daqui. Ajuda a pagar as contas e o alimento também né. Eu ganho bem aqui, graças a Deus (pescadora Nunes); O trabalho na pesca constrói muito. É daqui que a gente tira o nosso ganha pão, roupa, casa comida, tudo. É daqui que a gente cria os filhos, os netos, com o dinheiro do camarão (pescadora Sofia).

Frente as dificuldades e obstáculos que essas mulheres encontram na divisão sexual do trabalho na/da pesca, que por vezes as invisibiliza, ofusca, ignora, reduz como profissionais da pesca, elas se ressignificam e demonstram, no decorrer das suas experiências narradas, como vem se construindo como sujeitas pescadoras em um contexto cuja profissão é considerada e reconhecida como de homens (Gerber, 2013). Alencar (1993) traz uma discussão interessante que retrata que avivar a importância da atividade da mulher na pesca pode assumir um sentido de ameaça para o homem pescador, enquanto provedor. Segundo as suas palavras:

Muitas vezes a participação da mulher em atividade de pesca, que seja geradora de renda, pode ser uma ameaça à honra do homem, à medida em que este passa a ser visto como incapaz de exercer seu papel social de provedor. Nesse sentido, o discurso masculino tende a invisibilizar o trabalho da mulher num espaço reconhecido como principalmente masculino, enfatizando a existência de um modelo bipolar de divisão do trabalho e também dos espaços. É um discurso que tende a confirmar e reforçar seu papel social, posto pelo modelo simbólico, o "modelo ideal" de divisão sexual do trabalho (Alencar, 1993, p. 69).

Mas elas vão descortinando elementos no cotidiano das suas experiências quando relatam sobre as atividades que desempenham na pesca e que configuram as suas existências enquanto mulheres pescadoras trazendo à tona uma realidade que aponta que há muitas formas de mulheres serem, estarem e viverem na/da pesca.

6.2 O OLHAR DESSAS PESCADORAS PARA O PESCADOR: UM DIFERENCIAL NA DIVISÃO DO TRABALHO.

Um dos aspectos relevantes em relação à divisão do trabalho, é o diferencial que se estabelece no olhar das mulheres pescadoras dessa pesquisa para os

pescadores homens. Melhor dizendo, nas representações que envolvem esse olhar, pois é onde se concentra o diferencial *delas para como eles* na divisão do trabalho. É fato que as interlocutoras desta pesquisa reivindicam por reconhecimento enquanto mulheres pescadoras. Embora elas preguem por mudanças em seus discursos em relação à divisão do trabalho, é preciso elucidar que no entendimento das mulheres pescadoras *algumas mudanças*, não objetivam passar para um domínio diferente (Deleuze, 1972). Isso significa dizer que elas reivindicam direitos a respeito do papel do ciclo da pesca em suas vidas, porém não escondem a importância que também delegam ao homem pescador nesse universo pesqueiro:

Eu pegava camarão vivo pra vende pros sócio do late, pro pessoal socio de Guaratuba, na marina. Então a minha vida ali, sempre na pesca [...] é o nosso trabalho, e pra isso precisa conhece o mar. Eu e meu marido estamos juntos há trinta e cinco anos já, nós somos uma dupla dinâmica mesmo. Trabalhamos e demos duro mesmo. Trabalhamos junto ali, faça chuva e faça sol, junto mesmo. Se for pra passa fome vamo passa fome junto, se for pra pega chuva, vamo pega junto e vamo nós dois construí a nossa vida aqui. E foi assim, começamo do nada. [...]Então a pescaria da gente foi assim, Indiamara, começamo aqui, lutamos pra começa debaixo, mas graças a Deus tamo aqui, criamos nossos filho, meus netos. Meu filho mora aqui oh (na casa ao lado). Meu filho mais velho, ele tem trinta e quatro anos. Eu sou feliz com meus filhos, com meus netos, com meu marido (pescadora Sara).

Elas referenciam essa importância quando se reportam aos filhos e à família. Entendem que é parte desta constituição o trabalho em parceria e, nesse sentido, a estruturação de uma comunidade pesqueira de tradição caiçara é hierárquica, mas o cotidiano tem outros conteúdos. Nestes termos, para compreender o que as falas das interlocutoras revelam sobre a "aceitação" e a "oposição" dos valores é importante voltar os olhos à relação entre as práticas culturais e as concepções dessas mulheres pescadoras, evidenciando o que fazem e o que pensam:

Eu falo pelo meu só, não falo pelo dos outro. Meu filho é um guerreiro. O meu é um guerreiro pescador. Eu falo orgulhosamente, eu sou mãe de pescador, mulher de pescador e eu sou pescadora, vó de pescador [...] e é assim oh, eu amo e não posso ver ninguém fala mal de pescador, eu não posso. Porque eu fico queimada. Se eu não pude defende, eu saio de lá. Porque meu marido era pescador, morreu na pesca, meus filho tem documento, tudo pescador. Tem um aí que tá doente, tá pescando, coitado que tem um problema na perna, sabe. Tem esse nervo aqui, acho que é ciático, aquelas coisa, arrastando a perna, mas tá pescando todo dia. Então a gente defende a pesca, ama a pesca. Aí...eu gosto da pesca. (pescadora Lola).

Eu valorizo quem é pescador porque gente do céu, não é fácil ser pescador. Porque é difícil, é difícil. A batalha não é fácil não. Tipo assim, tem dias que o pescador sai de casa cedo né, ele abastece o barco lá, tantos de óleo, porque tens uns que sai mar a fora né, tens uns que sai aqui dentro da baía né, mesma coisa. Joga dez, quinze, vinte de lanço, pra pode pega dez quilo de peixe, pra pode vende pra pode traze o sustento pra família. Não é fácil, não é fácil (pescadora Nena).

É constante, espontânea e enfática a importância que atribuem a esse homem pescador: “A vida do pescador é triste guria. A gente que tá em terra é fácil fala” (pescadora Silvia). Sara, por exemplo, enfatiza o trabalho que ela e o marido realizaram e realizam juntos, “Trabalhamos e demos duro mesmo. Trabalhamos junto ali, faça chuva e faça sol, junto mesmo”. Não existe na fala da pescadora Sara, a distinção entre público/ privado, assim como também não existe uma divisão de tarefas para o homem e para a mulher. Ela reforça essa afirmação na continuidade da sua narrativa quando sobrepuja a separação entre as responsabilidades:

Então a pescaria da gente foi assim, Indiamara, começamo aqui, lutamos pra começa debaixo, mas graças a Deus tamo aqui, criamos nossos filho, meus netos [...]Se for pra fica junto é trabalha junto mesmo. Não tem isso de um faiz uma coisa e outro outra coisa, é tudo junto (pescadora Sara).

Não se trata de contradições em suas falas, nem de uma imprecisão. Pois quando narram sobre a mulher na pesca, não referenciam uma igualdade na divisão sexual do trabalho. Analiticamente pode se dizer que o que elas narram é uma luta da mulher na pesca. Melhor dizendo, uma luta enfrentada para ocupar e legitimar um lugar na pesca enquanto pescadora, na realização de suas funções. Essa luta pela legitimidade não as coloca em um patamar de disputa com os pescadores. Entender o posicionamento por elas narrado em relação a serem reconhecidas como pescadoras, torna perceptível de que para elas este reconhecimento não significa desmerecer, em nenhum sentido, o valor que atribuem ao homem pescador. Em outros termos, para as mulheres o direito de representá-las na pesca não toma a direção de uma disputa com os pescadores.

Nos momentos das suas narrativas em que deixam claro como se importam com os homens pescadores, elas trazem para o contexto dos conflitos por elas relatados, a crítica em relação a percepções depreciativas que atingem os pescadores:

Muita gente fala que os pescadores são um trabalho sujo, são vagabundo. Mas não vê que levanta pra trabalha três, quatro horas da manhã, pra pôr a canoa na água, puxa a rede que faz uma força danada porque é pesado, pra ser chamado de vagabundo. Não eles são trabalhador (pescadora Sofia).

Nesse cenário, narram as suas peculiaridades fundamentando a valorização, na mesma proporção e com a mesma intensidade, do trabalho da mulher pescadora e o do homem pescador: “E outra coisa, a vida não tem valor. Quem vai arrisca a vida lá pra pega o peixe. O mar dá de graça, mas o pescador que vai lá pesca. Porque não é qualquer pessoa que vai pra fora, como não é também qualquer mulher que chega

aqui e faz acontece. Ninguém nasce natural dentro do rio (pescadora Zaira). Isso requer um olhar com lentes que abram possibilidades para enxergar além do que aparenta ser (Mills, 1972). Ou seja, em um diferencial que vai além de lugares socialmente construídos que legitimam a narrativa dos pescadores homens, quando dizem “*o mar não é lugar para mulher*”.

Nas suas narrativas elas argumentam que lutam, não contra o pescador homem, mas contra esse **olhar socialmente construído**, que as coloca em um lugar de negação a tudo e a todos que tendem a reconhecê-las enquanto pescadoras. Em contraposição, elas argumentam: “Não senhor, não tem nada a ver isso que muito pescador fala, porque mulher tem força igual a homem. E puxa uma rede alta, igual os pescadores” (pescadora Nena). Dito de uma outra maneira, elas mostram a construção social de gêneros através da denúncia do arbítrio contido na diferenciação de comportamentos e atitudes exigidas e permitidas aos homens e proibidas às mulheres ou vice-versa (Machado, 1983).

O que exige um pouco mais de atenção no sentido de compreendê-las e interpretá-las analiticamente. O cuidado nesse sentido, visa não afetar o significado e a verdade do que elas dizem, e em função disso, não incorrer no erro de desautorizar o discurso dessas mulheres pescadoras (Alcoof, 1991-1992). É importante argumentar que o posicionamento das interlocutoras dessa pesquisa em relação a essas discordâncias, não assume um caráter incidental visando somente respostas às entrevistas. Elas narram o que realmente acreditam. A percepção desse ponto é expressiva para se compreender o que centraliza as discordâncias. O que fundamenta essa assimetria entre as pescadoras é exatamente o fato de como elas movimentam a reflexão do **SER** “vista, olhada, reconhecida, legitimada” como pescadoras pelos pescadores, e do **NÃO SER** “vista, não ser olhada, não ser reconhecida e não ser legitimada”. Eis aqui a questão direcionada ao cuidado para não afetar o significado e a verdade do que elas dizem (Alcoof, 1991-1992).

Dentre as dez mulheres pescadoras entrevistadas, seis mulheres afirmam que são reconhecidas pelos pescadores como pescadoras. Uma pescadora salienta que só os familiares as reconhecem, os pescadores da comunidade não reconhecem. Uma pescadora aponta que somente o marido que faz parte da comunidade reconhece não somente ela, mas todas as mulheres que realizam atividades na pesca. Uma outra pescadora, nos diz que “uns reconhecem outros não”. E, por fim, somente uma pescadora narra que as mulheres não são reconhecidas como

pescadora “nem pelos pescadores nem pelas pessoas”. *Como entender as formas como as mulheres significam esses reconhecimentos?*

Trazemos o que elas narram e a forma como explicam o que narram: “Pra mim não, eles (os pescadores) não fazem diferença. Eles, os pescador, tem respeito. Pra mim eles tratam igual” (pescadora Cida); “Eu acho que as pessoas não reconhecem a mulher pescadora, não reconhecem não. Os pescadores reconhecem” (pescadora Silvia); “Os pescadores reconhecem. Reconhecem e dá valor, dá valor. Eu principalmente. A turma, eles dizem: “puta mais você é uma guerreira, como você é uma guerreira, todo dia, todo dia”. Como eu disse, eu tenho que falar por mim, não pelos outro, né” (pescadora Lola); “A comunidade não dá valor, a família dá, os homens da família, dá, reconhece esse trabalho, reconhece a pescadora” (pescadora Telma); “Eles reconhecem também o nosso esforço da gente. O meu marido reconhece a pescadora, porque ele fala assim: olha aquela mulher de fulano ali é guerreira, ela pesca vai junto com o marido, aquela é guerreira” (pescadora Zaira); “Eu nasci aqui, mas muita coisa aprendi com o meu marido que se dedicou a pescar também. Não só com o meu marido, mas com muitas pessoas que são pescador e que também me ensinaram a ser pescadora, e reconhecem que sou pescadora” (pescadora Sara); “Eles me consideram pescadora. Aqui eu não ouvi falar que a mulher não é pescadora. E aqui na comunidade todo mundo conhece a gente né. Já sabe que a gente se criou-se na pesca né” (pescadora Nena). Em contrapartida, outros olhares voltados à essa discussão também se fazem presentes entre as pescadoras: “Uns reconhecem outros não” (pescadora Lina); “Eu acho que as pessoas não reconhecem a mulher pescadora, não reconhecem não. Os homens da colônia, os pecadores não reconhecem as mulheres como pescadoras. Porque eles acham que essa profissão é só para homem, não é para mulher” (pescadora Nunes); “E isso, essa diferença, acontece na comunidade. Claro que acontece, com certeza. Os pescadores, não consideram as mulheres como pescadoras. Nós simplesmente somos descascadeiras de camarão. Só quem reconhece é o meu marido. Ele é pescador e reconhece a mulher pescadora” (pescadora Sofia).

Percebemos que há uma alternância nas suas narrativas no sentido de expressarem que o pescador reconhece e os pescadores reconhecem a mulher pescadora, sejam elas descascadeiras de camarão ou embarcadas. Mas além dessa alternância elas evidenciam em cada resposta uma singularidade em relação aos significados das maneiras e de quando são reconhecidas. Nessa singularidade de

significados e verdades as mulheres exaltam e interrelacionam: *guerreia/com o ser pescadora*; *reconhecimento do marido/com o ser pescadora*; *reconhecimento da família/com o ser pescadora*; *reconhecimento do esforço/com o ser pescadora*; *respeito/ com o ser pescadora*; *nascer na pesca/vô/pai/com o ser pescadora (grifos meu)*. Cada significado evidencia particularidades e sentidos desses significados nas experiências das mulheres pescadoras, o que leva ao entendimento de que elas não aprisionam e fixam sentidos e significados em um contexto de tradição cultural (Braidotti, 2000).

Sobre a questão de como compreender as representações desses significados sem afetar a fluidez das suas identidades, a maneira como elas expõem essas identidades, e nem desautorizar o discurso dessas mulheres pescadoras nesse sentido, de um lado temos as representações das pescadoras voltadas a um processo de visibilidade e legitimidade em um contexto de reconhecimentos. Digo, as maneiras como essas mulheres enxergam esse processo de reconhecimento. De outro lado, temos a realidade das representações com o peso da supremacia masculina, construídas socialmente e colocadas em prática na pesca, em condição cultural difusa, “assumindo uma função normativa de uma linguagem, na qual a vida das mulheres é mal representada ou simplesmente não representada”, conforme argumenta Butler (Butler, 2003, p. 17). Os homens pescadores são, assim, partes integrantes das representações construídas socialmente em condição cultural. Quando perguntado aos pescadores, na comunidade de Matinhos; sobre mulheres pescadoras (Oda, 2019), como supracitado nesses escritos, a resposta foi “Não existem!”

Há, porém, uma questão importante por elas narrada que é preciso observar. Quando elas ressaltam em suas falas: “o pescador reconhece”, elas apontam para uma realidade singular no que tange o reconhecimento dos pescadores para com elas, ou seja, esses pescadores são: “meu marido”, “meu pai”, “meu avô”. Mas também é fato que quando citam no mesmo contexto das suas falas “os pescadores não reconhecem”, estendem o seu olhar para uma visão mais ampla da realidade em que vivem no mundo da pesca. Fundamental é, nesse sentido, a compreensão de que as verdades e os significados em seus discursos, evidenciam-se em diferentes qualificações representativas. Isto significa dizer que ora elas focam as representações para as suas realidades singulares, ora elas situam as representações para um contexto socialmente construído.

À vista disso, ao olhar às diversidades que movimentam a forma como “enxergam e situam” o reconhecimento dos pescadores para com elas enquanto pescadoras, percebemos que não seguem uma versão única, seguindo sempre a mesma direção. Portanto, não materializam as suas representações, não as transformam em obstáculos. Em vista disso, tornam possível um olhar analítico às diferenças que elas articulam entre as mulheres, melhor dizendo, entre essas mulheres pescadoras e não entre a mulher. Expressam, dessa forma, a complexidade relacional, contextual e histórica de suas experiências (Lauretis, 1994). Substancial é entendermos que o que essas pescadoras consideram como significativos, leva-nos a recobrar as expressivas palavras de Scott (1990), quando a autora nos diz que: [...] “devemos nos tornar mais auto-conscientes da distinção entre nosso vocabulário analítico e o material que queremos analisar. Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à auto-crítica” (Scott, 1990, p. 83 - 84).

Dessa forma, foi preciso observar e entender que para as mulheres pescadoras existem outras perspectivas que lhes propiciam apreciar e corresponder ao papel do homem pescador seja este de pai, de filho, de marido, ou de um pescador próximo ao convívio dessas pescadoras. Compreendemos, portanto, que são essas particularidades de pessoas reais, de mulheres reais que atribuem novos significados às mudanças que elas agenciam. A resignificação de si em relação a elas próprias acontece como pessoa e como grupo. Um grupo que se faz unido frente à comunidade local da pesca, e que não necessita, para que isso aconteça, desmerecer a maneira como conceituam o homem pescador. Elas têm, como dito, consciência de que necessitam dessa relação que as une e as fortalece: “Assim como o sujeito não pode fundar a si mesmo e o “eu” “não tem história própria que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para com um conjunto de normas” (Butler, 2015 p.18, apud Leite, Tamanini, 2022, p. 26). No movimento dessas relações, o que as mulheres pescadoras narram vai além de lugares socialmente construídos, vai além de uma igualdade na divisão sexual do trabalho. Elas narram o respeito à construção que fazem a respeito de si mesmas:

Sou pescadora. Sou aposentada pela pesca. O trabalho aqui é de pescadora. Então eu tenho que defende essa área nossa, pescadora né. Quando falo dos pescadores, das pescadoras que somos nós, eu encho a boca: As pescadoras. Porque nós temo uma profissão, não é verdade? “Portanto ta no documento meu, delas: pescadora. Então é isso aí, nós temo que dá valor a nossa classe. Porque se a gente não faze isso ninguém faz por nois. Sabe

Índia, eu sou assim daquelas pessoas que quando quero eu consigo. Eu corro atrás. Só se Deus me parar no caminho, senão eu vou em frente[...]Então eu sou, eu sou muito assim muito positiva sabe, muito positiva. Porque se você não for positiva, então não adianta. Você tem que botar fé naquilo que você quer. Não é verdade (pescadora Lola).

A fala da pescadora ilustra a complexidade das práticas pesqueiras e os desafios enfrentados pelas mulheres para obter reconhecimento em sua comunidade. A análise revela a importância de valorizar e documentar essas práticas, não apenas como patrimônio cultural, mas também como forma de promover a igualdade de gênero na pesca.

6.3 GÊNERO E AS REPRESENTAÇÕES

Não tem reconhecimento, mas por trás do pescador existem as mulheres que às vezes fazem o trabalho maior e melhor do que eles. Falta reconhecimento (pescadora Zaira)

O tópico que segue, inserido no terceiro objetivo específico, reflete sobre as barreiras e dificuldades, assim como as possibilidades de mudanças advindas das relações de gênero. Aborda, nesse sentido, como aspectos relacionados aos estereótipos de gênero e às questões ligadas ao corpo afetam a esfera local das mulheres pescadoras — isto é, a comunidade pesqueira da qual fazem parte — e como essas questões se conectam a um contexto mais amplo por meio do diálogo e da interação que se estabelecem entre ambos.

Fazer a leitura do posicionamento das mulheres pescadoras sobre questões de gênero exige um olhar interpretativo aguçado; pois esse olhar respalda-se nas narrativas de suas experiências que revelam diferentes situações, e para cada situação há uma ação correspondente por parte das pescadoras. Logo, há momentos em que suas vozes ecoam para visibilizar a mulher pescadora, em outros para defender também o pescador. O que faz todo um diferencial na forma como essas mulheres enxergam a luta pelos direitos no universo da pesca sem precisar secundarizar nenhum gênero. Por isso, o que elas dizem não acontece e não é representado como diferença sexual fixa entre o homem e a mulher, masculino e feminino, em que consiste a universalização do sexo. A linguagem que percorre, assim, o discurso das mulheres pescadoras não sustenta e nem é sustentada pela diferença sexual enquanto diferença principal (Rubin, 2003).

Ao pensar como o gênero funciona nas relações sociais que se estabelecem nesse cenário em que as mulheres pescadoras situam o reconhecimento dos

pescadores para com elas enquanto pescadoras, às palavras de Harding (1993) que já se fizeram necessárias no decorrer desses escritos, continuam substanciais para esse momento de análise: [...] nem as atividades das mulheres nem as relações de gênero (dentro dos gêneros e entre os gêneros) podem ser simplesmente acrescentadas aos discursos sem distorcê-los e sem deturpar nossos próprios temas” (Harding, 1993, p. 7). Mediante a esses fatos, torna-se mais do que relevante a consciência de que reinterpretações distorcidas na análise das vidas de mulheres pescadoras pode, em um movimento sequencial, comprometer o que elas dizem, a leitura que fazemos do que elas dizem e o desvio de saber escrevê-las.

As suas narrativas ressaltam que essas mulheres não posicionam o pescador em o que é ser um homem e a pescadora opostamente, em o que é ser mulher. Podemos dizer que as pescadoras revelam as suas manifestações por meio de um processo que não se encontra preso no âmbito de um corpo fixo. Há nesse sentido, nas narrativas das pescadoras, um fluxo de representações articuladas nas entrelinhas das identidades externas totalizantes e essencialistas que precisa ser entendido a partir dos discursos contextualizados em que se inserem. Diante dos seus posicionamentos elas revelam momentos em que dinamizam a construção do gênero por meio de sua desconstrução (Lauretis, 1994).

Esses momentos de desconstrução emergem quando, por exemplo, as pescadoras embarcadas relatam sobre as suas avós pescadoras. Considerando que as mulheres pescadoras dessa pesquisa estão na faixa etária de cinquenta anos, saber que as suas avós, *essas mulheres*, já desenvolviam atividades da pesca enquanto pescadoras, realmente está além das noções tradicionais como evidenciam as falas de Nena e Sara, pescadoras embarcadas, cada qual com a sua história:

A vó pescava. Até os oitenta anos ela ainda pescou. E naquele tempo, a minha vó saía com a minha tia, e levava nós, quando a gente era mais nova assim. A gente não tinha barco a motor, a gente saía só no remo, era a canoa de um pau só remando. A gente saí daqui às vezes cinco horas da manhã pra chega lá, pra vende o camarão lá que a gente vendia né, nós saía e chegava lá oito horas da manhã que era no ponto né, era duas horas, três hora remando (pescadora Nena).

Eu também tive bastante comunicação com eles, os pescadores, com meu tio, assim. Porque quando eu era pequenininha eu ia pra lá né, tanto que a minha falecida vó, a mãe da minha mãe, pescava com o meu tio e chegava de fora com aqueles peixinhos, daí nós ajudava ela escala os peixe e colocava pra fazer tipo peixe de sol. Seca no sol. Eu lembro disso até hoje. Era assim. Daí a gente tinha aquele costume de ir pra praia, pegar siri, conchinha, e aquilo foi assim (pescadora Sara).

Os exemplos acima podem nos levar a pensar no sentido self em Archer (2000), ou seja, mulheres como agentes ativos, conscientes de si, desempenhando papéis escritos pelo seu próprio roteiro. A vista disso, as pescadoras relatam sobre a motivação advinda dessas mulheres avós como pescadoras de gerações anteriores, colocando em prática situações que movimentam possibilidades contrárias às normas de gênero transmitidas e criadas por modos de poder (Butler, 2019). Com o pensamento voltado a essas ações, podemos estender a leitura aos argumentos de Haraway, quando ressalta que “a libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade” (Haraway, 1994, p.244). No seguimento desse raciocínio as falas de Nena e Sofia, são expressivas:

Não senhora, não tem nada a ver isso que muito pescador fala que mulher não tem força, porque mulher tem força igual homem. E puxa uma rede alta, igual os pescadores têm lá, a mulher puxa a mesma coisa. Porque a minha prima também que pesca com o pai dela, ela vai lá pra alto mar com pai dela pesca, e ela que puxa aquelas rede alta também. E ela é que nem eu assim miudinha. E ela puxa junto com o pai dela a rede. Então é nada vê. Só se a mulher não tiver prática né. Se ela não tiver prática aí não dá mesmo, daí não dá conta. Mas se ela é do balacobaco, ela puxa a rede e vai embora. Ser do balacobaco é que tem experiência, que pesca né. Entendeu? Porque não joga a toalha não. Eu não joga a toalha não. Se for pra ir no alto mar jogar a rede, eu vou lá joga a rede e puxo (pescadora Nena).

Formalmente não existe a mulher pescadora. Eles não dão valor pra mulher pescadora. Pescador é só o homem né. Os homens ainda acham que as mulheres tem que ficar com o umbigo no fogão [...]Ah, o homem pescador é diferente. Porque ele vai pra fora, faz a força brutal. Eu acho que eles têm mais valor do que a gente que é mulher né. A gente não vai pra fora, não puxa uma canoa, não puxa uma rede. Mas não é isso!!! Não é assim!!! Mas tem mulher que puxa rede, tem mulher que pesca também lá pra fora. Então eu acho que o direito é igual pra todos né. Tanto o homem quanto a mulher, deviam ser valorizado igual (pescadora Sofia).

Segundo Rosaldo e Lamphere (1979): “A maioria das descrições dos processos sociais trataram a mulher como um ser teoricamente desinteressante porque em todo o lugar o homem tende a obter mais prestígio do que a mulher e porque ele usualmente é vinculado a papéis sociais de domínio e autoridade” (Rosaldo; Lamphere, 1979, p.26). A vista disso:

Mas é raro os que reconhecem que as mulheres são pescadoras. É raro. E as mulheres trabalham bastante. Se duvidar trabalham mais que os homens. Porque o pescador chega em casa, deita, come, dorme. Mulher não. Mulher é casa, é filho, é tudo quanto é coisa. E trabalhamos aqui a tarde inteira. É. E muitas mulheres dos pescador não vem trabalha no camarão, porque tem filho pequeno né. Não tem onde deixa (pescadora Silvia).

Percebemos na leitura dessas narrativas experienciadas pelas mulheres pescadoras, que elas aparecem nos entrelugares, diferenciando-se dos lugares que aparecem

como estruturados e representados na qualidade fixa. Isso posto, elas posicionam-se como produto e processo de representação quanto de autorrepresentação quando discursam sobre a sua valorização e a valorização dos pescadores. Dessa forma, no proceder de suas ações, as pescadoras representam e apresentam o que está e o que permanece fora desses discursos de lugares fixos levando-nos a pensar sobre o gênero real e o paradoxo da construção/desconstrução (Lauretis, 1994). Na fala que segue, Nena, por exemplo, desconstrói a ideia de que a mulher não tem força para puxar a rede lançada ao mar. Ela explica e descortina alguns pontos que reforçam a impossibilidade de as mulheres exercerem certas atividades na pesca:

É pesado, pesado é. Porque olha só, eu falo assim sabe, por que eles falam que a mulher não aguenta puxar a rede, porque eles ficam com a parte melhor, os homem, se eles forem puxar a rede. Tipo, se ele for na parte da cortiça que onde fica a boia né, que nas rede tem as cortiça né, a parte onde fica o motor lá, é onde fica o homem. Aí é fácil puxar a rede. Se for na parte do chumbo da mulher, onde fica a mulher, lógico o chumbo é mais pesado, porque o chumbo é bem mais pesado. É as mulher que puxam a parte do chumbo, a parte mais pesada da rede do que a parte da cortiça, que fica a cortiça, onde os homem é que puxam.

Embora as barreiras e dificuldades nas relações de gênero sejam alicerçadas pelo olhar cultural dos pescadores homens: “Eu não sei remenda rede. O meu marido nunca me ensino. Ele dizia que isso era coisa pra homem, não pra mulher. Ele era meio quadrado sabe” (pescadora Lola), elas evidenciam e defendem, em diferentes momentos, o lugar ocupado pelo homem enquanto pescador em todos os sentidos possíveis. Uma vez que, na luta pelo reconhecimento das suas atividades na pesca essas mulheres não objetivam “destronar” o pescador da sua posição, como já revelado no decorrer da leitura das suas narrativas. A vista disso, o que elas querem, e deixam bem claro nas afirmações por elas narradas, é ocupar o lugar de pescadora que para elas também é de direito.

Entretanto, não se pode dizer que exista reciprocidade em relação a confrontar lugares. Digo, ao lugar dos seus direitos advindos das relações de gênero o que as envolve em enfrentamentos com estereótipos de gênero, com questões ligadas ao corpo e a sexualidade. Isso decorre em situações, por exemplo, quando percebem resistências e preconceitos por parte dos pescadores mais distantes do seu convívio, isto é, pescadores que não se incluem na relação de parentesco - marido, pai, filhos, netos. Relembrando que as pescadoras da baía de Guaratuba não evidenciaram nenhum tipo de resistência ou preconceito por parte dos pescadores com os quais se relacionam. O que elas questionaram foi o comportamento dos organizadores da

colônia de Guaratuba e de certos pescadores da comunidade de Matinhos: “Aí o cara da colônia que deveria dá exemplo porque ele é da colônia, vai lá e passa a rede na frente do teu barco ali, né” (pescadora Nena).

No entanto, as pescadoras da comunidade de Matinhos, diferentemente das pescadoras embarcadas da baía de Guaratuba, relatam sobre as fronteiras que enfrentaram e enfrentam em determinadas situações, salientando não ser fácil lidar com os limites por elas experienciados no universo da pesca. Elas, então, ao mesmo tempo que indagavam sobre as barreiras, também se posicionavam frente a inversão dessas relações generificadas:

Os homens da colônia, os pecadores não reconhecem as mulheres como pescadoras. Porque eles acham que essa profissão é só para homem, não é para mulher. A diferença marca sim. Porque a profissão é pescador e pescadora (pescadora Nunes).

Com certeza. Eles não consideram as mulheres como pescadoras. Nós simplesmente somos descascadeiras de camarão[...], Mas é que em todo lugar tem os machista né (pescadora Sofia).

Nas interações que tive com os pescadores durante a realização de pesquisa anterior, como já mencionado (Oda, 2019), uma das falas dos pescadores caiçaras entrevistados da comunidade de Matinhos, me chamou a atenção, no sentido de que ao mesmo tempo em que relata que a mulher não faz parte da pesca embarcada, reconhece a mulher/mãe em outros aspectos da pesca como uma mulher de garra. Digamos, no entanto, que substanciada por um olhar cultural de tradição caiçara, é a forma como o pescador qualifica essa mulher como uma *mulher de garra*:

Ah faz uns cinquenta ano. Minha mãe criou tudo nós assim. Meu pai morreu, e minha mãe com meus irmão mais velho criou nós. Era tudo caiçara mesmo, mas minha mãe criou nós e nunca abandonou nós, nunca largou nós pra nada, nós ficamo tudo junto. O meu pai antes de morrer falou pra ela que era pra da nós, os filho, prá da pro padrinho, porque nós ia morre de fome. Ela não deu, criou nós tudo no sacrifício, ela era uma mulher muito trabalhadeira né. Ela fazia o artesanato da pesca e a roça, mas fome nunca passemos. Comia mandioca, arroz, farinha, feijão, peixe. Fome nunca passemos. Ela fazia o artesanato da pesca e a roça. Ela plantava mandioca pra faze farinha. Esse negócio de faze farinha de mandioca já faz parte da pescaria né. Fazia farinha da mandioca pra come com o peixe né. É a tradição, tradição caiçara, não adiantava ter o peixe se não tinha a farinha, tinha que ter a farinha né. Na verdade, mesmo, naquele tempo a mulher ficava fazendo o serviço, ficava fazendo o caldo de peixe. Naquele tempo o peixe frito, à milanesa, igual hoje, não existia. Era só o caldo de peixe mesmo. Ela trabalhava muito com artesanato, com o cipó. O pai ia pro mato e trazia o cipó, daí ela fazia o chapéu, aquelas cesta, o negócio de pôr embaixo das panela, o bernal. Minha mãe fazia tudo, tudinho aquelas coisa, e ela vendia na temporada. Era baratinho, mas ganhava um troquinho. Mas pescaria ela não fazia. Na verdade, mesmo, na verdade as minhas irmã quase não vinha pra praia. Mamãe não deixava, Deus o livre. Pra ir pra praia, mamãe não deixava. A mamãe mesmo, vó deles aí, não pescava. Eles não deixavam mulher grávida, no tempo da tainha. Mas antigamente todo mês tavam grávida. No mês de

maio, junho, tempo da tainha não deixavam mulher grávida desce pra praia. Era superstição deles né. (pescador C).

A ênfase ao não reconhecimento da mulher enquanto pescadora é marcante nas narrativas dos pescadores aqui citados. Eles reiteram que as funções que as mulheres assumem são voltadas para “o lar”, ou para uma extensão do lar, quando elas ocupam o lugar de auxiliar do pescador homem. Por isso, elas atuam fritando peixe, fazendo caldo de peixe, artesanato para vender na temporada. Mas esta não é a mesma visão das pescadoras:

Assim a gente fala da cozinheira, a cozinha ficou pra mulher cozinhar, mas não, o homem também faz. Assim como pescador e pescadora, eles sabem fazer, eles aprendem...então a gente fica meio assim frustrada com isso, fica lá embaixo (pescadora Nunes).

Quando perguntado a um dos pescadores da comunidade de matinhos - pescador este, que se desataca dos demais pescadores da respectiva comunidade pelas funções que exerce em favor da mesma e dos membros que a constituem, se a mulher poderia sair na embarcação para pescar por possuir a carteira de pescadora, ele me respondeu que:

Eu entendo assim, é um pensamento meu, deveria ter sim o pescador, com a carteira de pescador tudo, e deveria ter um outro tipo de carteira, um outro tipo de coisa pras pessoa que não são direto, são indiretamente pescador. Aí a pessoa ia ali e fazia uma carteira de descascadeira, ou de fileteira, ou de vendedora de peixe, entendeu. Porque quem enfrenta o mar mesmo, é totalmente diferente. Até pode a mulher embarca, mas não vai (pescador x).

A fala do pescador x, reflete o pensamento de Butler (2019) quando nos diz que “os corpos tendem a indicar um mundo para além deles mesmos, e que esse movimento para além de sua limitação é também o movimento do próprio limite” (Butler, 2019, p. 9). Quando a negação que sustenta a expressão “não tem mulher pescando aqui” torna-se “*insustentável*”, surgem outros limites para alimentar os movimentos da limitação:

Um dia ela pegou um senhor que era evangélico como testemunha lá na colônia, ela não falo nada para ele. Chegou lá, perguntaram pra ele se essa senhora pesca, ele disse nunca vi. Era evangélico, não pode menti. Na verdade, eu gosto de escutar esses tipo de conversa. Eu saio daqui e vou lá na vila dos pescador, eu gosto de escutar essas história do local, porque tem cada coisa, pra eu dá risada (pescador y).

A concepção que os pescadores “defendem” no sentido de quem pode ou não ser considerado pescador, é sedimentada por visões e pensamentos fixos. Por conseguinte, eles reproduzem valores elaborados historicamente que são

substanciados por uma ordem sociocultural masculina que contrapõe feminilidade e trabalho, embora as práticas cotidianas destas mulheres revelam outras realidades:

A gente, como mulher, comunidade, fica triste quando escuta fala que não existe pescadora, fica triste. Porque existe o pescador e existe a pescadora também. O pescador e a pescadora são praticamente a mesma pessoa, tipo o mesmo trabalho. Não tem diferença. A gente fica triste de não ser reconhecida. Pra mim chateia a diferença entre o pescador e a pescadora. Porque não é certo você não valoriza a mulher pescadora como valoriza o pescador também. Porque por mais que eles acordem de madrugada e vão pro mar, a gente também, a gente também. Olha a Lola aí, quantas vezes acordo de madrugada para ir pra alto mar, ajuda o marido dela, no frio e tudo. Mar agitado, mar calmo. Então eu digo assim, o que eles fazem a gente também faz. Claro que não é com a mesma força deles, mas a gente não fica nada pra traz não. Então era mais justo a gente também ter o reconhecimento da profissão. Não querendo se iguala né, porque a força deles é bem diferente, então o sofrimento deles é bem maior, mas que a gente tenha um pouquinho mais de reconhecimento né. Nós também somos pescadoras parrudas (pescadora Zaira)

Todo o discurso apresenta a mulher como uma trabalhadora de segunda e lhe nega a sua capacidade de produtora que poderia assegurar-lhe um reconhecimento social e econômico. Logo, são os homens que embarcam e pescam, dado que pescar não é uma atividade de realização “fácil”. Há de se considerar que o produto da pesca, ou seja, os peixes, os camarões (...), são obtidos à custa de operações penosas que as mulheres dificilmente, ou de forma alguma, realizariam segundo a visão culturalmente substanciada dos pescadores (Motta-Maués, 1999).

É esse raciocínio que sustenta o princípio de uma dicotomia de espaço. Digo, o espaço masculino e o espaço feminino, respectivamente dividido pelo mar onde os homens pescam e pela praia, em solo firme, onde “reinam as mulheres” com suas atividades restritas a esse espaço que se produz e se reproduz culturalmente por vias da supremacia masculina (Alencar, 1993). No entanto não é essa visão que as mulheres pescadoras transmitem em suas narrativas. Elas reconhecem o mar como um espaço perigoso, de risco, de aventura. E identificam o pescador homem como o herói que enfrenta o perigo, os riscos aventurando-se em alto mar:

É triste em alto mar. Você chega lá fora você não vê nada, só vê água de tudo quanto é lado. Se a canoa vira aqui eu morro porque não sei nada. E às vezes tem mais de dois tripulante na canoa, como é que vai salvar todo mundo se um só sabe nada. Então não é fácil, não é fácil. Você às vezes com fome, com frio, garoa. A vida do pescador é triste guria. A gente que tá em terra é fácil fala. Diz isso não tá em questão. Tá sim. Tá tudo em questão. E o que é isso. Isso é a verdade (pescadora Lola).

Porque que nem, não é qualquer pessoa que vai pra fora[...]ninguém nasce natural dentro do rio[...]Cada um vê de um jeito. Eu concordo que é pescador quando vai pra fora e puxa o chumbo, e puxa a rede. Então não é fácil ser pescador (pescadora Zaira)

A maneira como expõem o que pensam do homem pescador e do mar, bem como enxergam a inteiração que existe entre eles, faz-nos perceber que elas não se colocam em polo oposto. O mar não representa para essas mulheres pescadoras um cenário de banalidade cotidiana e, por conseguinte, os espaços mar/terra não são para elas dotados de signos contrários (Castle, 2014). Ou seja, não existe para as mulheres pescadoras uma oposição entre mar e terra, e esse pensamento se estende às atividades desempenhadas visto que, enquanto pescadoras, elas atuam tanto o mar quanto a terra:

A primeira mulher aqui de Guaratuba inteiro que foi pilotar barco sabe quem foi? Fui eu. Primeiro fui eu, depois a mãe da Nena, a tia Maria, ela falou, oi Sara eu também vou, e foi mesmo, ela era porreta. E foi assim. Daí foi a minha irmã, depois a Nena também adquiriu o barquinho dela e foi. Agora você olha assim, quando a gente vai fazer pescaria com o pessoal, tá aquele monte de piloto né, pescando, daí eu chego no meio lá, todo mundo fica assim oh, nossa, uma mulher lá, pilotando, não é homem? Tipo, vai eu e a Nena, a minha prima, por exemplo, aquele monte de piloto, só eu e ela de piloto, ou eu ou ela, a turma fica assim oh, boca aberta porque é mulher (pescadora Sara).

Assim, diante do que narram, não existe para elas desigualdade e nem supremacia entre os trabalhos realizados na comunidade pesqueira. Diferentemente, os pescadores ressaltam que a interrelação entre mar/pesca só pode ter uma existência autêntica quando realizada por homens. Dessa forma os pescadores materializam a resistência e a defesa, pois ao reiterar a ordem sociocultural masculina no universo da pesca, eles mantêm seguro o que essa ordem lhes considera como de “direito”: os únicos a quem socialmente é permitido ocupar a posição do pescador. Em outros termos, a simbolização do homem do mar.

A expressão simbólica nesse contexto relacional dos pescadores “Homens” com as pescadoras ‘Mulheres manifesta a supremacia da figura masculina que é significativamente presente nas ações dos pescadores. Nesse cenário, as mulheres envolvidas na pesca são vistas como uma ameaça à simbolização de representatividade histórica e social dos detentores do poder gerador da natureza, seguindo a abordagem reflexiva de Butler (2019): [...] “o falo não tem uma existência separada das ocasiões de sua simbolização; ele não pode simbolizar sem sua causa” (Butler, 2019, p. 162).

Embora a identificação de gênero pareça sempre coerente e fixa, é extremamente instável (Scott, 1995). Na direção dessas leituras analíticas, retomo pontos relevantes sobre o lugar que a pescadora Cida ocupava - uma mulher

“diferente”, que limpava e filetava o peixe. Como já explicado no contexto dos escritos da pesquisa, este é um lugar para os pescadores homens, pois não cabe à *mulher* manusear o facão. Entretanto, a Cida, ou Cidão, como eles a chamavam, devido ao seu “jeitão”, ao “seu corte de cabelo”, ao “seu corpão, que era resistente”, tinha permissão de “*poder*” ocupar esse lugar e desenvolver as atividades destinadas ao **pescador homem**, pois “imagina uma mulher delicada ali, não aguentaria”. Percebe-se claramente que a dualidade na interpretação de Cida/Cidão revela que realizar certas tarefas durante o processo de pesca tem algo em comum com o vestir de certo jeito, cortar o cabelo, falar, andar, a resistência do seu corpo, entre outros aspectos.

A maneira como Cida se apresentava na visão dos pescadores, digo, “o jeito” da Cida, pôde ser compreendido como um combinar das explicações sobre performatividade e divisão sexual do trabalho. Uma vez que ela estava continuamente se apropriando e equilibrando-se habilmente nas fronteiras que separam nossas ações do modo como somos interpretados socialmente. Em outras palavras, o que Cida vivenciava em relação ao seu “jeitão de ser” pode ser entendido como o recalçamento das normas culturais aos corpos femininos, e conforme Butler (2003, p. 139) “esse recalçamento produz o objeto que nega”:

Todos tem respeito por mim. Todos. É porque eu sempre tive respeito com eles[...] Já saí pro mar várias vezes, várias vezes. Sempre com os meus pescador aqui. Com a minha turma [...] Cabou-se o tempo de fala isso que mulher não pode ser pescadora, porque isso é trabalho pra homem. Isso não existe mais. Isso é uma falta de respeito, porque mulher tem o mesmo direito de ir e volta, igual os homem [...] Pois é, mulher não fica só no fogão. Tem mulher motorista, tem mulher marinheira. É isso aí minha criança, então é isso. E para os pescador que estão chegando agora eu diria para respeitar a gente e ficar em paz com a gente (pescadora Cida).

Podemos fazer a leitura da narrativa de Cida sob um prisma que aponta dois caminhos reflexivos e críticos em relação ao binarismo sexual e de gênero. Quando Cida disse: “Cabou-se o tempo de fala isso que mulher não pode ser pescadora, porque isso é trabalho pra homem [...] Isso não existe mais”, ela se contrapôs a opressão feminina rompendo com a ideia da natureza das mulheres destinada somente ao mundo privado, em que tanto os corpos quanto as mentes são produtos dessa manipulação opressiva. Mas Cida fez questão de enfatizar que tinha respeito por esses pescadores, e que esse respeito seria mútuo. Ela considerava que o respeito que tinha pelos pescadores era correspondente. Isso decorre pelo fato de ter sido permitido pelos pescadores que saísse pescar com a turma, assim como desenvolver uma função de filetar peixes, função esta que é cabível aos pescadores.

Por essas “aceitações” por parte dos pescadores, ela considerava-se respeitada. E quando continuamos uma leitura interpretativa sobre a sua fala em relação a esperar que os novos pescadores que estão chegando a respeitassem para ficar em paz, ela estava atribuindo a esse respeito o direito de *ser quem ela era*, uma mulher “diferente”, sem ter que enfrentar questionamentos. De acordo com o pensamento de Wittig (2019, p.83): [...] “não existe um grupo natural “mulheres” (nós, lésbicas, somos a prova viva disso), mas também como indivíduos nós questionamos “mulher”, que para nós, assim como para Simone de Beauvoir, não passa de um mito”. Portanto, Cida só queria ser respeitada!

Em alguns momentos das entrevistas com Cida e com as descascadeiras de camarão, logo depois de algumas falas em cujas vozes reivindicavam o direito de serem reconhecidas e respeitadas enquanto mulheres pescadoras, elas silenciavam-se. Quando narravam experiências que marcaram de uma forma mais “aprofundada” as suas vidas, a impressão que passava é que elas complementavam as suas falas com esse silêncio. E, a depender do que falavam, esse silêncio dizia muito. Interessantes são as colocações e orientações de Foucault (1988) a respeito dos silêncios nos discursos:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (Foucault, 1988, p. 30).

O desejo de serem respeitadas enquanto mulheres pescadoras, é um referencial muito forte. Elas lutam para manterem-se firme naquilo que acreditam e que as suas falas reforçam, ou seja, são pescadoras e as suas funções e atividades são necessárias nesse universo da pesca: “Os pescadores depende de nós né, porque não adianta eles trazerem o camarão e não tem como descasca. Nós somos a mão de obra. É nós. É nós na fita, como diz a experiência. Eles precisam da gente” (pescadora Lola). Quando a entrevistada Lola ressalta “*como diz a experiência. Eles precisam da gente*”, ela manifesta uma visão diferente da visão alicerçada pelo masculinismo nesse mundo da pesca. Essa visão é compartilhada com as outras mulheres pescadoras, despontando modos de agir diferentes, experiências diferentes: “A gente nasceu nisso aqui, a gente vive nisso aqui. Já é de nascença. Eu me reconheço como pescadora” (pescadora Silvia); “Eu também levo o pessoal pra pesca,

a pesca esportiva né. Então, é por isso que de mim eu nunca escutei falarem que não sou pescadora” (pescadora Nena). Na continuidade das vozes, Sara salienta:

E quando eu não tava pescando, eu tava limpando peixe pro pessoal do late. Eu já ia com a faquinha na mão pra limpa peixe pra eles. Pegando peixe, limpando peixe, depois eu comecei a tarrapear, andar de barco mesmo, aí ninguém me segurava mais (pescadora Sara)

A partir do que lemos, as suas ações apontam [...] “que nenhum de nós age sem condições para agir, mesmo que algumas vezes tenhamos que agir para instalar e preservar essas condições” (Butler, 2019, p. 22). Assim, a necessidade de “mostrar” as práticas de pesca alinha-se com a ideia de que a presença visível é essencial para o reconhecimento e a legitimidade:

É um serviço que a gente ama fazer. Porque é um serviço que a gente aprendeu. Eu aprendi desde os seis anos de idade. Trabalhei já em outros serviço, rodei, rodei, mas voltei pro camarão porque é o que eu mais gosto de fazer. Eu faço com amor, eu não faço com preguiça. Posso tá doente, mas é com amor (pescadora Lina).

A leitura que podemos fazer das ações cotidianas dessas mulheres pescadoras, reflete que a posição estratégica que elas ocupam e demonstram, exteriorizam movimentos diferentes. Esse aspecto nos leva a refletir sobre a questão do discurso do poder e o poder do discurso que substancia as práticas sociais. Recorro, por considerar pertinente a esse contexto analítico, aos escritos de Foucault (1999) que ao indagar sobre **como os domínios de poder puderam se formar a partir das práticas sociais** salienta que as práticas sociais podem gerar domínios de saber, diante dos quais aparecem novos objetos, conceitos, técnicas, como também surgem formas totalmente novas de sujeito e de sujeitos de conhecimento. Toda essa reflexão foucaultiana me fez pensar nas mulheres pescadoras, principalmente quando ele nos diz que “a formação de um certo saber do indivíduo normal ou anormal, dentro ou fora da regra, nasceu das práticas sociais do controle e da vigilância”. E esse saber “não se impôs a um sujeito do conhecimento, não se propôs a ele, nem se imprimiu nele, mas fez nascer um tipo absolutamente novo de sujeito de conhecimento” (Foucault, 1999).

Não ressalto aqui, ao me referir às mulheres pescadoras, que exista um tipo “absolutamente novo” de sujeito de conhecimento. Entretanto, prende-me a fala de Foucault quando sublinha que enquanto sujeitos do conhecimento eles têm uma história. Logo, enquanto sujeitas do conhecimento, as mulheres pescadoras têm uma história. Elas têm uma relação complexa conectada com humanos e com não-

humanos que referenciam à pesca. Outro ponto da discussão que aqui se expõe e que coloco em concordância com as análises foucaultiana, é em relação ao discurso que alicerça e substancia todo o movimento das práticas sociais de controle e da vigilância. Isto significa, que esse discurso não é somente um conjunto regular de fatos linguísticos, mas é também um discurso de “jogo estratégico, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta” (Foucault, 1999, p. 9). A forma como as mulheres pescadoras interagem com esse discurso, melhor dizendo, como elas se conectam a esse jogo estratégico, quais suas ações e reações, quais as perguntas que elas levantam e quais as respostas que elas buscam, quando são dominadas, se são dominadas, e quando se esquivam nas lutas das suas experiências, narradas por elas, são os pontos relevantes que esta pesquisa vem demonstrando no decorrer desses escritos.

6.4 AS VOZES FRENTE AOS ESTIGMAS

Nas suas experiências as pescadoras relatam o enfrentamento à estruturação dos estigmas em diferentes situações relacionais. As situações por elas experienciadas expressam, no meio a atributos e estereótipos, confrontos que interagem as relações sociais locais com o espaço mais amplo. Dito de outra maneira, conflitos estigmatizados em cenários distintos da comunidade pesqueira onde desenvolvem as suas atividades. Referem-se, assim, à colônia dos pescadores; ao INSS; e outros espaços em que vivenciaram experiências que marcam e marcaram as suas trajetórias em relação a questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Essas experiências levam-nas a assumirem uma postura em busca de direitos que foram, por intermédio desses conflitos estigmatizados, negligenciados:

E a gente ta aqui oh, e não vem ninguém dá valor, não vem ninguém. Vem na época da política, ah, aí vem, aí chove. Mas é assim, essa sala do camarão é esquecida, é só nós, aqui nós como assim, esquecida, ninguém dá valor pra mulher. A gente queria ser mais vista sabia. Porque a gente é ser humano, a gente também é ser humano [...] Esquecida. Esquecida. A mulher aqui da pesca é esquecida. E gozado que ta essas mulher lá no Planalto, lá na deputada, senadora, mas não fazem nada. Pra que tão lá. Só pra ganha o dinheiro? Porque não vejo nenhuma defendendo a mulher lá. Não vejo. Hoje ainda vi a entrevista deles lá, eles só sabem briga pelos salário deles e se discuti lá naquela reunião lá, naquela baixaria que a gente vê. Mais dize que vai defende a área da pesca, as mulher, mentira, mentira porque ninguém faz nada. Então a gente fica incoada, fica incoada. Meu Deus do céu guria. Meu Deus (pescadora Lola).

Seguindo o sentido analítico de Goffman (1980), levantamos a questão: Quais exigências deixaram de ser preenchidas pelas mulheres pescadoras, tornando-as, conseqüentemente, diferentes e menos desejáveis? “Nós só somos visíveis no mercado, lá nós somos. Ganha aqui e gasta lá” (pescadora Sofia). A resposta está na relação entre os atributos e estereótipos e os efeitos que eles têm nas interações sociais. Os atributos estão presentes nos indivíduos que são aceitos por corresponderem à identidade social virtual, ou seja, a expectativas normativas projetadas, não sofrendo nenhuma discrepância quando essas expectativas são confirmadas e resultam na identidade social real (Goffman, 1980).

Distante, assim, do indivíduo que a socialidade qualifica como normal, podemos reler e melhor entender as colocações narradas e visivelmente estigmatizadas presentes na fala de Lola: “Mas é assim, essa sala do camarão é esquecida. É só nós. Aqui nós somos assim, esquecida. Ninguém dá valor pra mulher”. Outrossim, o estigma, visivelmente perceptível, evidencia-se por meio das narrativas em outras situações que marcam a presença de estereótipos de gênero:

Porque só a maioria os homens é que são falados no INSS, em tudo quanto é lugar... Eu trabalhei desde criança na pesca, desde criança. Só que eu nunca me aposentei, nunca me fiz nada porque a gente era bobo né. Não achava que nunca ia ter, nunca fiz documento nada [...] agora que eu fiz o documento, faz treze anos que eu tenho o documento da pesca [...] Eu tive num Congresso em São Luiz do Maranhão em 2017, eu passei por Brasília e tive num Congresso de pescadora aqui em Matinhos que foram cinco dias de Congresso e lá também foi quatro dias de Congresso em São Luiz do Maranhão. Eu tenho certificado, eu tenho as cartilha, eu tenho tudo que eu tive lá e foi uma benção. Eles fazem muita palestra. Eu aprendi muito lá. Ali em São Luiz do Maranhão que a gente foi eram muitas horas de avião, a gente foi e ali era um Congresso voltado mesmo para mulheres pescadoras, assim do entorno marítima do Brasil mesmo. Tinha assim, acho que umas duzentas mulher tinha. Eu fiz amizade com muitas delas, mas hoje nem lembro muito os nome né. A gente aprendeu sobre pescaria, a gente aprendeu sobre os nossos direito, que a gente tem direito no INSS, porque nós pagamo o INSS. Aprendemo que nós temo direito a pesca né, Mulheres voltada para pesca hoje tem direito para pesca, pra tudo. Foram dito muitas coisa porque foram quatro dias de palestra (pescadora Lina).

É verdade que as falas trazem à tona o peso do estigma em diferentes cenários por elas experienciados. De acordo com Stadtler (2013) o trabalho das pescadoras e suas especificidades sofrem esquecimento quando da elaboração de políticas públicas para o setor. Nas leituras que fazemos das suas experiências, percebemos o **esquecimento existente** em relação às pescadoras na elaboração de políticas públicas para o setor. Contudo, as situações estigmatizadas que emergem, por vezes frutos desse esquecimento, não as impossibilita de possuírem autonomia na reflexão,

para questionar práticas e discursos que não correspondem e não reconhecem à realidade do cotidiano que elas vivenciam enquanto pescadoras:

Não. A mulher pescadora não é importante, e vou te dizer por quê. A mulher do pescador, ela é assim oh. eu tinha uma amiga minha, a Cris, que tem uma loja lá em cima, ela tinha uma banca aqui, é a nora do Moisés. Um dia ela vinha vindo lá do centro e encontrou com a Andreia, a mulher do Cafu, então, daí elas se encontraram lá e a Cris falou pra Andreia, vamos lá no cravo e canela pra gente compra uma coisa, ela disse vamo né, não tem nada de mais. Aí a Cris entrou e a Andreia ficou esperando, uma das mulher lá da loja, que atende lá, diz que fez bem assim por detrás da Andreia, tampou o nariz e fez assim... do mau cheiro. Agora veja, elas que andam bem ajeitada, bem arrumada, toda de salto, agora imagina a gente. A gente só não é humilhada numa loja, desprezada, porque a gente conhece muita gente dentro da loja, sabe que é uma trabalhadora. Mas se a gente entra num lugar grande, hum, a gente nem dão bola pra nós, não dão mesmo. Então, a mulher não é vista, a mulher pescadora não é vista. Eu queria que ela tivesse mais crédito, porque isso aí gurria, dói na gente. O que fizeram pra ela, fazem pra gente também. Uma vez eu entrei aqui no fio de linho, sai daqui só passei a mão no perfume, aí tinha uma menininha que falou pra mãe, ui mãe que cheiro de peixe, a mãe disse é mesmo que cheiro de peixe, daí eu disse não senhora, não é peixe é camarão, é de mim. Eu estava trabalhando até agora, até agora trabalhando. Saí do serviço e vim compra uma coisinha aqui. Então eu vi a mãe e a menina achar fedor do camarão. Olhe gurria é triste. Talvez sabe, eu sempre digo, tomara que essas mulheres em um dia não precise estar aqui, porque se precisa como muitas mulheres que vem aqui bate na porta e dizem dona Lola eu posso limpa camarão, eu digo venha, pode vir, porque tem espaço pra todo mundo. Não é só porque nós como mulher de pescador que vamo fecha a porta pras outra, não. (pescadora Lola).

Como as narrativas revelam, os estigmas experienciados pelas mulheres pescadoras não as encaixa ao modelo da identidade social real que estabelece o quê o indivíduo deveria ser: “Pra mim, despreza assim, não desprezaram, mas já falaram do mau cheiro. Já desdenharam assim que mau cheiro, que fedor. Porque a gente tá trabalhando aqui no pescado, e sai daqui não tem tempo de toma banho” (pescadora Sofia). De acordo com as normas sociais na condição em que são estigmatizadas, ou seja, no fato do estigma ser relacional e produzidos nas interações a partir dos atributos individuais das regras, considera-se que o “mau cheiro do camarão e do peixe que elas exalam”, impregnado na pele dessas mulheres pescadoras, devido ao manuseio diário de um trabalho, também não está na lista das qualificações de um modelo de trabalho ideal (Goffman, 1980):

Eu nunca sofri preconceito por causa do cheiro do peixe. Não são louco. Daí, se me olhou e disse, eles já sabe o que eu faço. Eu digo assim: eu to trabalhando minha filha, agora se você pode fica sem trabalha eu não posso fazer nada, mas é meu serviço. To trabalhando, é o meu ganha pão e se quiser eu pra ficar só sentadinha e me paga bem, eu vou (pescadora Cida)

Há de se pensar também que essas experiências em contextos estigmatizados, que fizeram e ainda fazem parte do cotidiano dessas mulheres, manifestam

mecanismos de poder. Pertinente é o pensamento de Foucault (1988) sobre as situações de domínio e as suas argumentações a respeito de como o poder deve ser compreendido:

“[...] primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamento incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. A condição de possibilidade do poder, em todo caso, o ponto de vista que permite tornar seu exercício inteligível até em seus efeitos mais “periféricos” e, também, enseja, empregar seus mecanismos como chave de inteligibilidade do campo social, não deve ser procurada na existência primeira de um ponto central, num foco único de soberania de onde partiriam formas derivadas e descendentes; é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis [...] o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência e que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (Foucault, 1988, p. 89).

No que tange os percalços frente aos conflitos com os estigmas, refletem-se as situações de domínios em que o poder está contido possibilitando que esse domínio possa ser colocado em prática no contexto das relações sociais. Entretanto, não há por parte das interlocutoras dessa pesquisa, um posicionamento de aceitação “passiva” como ressaltam em suas falas:

No INSS nós não temo valor. Porque eu sei por que eu fui batalhar lá pra me aposentar, não podia falar que limpa camarão. Porque quem tem que aposenta você é o dono do camarão, não eles lá. Eles falaram assim, nós aqui não. Então daí eu falei, como é que fala moço? “Ah você diz que é marisqueira”. Marisqueira, eu nem nunca tirei um marisco na vida, eu sou marisqueira? Aí eu me zanguiei, eu vim pra cá, eu disse pro meu filho: não vou fazer mais nada. Joguei meus documento ali na mesa dele. Ele disse me dá aqui. Correu no advogado. Tava tudo prontinho guria, era só me aposenta. Não deu quinze dia a advogada me aposento. Mas lá, nós, descascadeira de camarão, não tem valor. Prá eles não [...] Você vê como é as coisa guria. Então você não pode assumir a profissão que você tem. Oh, quantos ano eu moro aqui, desde 1970. Todos esses ano batalhando aqui na sala do camarão. Pagando a colônia. Já fui pesca com o meu marido. Paguei o INSS mais de quarenta ano, pra pode me aposenta. Ih, sem valor, sem valor nenhum. Por quê? Porque a mulher é uma classe baixa. A mulher é a última que fala (pescadora Lola).

Na leitura que fazemos das experiências que envolvem estigma e poder em relação ao “*fedor do camarão*”, ao “*descaso do INSS*”, “ao descomprometimento da colônia dos pescadores e pescadoras”: “Eu não sou mais filiada à colônia. Eu saí de lá, eu saí de lá porque eu briguei feio com ele sabe. Briguei feio com o presidente da colônia. Porque daí eu falei umas verdade pra ele e ele não gosto né” (pescadora Nena); “às promessas somente nos períodos de eleição”, as falas revelam o caráter

relacional entre as correlações de poder e a resistência a estas correlações. Nas suas narrativas as mulheres pescadoras demonstram que “não se intimidam” para falar sobre os que lhes incomoda. E nem tão pouco colocam travas nas suas palavras:

É que aqui em Guaratuba a colônia ta afundada. Ninguém quer pega a colônia de Guaratuba. Antes era boa, mas depois foi pro lado político, não presto. Ele, o presidente da colônia, mesmo responde uns três ou quatro processo político por causa de carteira. Porque ele sai distribuindo carteira de pescador e pescadora pra um monte por aí, que nem são pescador. E eu e o meu marido não temos. Mas ele tem um deputado que sempre ta livrando ele dos processos. Aí uma vez ele veio pedi voto, pra ele como vereador e pra deputado, eu pus ele pra corre daqui. Eu falei pra minha carteira, não fez, agora vem pedi voto aqui, falei assim: você não tem vergonha, pode ir embora daqui (pescadora Sara).

Assumindo essa postura, agenciam resistentemente às correlações de poder, com as quais elas se confrontam. Ademais, a existência das correlações de poder acontece, e somente dessa forma, em consequência de uma diversidade de pontos de resistência os quais se configuram nesse processo relacional enquanto adversários, conforme nos explica Foucault (1988):

[...]existem resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. Mas isso não quer dizer que sejam apenas subproduto das mesmas, sua marca em negativo, formando, por ocasião à dominação essencial, um reverso inteiramente passivo, fadado à infinita derrota. As resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo na relação de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível. Também são, portanto, distribuídas de modo irregular: os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento [...] É mais comum, entretanto, serem pontos de resistência móveis e transitórios, que introduzem nas sociedades clivagens que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos, percorrem os próprios indivíduos, recortando-os e os modelando, traçando neles, em seus corpos e almas, regiões irreduzíveis (Foucault, 1988, p. 91-92).

Enquanto pontos de resistência atuantes nas relações de poder, as mulheres pescadoras têm discernimento que a busca aos direitos que reivindicam, estende-se a um espaço maior além do reduto da comunidade pesqueira, como o da estrutura estatal, por exemplo (Mills, 1972). Pensar aqui a questão da resistência, faz-me interagir com Butler (2019), quando nos convida a refletir sobre a relação entre vulnerabilidade e as formas de atividade que marcam nossa sobrevivência, florescimento e resistência política. Nessa trajetória de análise, expõe que nossos

corpos precisam de alimento, abrigo, proteção, liberdade de movimento, trabalho, assistência médica, e apoio de outros corpos para sobreviver. E argumenta que os corpos requerem não apenas outras pessoas, mas também sistemas sociais de apoio complexos, os quais são cada vez mais precários. Reunindo-se em espaços públicos e virtuais, formando assembleias que ligam diferentes locais e grupos de pessoas, esses corpos pertencem aos espaços físicos e tecnológicos onde vivem, se movem, trabalham e desejam. Criticamente Butler ressalta que se os corpos fossem sempre ativos e autoconstituídos, não seria preciso lutar pelas condições que permitem essa atividade livre em busca de justiça econômica e social. Assim são estas mulheres pescadoras. São também conscientes da extensão dos limites advindos dessas forças “contrárias”, pois interagem com as realidades e as dinâmicas de poderes estruturais limitadores:

A classe do pescador não tinha crédito em lugar nenhum. A classe do pescador era a mais rebaixada aqui. Aí entraram a parceria da ANATER e o BANCO DO BRASIL, foi aonde saiu o PRONAF, daí deram crédito pro pescador. Antes não tinha nada. O pescador era um esquecido [...] É uma coisa que eu acho muito falta, é quando nós tinha matéria aqui, nós tinha vários curso. Eu tenho um monte de diploma lá que eu fiz vários curso. Agora tem poquinho mulher, mas tem dias que tá cheio. Tem dia que tem seis, sete, quatro, e tem dias que tem mais de 20 mulherada descancando camarão. Então, as mulher, porque elas tão aqui ganhando o dinheirinho delas, mas elas podiam fazer outra coisa, outra atividade sobre a pesca, da pesca. Mas não tem, é só o camarão. Eu sei fazer flor, sei fazer pão, doce, panetone, tudo que aprendi aqui. Eu fazia sabão, trabalhava em conjunto com o PRONAF. O PRONAF dava o material e nós dava em sabão. Eu sei fazer muita coisa, mas elas não sabem. Então a gente acha falta. Então, o camarão dá, mas ter mais uma fontinha de renda, melhor ainda. Elas ocupa o tempo delas, não é verdade [...], Mas é assim a nossa vida. Mas eu queria que voltasse o tempo antigo, que nós tinha médico, dentista, tinha tudo aqui pra nós. Tinha farmácia, tudo isso. E agora hoje nós não temo nada. Só temo a sala de camarão. Então a gente quer uma força de vocês, que vocês ajude nós. A gente não quer nada, nada de mais [...] É verdade. Tudo que sai daqui não é mentira não. A gente tem como prova (pescadora Lola).

É muito difícil a vida do pescador. E as vez fica aí esquecido ninguém da valor. Era pra nós ter uma ambulância, uma coisa aí, que se Deus o livre acontece alguma coisa aí como já aconteceu com muita gente... Apesar que agora, a maioria dos pescador tem um carro, mas mesmo assim né. Era pra ter uma ambulância aí, porque espaço tinha bastante. A gente mesmo, aí tem época que fica ruim, daí então fica ruim, tem que leva pro hospital, infelizmente não tem. Antes tinha dentista, tinha médica. Agora não tem mais nada disso. Acabo-se tudo. Agora não tem mais nada (pescadora Cida).

Chama-nos a atenção no decorrer das falas das pescadoras, duas situações relevantes em relação aos conflitos estigmatizados. A primeira é o posicionamento das pescadoras embarcadas e descascadeiras no sentido de que em quaisquer das circunstâncias narradas, as vozes estão sempre na representação de todas, elas não

se colocam no singular. Ou seja, na maioria das vezes, melhor dizendo, quase sempre, são pronunciadas e enxergam-se como “a gente”. Mesmo quando narram uma situação de estigma em que estavam só, a narrativa dessa experiência se conecta às mulheres pescadoras. A outra situação reflete o fato de que as pescadoras se posicionam em resistência frente aos mecanismos de poder contrários aos direitos que buscam e que se encontram em espaços externos ao mundo da pesca em que elas convivem, ou seja, ultrapassam as fronteiras dos espaços onde se situam enquanto integrantes de comunidade pesqueira.

No desenvolver das leituras analíticas, o conteúdo das narrativas traz à tona dinâmicas que movimentam as suas ações. Ou seja, ao considerarem a realidade das estruturas de poder limitadoras e posicionarem-se de forma resistente, a exemplo do afronto aos estereótipos de gênero, as mulheres pescadoras evidenciam um certo avanço diante das condições históricas hierárquicas em relação ao masculino. Melhor dizendo, um olhar crítico à desigualdade de gênero que aciona as suas ações, em certas situações:

Paguei o INSS mais de quarenta ano, pra pode me aposenta. Ih, sem valor, sem valor nenhum. Por quê? Porque a mulher é uma classe baixa. A mulher é a última que fala[...] Mais dize que vai defende a área da pesca, as mulher, mentira, mentira porque ninguém faz nada. Então a gente fica incoada, fica incoada. Meu Deus do céu guria. Meu Deus (pescadora Lola).

Podemos, assim, interpretar as representações das mulheres pescadoras no sentido de que elas buscam de alguma forma visibilidade e legitimidade (Motta-Maués, 1999) como sujeitas em um processo político (Martínez e Hellebrandt, 2019): “Porque só a maioria os homens é que são falados no INSS, em tudo quanto é lugar [...]” (pescadora Lina). Nesse cenário, o fato do sujeito ser culturalmente construído, não o abstém de agir reflexivamente. Essa linha de pensamento que substancia a maneira como as mulheres pescadoras interagem “com e em seus” diferentes posicionamentos que circulam nos discursos interligados, dialoga com a possibilidade de “não haver necessidade de existir um ‘agente por trás do ato’, mas que o ‘agente’ é diversamente construído no e através do ato” (Butler, 2003, p. 205).

A vista disso, nas estratégias em que politicamente se posicionam, existem pontos de análise. Um deles é quando as mulheres pescadoras assumem uma postura em que suas agências estão voltadas a “conquistar” a legitimidade de ocupar o lugar no universo da pesca que elas consideram, como já dito, também de direito. Elas narram que para isso acontecer elas precisam ser “vistas e ouvidas”: “A gente

não tem a mesma categoria deles, mas...(silêncio)...É só isso que a gente quer, que olhem mais um pouquinho pra área da mulher da pesca. Valorize um pouquinho mais” (pescadora Lola); “Então era mais justo a gente também ter o reconhecimento da profissão [...] Nós também somos pescadoras parrudas” (pescadora Zaira).

Lola e Zaira apontam para a extensão de um olhar de valoração “*um pouquinho mais*” para área da mulher da pesca. Dito de outro modo, esse olhar se estende ao Estado⁶⁴, principalmente ao órgão do INSS. Estende-se, também, à colônia dos pescadores e pescadoras, que de certa forma são alicerçados pela cultura de tradição caiçara, enfim uma longa estrada que define a expressão “*A gente não tem a mesma categoria deles, mas [...]*”. Essa é uma dentre as razões que faz essas mulheres pescadoras valorizar o elo que existe entre elas enquanto grupo. A fala da pescadora denota e corrobora essa relação de cumplicidade: “*A união faz a força. Juntas para combater a desvalorização*” (pescadora Nunes).

A outra visão política está voltada à valorização das atividades pesqueira em um contexto social relacionado aos problemas que atingem as pescadoras e os pescadores. Nesse sentido, as mulheres relatam em suas narrativas ter experienciado dificuldades, e por essa razão têm consciência da luta árdua no sentido de que esta profissão seja valorizada:

Vergonha nós nunca temo, mas a classe de pescador não tinha valor nenhum. A classe do pescador não tinha crédito em lugar nenhum. A classe do pescador era a mais rebaixada aqui. Aí entraram a parceria da ANATER e o Banco do Brasil, foi aonde saiu o PRONAF, daí deram crédito pro pescador, antes não tinha nada, o pescador era um esquecido (pescadora Lola).

Somos conscientes que quando reivindicam mais valorização, mais direitos, melhores condições de trabalho para a classe do pescador, elas se reconhecem como parte integrada a essa classe, pois são pescadoras.

⁶⁴ Citamos a questão do Estado e da colônia dos pescadores e pescadoras no sentido de não se debruçarem frente aos problemas que afetam as mulheres pescadoras com a mesma atenção voltada aos pescadores homens. Apesar do importante papel das pescadoras, reconhecido por suas comunidades, o Estado considera o seu trabalho como extensão natural dos afazeres domésticos. Isso porque não é considerada legalmente profissional autônoma da pesca artesanal. Muitas delas não detêm qualquer registro do desenvolvimento de suas atividades. Por isso, são ignoradas pela previdência social e mesmo pela legislação trabalhista. Sem acesso, muitas vezes, a serviços como creches ou a benefícios previdenciários como licença maternidade, essas mulheres não têm qualquer estímulo a permanecerem na atividade pesqueira, preferindo atividades como empregadas domésticas e faxineiras (CABRAL et al, 2009). (Silvia; Leitão, 2012, p.14)

Stadtler (2013) quando salienta sobre a história do trabalho na pesca artesanal no Brasil, aponta que ainda faltam muitas conquistas referentes a estabelecer políticas públicas para saúde, previdência e segurança alimentar. Os escritos da autora chamam-nos a atenção no sentido de considerar a necessidade de ouvir e escutar as vozes das reivindicações das interlocutoras dessa pesquisa junto a tantas outras vozes de mulheres pescadoras. Assim, argumenta:

O acesso à aposentadoria especial e as políticas de Estado para a saúde, está condicionado a critérios de comprovação do exercício profissional, que não reconhecem as especificidades da atividade pesqueira artesanal dificultando o acesso aos direitos previdenciários, especialmente entre as mulheres. Por não haver conhecimento mais profundo produzido por pesquisa, pela inexistência de acesso aos já produzidos, por falta de reconhecimento profissional ou por falta de capacitação entre os profissionais da saúde básica, peritos do INSS negam às pescadoras o direito ao auxílio-doença ou à aposentadoria (Stadtler, 2013, p.4).

Posicionamentos analíticos que se debruçam a enfatizar a importância da participação da mulher na pesca são, sem sombra de dúvida, fundamentais para a maneira como buscamos visibilizar as experiências das interlocutoras dessa pesquisa. Gerber ao citar Maluf (2009), sobre a materialidade do gênero não ser o sexo biológico, mas os efeitos da diferença social, simbólica e política nos corpos, na vida e na trajetória e experiência cotidiana e histórica das mulheres, e a vista disso “diferentes mulheres implicam em diferentes materialidades que precisam ser abordadas, compreendidas, consideradas” (Maluf, 2009, p. 14 apud Gerber, 2013, p. 39); acrescenta à reflexão dessa análise o fato de que “as pescadoras apresentam várias formas em que esta materialidade emerge sob os efeitos da diferença em seus corpos, suas trajetórias de vida e experiências cotidianas que deveriam também constituir as provas necessárias, segundo exigem os postulados do INSS, para o seu reconhecimento profissional” (Gerber, 2013, p. 39). E na trajetória das experiências cotidianas relatadas por elas, apontam os caminhos que traçaram e continuam traçando, buscando sentidos de autonomia em suas vidas, de nova imagem de si mesmas, de recursos para consumir coisas que precisam, e que possam sobrepujar ou amenizar os efeitos da diferença social, simbólica e política nos corpos e na vida, na luta contra os estigmas a elas colocados. Tomando como referencial o pensamento de Ingold (2020, p. 85), podemos dizer que essas mulheres pescadoras demonstrando “que nenhuma forma de ser é a única possível e, que, de todas as formas que encontramos, ou que resolvemos seguir, poderiam ser escolhidos caminhos alternativos que levariam em direções diferentes”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Somos pescadoras”. Como isso acontece? Foi essa pergunta que direcionou a pesquisa desta tese, e que foi substanciada pela complexidade que envolve as trajetórias das interlocutoras desta pesquisa. Com o objetivo geral de compreender os conteúdos por elas relatados no que tange a sua performance como mulheres pescadoras, foi possível evidenciar os saberes e as necessidades cotidianas interligados à família, à relação com os homens pescadores, ao cuidado, aos direitos, à relação com seu corpo e à sua sexualidade. O objetivo seguiu na direção de perceber se havia sentidos de autonomia em suas vidas, de nova imagem de si mesmas, de recursos para consumir coisas que precisam, o poder em casa de modo a produzir outros lugares do trabalho e do lugar que as mulheres podem ocupar.

Ao desenvolver uma interação dessas análises reflexivas, percebemos as suas lutas pelo reconhecimento de que são pescadoras. Percebemos que em diferentes situações dessas lutas, elas são subalternizadas pelos pescadores homens, pela comunidade, enfim, por relações diversas que as excluem, também, da pesca embarcada. Foi no intuito de descortinar essas experiências que este trabalho trouxe para a discussão desta pesquisa os diferentes momentos em que elas atribuíram significados ao seu lugar na pesca. Em outras palavras, fizeram valer de forma expressiva a sua visibilidade enquanto mulheres que se enxergam pescadoras. Nos encontros elas ecoaram vozes para quebrar o silenciamento e romper com caminhos, movimentos e direções que as colocam na condição de invisibilidade. Elas quebraram esse silenciamento trazendo as experiências que envolvem as motivações, sentimentos, entregas. Permitiram-nos, nesse sentido, conhecer as relações com as famílias que estão inseridas nesse universo da pesca: mãe, pai, filho, filha, neto, neta, bisneta, irmãos, maridos. Trazendo para este trabalho toda uma compreensão de como elas se constroem pescadoras, elas demonstraram que não há **um único jeito** de ser pescadora.

Demonstraram que essas relações que envolvem sentimentos, emoções e entregas são também as relações que evidenciam as diferentes formas de cuidado dessas mulheres pescadoras. Estendendo esse cuidado para humanos, conforme citado, e não humanos, mar, peixes, barcos, questões ambientais. Nesse sentido elas trouxeram à tona que o significado de cuidar não se restringe ao que está próximo, ou

ao alcance imediato. Dito de outra maneira, essas mulheres não limitam horizontes para responsabilidades do cuidado.

As falas evidenciaram limites coercitivos da construção social e cultural de gênero. De forma clara, as suas vozes revelaram, a cada experiência contada, como elas se colocam frente aos processos de gendrificação. Ou seja, como elas lidam com esses limites coercitivos e, de alguma forma, os sobrepõem. Como, por exemplo, quando ressaltaram sobre as suas experiências em relação às hierarquias na divisão do trabalho expressando diferentes performances para cada situação problema. Exemplos como este e outros que foram situados nesse mesmo contexto, apontaram que a desconstrução da representação do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da autorrepresentação.

Posso dizer que os encontros com a pescadoras possibilitaram olhar para elas e perceber, por intermédio das falas, um conhecimento da experiência de vida dessas mulheres, movimentando-se em um compartilhar educativo onde elas se unem para que possam percorrer os mesmos caminhos, criando sentidos enquanto pescadoras, juntas. E isso tornou visível os elementos que as constituem na pesca e também tudo aquilo que por elas é constituído. Na realidade, o movimento desses elementos corresponde a um complexo de significados que marcam as trajetórias das suas experiências. Nessas experiências elas expuseram tudo aquilo que as aproxima assim como tudo aquilo que as diferencia. Embora elas estejam e façam parte do cenário da pesca, semelhanças e diferenças entre elas fazem parte deste cenário que demonstra o que elas são e como são, enquanto pescadoras.

Diante desse debruçar, os conhecimentos que se fizeram revelar por meio das falas das mulheres, manifestaram as peças que se encaixam nos “*porquês*” de ser pescadora. Ademais essas falas expressaram dinamismos, estratégias que elucidam os seus saberes que vão além da forma como socialmente são lidos. Nesse movimento de ações as mulheres pescadoras relataram trajetórias das suas experiências em que buscam mudanças em relação a contextos da cultura de tradição caiçara, que superiorizam o homem e a sua masculinidade. Elas falaram sobre essas mudanças dentro das suas expectativas. Referenciando-as, das suas maneiras. Melhor dizendo, da forma como elas enxergam o que deve e o que não deve ser mudado. Por intermédio das suas narrativas, elas nos levaram a compreender que não são todos os aspectos em relação à cultura de tradição da pesca caiçara que elas discordam e, por tal confrontam. Na verdade, elas evidenciaram muitos aspectos de

estilos de vida que compartilham. Entretanto, compartilhar esses estilos de vida não significa que essas mulheres pescadoras não agenciem mudanças nesse universo pesqueiro. Elas agenciam!

Elas desconstruíram, em suas narrativas, a ideia de que a pesca é uma atividade em que o desempenho está firmado *apenas e tão somente* na figura masculina; pois demonstraram, na falas e na prática, que pesca embarcada não é somente para homens e, que a pesca não se restringe a captura do pescado. Presenciei essas práticas com Lola, Telma, Sofia, Nunes, Lina, Zaira, Silvia, as descascadeiras de camarão, com Cida que limpava e filetava os peixes e com Sara e Nena, que dentre outras atividades, desenvolvem a pesca embarcada. Ou seja, que a pesca não é somente pescar o peixe ou o camarão em alto mar, mar a fora, mas que ela se faz presente em uma cadeia de processos. Estas mulheres pescadoras exibiram e provaram, que para que essa cadeia de processo aconteça ela depende tanto de um processo (pré)captura quanto (pós)captura. Estabelecendo, nesse sentido, uma amplidão para a compreensão do que seria a pesca. Em outras palavras, um olhar para outros horizontes em relação às atividades que constituem e também se conectam nesse universo pesqueiro, além de tirar o peixe do mar.

Em diferentes momentos, dependendo o que elas relatavam, traziam sorrisos em suas faces, gesticulavam e manifestavam alegria falando da pesca. Em outros momentos, discordavam, conflituavam-se e “cutucavam-me” no sentido de opinar para expor quem tinha razão em relação aos argumentos que elas traziam, cada qual com o seu ponto de vista. Todos esses momentos foram de grande valia para a pesquisa, pois pude observar, ouvir e sentir, de certa forma, as suas experiências. Mas, também fui observada. E cada palavra que eu dizia, elas ouviam e sentiam. E expunham esse sentir por meio das suas opiniões a respeito da minha fala. Esses encontros permitiram que ocorresse aí uma interação entre essas mulheres pescadoras e a pesquisadora.

Afirmar no decorrer desses escritos, e pelos mesmos fui passo a passo evidenciando, por intermédio das narrativas, que por acreditar nas experiências de mulheres na sua diversidade e não como uma mulher universal, é que o meu olhar para as pescadoras não as enxerga de um modo genérico, mas considera que muitas são as formas de ser em diferentes momentos de suas experiências. Essas experiências levaram ao reconhecimento de que o ser sujeito parte das qualificações que refletem diferentes ser sujeito mulher em situações distintas.

Preciso registrar que mesmo depois dos encontros para a construção dessa tese, em momentos em que fui visitá-las para agradecer, para abraçá-las, elas continuavam contando sobre as suas experiências. Sobre novas experiências. O que deixa transparecer, diante da continuidade dessas novas experiências, que elas estão em um constante movimento de se refazer, de estar se reaprendendo. E isso abre um leque para novas indagações. E espero que essas indagações se façam presentes na construção de trabalhos acadêmicos no sentido de visibilizar as mulheres e a pesca; na direção de avivar outros aspectos que evidenciem como são as suas experiências em contextos que revelem as mais diferentes experiências. Tendo em vista que estudos, como os que foram aqui referenciados, ressaltam que as mulheres marcam o seu lugar na pesca enquanto pescadoras, nas mais diversas funções, nos mais diferentes lugares.

Além disso, visibilizar quem são essas mulheres pescadoras é um movimento que as faz reconhecidas para além da esfera local, além do espaço privado. Este foi mais um aspecto que esta pesquisa traçou no sentido de dar uma maior significância às lutas que essas mulheres travam no que tange o reconhecimento dos seus direitos enquanto pescadoras perante os regulamentos e decretos que se instauram nas leis da pesca, bem como os enfrentamentos que passaram e relataram em relação ao INSS. Todo o movimento que elas fazem no contexto das leis, é fundamentalmente em busca de visibilidade, como retratado nos capítulos deste trabalho. E a leitura que fiz da trajetórias das mulheres pescadoras em relação às suas lutas em busca de direitos, evidenciou-se nos escritos que grifei, mas que gostaria de reiterar aqui. Ou seja, a necessidade de serem reconhecidas ecoou para mim da seguinte maneira: ***É preciso que me enxerguem, enquanto Pescadora para poder Reivindicar o que eu Preciso para poder Existir, enquanto Pescadora.***

Enquanto pesquisadora, trazer o contexto deste trabalho sobre as experiências dessas mulheres pescadoras para o mundo acadêmico, um grupo muitas vezes negligenciado na literatura acadêmica, não significou apenas uma forma de reportar todo esse conhecimento para um outro espaço. O significado deste estudo, traz em si o reconhecimento da importância dos saberes que as interlocutoras revelaram no que tange o universo da pesca bem como a diversidade de funções que substanciam esse universo e que são por elas desempenhadas. Ao focar nas experiências das mulheres no setor da pesca, por intermédio das quais elas se percebem pescadoras, esta pesquisa além de desafiar as narrativas existentes que frequentemente

privilegiam as perspectivas masculinas, lança um novo olhar sobre as mulheres pescadoras, mudando em relação aos estudos existentes até então. Isso revela as dinâmicas únicas e os desafios enfrentados por essas mulheres, ampliando a compreensão das relações de gênero no campo da pesca.

Nesse sentido, a partir das narrativas dessas mulheres em relação às suas experiências enquanto pescadoras, este estudo oferece a oportunidade de repensar uma possível mudança crítica nos campos teóricos. O trabalho mostra que é factível um processo de desconstrução e ressignificação de discursos, relações e práticas cristalizadas, substanciado pelas narrativas ouvidas e interpretadas. Tal abordagem fundamenta uma contribuição significativa para os estudos de gênero, destacando a relevância acadêmica deste trabalho. A produção deste conhecimento ilumina a diferença entre ser homem ou mulher no campo da pesca e como a formação acadêmica, frequentemente entendida como "eminente masculina," é ressignificada por corpos femininos no campo. As narrativas dessas mulheres pescadoras mostram como, em determinados aspectos, elas estão desafiando e transformando as normas de gênero estabelecidas.

Em suma, este trabalho não só acrescenta novas dimensões à literatura existente, mas também aponta para a importância de uma perspectiva teórica inclusiva e crítica. Os desafios para pesquisas futuras incluem a necessidade de estudos longitudinais, no tocante a mudanças sociais e políticas que afetam as atitudes e comportamentos das pessoas ao longo do tempo; a exploração de outras interseções como raça e classe, e a investigação da eficácia de políticas e programas destinados a apoiar a inclusão de mulheres no setor da pesca. E, por tal, enquanto pesquisadora, mulher, sou muito grata.

Eu não poderia finalizar esses escritos sem registrar, com a mesma intensidade, o meu agradecimento em relação a tudo o que Cida compartilhou para este trabalho no tocante às suas experiências de vida nesse universo da pesca. Obrigada Cida!!

REFERÊNCIAS

- ABREU, Berenice. **Jangadeiros**: Uma corajosa jornada em busca de direitos do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012;
- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016;
- ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista De Antropologia**, São Paulo, v. 43, n.1, 145-182, 2000
<https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000100005>;
- ALCOFF, Linda. **The Problem of Speaking for Others**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991-1992;
- ALENCAR, Edna F. **Pescadeiras, Companheiras e Perigosas**: Um Estudo sobre a Pesca Feminina em Lençóis. 186 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1991;
- _____ Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves; LEITÃO, Wilma; FIÚZA DE MELO, Alex (Org.). **Povos das águas**: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, 1993, p. 63-81;
- ALENCAR, E. F., PALHETA, S. P., & SOUSA, I. S. **Trabalho na Pesca, ação política e identidade**: as mulheres da Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã, Amazonas. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM. (2012);
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. "As mulheres da Baía do Sol/Mosqueiro: de donas de casa a pescadoras". In: COSTA, Maria José J. (Org.). **Sociologia na Amazônia, debates teóricos e experiências de pesquisa**. Belém: EDUFPA, 2001. p. 197-216;
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.229 – 236, 2000;
- ARCHER, Margaret S. REALISMO E O PROBLEMA DA AGÊNCIA, PPGS - **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 2, n. 6, p. 51-75, 2000. Disponível em: Acesso em: 27 nov. 2022;
- AZEVEDO, Natália Tavares de. Política nacional para o setor pesqueiro no Brasil (2003-2011). 2012. 349 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012;
- BECK, Anamaria. Pertence à Mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do Litoral de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, Vol. 7, Nº 10, 1991;

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989;

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. São Paulo: Unicamp, Pagu (26), janeiro-junho, p.3, 9-376, 2006;

BRAIDOTTI, R. Sujeitos nômades. A. Bixio (trad.). Buenos Aires: Paidós. (2000);

BRANCO, Alice. **Cultura Caiçara: resgate de um povo**, Peruíbe – SP, 1ª edição, janeiro, 2005;

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. Aberta a 1ª Semana Nacional da Pesca Artesanal. [Brasília]: **Ministério da Pesca e Aquicultura**, Publicado em 31 de julho de 2023 e atualizado em 01 de agosto de 2023. Disponível em <https://www.gov.br/mpa/pt-br>;

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura. GT de mulheres encerra 1ª Semana Nacional da Pesca Artesanal. [Brasília]: **Ministério da Pesca e Aquicultura**, 04 agost.2023. Disponível em <https://www.gov.br/mpa/pt-br>;

BRASIL. Diário Oficial da União. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Institui o Código da Pesca Brasileiro. **Diário Oficial da União**, Brasília: Palácio do Planalto, 29 jun. 2009. Disponível em: <https://www.camara.leg.br>. Acesso em: 4 fev. 2021

BRASIL. Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015. Brasília (DF), 2015. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf. Acesso em: 04 abr. 2020. ISSN: 16799844 – InterSciencePlace – International Scientific Journal Page 276;

BRASIL. Diário Oficial da União. Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967. Dispõe sobre a criação da Sudepe e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília: Palácio do Planalto, 28 fev. 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0221.htm. Acesso em: 4 fev. 2021.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERGER, Paulete, MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni; GOMES, Maria Helena de Andréa. **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2003. p. 157 -183;

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

_____. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais / Audre Lorde...** [et al.]; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 283-308;

_____. **Corpos em Aliança e a política das ruas:** notas para uma teoria performativa de assembleia, tradução Fernanda Siqueira Miguens, 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019;

_____. **Corpos que importam.** Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli, São Paulo: n-1 edições, Crocodilo Edições, 2019;

CARDOSO, Denise. **Mulheres catadoras:** uma abordagem antropológica sobre a produção de massa de caranguejo. *Guarajuba/Pará* 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Pará, Belém, 2000;

CARDOSO, Denise Machado. **Mulher, Pesca e Ambiente.** Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. set. 2002;

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política.**

Tradução: Theo Santiago, São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 98-119;

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em Pesquisa de campo. In: GUIMARAES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves Editora S. A. 1980. p. 87-121;

COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo: revisitando os debates.

Cadernos Pagu, Campinas/São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, v.19, p.59-90, 2002;

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmen; SARTI, Cynthia A. **Pesquisa sobre mulher no Brasil - do limbo ao gueto?** Cad. Pesqui., São Paulo, n. 54, p. 5-15, ago. 1985. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741985000300001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 abr. 2024;

CHODOROW, N. **The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender.** Berkeley, University of California Press, 1978. [A Psicanálise da Maternidade: uma Crítica a Freud a partir da Mulher. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1978;

CUNHA, L.H.O. **Saberes Patrimoniais Pesqueiros.** In: Desenvolvimento e Meio Ambiente: Diálogo entre Saberes e percepção ambiental. Curitiba – PR: Editora da UFPR, no. 7, p. 69-76, 2003.

DIEGUES, Antonio C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar,** São Paulo, Ática, 1983;

_____. Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras, São Paulo, **NUPAUB-USP, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa**, n. 5. 1988;

DIEGUES, José Carlos. **Etnoconservação**: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: Hucitec, 2000.

DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, jul./ dez. 2003, v.11, n.2, p. 423-443, DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200005> ;

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. **Pensamento Feminista Brasileiro**: Formação e Contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 26 - 51;

DURHAN, Eunice R. Família e Reprodução Humana. In. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p. 13-44;

FAÇANHA, C. L., & DA SILVA, C. J. (2017). Caracterização da Colônia de Pescadores Z2 de Cáceres em Mato Grosso. **Interações** (Campo Grande),v. 18, n.1, 2017.
[https://doi.org/10.20435/1984-042X-2017-v.18-n.1\(10\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2017-v.18-n.1(10));

FAUSTO - STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 9-79, 2002;

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979;

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986;

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988;

FOX-KELLER, E. **Reflections on Gender and Science**, New Haven, Yale University Press, 1985;

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, Jessé (Org.) **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Editora UnB, 2001. p. 245-282;

FURLIN, Neiva. **Relações de gênero, subjetividades e docência feminina**: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica – 2014. 386 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014;

GASALLA, M.A., FONSECA, A.F., MARTINS, M.S.L., RODRIGUES, A.R. **Mulheres da Pesca: Faces Femininas na Economia Azul**. Universidade de São Paulo, Instituto Oceanográfico, São Paulo, 2019. ISBN 978-85-98729-38;

- GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o mar** [recurso eletrônico]: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil / Rose Mary Gerber. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2021;
- GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1982;
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980;
- GONCALVES, Éven B., MEDEIROS, R., & PISANI, M. da S. (2020). **Mulheres pescadoras artesanais**: relações de gênero e violência na colônia z7, Tocantinópolis-To. *Caderno Espaço Feminino*, 32(2), 67–89. <https://doi.org/10.14393/CEF-v32n2-2019-4>;
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Feminismos da Diferença - Falo eu, professora, 79 anos, mulher, branca e cisgênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão feminista**- arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 155-162;
- HARAWAY, Donna. Um manifesto para os ciborgues: “Ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”, In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 243-288;
- HARAWAY, D. **O Manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.
- HARDING, S. **The Science Question in Feminism**. Ithaca: Cornell University, 1986;
- _____ A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro: CIE/ECO/UERJ, v. 1, n. 1, p. 7-32, 1993;
- HITA, Maria Gabriela. Gênero, ação e sistema: a reinvenção dos sujeitos. In: **Lua Nova: Revista de Cultura e Política** , n.43, 1998. p. 109 – 220;
- HEILBORN, Maria Luiza Helborn. "Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada". *Revista Estudos Feministas*, v.1, n.1, p. 50-82, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15989/14485>
- HELLEBRAND, Luceni. O que torna as mulheres invisíveis na pesca? Reflexões a partir de pesquisa com mulheres da colônia z3 – Pelotas/RS. In: **Mulheres na atividade pesqueira no Brasil** [recurso eletrônico] / organização de Silvia Alicia Martínez e Luceni Hellebrandt – Campos dos Goytacazes, RJ: EDUENF, 2019. p. 265-278;

HERITIER, F. **O Sangue do guerreiro e o sangue das mulheres**. In: _____. Masculino Feminino: o pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p. 195-222,

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados Criativos Num Mundo de Materiais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25 – 44, jan./jun. 2012;

_____. **Antropologia e/como educação**; tradução Vitor Emanuel Santos Lima, Leonardo Rangel dos Reis. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2020;

KYRILLOS, Gabriela M. Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n.1, p. 565-569, 2020;

KILOMBA, Grada. “The Mask” In: **Plantation Memories**: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010;

LAQUER, Thomas. **La construccion del sexo. Cuerpo y género desde los griegos hasta Freud**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994;

_____. **Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001;

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013;

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: BUARQUE, Holanda de (org.) **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242;

_____. **Semiótica y experiencia**. In: **Alicia ya no**: feminismo, semiótica, cine. Madrid: Ediciones Cátedra, 1984. p. 251-294;

LEITE, Tayná Kalindi Limpas Vieira da Rocha, TAMANINI, Marlene. A REFLEXIVIDADE NA MATERNIDADE APEGADA: NARRATIVAS DE SI E DO CUIDAR EM DISPUTA. SILVEIRA, Jader Luís da. **Coletânea Real Conhecer: Multidisciplinar** - 2022. v. 3, p. 16-33. ISBN: 978-65-86013-04-7, v. 3, DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.6346769>;

LEITÃO, M.R.F.A., 2015. Gênero e pesca: o Conselho Pastoral da Pesca e sua. In: **Saberes, narrativas e conflitos na pesca artesanal**. (Org.). Saberes, narrativas e conflitos na pesca artesanal. 1ed.Vitoria: EDUFES, v. 01, p. 139-160.

LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de Vida: Pulsações. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978;

LONGINO, Helen. **Science as Social Knowledge**: Values and Objectivity in Scientific Inquiry. Princeton University Press, 1990;

_____. **Epistemologia feminista**. In: GRECO, John; SOSA, Ernesto. (orgs). *Compêndio de Epistemologia*. São Paulo: Edições Loyola, p. 505-545, 2008;

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014;

_____. **Colonialidade e Gênero**. In: BUARQUE de Holanda Heloisa. **Pensamento Feminista Hoje, perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020;

LOPES, Priscila Fabiana Macedo; FREITAS, Carolina Tavares; BEGOSSI, Alpina. A mulher e a pesca: um olhar sobre a pesquisa e a atuação feminina pesqueira no Brasil. **Ethnoscintia - Periódicos UFPB**, v.5, n.1, 2020;

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa. **Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, s/p, versão online, 440 p;

MACHADO, Lia Z., 1983, "Diálogo sobre a Mulher", *Anuário Antropológico*, 81, 349-361. _____ 1992, "Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade", COSTA, A. O., e C. BRUSCHINI (eds.), **Uma Questão de Gênero**, São Paulo, Rosa dos Tempos, 24-37;

MANESCHY, Maria Cristina. "**Participation des femmes à la production halieutique** (Etat du Pará-Nord Brésil)". *Anthropologie Maritime*, Paris, v. 4, n. 4, p. 21-29, 1992;

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M.. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 3, p. 713–737, set. 2012;

MARCONDES, Willer Baumgartem.; ROTENBERG, Lúcia.; PORTELA, Luciana Fernandes.; MORENO, Claudia Roberta de Castro. O peso do trabalho "leve" feminino à Saúde. **São Paulo em Perspectiva**, v.17, n. 2, p. 91-101, jun. 2003;

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. 536p;

MEINERZ, Nádia Elisa. **Um olhar sexual na investigação etnográfica**: notas sobre o trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Alinne (org.); FLEISCHER, Soraya (org.) et al. *Entre saias justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente*. Porto Alegre: Editora Mulheres, 2006. p. 92-113;

MELLO, Alex Fiuza de. Pescadores da Indústria: o complexo de Icoaraci. FURTADO, L; LEITÃO, W. e MELLO, A. F. (orgs.) **Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993;

MELLO, Carolina de Andrade. **Tipos de trabalho da mulher na pesca do Litoral do Paraná**. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Sistemas Costeiros e

Oceânicos) - Centro de Estudos do Mar - Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Pontal do Paraná, 2012;

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972;

MINAYO, MCS., and DESLANDES, SF., orgs. Caminhos do Pensamento: epistemologia e método [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. **Criança, mulher e saúde collection**. ISBN 978-85-7541-411-8. Available from SciELO Books;

_____. Hermenêutica – Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília Souza de; DESLANDES, Suely Ferreira (org.). **Caminhos do pensamento epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 83-107;

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay*. **Cadernos Pagu**, (28), janeiro-junho de 2007, p.101-128;

MORAES, S. C. Colônias de pescadores e a luta pela cidadania. In: X Congresso Brasileiro de Sociologia, 2001, Fortaleza - CE. **Anais do X Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2001. p. 39-45;

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. "Quando chega essa visita". In: D'INCAO, Maria Angela; SILVEIRA, Isolda (Org.). **A Amazônia e a crise da modernização Belém**: MPEG, 1994. p. 227-240;

MOTTA-MAUÉS, M. A. **Pesca De Homem/Peixe De Mulher (?)**: Repensando Gênero Na Literatura Acadêmica Sobre Comunidades Pesqueiras No Brasil. *Etnográfica*, 1999. v. 3, n. 2, p. 377-399.
Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_377-400_.pdf. Acesso em 26 nov. 2022;

MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. In: **Ensaios de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 219-239, 1980;

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE, UFSC, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-4, 2000;

ODA, Indiamara Hummler **A inserção da cultura caiçara na construção de um conhecimento partilhado entre educadores e educandos no universo da escola** – 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais), Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, Matinhos/PR, 2019;

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120;

_____. (1996): **Making Gender: The Politics and Erotics of Culture**, Boston: Beacon Press, 1996. p. 173-180;

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Revistas Estudos Feministas**, v. 16, n.2, 2008, p. 305 – 332
<https://www.scielo.br/j/ref/a/4MBhqfxYmpPPPkqQN9jd5hB/>;

PAULILO, Maria Ignez S. O Peso do Trabalho Leve. Departamento de Ciências Sociais- UFSC, **Revista Ciência Hoje**, n° 28, p. 64-70, 1987;

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997. p. 49-66;

PINZÓN, AURA M. H. CONFIGURACIÓN DE LA SUBJETIVIDAD NÓMADE, **Eidos**, n.31, Barranquilla july. /dec., 2019;

QUAGLIATO, H. V., e M. TAMANINI. “Uma voz diferente e as diferenças em meio ao vozerio: Gilligan revisitada à luz da teoria feminista”, em M. E. F. da Silva e P. U. R. Bataglia, **Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, 14, 2022, pp. 104-144;

RAMPELOTTI, Luiza. Guaratuba 249 anos: agricultura e pesca movimentam a economia da cidade, Paranaguá, **jbLITOTAL**, (28) abril de 2020.
 Disponível em: <https://jblitoral.com.br/guaratuba/>;

RIBEIRO, Beatriz. Mulheres se mobiliza pelo direito de existir como pescadoras artesanais, Brasília: Oceana Brasil, (31) janeiro de 2023.
 Disponível em <http://brasil.oceana.org/> ;

ROMANI, C. O discurso cultural e ambientalista das comunidades de pescadores caiçaras na luta pela terra: uma análise histórica do conflito ambiental no canal de Bertiooga, na Baixada Santista. **História Oral**, v. 14, n.2, 31-62, 2011;

ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. "Introdução". In: _____. (Coords.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 17-32;

RUBIN, Gayle. El Tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. In: NAVARRO, Marysa; STIMPSON, Catharine R. (compiladoras). **¿Qué son los estudios de mujeres?** México/Argentina/Brasil/Colombia/Chile/Espana/EUA/Per/Venezuela: Fondo de Cultura Económica, 1998. p.15-74;

_____. “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade”. In: **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 01-88, 2003;

RUBIN, G., BUTLER, J. Tráfico sexual – entrevista. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 157–209, 2003. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644617>. Acesso em: 2 nov.2022;

SACKS, Karen. Engels Revisitado: a mulher, a organização da produção e a propriedade privada. In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. **A mulher a cultura a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 185 -231;

SAMPAIO, Theodoro. **O tupi na geografia nacional**, brasileira, 1987;

SANTOS, Maria José. MULHERES NEGRAS PESCADORAS: MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014;

SARACENO, C. - The Concept of Family Strategy and its Application to the Family-work Complex: Some Theoretical and Methodological Problems. In: Boh, G.S.K. & Sussman, M.B. (orgs.) - **Cross-cultural Perspectives on Families, Work and Change**. Nova York: The Haworth Press, 1989;

SCOTT, Joan. W, Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, n.02, v.20, p. 71 - 99, jul./dez., 1995;

_____. A mulher trabalhadora. In: **História das Mulheres, Século XIX**, (Org.) Georges Duby e Michelle Perrot, sob a direção de Arlete Farge e Natalie Zemon Davis, São Paulo: Edições Afrontamento, Ebradil, 1994. v. 3, p. 443 – 475;

_____. Experiência. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara. C. S.; RAMOS, Tânia. R. (Orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55;

SILVA, Liza Bilhalva da. **Lagoas de mulheres**: pescadoras embarcadas e Educação Ambiental no sistema lagunar-costeiro do/no sul do Rio Grande do Sul. – 2022. 270 f. Tese (doutorado) –Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande/RS, 2022;

SILVA, Liza Bilhalva Martins da; BOZZETTO, Miriam, **Oceana Brasil**, 2023;

SILVA, V. L.; AGUIAR, O. M. B. Pesca Artesanal e Gênero: Políticas Públicas para o Reconhecimento Jurídico do Trabalho da Mulher Pescadora no Litoral de Santa Catarina – Brasil. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, v. 9, n. 13, p. 355-385, jan./dez. 2011;

SILVA, V. L. & LEITÃO, M. R. F. A. 2012. A regulação jurídica da pesca artesanal no Brasil e o problema do reconhecimento do trabalho profissional das pescadoras. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR**, 2012, João Pessoa. Anais Digitais do 7º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR, 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/download/230/>

SILVA, V. L.; LEITÃO, M. R. F. A. O processo de reconhecimento jurídico do trabalho das pescadoras artesanais catarinenses e a indefinição de direitos trabalhistas e previdenciários. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito**. Centro de Ciências Jurídicas Universidade Federal da Paraíba V. 5, Nº 01, 2016.

ISSN | 2179-7137 | <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/index> 138 DOI: 10.18351/2179-7137/;

SOLÍS, Cristina Veja. **Culturas del cuidado en transición** Espacios, sujetos e imaginarios en una sociedad de migración. Barcelona, Diseño de la colección: Editorial UOC, 2009;

SOUZA, Luzia; NOGUEIRA, Christiano; GONÇALVES, Eduarda. “**PESCADORES DO LITORAL PARANAENSE**”: Colônia de Pescadores de Matinhos, Saberes e Conquistas, III Seminário Nacional de Integração da rede PROFCIAMB Campus Guamá da UFPA, Belém, 19 a 22 de setembro de 2018;

STADTLER, H. Mulheres na pesca artesanal: lutando por previdência e saúde. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10: DESAFIOS ATUAIS DO FEMINISMO**. Florianópolis: 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384892758_ARQUIVO_HuldaStadtler.pdf;

STEIN, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Epistemologias Ecológicas**: delimitando um conceito. Mana, Rio de Janeiro ,2014;

TABET, Paola. Las manos, los instrumentos, las armas. In: CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules (orga). **El patriarcado al desnudo**: tres feministas materialistas Collete Guillaumin, Paola Tabet, Nicole Claude Mathieu. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005. p. 57-129;

TABET, Paola. Mãos, Instrumentos, Armas. In: **O patriarcado desvendado**: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole Claude Mathieu / organizadoras: Verônica Ferreira... [et al.] – Recife: SOS Corpo, 2014;

TAMANINI, Marlene. PARA UMA EPISTEMOLOGIA DO CUIDADO: TEORIAS E POLÍTICAS. In: **O cuidado em cena: desafios políticos, teóricos e práticos**. / Marlene Tamanini et al. (Org.). – Florianópolis: UDESC, 2018. p. 31-69;

_____. “Sociologia de gênero e da sexualidade: contextos, conceitos e desafios”. In: FAZZI, Rita Cássia de; LIMA, Jair Araújo de (orgs.). “**Campos das ciências sociais**: Figuras do Mosaico das Pesquisas no Brasil e em Portugal”. PUC/Minas, editora Vozes, 2020. p. 567-583. ISBN 9788532663757;

TAMANINI, Marlene; QUAGLIATO, Henrique Valério. Uma Voz Diferente e as diferenças em meio ao vozerio: Gilligan revisitada à luz da teoria feminista. IN: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael. Schème: **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Dossiê especial**, “‘Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das

ideias de Carol Gilligan (1936-) “. Volume 14 Número Especial/2022, ISSN: 1984-1655. Disponível em: Acesso em 26 nov.2022;

TAMANINI, Marlene.; KESTERING, Virgínia Therezinha. O trabalho culinário doméstico como cuidado: as experiências, sentimentos e percepções de risco em tempos de pandemia. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 15, p. 298-316, 2022;

THAYER, Millie. Feminismo transnacional: re-lendo Joan Scott no sertão. **Revista Estudos Feministas**, v.9, n.1, p. 103-130, 2001;

TRONTO, J. C. Assistência Democrática e Democracias Assistenciais, **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007;

_____. **Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso?** In: JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. (Ed.). *Gênero, corpo, conhecimento*. tradução de Brítta Lemos de Freitas. - Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 186-203;

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno / Anna Lowenhaupt Tsing; edição Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. — Brasília: IEB Mil Folhas, 2019;

TURATI, Maria Cecília M. Estudo Socioambiental da Ponta da Armação (Guarujá). **Anexo II – Laudo Antropológico**. Petrobras. 2012;

VERGÉS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu Editora, 2020;

WITTIG, Monique. **Não se nasce mulher**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais / Audre Lorde...** [et al.]; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 83-92;

WILLSON, Margaret. **Seawomen of Iceland. Survival on the Edge**. Publisher: University of Washington Press Hardcover, 312 pages, 2016. ISBN: 9780295995502;

WOORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 18, p. 41-60, fev. 1992.

APÊNDICE – ELABORAÇÃO DO ESQUEMA PARA ENTREVISTA COM AS MULHERES PESCADORAS

I - No seguimento do que se propõe, o objetivo geral é:

Produzir conhecimento a respeito das experiências das mulheres pescadoras, se estas relações por elas experimentadas são gendrificadas; se os processos de ressignificação de si para elas próprias, como sujeito e grupo, e frente a comunidade local acontecem; bem como analisar os conteúdos por elas relatados no que tange a sua performance como mulher pescadora frente aos saberes e às necessidades cotidianas de sua vida quando inserida na pesca, na família, na relação com os homens pescadores, no cuidado, nos direitos e na relação com seu corpo e sua sexualidade.

II - Desmembrar o objetivo geral para elaborar as questões:

PRODUZIR CONHECIMENTO A RESPEITO DAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES PESCADORAS

1- Se estas relações por elas experimentadas são gendrificadas,

- A) O que as pessoas dizem sobre as mulheres pescadoras? Quem diz isto é a família? São pessoas da comunidade? Vizinhas? Conhecidos? Desconhecidos? O que as pessoas dizem sobre os homens pescadores? Quem diz é conhecido, é familiar, é estranho? E, vocês,Vocês consideram que existem diferença(s) entre ser pescador e ser pescadora? Como são estas diferenças? Poderiam falar um pouco. Quando elas aparecem? poderiam me contar sobre momentos, ocasiões que ocorreram essas diferenças.
- B) Vocês acham que estas diferenças marcam a vida das mulheres pescadoras? Em que sentidos vocês percebem? Por que vocês acham que existem estas conversas, este jeito de falar, ou de dizer sobre quem são as mulheres pescadoras? Vocês acham que poderia ser diferente? Em que sentidos poderia ser diferente? As mulheres fazem muitos trabalhos porque acham que muitas vezes eles são desvalorizados?

2-SE OS PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DE SI PARA ELAS PRÓPRIAS COMO SUJEITO E GRUPO, E FRENTE A COMUNIDADE LOCAL ACONTECEM

- A) Quando vocês escutam que pescador é somente quem é embarcado, que vocês pensam? Que sentimentos vocês têm? Vocês dizem alguma coisa? Vocês se calam às vezes? Se vocês se calam porque ficam caladas? Ou vocês pensam nas muitas atividades que uma mulher pescadora faz..... e que as pessoas não sabem, ou não reconhecem. Que outras atividades as mulheres pescadoras fazem.....(ou é só mulher de pescador que remenda rede).

B) Quando as pessoas falam de diferenças entre pescadores e pescadoras isso acontece onde? Isso aconteceu em que lugares aqui na comunidade? A reação de vocês foi a mesma nos diferentes lugares?

C) Vocês conseguem me dizer em palavras quais os significados que representam para vocês *o ser pescador? Podem me falar como sentem este lugar de ser pescadora? É fonte de renda? Ajuda em que sentidos? É um trabalho como outro qualquer? Qual é a diferença que vocês veem entre trabalhar aqui na pesca, com camarão ou se tivessem em outro lugar? Fariam outra coisa se tivessem a oportunidade?*

D) *Vocês como grupo de mulheres pescadoras acham importante trabalhar juntas? Daria para trabalhar sozinhas? Como é viver juntas neste trabalho na sala de camarões? Vocês acham que constroem coisas boas para vocês mesmas? Para sua família e comunidade, para seus vizinhos com este trabalho? Esse grupo de mulheres pescadoras Como isso é “vivido” aqui no grupo da sala de camarão?*

E) *na comunidade?*

3.SUA PERFORMANCE COMO MULHER PESCADORA FRENTE AOS SABERES E ÀS NECESSIDADES COTIDIANAS DE SUA VIDA QUANDO INSERIDA:

3.1 Na pesca

A) Se eu disser para vocês: “sala de limpar camarão”, como vocês se enxergam, se percebem diante dessa frase?

B) O que essa frase significa para vocês no sentido de cada item que aqui se encontra, camarão, rede, faca, mesa...? Cuidados?

3.2 Na família

A) Ser uma pescadora que tem como função limpar o camarão, qual o sentido dessa função para a família de vocês? Já falamos de trabalho e renda, mas tem outros sentidos....., o que falam seus companheiros, seus filhos, seus parentes sobre a tarefa de limpar camarão

B) Isso provoca algum incentivo, motivação para as filhas, as netas, no sentido de quererem trabalhar na limpeza de camarão? Elas percebem este trabalho como outro trabalho qualquer? Acham que elas escolheriam este trabalho?

3.3 -No cuidado. Eu gostaria que vocês me dissessem sobre a forma como esse cuidado contribuiu em relação à família; à despesa da casa; e a própria sala de camarão

A) De que forma o trabalho de limpar camarão está melhorando a vida de vocês, de sua família? Vocês acham que está melhorando? O que faltaria para que este trabalho melhorasse, ou melhorasse mais a vida de vocês? Vocês acham que este trabalho ajuda a cuidar das pessoas de sua casa? Como ele ajuda? (roupa, comida, limpeza, contas, remédios, dentista, mercado em geral). Que cuidados vocês conseguem oferecer com este trabalho, podem me falar um pouco mais? O que vocês consideram um cuidado que é possível com este trabalho? Vocês consideram que também cuidam dos camarões? Como isso acontece? O que vocês sentem ao ver mar e o

produto que vem dele? Vocês acham que o cuidar envolve o mar, o ambiente, os instrumentos de trabalho em que sentido? Vocês consideram que são mulheres cuidadoras?

3.4 Na relação com os homens pescadores

A) Qual a relação que vocês têm, enquanto pescadoras, que limpam camarão com os homens pescadores embarcados?

B) Existe alguma(s) diferença em relação a essas funções de pescadores e pescadoras? Vocês acham que essas diferenças produzem desigualdades? Na opinião de vocês o que é ser pescador homem? Vocês acham que os pescadores homens são mais valorizados? Eles têm algum direito reconhecido? Como a comunidade traga os pescadores e as pescadoras? É diferente? Os homens pescadores valorizam as mulheres pescadoras e seu trabalho? As mulheres pescadoras têm algum direito reconhecido?

3.5 Nos direitos

A) Vocês sabem como o ministério do trabalho estipula os direitos para as mulheres pescadoras? Existe diferenças entre os direitos das mulheres e dos homens na pesca em relação ao ministério?

B) Se existe, as mulheres pescadoras já se uniram em movimentos para requisitar, “brigar” por igualdade de direitos?

3.6. Na relação com seu corpo e sua sexualidade

A) Você já teve que se manifestar por acharem que foram injustiçadas pela questão do corpo? Vou dar um exemplo: a mulher não tem estrutura, não tem força no corpo para ser pescadora. Passaram por situações semelhantes? E se passaram, como (re)agiram? Que outros pontos vocês gostariam de trazer a respeito do corpo, e que vocês já viveram em relação com a pesca? Ou com a limpeza do camarão.

B) E fora do local da pesca? Já passaram por situações que de alguma forma afetou vocês em relação ao corpo e a pesca?

Na sala da limpa do camarão, estão as três gerações, ou seja, a mãe, a filha e a neta.

Vou fazer a pergunta que segue para as filhas e as netas de forma individual, depois da entrevista em grupo com as perguntas acima.

A) O que significa para você limpar camarão?

B) Existem motivações para estar aqui na sala da limpa de camarão? Vantagens e desvantagens.

***Perdi muito tempo até aprender que não se guarda palavras.
Ou você as fala, as escreve, ou elas te sufocam.***